

Toda a gente mente sobre as suas vidas...
O que aconteceria se em vez de mentir
disse a verdade?

O PEQUENO CADERNO DAS GRANDES VERDADES

CLARE POOLEY

 Planeta

Toda a gente mente sobre as suas vidas...
O que aconteceria se em vez de mentir
disse a verdade?

O PEQUENO CADERNO DAS GRANDES VERDADES

CLARE POOLEY

 Planeta

CLARE POOLEY

O PEQUENO
CADERNO
DAS
GRANDES
VERDADES

Tradução
Jorge Pereirinha Pires

 Planeta

Para o meu pai, Peter Pooley,
que me ensinou a amar as palavras

Ring the bells that still can ring
Forget your perfect offering
There is a crack in everything
That's how the light gets in.

LEONARD COHEN

CAPÍTULO 1

Monica

Ela tentara devolver o caderno. Logo que se apercebera de que ficara ali esquecido, pegara nele e correria no encaço do seu extraordinário proprietário. Mas este já se fora embora. Deslocava-se com uma rapidez surpreendente para alguém tão idoso. Talvez de facto não quisesse ser encontrado.

Era um simples caderno de apontamentos, verde-claro, como aquele que Monica trazia consigo quando andava na escola, cheio de pormenores dos trabalhos de casa que tinha de fazer. As amigas dela tinham coberto os cadernos com desenhos de corações, de flores e com os nomes das suas mais recentes paixões, mas Monica não era dada a gatafunhos. Tinha muito respeito pelos bons artigos de papelaria.

Na capa havia quatro palavras, lindamente traçadas em fina caligrafia: *O Projeto da Autenticidade*. Numas letras mais pequenas, no canto inferior, estava a data: *outubro de 2018*. Talvez houvesse lá dentro algum endereço, pensou Monica, ou pelo menos algum nome, para que ela pudesse devolvê-lo. Embora fosse despretensioso, aquilo possuía o aspecto de ter alguma importância.

Abriu a capa. Na primeira página havia apenas alguns parágrafos.

Até que ponto conhece bem as pessoas que moram perto de si? Até que ponto elas o conhecem a si? Sabe ao menos o nome dos seus vizinhos? Conseguiria aperceber-se de que eles estavam em dificuldade, ou que já não saíam de casa há dias?

Todos mentem acerca das suas vidas. O que aconteceria se em vez disso você partilhasse a verdade? Aquela coisa única que o define a si, e faz com

que tudo o resto se encaixe no devido lugar? Não na internet, mas com as pessoas reais que estão ao seu redor?

Talvez nada. Ou talvez contar essa história mude a sua vida, ou a vida de alguém que ainda não conheceu.

É isso que eu pretendo descobrir.

Havia mais na página seguinte, e Monica estava mortinha por continuar a ler, mas aquele era um dos períodos mais movimentados do dia ali no café, e ela sabia que era crucial não se deixar atrasar. Para esse lado, era a loucura. Enfiou o caderno no espaço ao lado da caixa registadora onde estavam as ementas e os prospectos dos diversos fornecedores. Haveria de lê-lo mais tarde, quando conseguisse concentrar-se adequadamente.

MONICA ESTENDEU-SE no sofá do apartamento situado por cima do café, com um grande copo de *sauvignon blanc* numa mão e o caderno abandonado na outra. As perguntas que ali lera nessa manhã tinham continuado a incomodá-la, a exigir respostas. Passara o dia inteiro a conversar com as pessoas, a servir-lhes cafés e bolos, a tagarelar sobre o clima e os últimos mexericos das celebridades. Mas quando fora a última vez em que ela contara a alguém qualquer coisa a seu respeito que fosse *mesmo importante*? E o que sabia ela acerca daquelas pessoas, além de elas gostarem de leite no café, ou de açúcar no chá? Abriu o caderno na segunda página.

Chamo-me Julian Jessop. Tenho setenta e nove anos e sou artista. Durante os últimos cinquenta e sete anos morei nos Chelsea Studios, na Fulham Road.

Esses são os factos básicos, mas a verdade é esta: ESTOU SOZINHO.

Passo dias sem falar com ninguém. Às vezes, quando preciso mesmo de falar (porque alguém me telefonou por causa do pagamento de um seguro de proteção, por exemplo), percebo que a voz me sai rouca porque se me enroscou na garganta e morreu ali por esquecimento.

A idade tornou-me invisível. Acho isso difícil, porque sempre fui alguém que era admirado. Toda a gente sabia quem eu era. Eu não precisava de me apresentar, plantava-me à porta enquanto o meu nome percorria a sala numa correnteza de murmúrios, perseguidos por numerosos olhares sub-reptícios.

Adorava demorar-me junto dos espelhos, e passava devagar diante das montras das lojas, para verificar o corte do meu casaco ou o ondear do meu

cabelo. Agora, caso o meu reflexo se aproxime de mim, mal me reconheço. É irónico que Mary, a qual teria aceitado bem a inevitabilidade da velhice, tenha morrido relativamente jovem, aos sessenta anos, e eu, no entanto, ainda esteja aqui, forçado a ver-me desmoronar aos poucos.

Sendo artista, eu observava as pessoas. Analisei os relacionamentos delas e constatei que há sempre um equilíbrio de poder. Um dos parceiros é mais amado e o outro mais amoroso. Eu tinha de ser o mais amado. Percebo agora que tomei Mary como garantida, com a sua vulgar e saudável beleza de faces rosadas e a sua constante solicitude e fiabilidade. Só aprendi a apreciá-la depois de ela ter partido.

Monica fez uma pausa para virar a página e sorver um gole de vinho. Não sabia ao certo se gostava muito de Julian, embora sentisse bastante pena dele. Suspeitava que ele preferira a antipatia à piedade. Continuou a ler.

Quando Mary vivia aqui, a nossa pequena moradia estava sempre cheia de pessoas. As crianças da vizinhança entravam e saíam a correr, enquanto Mary as aliciava com histórias, conselhos, gasosas e biscoitos *Monster Munch*. Os artistas meus amigos que eram menos bem-sucedidos apareciam para jantar sem aviso prévio, tal como as mais recentes modelos do meu trabalho artístico. Mary mostrava-se exuberante a dar as boas-vindas às outras mulheres, por isso talvez só eu tenha notado que nunca lhes ofereceu chocolates com o café.

Estávamos sempre atarefados. A nossa vida social girava em torno do Chelsea Arts Club e dos bistrôs e *boutiques* de King's Road e de Sloane Square. Mary tinha longos horários de trabalho como parteira, e eu percorria todo o país, a pintar retratos de pessoas que se julgavam dignas de ficarem registadas para a posteridade.

Desde o fim dos anos de 1960, todas as sextas-feiras à tarde entrávamos às 17 h 00 no cemitério de Brompton, aqui próximo, o qual, dado que os seus quatro cantos ligavam Fulham, Chelsea, South Kensington e Earl's Court, era um ponto de encontro muito conveniente para todos os nossos amigos. Planeávamos o nosso fim de semana sobre o túmulo do Almirante Angus Whitewater. Não conhecíamos o Almirante, mas sucedia que ele tinha sobre o seu derradeiro local de repouso uma impressionante laje horizontal de mármore preto, que dava uma ótima mesa para bebidas.

De variadíssimas maneiras, eu morri com Mary. Ignorei todos os telefonemas e todas as cartas. Deixei a tinta secar e endurecer na paleta e, numa noite insuportavelmente extensa, destruí todas as minhas telas

inacabadas; rasguei-as em flâmulas multicoloridas, e a seguir cortei-as aos bocadinhos com a tesoura de costura de Mary. Quando por fim emergi do meu casulo, cerca de cinco anos depois, os vizinhos tinham-se mudado para outro sítio, os amigos haviam desistido, o meu agente dispensara-me, e foi então que eu compreendi que me tornara impercetível. Tinha invertido a metamorfose, passando de borboleta a lagarta.

Continuo a erguer um copo de *Bailey's Irish Cream*, que era o preferido de Mary, sobre o túmulo do almirante todas as sextas-feiras à tarde, mas agora sou só eu e os fantasmas do passado.

É esta a minha história. Se quiser, sinta-se à vontade para a deixar na reciclagem. Ou talvez decida contar a sua verdade nestas páginas, e deixar o meu caderninho por aí. Talvez venha a achar isso libertador, como sucedeu comigo.

O que acontece a seguir depende de si.

CAPÍTULO 2

Monica

Ela foi procurá-lo no Google, claro. Julian Jessop vinha descrito na Wikipedia como um pintor de retratos que havia desfrutado de uma vaga de notoriedade nos anos de 1960 e 1970. Tinha estudado com Lucian Freud na Slade. Segundo diziam os boatos, eles os dois trocaram insultos (e, subentendia-se, mulheres) ao longo dos anos. Lucian tinha a vantagem de uma fama muito maior, mas Julian era dezassete anos mais novo. Monica pensou em Mary, exausta ao fim de um longo turno a trazer à luz os bebês de outras mulheres, e a pensar onde teria ido o seu marido. Ela parecia servir-lhe um pouco de capacho, para ser franca. *Porque não o tinha deixado? Havia coisas piores do que estar solteira*, lembrou ela a si mesma, como tentava fazer com frequência.

Um dos autorretratos de Julian tinha estado em exibição durante um breve período na National Portrait Gallery, numa exposição intitulada *A Escola Londrina de Lucian Freud*. Monica clicou na imagem para a ampliar, e ali estava ele, o tal homem que ela vira no seu café na manhã do dia anterior, mas com a pele toda lisa, como uma passa que se tivesse transformado de novo em uva. Julian Jessop, com cerca de trinta anos, cabelo louro penteado para trás, maçãs do rosto muito salientes, boca levemente sarcástica e aqueles penetrantes olhos azuis. Quando a fitara no dia anterior, fora como se lhe estivesse a vasculhar a alma. O que era um pouco desconcertante quando se estava a tentar discutir as várias vantagens de um queque de mirtilo sobre um biscoito amanteigado de caramelo.

Monica olhou para o relógio. Eram 16 h 50.

– Benji, podes tratar da loja durante meia hora, mais ou menos? – perguntou ao seu *barista*. Quase sem se deter para aguardar o aceno dele em

resposta, vestiu o casaco. Enquanto percorria o café, Monica examinou as mesas e parou para apanhar uma grande migalha de bolo de veludo vermelho que estava caída em cima da mesa doze. Como ficara aquilo ali esquecido? Quando saiu para a Fulham Road, atirou-a a um pombo.

Monica raramente se sentava no piso superior do autocarro. Orgulhava-se da sua adesão às normas de Saúde e Segurança, e subir as escadas de um veículo em andamento parecia-lhe ser um risco desnecessário. Mas, desta vez, precisava daquele ponto de vista privilegiado.

Monica viu o ponto azul do Google Maps deslocar-se pela Fulham Road em direção aos Chelsea Studios. O autocarro parou na Fulham Broadway, e depois seguiu em direção a Stanford Bridge. A enorme e moderna meca do Chelsea Football Club erguia-se mais adiante, e ali, à sombra dela e entalada de forma improvável entre as duas entradas distintas para os adeptos do clube e para os visitantes, estava uma minúscula e bem formada aldeia constituída por estúdios e moradias, por trás de um muro inócuo pelo qual Monica já devia ter passado centenas de vezes.

Grata desta vez pela lentidão do trânsito, Monica tentou descobrir qual daquelas casas seria a de Julian. Uma delas estava um pouco isolada e parecia talvez mais dilapidada, tal como Julian. Ela estava capaz de apostar as suas receitas do dia – algo que não faria de ânimo leve, dadas as suas circunstâncias económicas – em como seria aquela.

Monica saiu do autocarro na paragem seguinte e virou quase de imediato à esquerda, para o Cemitério de Brompton. A luz já estava baixa, projetando longas sombras, e havia no ar um frio outonal. O cemitério era um dos locais favoritos de Monica – um oásis intemporal de calma na cidade. Adorava aquelas lápides ornamentadas – eram uma derradeira demonstração de preponderância. *Irei ver a tua laje de mármore com a sua requintada citação bíblica e hei de erguer-te um Jesus crucificado em tamanho real.* Adorava aqueles anjos de pedra, a muitos dos quais faltavam agora partes vitais dos seus corpos, e aqueles nomes antiquados nas lápides vitorianas – Ethel, Mildred, Alan. Quando as pessoas tinham deixado de se chamar Alan? Agora que pensava nisso, haveria ainda alguém que chamasse Monica à sua bebé? Mesmo em 1981, os pais tinham-se esforçado por evitar nomes como Emily, Sophie e

Olivia. Monica: um nome que estava a dar as últimas. Conseguiu imaginar as letras no ecrã do cinema: *A Última das Monicas*.

Quando passou em passo rápido pelos túmulos dos soldados caídos e pelos dos russos brancos emigrados, pressentiu a vida selvagem que neles se abrigava – os esquilos cinzentos, as raposas urbanas e os corvos negros – guardando as sepulturas como se fossem as almas dos mortos.

Onde estava o Almirante? Monica virou para a esquerda, à procura de um idoso que estivesse a segurar uma garrafa de *Bailey's Irish Cream*. Não sabia ao certo porquê, percebeu. Não queria falar com Julian, pelo menos por enquanto. Suspeitava que caso se aproximasse dele correria o risco de o deixar embaraçado. Não queria começar com o pé esquerdo.

Monica dirigiu-se para o extremo norte do cemitério, detendo-se um pouco, como sempre fazia, no túmulo de Emmeline Pankhurst, para lhe prestar um silencioso aceno de agradecimento. Contornara-o pela parte de cima, e já estava a meio caminho do outro lado, a caminhar por um carreiro menos usado, quando notou um movimento à sua direita. Ali, sentado (um tanto sacrilegamente) em cima de uma lápide de mármore gravada, estava Julian, com o copo na mão.

Monica passou por ele, mantendo a cabeça baixa para não lhe despertar a atenção. A seguir, quando ele se foi embora, cerca de dez minutos depois, voltou atrás para poder ler as palavras na lápide.

ALMIRANTE ANGUS WHITEWATER
DE PONT STREET
FALECEU EM 5 DE JUNHO DE 1963, AOS 74 ANOS
RESPEITADO LÍDER, AMADO MARIDO E PAI,
E LEAL AMIGO,
TAMBÉM, BEATRICE WHITEWATER
FALECEU EM 7 DE AGOSTO DE 1964, AOS 69 ANOS

Ela irritou-se com o facto de o Almirante ter recebido vários adjetivos esplendorosos a seguir ao seu nome, enquanto a mulher recebera apenas uma data e um espaço para a eternidade sob a lápide tumular do seu marido.

Monica ficou ali parada por algum tempo, envolta no silêncio do cemitério, a imaginar um grupo de gente jovem e bonita, com cortes de cabelo à Beatles, minissaias e calças à boca de sino, a discutirem e a galhofarem uns com os outros, e de repente sentiu-se bastante sozinha.

CAPÍTULO 3

Julian

Julian usava a sua solidão e o seu isolamento como uns sapatos velhos que lhe assentassem mal. Estava acostumado a eles, sob vários aspectos haviam-se tornado confortáveis, mas com o passar do tempo estavam a entortá-lo e a deformá-lo, causando-lhe calos e joanetes que nunca mais iriam desaparecer.

Eram dez horas da manhã, e por isso Julian estava a descer a Fulham Road a pé. Durante cerca de cinco anos após Mary ter partido, muitas vezes ele não saía da cama e o dia depressa se transformava em noite, as semanas perdiam o seu ritmo. Depois ele descobrira que as rotinas eram essenciais. Criavam boias às quais ele podia agarrar-se para se manter à tona.

Todas as manhãs, à mesma hora, saía e caminhava durante uma hora pelas ruas das imediações, recolhendo pelo caminho todos os mantimentos de que precisava. Hoje a lista dele dizia:

Ovos

Leite (½ litro)

Angel Delight com sabor de caramelo, se possível

Estava a ser-lhe cada vez mais difícil encontrar os biscoitos *Angel Delight*. E, como hoje era sábado, iria comprar uma revista de moda. Esta semana era a vez da *Vogue*. A sua preferida.

Às vezes, caso o vendedor não estivesse muito ocupado, discutiam as últimas notícias, ou o clima. Nesses dias, Julian quase se sentia um membro da sociedade em pleno funcionamento, alguém que tinha pessoas conhecidas que sabiam o seu nome, e opiniões importantes. Certa vez, até tinha marcado uma consulta no dentista, só para poder passar aquela hora do dia com alguém.

Após ter aguentado todo o encontro com a boca aberta, sem conseguir dizer nada, enquanto o senhor Patel ia fazendo sabe-se lá o quê com uma seleção de instrumentos de metal e um tubo que emitia um horrível som de sucção, tinha percebido que aquela não era uma tática inteligente. Saíra de lá com um sermão sobre a higiene das gengivas a ressoar-lhe nos ouvidos, e resolvido a não regressar enquanto lhe fosse possível. Se perdesse os dentes, tanto pior. Já tinha perdido tudo o resto.

Julian parou para espreitar pela montra do Monica's Café, que já estava cheio de clientes. Caminhava há tantos anos por aquela rua que, mentalmente, conseguia visualizar as várias reencarnações daquela loja específica, como se fosse descascar camadas de papel de parede antigo quando se redecorava uma sala. Nos anos de 1960 era a Eel and Pie Shop, até que comer enguias caíra em desuso e o estabelecimento transformara-se numa loja de discos. Nos anos de 1980 era um local de aluguer de vídeos e depois, até há alguns anos, fora uma confeitaria. Enguias, discos de vinil e cassetes VHS – tudo remetido para o caixote de lixo da história. Até os doces andavam agora a ser demonizados, culpados pelo facto de as crianças estarem a ficar cada vez maiores. Com certeza não seria culpa dos doces? A culpa era das crianças, ou das suas mães.

Ele tinha escolhido o lugar certo para deixar O *Projeto da Autenticidade*. Apreciava o facto de ter pedido um chá com leite e não lhe terem feito todas aquelas perguntas complicadas sobre que tipo específico de folha pretendia, ou que tipo de leite. Tinham-lho servido numa caneca de louça como devia ser, e ninguém exigira saber o seu nome. O nome de Julian habituara-se a ser assinado na parte inferior das telas. Não se adequava a ser rabiscado num copo para levar, como lhe tinham feito no Starbucks. Estremeceu ao evocar tal lembrança.

Tinha-se sentado numa poltrona de couro esfolado no canto mais distante do estabelecimento de Monica, numa área repleta de estantes de livros à qual ele a ouvira chamar A Biblioteca. Num mundo em que tudo parecia ser electrónico e o papel era um meio em rápido desaparecimento, Julian tinha encontrado A Biblioteca, onde o cheiro dos livros antigos se misturava com o aroma do café acabado de moer, maravilhosamente nostálgico.

Julian pôs-se a pensar o que teria acontecido ao caderninho que ele tinha deixado ali. Sentia muitas vezes que estava a desaparecer com lentidão sem deixar rasto. Um dia, num futuro não muito distante, a cabeça dele haveria de sumir-se por fim debaixo de água e mal deixaria algum vestígio à superfície. Através daquele caderno, pelo menos uma pessoa haveria de o ver – de modo correto. E escrever aquilo tinha sido um consolo para si, fora como alargar os atacadores dos tais sapatos desconfortáveis, para deixar os seus pés respirarem um pouco com mais facilidade.

Continuou a andar.

CAPÍTULO 4

Hazard

Era noite de segunda-feira, e já estava a fazer-se tarde, mas Timothy Hazard Ford, que todos conheciam como Hazard, evitava voltar para casa. Sabia por experiência própria que a única maneira de escapar à ressaca depois de um fim de semana era continuar no mesmo ritmo. Tinha começado a adiar cada vez mais o início da semana, e a prolongar cada vez mais o fim de semana, até que ambos quase se encontravam a meio. Por volta de quarta-feira havia um breve interlúdio de horror, e a seguir ele recomeçava.

Como Hazard não conseguira convencer nenhum dos seus colegas de trabalho a irem aos bares do centro da cidade nessa noite, em vez disso voltara para Fulham e entrara no bar de vinhos do seu bairro. Examinou a esparsa multidão em busca de alguém que ele conhecesse. Avistou uma loura muito magra, com as pernas enroscadas em volta de um banco alto e o torso apoiado em cima do balcão, assemelhando-se a uma glamorosa palhinha dobrada. Tinha quase a certeza de que ela era a colega de ginásio de uma rapariga com que o seu amigo Jake costumava sair. Não fazia ideia de como se chamava, mas era a única pessoa ali disponível com quem ele poderia tomar uma bebida, o que, neste momento, fazia dela a sua melhor amiga.

Hazard aproximou-se, ostentando o sorriso que reservava para este tipo de ocasiões. Um sexto sentido fez com que ela se virasse para si, lhe sorrisse e lhe acenasse. Bingo. Aquilo funcionava sempre.

O nome dela, veio a saber-se, era Blanche. Um nome estúpido, pensou Hazard, que era especialista na matéria. Deixou-se cair preguiçosamente em cima do banco que estava ao lado do dela, e sorriu e assentiu enquanto ela o apresentava ao seu grupo de amigos, cujos nomes ficaram a pairar no ar ao redor dele como bolhas de sabão, e a seguir rebentaram, sem deixarem

qualquer rasto. Hazard não estava interessado no que eles chamavam a si mesmos, apenas na sua capacidade de persistência e, porventura, na sua moral. Quanto menos, melhor.

Hazard inseriu-se com facilidade na sua rotina habitual. Tirou do bolso um rolo de notas e pagou uma vistosa rodada, aumentando os pedidos de copos para garrafas inteiras, e de vinho para champanhe. Soltou algumas das suas anedotas já bem testadas. Vasculhou a longa lista dos seus conhecidos em busca de relações mútuas, e a seguir espalhou, se calhar até inventou, uma saraivada de mexericos lascivos.

O grupo coalesceu em volta de Hazard, como acontecia sempre, mas aos poucos, enquanto o grande relógio na parede atrás do balcão ia fazendo desfilas a hora, a assistência começou a diminuir. *Tenho de me ir embora, é só segunda-feira*, diziam, ou *Amanhã é um dia importante*, ou *Preciso de recuperar do fim de semana, vocês sabem como é*. Por fim, restaram apenas Hazard e Blanche e ainda eram apenas nove da noite. Hazard pressentiu que Blanche estava a preparar-se para partir e cresceu nele uma sensação de pânico.

– Ouve cá, Blanche, ainda é cedo. Por que não vens até minha casa? – disse-lhe ele, pousando a mão sobre o antebraço dela de uma maneira que sugeria tudo, mas, o que era crucial, não prometia nada.

– Claro. Por que não? – respondeu-lhe ela, tal como ele sabia que faria.

A porta giratória do bar cuspiu-os para a rua. Hazard passou o braço em volta de Blanche, atravessou a rua e foi caminhando pelo passeio, sem perceber, nem se importar, que estavam a ocupar toda a largura deste.

Não viu a pequena morena que estava em frente dele como se fosse um obstáculo no trânsito antes que fosse tarde de mais. Esbarrou contra ela, a seguir percebeu que ela estava a segurar um copo de vinho tinto que agora lhe escorria comicamente pelo rosto abaixo e, o que era mais importante, começava a espalhar-se como um fermento de facada sobre a camisa que ele comprara em Savile Row.

– Oh, foda-se para isto – disse ele, lançando um olhar furibundo à culpada.

– Ouça, você veio contra mim! – respondeu ela com uma voz fremente de indignação. Uma gota de vinho tremeu-lhe na ponta do nariz como se fosse um paraquedista relutante, e a seguir caiu.

– Bom, mas o que acha que estava a fazer aí no meio do passeio com um copo de vinho na mão? – gritou-lhe ele de volta. – Não pode beber dentro de um bar como uma pessoa normal?

– Anda, deixa lá isso, vamos embora – disse Blanche, rindo-se de uma maneira que fez com que as extremidades dos nervos dele retinissessem.

– Grande estúpida – disse Hazard para Blanche, mantendo a voz baixa para que a estúpida em questão não ouvisse. Blanche riu-se outra vez.

VÁRIOS PENSAMENTOS SE ENTRECHOCARAM quando Hazard foi acordado pelo seu estridente despertador. Primeiro: *não devo ter dormido mais de três horas.* Segundo: *hoje sinto-me ainda pior do que ontem, em que diabo estava eu a pensar?* E terceiro: *está uma loura na minha cama com a qual não quero lidar e de cujo nome não consigo lembrar-me.*

Porém, Hazard já se encontrara antes naquela situação. Deu uma palmada no despertador para o desligar enquanto a rapariga continuava a dormir, de boca aberta como uma boneca sexual japonesa, e levantou com cuidado o braço dela pelo pulso, retirando-o de cima do seu peito. A mão dela pendeu inerte como um peixe morto. Pousou-a com muito jeito sobre os lençóis sujos e amarrotados. Ela parecia ter deixado tanto do seu rosto no travesseiro dele – o vermelho dos lábios, o preto dos olhos e o tom marfim da pele – que até se sentiu surpreendido por ainda lhe restar algum. Levantou-se da cama, e estremeceu quando o seu cérebro chocou dentro do crânio como uma bola num jogo de bagatela. Avançou até à cómoda que estava ao canto do quarto e aí, tal como ele esperava, havia um pedaço de papel com uma mensagem rabiscada: ELA CHAMA-SE BLANCHE. Meu Deus, ele era mesmo bom nisto.

Hazard tomou um duche e vestiu-se da forma mais rápida e silenciosa que pôde, encontrou um pedaço de papel em branco e escreveu um bilhete:

Querida Blanche, parecias tão sossegada e bonita que não te quis acordar. Obrigado pela noite passada. Foste incrível. Certifica-te de que deixas a porta da frente bem fechada quando saíres. Telefona-me.

Ela tinha sido incrível? Como ele quase não tinha nenhuma memória do que acontecera depois das dez da noite, quando o seu *dealer* aparecera ali em casa (ainda mais depressa do que era habitual por causa de ser segunda-feira), isso pouco importava. Escreveu o número do seu telemóvel por baixo, trocando dois dos algarismos para evitar que aquilo tivesse alguma utilidade, e deixou o bilhete no travesseiro ao lado da sua hóspede indesejável. Esperava que não houvesse nenhum vestígio dela quando regressasse.

Caminhou até à estação de metropolitano em piloto automático. Embora já fosse outubro, usava óculos escuros para proteger os olhos do débil fulgor do novo dia. Quando chegou ao local da sua colisão na noite anterior, parou. Teve a certeza de que conseguia ver alguns salpicos de vinho tinto que haviam ficado no pavimento, como se fossem os despojos de um assalto. Foi dominado por uma visão indesejável: uma morena bonita e mal-humorada, que olhava para si como se de facto o odiasse mesmo. As mulheres nunca o olhavam assim. Hazard não gostava de ser odiado.

Foi então atingido por um pensamento que tinha a viciosa acutilância de uma verdade inconveniente: *ele também se odiava. Até à mais ínfima molécula, ao mais pequeno átomo, à partícula subatómica mais microscópica.*

Alguma coisa tinha de mudar. Na verdade, *tudo* tinha de mudar.

CAPÍTULO 5

Monica

Monica sempre gostara de números. Adorava a lógica deles, a sua previsibilidade. Achava muitíssimo satisfatório fazer com que um lado de uma equação se equilibrasse com o outro, resolver x e provar y . Mas os números que tinha agora no papel à sua frente não queriam portar-se bem. Por mais vezes que ela já tivesse somado os números da coluna da esquerda (receita), eles não se esticavam de modo a cobrir o montante total da coluna da direita (despesas).

Monica pensou nos seus tempos de advogada corporativa, quando fazer as contas era uma tarefa árdua, mas nunca algo que a impedisse de dormir à noite. Por cada hora que ela passava a examinar as letras miudinhas de algum contrato, ou a folhear intermináveis estatutos, faturava ao cliente duzentas e cinquenta libras. Precisaria de vender *cem cappuccini* de tamanho médio para ganhar o mesmo.

Por que se permitira ela efetuar uma mudança de vida tão monumental com tal alacridade, e por razões emocionais? Ela, para quem era difícil escolher o recheio de uma sanduíche sem percorrer mentalmente uma lista de prós e de contras, comparar os preços, os valores nutricionais e as contagens de calorias.

Monica havia experimentado todos os cafés no trajeto entre o apartamento dela e o escritório onde trabalhava. Havia os que não tinham alma, os cansados e os encardidos, e os *identikit*, que eram produzidos em massa pelas respectivas marcas. Sempre que ela pagava dinheiro por um copo de café caro e medíocre que levava consigo, imaginava como seria o seu estabelecimento ideal. Não haveria betão escovado, nem plástico moldado, nem canalizações à mostra, nem candeeiros e mesas de estilo industrial; seria mais como ser-se convidado a ir a casa de alguém. Haveria poltronas

confortáveis e desiguais, arte eclética nas paredes, jornais e livros. Livros por toda a parte, não apenas para enfeitar, mas livros em que se poderia pegar, ler e levar para casa connosco, desde que se deixasse lá outro em troca. O *barista* não nos perguntaria o nome para o escrever com erros na nossa caneca, ele (ou ela, acrescentou Monica rapidamente) já o saberia. Perguntariam pelos nossos filhos e lembrar-se-iam do nome do nosso gato.

Depois, andava ela a caminhar pela Fulham Road quando reparou que aquela velha e desinteressante loja de doces, que ali estivera desde sempre, tinha por fim fechado. Uma grande placa na frontaria anunciava ALUGA-SE. Um malandroco local já fora vandalizar o cartaz.

Sempre que Monica passava por aquela loja vazia, ouvia a voz da sua mãe. Naquelas últimas semanas, as que cheiravam a doença e a decrepitude e eram pontuadas pelos constantes apitos eletrónicos da maquinaria médica, ela tentara transmitir décadas de sabedoria à filha, antes que fosse tarde de mais. *Escuta-me, Monica. Escreve isso, Monica. Não te esqueças, Monica. Emmeline Pankhurst não se acorrentou àquele gradeamento para que nós pudéssemos passar a vida como uma pequena roda dentada na engrenagem de alguém. Sê a tua chefe. Cria alguma coisa. Emprega pessoas. Sê destemida. Faz algo de que de facto gostes. Faz com que tudo valha a pena.* E portanto, ela assim fizera.

Monica gostaria de ter podido dar o nome da sua mãe ao café, mas ela chamava-se Charity, e parecera-lhe ser uma péssima decisão comercial dar ao estabelecimento um nome que implicava não ser preciso pagar. As coisas, como veio a verificar, já eram difíceis o suficiente.

Só porque aquele café era o sonho dela, isso não significava que mais alguém o partilhasse. Ou, pelo menos, não o suficiente para que ela cobrisse os seus custos, e não poderia continuar a compensar aquele défice para sempre; o banco não deixava. Tinha a cabeça a latejar. Foi até ao balcão e despejou o resto de uma garrafa de vinho tinto para um copo grande.

Quanto a ser a sua chefe estava muito bem, disse ela à mãe, dentro da sua cabeça, e adorava o seu estabelecimento, de cuja essência se imbuíra até aos ossos, mas aquilo era solitário. Sentia falta dos mexericos do escritório em volta do dispensador de água, sentia falta daquela camaradagem forjada entre fatias de piza durante as sessões noturnas de trabalho, e até dava por si a

recordar com carinho aqueles dias ridículos de fortalecimento do espírito de equipa, o jargão do escritório e os impenetráveis acrónimos de três letras. Adorava a equipa que tinha ali no seu café, mas havia sempre um certo distanciamento entre eles, porque ela era a responsável pela subsistência de todos e, de momento, não conseguia gerir a sua.

Lembrou-se das perguntas que aquele homem – Julian – havia feito no caderno que deixara naquela mesma mesa. Ela aprovara a opção dele. Monica não conseguia deixar de avaliar as pessoas pelo local onde escolhiam sentar-se no seu café. *Até que ponto conhece bem as pessoas que moram perto de si? Até que ponto elas o conhecem?*

Pensou em todas as pessoas que ali haviam entrado e saído hoje, com a sineta da porta retinindo alegremente a cada chegada e partida. Todas elas estavam ligadas, mais do que nunca, a milhares de pessoas, a amigos nas redes sociais, e a amigos de amigos. Porém, será que, tal como ela, sentiam não ter ninguém com quem pudessem conversar? Não acerca da mais recente expulsão de celebridades de uma casa qualquer, ou de uma ilha, ou da selva, mas sobre coisas importantes – as coisas que nos mantêm acordados à noite. Como aqueles números que não obedecem às nossas ordens.

Monica guardou de novo os papéis dentro da respectiva pasta e pegou no telemóvel, abriu o Facebook e percorreu a página inicial. Continuava a não haver sinais de Duncan, o homem com quem ela namorara até há poucas semanas, na rede social dela. Sumira-se. Duncan, aquele *vegan* que se recusava a comer *abacates* porque os agricultores exploravam as abelhas durante a polinização, mas que achava aceitável fazer sexo com ela e a seguir desaparecer. Preocupava-se mais com as sensibilidades de uma *abelha* do que com ela.

Continuou a percorrer a página, embora soubesse que isso não seria um conforto, mas antes uma forma moderada de automutilação. Hayley tinha alterado o estatuto do seu relacionamento para «noiva». Ena, ena. Pam tinha publicado uma mensagem sobre a vida dela com os seus três filhos, uma gabarolice que estava disfarçada de modo ténue e desajeitado como autodepreciação, e Sally partilhara a imagem da ecografia do seu bebé – doze semanas.

Ecografias do bebé. Que sentido fazia partilhar tais coisas? Todas pareciam iguais, e nenhuma se assemelhava a uma criança, mas sim a um mapa meteorológico que previsse uma zona de altas pressões sobre o Norte da Espanha. E, no entanto, sempre que Monica via uma nova ecografia, continha a respiração e era assolada por uma vaga de ansiedade e por uma humilhante pontada de inveja. Às vezes sentia-se como um velho *Ford Fiesta*, empanado à beira da estrada, enquanto todos passavam por ela na via rápida.

Hoje alguém tinha deixado em cima de uma mesa um exemplar da *HELLO!*; a capa berrava uma manchete sobre a «alegria do bebé» de uma atriz de Hollywood aos quarenta e três anos. Monica tinha passado os olhos pelas páginas durante a sua pausa para café, procurando pistas sobre como conseguira ela fazer aquilo. FIV? Doação de óvulos? Teria ela congelado os seus óvulos alguns anos antes? Ou aquilo acontecera com facilidade? Quanto tempo restaria aos ovários dela? Já estariam a fazer as malas para uma descontraída reforma na Costa Brava?

Monica pegou no seu copo de vinho e começou a andar pelo café, apagando todas as luzes e compondo as cadeiras e as mesas desarrumadas. Saiu para a rua – chaves numa mão, copo na outra, trancou a porta do café e virou-se para abrir a porta do seu apartamento, situado no piso de cima.

Foi então que, vindo do nada, um tipo avantajado, que trazia uma loura a reboque como se ela fosse o *sidecar* de um motociclo, esbarrou contra ela com tanta força que a deixou por momentos sem fôlego, e o copo de vinho que trazia na mão entrou em erupção, para cima do rosto dela e da camisa dele. Sentiu rios de *Rioja* a escorrerem-lhe pelo nariz e a pingarem-lhe do queixo. Aguardou o abjeto pedido de desculpas dele.

– Oh, foda-se para isto – disse ele. Monica sentiu um calor subir-lhe do peito, que fez o seu rosto corar e o maxilar contrair-se.

– Ouça, você veio contra mim! – protestou ela.

– Bom, mas que raio estava a fazer aí parada no meio do passeio com um copo de vinho na mão? – perguntou ele. – Não pode beber dentro de um bar como uma pessoa normal? – O rosto dele, com os seus planos simétricos, teria sido de uma elegância clássica, mas estava fendido pelo feio rasgão de um esgar de escárnio. A loura levou-o dali, rindo-se de uma maneira inane.

– Grande estúpida – ouviu-o ela dizer, erguendo de propósito a voz para que ela ouvisse.

Monica entrou no seu apartamento. *Querido, já cheguei*, disse ela, como fazia sempre, em silêncio e para ninguém, e por um instante até pensou que iria chorar. Pousou o copo vazio no corredor de louça da *kitchenette*, e limpou o vinho do rosto com um pano de louça. Estava desesperada por falar com alguém, mas não conseguia lembrar-se de ninguém a quem pudesse telefonar. As suas amigas estavam embrenhadas na azáfama das suas vidas, e não queriam que ela lhes fosse atormentar o serão. Não valia a pena telefonar ao seu pai, uma vez que Bernadette, a madrasta dela, que a via como uma história do passado e inconveniente para a nova vida do seu marido, funcionava como porteira e lhe anunciaria sem dúvida que o pai dela estava ocupado a escrever e não podia ser incomodado.

Foi então que Monica viu, pousado em cima da mesa da sala onde o deixara há alguns dias, o tal caderno verde-claro, intitulado *O Projeto da Autenticidade*. Pegou nele e abriu-o de novo na primeira página. *Todos mentem acerca das suas vidas. O que aconteceria se em vez disso você partilhasse a verdade? Aquela coisa única que o define a si, e faz com que tudo o resto se encaixe no devido lugar?*

Por que não?, pensou, sentindo a excitação de ser incharacteristicamente atrevida. Demorou um pouco a encontrar uma caneta decente. Parecia-lhe um pouco desrespeitoso juntar àquela cuidadosa caligrafia de Julian uns rabiscos feitos com uma esferográfica velha e esquisita. Abriu o caderno na próxima página em branco, e começou a escrever.

CAPÍTULO 6

Hazard

Hazard pôs-se a imaginar quanto tempo da sua vida havia passado debruçado sobre tampas de sanitas. Com certeza dias inteiros, se somasse tudo. Sobre quantas bactérias letais se teria ele pendurado com uma linha grosseiramente triturada do melhor doce para nariz da Colômbia? E quanto daquilo seria na verdade cocaína, e não pó de talco, veneno de rato ou laxante? Tudo isso eram perguntas que não iriam incomodá-lo por muito mais tempo, já que esta era a última linha do último grama de coca que ele alguma vez voltaria a comprar.

Procurou nos bolsos uma nota de banco, antes de se lembrar que gastara a sua única nota de vinte na garrafa de vinho da qual já bebera metade. Neste bar de vinhos sofisticado e caro, uma nota de vinte pagava uma garrafa que estava mais próxima do espectro das bebidas destiladas que do vinho fino. Mas cumpria a função. Verificou todos os bolsos, e tirou de dentro do casaco uma folha A4 dobrada. Era uma cópia da sua carta de demissão. Bom, aquilo tinha um bonito simbolismo, pensou ele, enquanto lhe arrancava um canto e o enrolava num canudo estreito.

Após uma vigorosa aspiração, aquele familiar sabor químico atingiu a parte de trás da garganta de Hazard e, daí a poucos minutos, aquele nervosismo que ele estava a sentir foi substituído por uma sensação, se não de euforia (esses dias já tinham passado há muito), pelo menos de bem-estar. Amachucou o papel que enrolara, com o minúsculo saco de plástico que contivera o pó, e lançou ambos para dentro da retrete, ficando a olhá-los enquanto eram sugados para as profundezas dos esgotos de Londres.

Com cuidado, Hazard levantou a pesada tampa de porcelana da sanita e encostou-a à parede. Tirou do bolso o *iPhone* – era o modelo mais recente,

como é evidente – e deixou-o cair dentro da água que enchia a sanita. Produziu um som satisfatório enquanto caía até ao fundo. Hazard voltou a fechar a tampa, deixando o telefone lá dentro, sozinho no escuro. Agora já não podia telefonar ao seu fornecedor. Nem a ninguém que conhecesse o seu fornecedor. O único número de telefone que ele sabia de cor era o dos seus pais, e esse era o único número de que tinha falta, embora precisasse de inventar muita coisa na próxima vez que lhes telefonasse.

Hazard mirou o seu reflexo no espelho, eliminando qualquer sinal denunciador de pó branco por baixo das suas narinas inflamadas, e a seguir voltou para a mesa, com uma passada mais vigorosa do que quando saíra de lá. A positividade dele era em parte química, mas também sentiu uma pontada de qualquer coisa que não sentia há muito tempo – orgulho.

Olhou intrigado para a mesa. Algo estava diferente. A garrafa de vinho ainda ali estava, tal como os dois copos (para parecer que ele estava à espera de alguém, e não a beber sozinho) e o exemplar amarrotado do *Evening Standard* que ele fingira estar a ler. Mas havia lá também mais qualquer coisa. Um caderno. Já tivera um parecido com aquele quando ainda era aprendiz de corretor, cheio de apontamentos com informações que tinha recolhido no *FT* e com os conselhos que lhe eram atirados pelos veteranos do negócio bolsista, como se fossem biscoitos a um cachorrinho entusiasmado. Mas este caderno tinha escrito na capa *O Projeto da Autenticidade*. Parecia ser mais uma carrada de disparates da Nova Era. Olhou em volta, procurando alguém apropriadamente «espiritual» que pudesse ter-se esquecido daquilo ali, mas viu apenas a habitual multidão de bebedores do meio da semana, ocupados a libertarem-se das tensões do dia de trabalho.

Hazard empurrou o caderno para a beira da mesa, de modo a que o respectivo dono pudesse vê-lo, enquanto se dedicava à importante tarefa de acabar de beber o vinho que tinha à sua frente. A sua última garrafa de vinho. Porque a cocaína e o vinho combinavam bem um com o outro, era como o peixe e as batatas fritas, os ovos e o *bacon*, o MDMA e o sexo. Se ele ia abdicar de uma coisa, tinha de abdicar da outra. Com o seu emprego, porque, após anos a surfar nos mercados sobre uma onda de frenesi químico, achava que não poderia fazer aquilo, nem queria fazê-lo, sóbrio.

Sóbrio. Que palavra horrível. Séria, sensível, solene, grave, persistente – nada parecida com Hazard, que era um caso de determinismo nominativo em ação. Hazard pousou a mão com firmeza na sua coxa direita, que começara a saltitar para cima e para baixo por baixo da mesa. Percebeu que também estava a ranger os dentes. Não dormia bem há trinta e seis horas, desde que passara a noite com Blanche. A cabeça dele estava artilhada e desesperada por mais estímulos, e debatia-se contra o seu corpo, que estava cansado até aos ossos e ansioso pelo oblívio. Hazard apercebeu-se de que estava exausto com tudo aquilo, com a sua vida e com o constante carrossel de excitantes e de calmantes, com a vilania dos telefonemas desesperados ao seu fornecedor, com as constantes cheiradelas e com os cada vez mais drásticos sangramentos do nariz. Como aquelas linhas ocasionais cheiradas durante uma festa que lhe faziam sentir ser capaz de voar se haviam transformado em algo que ele precisava de fazer para conseguir sair da cama de manhã?

Como ninguém se mostrou interessado no tal caderno abandonado, Hazard abriu-o. A página estava coberta por uma caligrafia densa e compacta. Tentou ler, mas as letras puseram-se a dançar sobre o papel. Hazard fechou um olho e contemplou-a de novo. As palavras aquietaram-se numas linhas mais ordenadas. Folheou mais algumas páginas e descobriu que havia ali duas escritas diferentes – a primeira era uma caligrafia delicada, a segunda era mais simples, mais arredondada e mais banal. Hazard ficou intrigado, mas, como ler só com um olho era cansativo e o fazia parecer maluco, fechou o caderno e enfiou-o no bolso do casaco.

VINTE E QUATRO HORAS DEPOIS, Hazard foi procurar uma caneta ao seu casaco e deparou outra vez com o caderno. Demorou um pouco a recordar como ele fora ali parar. O cérebro dele estava enevoado. Tinha uma tremenda dor de cabeça e, embora estivesse mais cansado do que alguma vez se lembrava, não conseguia adormecer. Deitou-se na cama, um emaranhado de lençóis e edredons que cheiravam a suor e a mofo, agarrou no caderno e começou a ler.

Até que ponto conhece bem as pessoas que moram perto de si? Até que ponto elas o conhecem a si? Sabe ao menos o nome dos seus vizinhos?

Conseguiria aperceber-se de que eles estavam em dificuldades, ou que já não saíam de casa há dias?

Hazard não conteve um sorriso. Ele gostava de cheirar coca. A única pessoa pela qual se interessava era ele.

O que aconteceria se em vez disso você partilhasse a verdade?

Ah! Provavelmente seria preso. Com certeza despedido. No entanto, agora já era um bocadito tarde de mais para o despedirem.

Hazard continuou a ler. Gostou bastante de Julian. Se ele tivesse nascido uns quarenta anos antes, ou Julian quarenta anos depois, conseguia imaginar que teriam sido amigos – andariam juntos pela cidade, a engatar raparigas e a criar um grande rebuliço. Mas não estava muito certo quanto à ideia de contar a sua história (não queria contá-la a si mesmo, e muito menos a outras pessoas). A autenticidade era algo de que ele podia prescindir. Andava a esconder-se dela há anos. Virou a página. Começou a pensar em quem teria pegado naquele caderno antes de si.

Chamo-me Monica e encontrei este caderno no meu café.

Depois de ter lido a história de Julian sobre como ele se sente invisível, você se calhar estará a imaginar um reformado típico, todo vestido de bege, com cinturas elásticas e sapatos ortopédicos. Bom, tenho de lhe dizer que Julian não é assim. Vi-o a escrever neste caderno antes de o ter abandonado, e ele é o septuagenário menos invisível que eu alguma vez encontrei. É parecido com o Gandalf (mas sem barba) e veste-se como o Urso Rupert, com um casaco de veludo amarelo-mostarda e umas calças axadrezadas. Mas ele tem toda a razão quanto a ter sido muito bonito. Vejam o autorretrato dele. Esteve exposto na National Portrait Gallery durante uns tempos.

Hazard estendeu a mão para o seu telemóvel, a fim de ir procurar o retrato de Julian no Google, antes de se lembrar que o aparelho continuava submerso dentro do autoclismo da casa de banho do bar de vinhos mais próximo. Por que teria ele achado que isso fora uma boa ideia?

Receio ser muito menos interessante do que Julian.

Hazard não duvidava disso. Já tinha percebido por aquela caligrafia cautelosa e precisa que ela era um pesadelo de nervosismo. Ainda assim, pelo menos não era o tipo de mulher que desenhava carinhas sorridentes dentro de todos os seus «OS».

Eis a minha verdade, horrorosamente previsível e aborrecidamente biológica: eu quero ter um bebé. E um marido. Talvez um cão e um *Vo/vo* também. A bem dizer, toda essa coisa da família nuclear típica.

Hazard notou como Monica usara o sinal gráfico dos dois pontos. Pareceu-lhe um pouco incongruente. Ele pensava que as pessoas já não sabiam gramática. Quase nem escreviam. Era só mensagens de texto e *emojis*.

Ai, meu Deus, isto ficou com um aspecto terrível depois de escrito. Afinal, eu sou uma feminista. Rejeito a noção de que preciso de um homem para me completar, me apoiar, ou até para tratar dos arranjos em casa. Sou empresária e, aqui entre nós, sofro um pouco da mania do controlo. Se calhar seria uma péssima mãe. Mas, por mais que eu tente pensar racionalmente sobre tudo isso, continuo a sentir que há dentro de mim um vácuo cada vez maior, que um dia há de engolir-me por inteiro.

Hazard parou de ler enquanto engolia mais dois comprimidos de paracetamol. Não sabia muito bem se iria conseguir lidar com toda aquela angústia hormonal neste momento. Um dos comprimidos ficou-lhe preso no fundo da garganta, e fê-lo engasgar-se. Detectou um solitário fio de cabelo louro e comprido pousado no travesseiro ao seu lado, a recordação de uma outra vida. Atirou-o para o chão com um piparote.

Em tempos fui advogada, numa grande e prestigiada empresa do centro da cidade. Pagavam-me uma pequena fortuna, em troca de eu fazer com que os números da igualdade de género na firma parecessem bons, e de trocar a minha vida por horas que pudessem ser faturadas. Trabalhava em todos os momentos que podia, incluindo boa parte do fim de semana. Caso tivesse algum tempo livre, ia para o ginásio aliviar o *stress*. A única vida social que eu tinha girava em torno das festas no emprego e do entretenimento de clientes. Achava que me mantinha em contacto com os meus amigos da escola e da universidade porque via as atualizações do estatuto deles no Facebook, mas na verdade há anos que não os via na vida real.

A minha vida poderia ter continuado assim para sempre, a trabalhar no duro, a fazer o que era esperado, a conquistar promoções e elogios sem sentido, se não fosse uma coisa que a minha mãe me disse, e uma rapariga chamada Tanya.

Nunca conheci a Tanya, ou pelo menos julgo que não, mas a vida dela era muito parecida com a minha - outra advogada de alto nível no centro da cidade, mas dez anos mais velha que eu. Num certo domingo ela foi ao escritório, como sempre. O patrão dela estava lá. Disse-lhe que ela não devia ir trabalhar todos os fins de semana, que devia ter uma vida lá fora. Disse-lho com cordialidade, mas essa conversa deve ter desencadeado qualquer coisa, fez Tanya perceber como tudo aquilo era vazio, porque no domingo seguinte ela foi ao escritório, como sempre, apanhou o elevador até ao último piso e atirou-se do telhado. Os jornais publicaram um retrato dela no dia da formatura, entre os seus orgulhosos pais, com um olhar cheio de esperança e de expectativa.

Eu não queria ser a Tanya, mas percebi para onde a minha vida estava a ir. Tinha 35 anos, era solteira, e não tinha nada na vida a não ser trabalho. Por isso, quando a minha tia-avó Lettice morreu e me deixou uma pequena herança, juntei-a ao grande pé-de-meia que tinha conseguido economizar ao longo dos anos, e fiz a primeira e única coisa surpreendente na minha vida: despedi-me. Arrendei uma loja de doces decrépita na Fulham Road, transformei-a num café, e chamei-lhe Monica.

O Monica's Café. Hazard sabia onde era. Ficava mesmo em frente ao bar onde ele tinha encontrado o caderno. Nunca lá tinha entrado. Preferia aqueles cafés mais anónimos, onde era pouco provável que a inconstante equipa de *baristas* notasse quantas manhãs ele lá entrava a cambalear, devido à ressaca, ou que muitas vezes tinha de desenrolar uma nota antes de a entregar para pagamento. O café de Monica parecia sempre muitíssimo *acolhedor. Salutar.* Repleto de coisas orgânicas e das receitas favoritas da avó. Lugares assim faziam Hazard sentir-se um pouco encardido. Aquele nome também o incomodava. *Café da Monica.* Era o tipo de nome que se esperava de uma professora. Ou de uma cartomante. Até da gerente de um bordel. *Madame Monica*, a massagem com fins felizes. Não era um bom nome para um café. Continuou a ler.

Ser minha patroa, e não um nome dentro de um quadradinho numa complicada hierarquia organizacional, continua a ser entusiasmante (bem

como uma enorme curva de aprendizagem; digamos que Benji não foi o meu primeiro *barista*). Mas há um vazio enorme. Eu sei como isso parece antiquado, mas quero ter o conto de fadas. Quero o belo príncipe, e quero viver feliz para sempre.

Andei no Tinder. Estive em encontros sem fim. Tento não ser muito exigente, ignorar o facto de eles não conhecerem nada de Dickens, terem as unhas sujas ou falarem com a boca cheia. Tive vários relacionamentos, e um ou dois que eu honestamente pensei que iriam chegar a algum lugar. Mas, no fim, acabo por ouvir as mesmas velhas desculpas, o «Não és tu, sou eu. Não estou pronto para assentar...». Blá, blá, blá. Depois, seis meses mais tarde, recebo uma notificação do Facebook a informar-me de que o estatuto de relacionamento dele mudou para «noivo», e eu percebo que foi apenas por causa de MIM, mas não sei porquê.

Hazard podia arriscar um palpite.

Toda a minha vida tive planos. Sempre estive no controlo. Escrevo listas, defino objetivos e etapas, faço as coisas acontecerem. Mas tenho trinta e sete anos e estou a ficar sem tempo.

Trinta e sete. Hazard matutou naquele número com o cérebro entorpecido. Se a visse no Tinder com certeza iria rejeitá-la, varrendo-a para a esquerda, apesar de ele ter trinta e oito anos. Lembrou-se de ter explicado a um colega sentado à sua secretária no banco que, quando se ia comprar fruta ao supermercado (não que ele alguma vez tivesse comprado fruta, ou fosse a um supermercado), não se escolhia os pêssegos que estavam mais perto de apodrecer. Pela sua experiência, as mulheres mais velhas eram um problema. Elas tinham expectativas. Agendas. Já se sabia que, dentro de poucas semanas, surgiria *a tal conversa*. Seria preciso discutir que rumo estavam a seguir, como se estivessem no autocarro da carreira 22, rolando até Piccadilly. Ele estremeceu.

Sempre que alguma das minhas amigas publica uma ecografia do seu bebé no Facebook, eu clico em «gosto», telefono-lhes e digo-lhes como me sinto entusiasmada por elas, mas, sinceramente, só me apetece uivar e perguntar «por que não eu?»

A seguir tenho de ir fazer compras ao departamento de retrosaria da Peter Jones, porque ninguém se pode sentir enervado num retroseiro, rodeada por

meadas de lã, agulhas de croché e botões sortidos, não é?

Meada? Isso era mesmo uma palavra? E uma retrosaria? Ainda existiam retrosarias? As pessoas não compravam tudo já feito na Primark? E que estranha maneira de ela se acalmar. Muito menos eficiente do que emborcar uma vodca dupla. Oh, meu Deus, por que tinha ele de começar a pensar em vodca?

O meu relógio biológico anda a bater tão alto que nem me deixa dormir à noite. Fico ali deitada, a amaldiçoar o facto de as minhas hormonas andarem a transformar-me num cliché.

Pronto, aqui está. Fiz o que Julian tinha pedido. Espero não vir a arrepender-me.

Quanto ao Julian, bom, eu tenho um plano.

Claro que ela tem um plano, pensou Hazard. Já conhecia aquele tipo de mulheres. Com certeza era um plano dividido em subsecções, cada uma delas com um indicador principal de desempenho alocado. Ela fê-lo lembrar uma sua antiga namorada que, numa noite memorável, o presenteara com uma apresentação em PowerPoint sobre o relacionamento deles – os pontos fortes, os pontos fracos, as oportunidades e as ameaças. Terminara logo tudo com ela, tinha sido limpinho.

Eu sei muito bem como hei de pô-lo de novo a circular por aí. Desenhei um anúncio para que um artista local venha ministrar uma aula noturna semanal no café. Afixei-o na montra, e agora resta-me, portanto, esperar que ele se candidate. E vou deixar este caderno em cima de uma mesa no bar de vinhos do outro lado da rua. Se foi você que o recolheu, o que acontece a seguir está nas suas mãos.

Hazard baixou os olhos para as suas mãos, que estavam tudo menos firmes. Não tinham parado de tremer desde o fim da sua última grande bebedeira, vinte e quatro horas antes, no dia em que ele tinha encontrado o caderno. Mas que chatice. Porquê ele? Além de tudo o mais, ia sair do país no dia seguinte. Teria de passar pelo Café da Monica a caminho da estação de metropolitano. Poderia entrar lá para tomar um café, ver como ela era e devolver-lhe o caderno a fim de que ela pudesse entregá-lo a alguém mais adequado.

Quando Hazard se aprestava a fechar o caderno, reparou que Monica tinha escrito mais qualquer coisa na página seguinte.

P.S. Cobri este caderno com plástico autocolante para lhe dar alguma proteção, mas, em todo o caso, por favor tente não o deixar à chuva.

Para sua considerável surpresa, Hazard descobriu que estava a sorrir.

CAPÍTULO 7

Julian

Julian retirou o bilhete manuscrito que estava na sua porta da frente quando entrou. Não parou para o ler. Já sabia o que lá dizia e, além disso, estava todo escrito em maiúsculas, o que ele considerava um tanto grosseiro e gritante, que não merecia atenção.

Julian preparou uma caneca de chá, sentou-se numa poltrona, desapertou os atacadores, descalçou os sapatos e pousou os pés em cima das covas que já tinham a forma deles no tapete desfiado que cobria a otomana à sua frente. Pegou na sua mais recente revista de luxo – a *Bazaar* – que andava a racionar com todo o cuidado para que ela lhe durasse até ao fim da semana, e começava já a perder-se entre as páginas quando foi rudemente interrompido por uma batida na janela. Afundou-se mais na poltrona, para que não lhe vissem a cabeça por trás. Nos últimos quinze anos tornara-se perito em ignorar os visitantes. Era auxiliado pelo facto de as suas janelas não terem sido lavadas durante grande parte desse período, e a opacidade delas era uma consequência feliz e inesperada do seu desmazelo.

Os vizinhos de Julian estavam a tornar-se cada vez mais intrometidos nas suas tentativas para lhe atrair a atenção. Com um suspiro, pousou a revista e pegou no bilhete que lhe haviam deixado. Leu-o, estremecendo ao ver o ponto de exclamação que se seguia ao nome dele.

SR. JESSOP!

PRECISAMOS DE CONVERSAR!

NÓS (OS SEUS VIZINHOS) PRETENDEMOS ACEITAR

A OFERTA DO PROPRIETÁRIO.

PRECISAMOS DA SUA APROVAÇÃO,

SEM A QUAL NÃO PODEMOS AVANÇAR.
POR FAVOR ENTRE EM CONTACTO COM PATRICIA ARBUCKLE, N.º 4,
COM A MÁXIMA URGÊNCIA!

Julian tinha adquirido a sua moradia em 1961, quando o contrato de arrendamento tinha um prazo de sessenta e sete anos até ao seu termo. Do ponto de vista dos seus vinte anos isso parecera-lhe uma eternidade, e decerto nada com que tivesse de se preocupar. Agora restavam-lhe apenas dez anos de contrato, e o proprietário recusava-se a prorrogá-lo, pois queria usar o terreno em que estavam situados os estúdios para construir um «complexo de entretenimento corporativo», ou lá o que era aquilo, para o estádio de Stamford Bridge. O estádio crescera e modernizara-se em redor de Julian ao longo dos anos em que ele morara à sua sombra, enquanto Julian se fora tornando mais pequeno e cada vez menos moderno. Agora aquilo ameaçava rebentar, como um monstruoso carbúnculo, e varrê-los a todos num rio de pus.

Julian sabia que a coisa lógica a fazer era dizer que sim. Se eles deixassem o contrato chegar ao fim do prazo, as suas propriedades não valeriam nada. O arrendatário estava disposto a comprar-lhas agora a um valor próximo do de mercado. Mas não estava interessado em pagar a todos os vizinhos de Julian se continuasse a ter o problema da pequena moradia de Julian encravada no meio do estaleiro de obras por ele proposto.

Julian sabia que os vizinhos estavam a ficar cada vez mais desesperados com a perspectiva de as suas poupanças de uma vida inteira – que, tal como as da maioria dos londrinos, estavam presas em tijolos e argamassa – virem a desaparecer; mas, por mais que ele tentasse, apenas não conseguia imaginar-se a morar noutra sítio qualquer. Com certeza não seria pedir muito que o autorizassem a passar os seus últimos anos no lar em que vivera durante a maior parte da sua vida? Uma década deveria ser suficiente. E que utilidade teria para ele a proposta monetária do proprietário? Dispunha de um rendimento decente graças aos seus investimentos, não se podia dizer que levava um estilo de vida extravagante, e não via há anos a pouca família que ainda lhe restava. Não lhe causava engulhos que a sua herança viesse a desaparecer entre um emaranhado de documentos legais e de prazos vencidos.

Sabia, no entanto, que recusar aquela oferta era egoísta. Julian tinha passado muitos anos a ser indescritivelmente egoísta e já andava a pagar por esse comportamento há algum tempo. Queria pensar que era um homem mudado – arrependido, humilde até. Por isso, não tinha dito «não». Mas também não podia dizer «sim»; em vez disso, enfiava os seus dedos metafóricos nos seus ouvidos metafóricos e ignorava o problema, embora soubesse que este não iria sumir-se.

Ao fim de uns cinco minutos de batidas cada vez mais frenéticas, e de uma derradeira exclamação exasperada de *Eu sei que está aí, velhote*, a vizinha de Julian acabou por desistir. Velhote? Com franqueza.

A moradia de Julian era mais do que um lar, e mais do que um investimento financeiro. Era tudo. Tudo o que ele tinha. Abrigava todas as suas memórias do passado e a única visão do futuro que ele conseguia imaginar. Sempre que Julian olhava para a porta da frente, conseguia ver-se a transpor o limiar carregando a sua jovem noiva, com o coração aos pulos, convencido de que aquela mulher que segurava nos braços seria tudo o que ele jamais precisaria. Quando estava junto ao fogão via Mary, de bata, com o cabelo apanhado atrás, a remexer uma gigantesca panela do seu célebre *boeuf bourguignon* com uma concha. Quando se sentava junto à lareira, Mary sentava-se no tapete em frente dele, com os joelhos encostados ao peito, a afiada franja dos seus cabelos a tombar-lhe para a frente enquanto ela lia os mais recentes romances que trouxera da biblioteca local.

Também havia lembranças desconfortáveis. Mary, a carpir lágrimas silenciosas, segurando uma carta de amor de uma das suas modelos que encontrara presa no cavalete dele. Mary parada no cimo da escada em espiral que levava ao quarto deles, atirando os sapatos de salto de uma outra mulher à cabeça dele. Muitas vezes, quando ele se olhava no espelho, Mary fitava-o, com uns olhos cheios de tristeza e de desapontamento.

Julian não evitava as más lembranças. Pelo contrário, encorajava-as. Elas eram a sua penitência. E, de um estranho modo, achava-as assaz reconfortantes. Pelo menos significavam que ele ainda era capaz de sentir. A dor que tais lembranças lhe causavam fornecia-lhe um alívio momentâneo, era um pouco como passar um dos seus bisturis de artista sobre a pele e ficar a

vê-la sangrar, algo que ele só fazia em dias muito maus. Além de tudo o mais, a pele dele agora demorava muito mais tempo a sarar.

Julian olhou em volta para as paredes da sua casa, quase todas cobertas por um quebra-cabeças de pinturas e esboços emoldurados. Cada uma contava uma história. Ele podia perder-se durante horas, só a olhar para elas. Lembrava-se das conversas que tivera com o artista, dos conselhos e da inspiração partilhados entre garrafas de vinho. Lembrava-se do modo como cada uma daquelas peças fora parar ali – como um presente de aniversário, como compensação pela infinita hospitalidade de Mary, ou então adquiridas numa mostra privativa porque ele as admirara especialmente. Até as posições que ocupavam na parede tinham algum significado. Às vezes estavam por ordem cronológica, ao passo que noutras eram temáticas – mulheres bonitas, monumentos de Londres, perspectivas peculiares, ou uma utilização peculiar da luz e da sombra. Como poderia levá-las a todas dali? Para onde mais poderiam ir?

Eram quase cinco da tarde. Julian foi buscar uma garrafa de *Bailey's* ao seu armário de bebidas e despejou-a para um frasco de bolso prateado, encolheu os ombros por baixo do sobretudo e, logo que se assegurou de que a costa estava livre de vizinhos furibundos, partiu para o cemitério.

Detectou a alguma distância que havia algo de diferente no túmulo do Almirante, mas demorou um pouco a aperceber-se do que era. Mais uma carta – caligrafia preta em papel branco. Os seus vizinhos andariam a deixar-lhe bilhetes em *toda a parte*? Teriam andado a segui-lo? Sentiu a sua irritação aumentar. Isto já era perseguição.

Quando chegou mais perto, percebeu que afinal não era uma mensagem dos seus vizinhos. Era um anúncio, e até já o tinha visto antes, nessa mesma manhã. Na altura não lhe atribuíra grande importância, mas agora tornava-se claro que tinha sido concebido especificamente para ele.

CAPÍTULO 8

Monica

Quando o sábado chegou, Monica já começava a perder a fé no seu brilhante plano. Tinham passado vários dias desde que ela afixara o cartaz na montra do café, mas não houvera nenhum sinal de Julian. Entretanto, tivera de recusar diversos candidatos com toda a educação ao cargo de professor de arte, com desculpas cada vez mais ridículas. Quem poderia saber que havia tantos artistas locais à procura de trabalho? Tendo sido advogada, também se sentia dolorosamente consciente de estar a transgredir todas as leis laborais que existiam, embora uma parte de si apreciasse a ideia de, pela primeira vez na vida, fazer algo que não estava de acordo com os manuais.

O outro problema era que, sempre que entrava alguma pessoa nova no café, Monica punha-se a pensar se seria essa que recolhera o caderno que ela tinha deixado em cima daquela mesa vazia no bar de vinhos, e lera as divagações muitíssimo embaraçosas de uma solteirona desesperada. Argh. Em que estava ela a pensar? Se ao menos pudesse apagar aquilo, como uma publicação mal pensada no Facebook. Decidiu que a autenticidade estava sobrevalorizada.

Uma mulher aproximou-se do balcão, segurando uma bebé pequena, não teria mais de três meses, vestida com o mais adorável vestidinho e com um casaquinho de malha à moda antiga. A bebé fixou em Monica os seus grandes olhos azuis, que pareciam ter aprendido há pouco a focar-se. Monica sentiu uma contração no estômago. Recitou em silêncio o seu mantra: *Eu sou uma mulher forte e independente. Não preciso de ti...* Como se pudesse sentir os pensamentos dela, a bebé soltou um gemido penetrante, e ficou com o rosto contraído e vermelho, como uma versão humana daquele *emoji* da cara zangada. *Obrigada*, murmurou Monica para a bebé, e virou-se para trás a fim

de ir preparar o chá de hortelã. Quando estava a entregar a caneca, a porta abriu-se e Julian entrou.

Na última vez em que ela o vira, ele estava vestido como um excêntrico cavalheiro eduardiano. Monica tinha assumido que todo o guarda-roupa dele era inspirado por essa época. Mas aparentemente não, porque hoje ele vinha vestido em estilo de Novo Romântico, como em meados dos anos de 1980. Trazia umas calças pretas e direitas, umas botas de camurça pelo tornozelo e uma camisa branca, com *folhos*. Muitos folhos. Era o tipo de aparência que seria rematada com uma generosa porção de rímel. Monica ficou aliviada ao descobrir que Julian não levava aquilo tão longe.

Ele foi sentar-se na mesma mesa da Biblioteca que havia ocupado na última vez. Monica aproximou-se, um tanto nervosa, para anotar o pedido. Será que ele tinha visto o anúncio? Seria por isso que estava ali? Olhou para a montra do café onde o havia afixado. Desaparecera. Olhou para lá outra vez, como se o anúncio pudesse ter reaparecido por magia, mas não, restavam apenas umas marcas pegajosas deixadas pela fita adesiva com que ela prendera cada canto. Mentalmente, tomou nota de que deveria remover aquelas marcas com um pouco de vinagre.

Bom, tanto pior para o tal plano. A irritação dela depressa se transformou em alívio. Em qualquer caso, tudo aquilo tinha sido uma ideia parva. Aproximou-se de Julian um pouco mais confiante, agora que ele parecia só ter ido ali tomar café.

– O que posso servir-lhe? – perguntou ela, animada.

– Quero um café forte, simples, por favor – respondeu ele (não queria nada daquelas modernices com espuma de leite, notou ela), enquanto desdobrava uma folha de papel que trazia, lhe alisava os vincos e a estendia em cima da mesa à sua frente. Era o anúncio dela. Mas não o original, uma fotocópia. Monica sentiu que ficava corada.

– Terei razão em pensar que isto foi feito para mim? – perguntou Julian.

– Porquê, é artista? – gaguejou ela, como se fosse uma participante no painel do concurso televisivo *Question Time*, à procura da resposta certa, sem saber ao certo se deveria dizer a verdade ou confundi-lo.

Ele fitou-a nos olhos por algum tempo, como uma cobra a hipnotizar um pequeno arganaz.

– Sou – respondeu ele – e julgo que foi por isso que o seu anúncio foi afixado no muro dos Chelsea Studios, onde eu moro. E não foi só um exemplar, mas três. – Ele bateu três vezes com o dedo no papel que estava em cima da mesa, com ênfase. – Ora, poderá ter sido uma coincidência, mas ontem fui visitar o Almirante no Cemitério de Brompton, à minha hora habitual, e, em cima do túmulo dele, lá estava outra cópia do seu anúncio. Por isso, imaginei que devia ter encontrado o meu caderninho e queria falar comigo. A propósito, não percebi bem qual foi o tipo de letra que usou. Eu teria ficado com o Times New Roman. Não se pode errar muito com o Times New Roman, acho eu.

Por esta altura, Monica, ainda em pé junto da mesa de Julian, assemelhava-se muito a uma menina de escola travessa a ser repreendida pelo seu mestre. Ou melhor, ela sentia-se como imaginava que se sentiria, uma vez que nunca estivera nessa situação.

– Posso? – perguntou, gesticulando para a cadeira que estava diante de Julian. Ele inclinou um pouco a cabeça, num semiassentimento. Monica sentou-se e demorou um pouco a recompor-se. Não ia deixar-se intimidar. Imaginou a sua mãe.

Se te sentires ansiosa, Monica, imagina que és a Boudicca, a Rainha dos Celtas! Ou a Isabel I, ou a Madonna!

– A Mãe de Jesus? – perguntara ela.

Não, minha parva! És mesmo mansa e tansa! Eu estava a falar da estrela da pop. E a mãe dela rira-se tanto que os vizinhos até tinham batido na parede.

Por isso, Monica imaginou que era Madonna e lançou um olhar inabalável àquele homem bastante imponente e um pouco zangado que estava à sua frente.

– Tem razão, de facto apanhei o seu caderno, e o anúncio foi escrito para si, mas não o fui colar no seu muro, nem no Almirante. – Julian ergueu uma sobrancelha, numa impressionante demonstração de ceticismo. – Só fiz um exemplar e afixei-o na montra. – Ela indicou-lhe com a cabeça o espaço vazio onde estivera o cartaz.

– Isto é uma fotocópia. Eu não fiz isso. Gostava de saber quem foi. – A pergunta atormentava-a. Por que diabo alguém haveria de lhe roubar o seu cartaz?

– Bom, se não foi você, deve ter sido alguém que leu a minha história – disse Julian –, caso contrário, como haveriam de saber onde eu moro? Ou acerca do Almirante? Decerto não pode ser coincidência que a única lápide que ostentava uma cópia do seu cartaz fosse aquela que eu visito há quarenta anos?

O desconforto de Monica aumentou quando ela percebeu que, se mais alguém tinha lido a história de Julian, também deviam ter lido a sua. Arquivou mentalmente esse pensamento em «demasiado desconfortável para se pensar por enquanto». Sem dúvida que iria revisitá-lo mais tarde.

– Então, está interessado? – perguntou a Julian. – Quer dar uma aula de arte à noite para mim? No café?

A pergunta dela ficou a pairar no ar durante tanto tempo que Monica até pensou se deveria repeti-la. Mas então o rosto de Julian enrugou-se como uma concertina e ele sorriu.

– Bom, já que você e... mais alguém se deram a tanto trabalho, seria má educação não o fazer, não acha? A propósito, eu sou o Julian – disse ele, estendendo a mão.

– Eu sei – respondeu ela, apertando-lha. – E eu sou a Monica.

– Estou ansioso por trabalhar consigo, Monica. Tenho um pressentimento de que você e eu poderemos vir a ser amigos. – Monica foi preparar-lhe o café, sentindo que acabara de receber dez pontos para Gryffindor.

CAPÍTULO 9

Hazard

Hazard olhou para aquela praia em forma de meia-lua, orlada de palmeiras. O Mar do Sul da China era de um perfeito azul *Tiffany*, o céu sem nuvens. Se ele tivesse visto isto no Instagram, assumiria que a imagem fora tratada em Photoshop e com filtros. Mas, ao fim de três semanas ali, toda essa *perfeição* começava a bulir-lhe com os nervos. Durante a sua caminhada matinal pela praia (antes de a areia ficar demasiado quente para se andar descalço), dera por si a desejar encontrar um cagalhão de cão plantado no meio daquela areia muito branca e muito fina. Qualquer coisa que quebrasse aquela beleza monótona. Hazard sentia muitas vezes vontade de gritar por socorro, mas sabia que esta praia era como o espaço sideral; ninguém conseguia ouvir-nos gritar.

Hazard já estivera antes naquela ilha, há cinco anos. Ficara em Koh Samui com alguns amigos, e tinham vindo de barco até ali por alguns dias. Era demasiado remoto para ele, e ficara ansioso por voltar aos bares, aos clubes e às festas de lua cheia em Samui, para nem falar da corrente elétrica estável, da água quente e do acesso Wi-Fi. Mas, escondida entre as intermináveis recordações sujas e sórdidas dos encontros de uma noite, das mensagens de texto ébrias e inapropriadas e dos encontros com traficantes desonestos em vielas escuras, a memória deste lugar reluzira, como um oásis de tranquilidade no deserto inóspito da sua história recente. Por isso, quando por fim tomara a decisão de se limpar e resolver a sua vida, marcara uma passagem só de ida para aqui. Com certeza que esta ilha estava demasiado longe de qualquer coisa que pudesse metê-lo em sarilhos, e era suficientemente barata para que ele pudesse sobreviver durante meses, se necessário, com o último bônus do seu emprego.

Numa extremidade da pequena praia havia um café – o Lucky Mother – e no outro extremo um bar chamado Monkey Nuts (cujo nome advinha do único petisco que lá serviam). Penduradas entre ambos, como uma fiada de pérolas, mas sem esse brilho, havia vinte e cinco cabanas, erguidas entre as palmeiras com vista para o mar. A número oito pertencia a Hazard. Era uma simples estrutura de madeira, não muito maior do que o barracão do quintal do pai dele.

Havia um quarto, quase todo ocupado por uma cama de casal, envolta numa grande rede mosquiteira crivada de buracos suficientemente grandes para admitir o ingresso de hostes inteiras de insetos famintos. Um pequeno lavabo provido de retrete e de um chuveiro de água fria salientava-se num dos lados, como uma cápsula de fuga agarrada à nave-mãe. As janelas eram pouco mais que postigos, forrados com mais rede mosquiteira. As únicas outras peças de mobiliário eram uma mesa de cabeceira feita de um velho caixote de cerveja *Tiger*, uma única estante de livros, que albergava uma coleção heterogénea e eclética de volumes, legados a Hazard por viajantes que tinham seguido caminho, e alguns ganchos em que Hazard pendurava o sortido de sarongues que trouxera da cidade. Pôs-se a imaginar o que pensariam os seus antigos colegas se o vissem a passear-se por ali o dia inteiro vestindo apenas uma *saia*.

Hazard balouçava-se com suavidade numa cama suspensa, pendurada entre dois suportes em ambas as extremidades do passadiço de madeira que tinha a largura da sua cabana. Viu um pequeno barco a motor atracar na praia para recolher os cerca de quinze excursionistas que tinham vindo de Samui para passar ali o dia, deixando ficar apenas os residentes. O céu estava a tingir-se de uns impressionantes tons de vermelho e cor de laranja enquanto o Sol se afundava no horizonte. Hazard sabia que daí a poucos minutos estaria escuro. Por estes lados, muito perto do equador, o Sol fazia uma saída apressada. Não havia nada daquelas despedidas arrastadas, vistosas e provocantes a que ele se acostumara lá na sua terra – era mais como se apagassem as luzes no dormitório do colégio interno.

Ouviu o gerador do Lucky Mother começar a funcionar e sentiu um leve cheiro a gasolina com o som de Andy e Barbara (uma aproximação

ocidentalizada dos nomes tailandeses deles, julgava Hazard), a prepararem-se para confeccionar a refeição da noite.

Tinham passado vinte e três dias desde a última vez que Hazard tomara alguma bebida ou alguma droga. Tinha a certeza disso, porque andara a gravar um registo na base de madeira da sua cama, como se fosse um prisioneiro de Alcatraz e não um turista num dos recantos mais bonitos do mundo. Nessa manhã havia contado quatro pequenos grupos de cinco, e mais três. Tinham sido uns longos dias, pontuados por vagas de dores de cabeça, de suores e de tremores, e por noites com sonhos muito intensos, durante os quais ele revivia os seus excessos mais desvairados. Ainda na noite anterior sonhara que estava a cheirar uma linha de coca em cima da barriga contraída e bronzeada de Barbara. Mal conseguira olhar para ela durante o pequeno-almoço.

No entanto, Hazard começava a sentir-se melhor, pelo menos fisicamente. A confusão e a fadiga haviam começado a diminuir, mas tinham sido substituídos por um *tsunami* de *emoções*. Aqueles incómodos sentimentos de culpa, arrependimento, medo, tédio e pavor que ele sempre conseguira afugentar com uma dose de vodca, ou com uma linha de coca. Era assombrado por lembranças dos segredos divulgados por causa de uma boa anedota, das namoradas traídas por uma rapidinha no cubículo de uma casa de banho de discoteca, dos negócios desastrosos feitos à custa de uma sensação química de invulnerabilidade. E, no meio de toda essa horrível introspeção, muitas vezes ele dava por si a pensar nas histórias daquele caderno verde. Tinha visões de Mary a tentar ignorar as modelos de Julian, de Julian a despedaçar as suas telas a meio da noite, de Tanya esparramada em cima do passeio e de Monica a distribuir bolos e a sonhar com o amor.

Quando fora ao Monica's Café para devolver o caderno, Hazard percebera, para seu horror, que Monica era aquela mulher com quem ele colidira na véspera de se ter despedido do emprego e virado as costas a todos os resquícios da sua vida anterior. Fizera meia-volta, antes que ela o visse. Por isso, ainda tinha o caderno, e quanto mais o mantinha consigo, mais os segredos que ele continha se alojavam no seu cérebro e se recusavam a ceder. Pôs-se a pensar se Monica teria conseguido convencer Julian a dar aulas de arte, e que espécie de tipo seria mais adequado para ela.

O som do toque de uma sineta viajou pela praia. Sete da tarde. Hora de jantar. O Lucky Mother apenas servia uma refeição à noite. Era o único lugar onde se podia ir a pé para comer, e comia-se o que nos davam. Após décadas de infinitas opções, em que todas as decisões tinham subsecções – chá ou café? *Cappuccino*, Americano, com leite? Leite normal, magro ou de soja? –, ele achava curiosamente refrescante essa ausência de opções.

O restaurante aberto de um lado, com o seu chão de madeira e o telhado de colmo, estava equipado com uma grande mesa que o ocupava em todo o comprimento. Também existiam algumas mesas mais pequenas espalhadas por lá, mas os novos visitantes descobriam que a coisa mais acertada a fazer era juntarem-se ao grupo na mesa comunitária, a menos que alguém quisesse que o olhassem com desconfiança, imaginando o que teria a esconder.

Enquanto via os outros moradores da sua praia encaminharem-se em direção ao Lucky Mother, Hazard teve uma ideia. Muitas das pessoas que conheceu ali eram de Londres, ou tinham planeado no seu itinerário uma visita à cidade. Ele poderia verificá-los a todos e encontrar um namorado para Monica. Já sabia bastante acerca dela, afinal. Mais do que alguma vez se preocupara em descobrir sobre a maioria das suas namoradas. Ele poderia ser uma espécie de fada madrinha dela, o seu casamenteiro secreto. Iria ser divertido. Ou, pelo menos, seria algo para *fazer*.

Hazard sentou-se e, sentindo-se estimulado pela sua nova missão, mirou sub-repticiamente os outros comensais. Tanto quanto ele sabia, era agora o quarto morador mais antigo. A maioria das pessoas não ficava por ali mais de cinco dias.

Neil, o vizinho de Hazard na número nove, era quem estava ali há mais tempo. Quase um ano. Tinha inventado uma aplicação qualquer, que vendera a uma grande empresa de tecnologia e, desde então, fizera a vontade ao *hippie* que trazia dentro de si. Tentara ensinar Hazard a meditar, sentindo porventura o tumulto interior dele, mas Hazard não conseguira deixar de pensar nos pés de Neil, que estavam cobertos de pele morta e amarelada, e tinham umas unhas grossas e ásperas, como cascos. Isso deixava Neil fora da competição no novo jogo de Hazard. Por mais desesperada que Monica estivesse, jamais lavaria aqueles pés. Na verdade, pensou ele, era de uma lavagem que Neil

precisava. Tinha a noção de que Monica era alguém bastante atreita à higiene pessoal.

Rita e Daphne eram as outras duas moradoras antigas; ambas reformadas, uma era viúva, a outra nunca se casara, ambas ferozes defensoras das boas maneiras. Hazard viu Rita lançar um olhar fulminante a um dos comensais, que se esticara de repente diante dela para alcançar o jarro de água. Cada uma delas tinha a sua cabana. Em teoria, Daphne morava na número sete, mas Hazard, que passara a levantar-se cedo, só a vira entrar na cabana dela de manhã, e não a sair de lá, o que o levava a suspeitar que elas as duas andavam a desfrutar de uma aventura sáfica no outono das suas vidas. E por que diabo não?

Andy pousou em frente de Hazard, com um floreado, uma travessa que continha um grande peixe assado, grande o suficiente para ser partilhado por três ou quatro pessoas.

O olhar experiente de Hazard examinou a longa mesa, eliminando todos os casais, em várias fases de envolvimento amoroso, e todos os homens que tivessem menos de trinta anos. Mesmo que algum deles tivesse um espírito aberto para se ligar a uma mulher mais velha, se calhar não estaria pronto para toda aquela coisa da *procriação*, o que, para Monica, era o mais importante.

O olhar de Hazard captou por momentos duas raparigas californianas. Não teriam, supôs ele, mais de vinte e cinco anos e ostentavam aquela luminosidade jovial, inocente e cheia de frescura. Hazard pôs-se a pensar, indolente, se deveria atirar-se a uma delas. Talvez a ambas. Mas achava não estar apto a consegui-lo sem a falsa confiança de uma bebida, ou de uma linha, que o encorajasse a tal.

Agora que pensava nisso, a última vez que Hazard tinha feito sexo fora com Blanche. A bem dizer, ele não fazia sexo *sóbrio* desde... Retrocedeu na sua memória cada vez mais para trás até se estabelecer em *nunca*. A ideia era aterradora. Como era possível estar tão presente durante algo tão íntimo e tão revelador? Com certeza que todos aqueles apalpões, empurrões, gemidos, às vezes até peidos, seriam embaraçosos sem o efeito entorpecedor dos narcóticos? Talvez ele nunca mais voltasse a fazer sexo. De qualquer modo, esse pensamento quase era menos aterrorizador do que a ideia de nunca mais

voltar a tomar uma bebida ou uma droga, e nessa ele já andava a pensar há semanas.

Hazard voltou-se para o sueco que estava à sua esquerda, estendendo-lhe a mão. Pareceu-lhe ser um bom sítio para começar.

– Olá, deve ser novo por aqui. Eu sou o Hazard.

– Gunther – respondeu o outro, com um sorriso que exibia uma impressionante odontologia escandinava.

– De onde veio, e para onde vai? – Hazard recorreu ao lance de abertura que era habitual ali na ilha, um pouco como se discutissem o clima na terra natal. Não fazia sentido discutir o clima ali, porque era sempre o mesmo.

– Sou de Estocolmo, vou a caminho de Banguécoque, Hong Kong e a seguir Londres. E você?

Hazard felicitou-se mentalmente quando ouviu a referência a Londres. Aquilo poderia resultar.

– Sou de Londres, vim para aqui durante algumas semanas enquanto estou entre empregos – respondeu.

Hazard conversou com Gunther em piloto automático enquanto comia o seu peixe. Foi-lhe difícil concentrar-se na conversa, porque estava hipnotizado pela cerveja gelada de Gunther. A condensação escorria pelos flancos da garrafa de vidro. Hazard ficou preocupado com o facto de, caso não conseguisse encontrar outra distração, ser muito capaz de lhe arrebatara a cerveja e emborcá-la de um trago.

– Joga gamão? – perguntou-lhe, logo que acabaram de comer.

– Claro – respondeu Gunther.

Hazard dirigiu-se a uma das mesas do canto, no tampo da qual estava incrustado um tabuleiro de xadrez de um lado, e um tabuleiro de gamão no outro.

– Então, o que faz lá na sua terra, Gunther? – perguntou-lhe Hazard enquanto dispunham as peças.

– Sou professor – respondeu-lhe ele. – E você?

Isso, pensou Hazard, era uma notícia muito boa. Uma aptidão facilmente transferível, era bom com crianças e, observou ele enquanto olhava para as

grandes mãos de Gunther com as suas unhas limpas e bem aparadas, tinha níveis aceitáveis de higiene pessoal.

– Eu era banqueiro – respondeu Hazard. – Corretor de ações. Mas vou procurar uma nova carreira quando voltar para casa.

Gunther lançou um seis e um um. Hazard esperou que ele efetuasse a clássica jogada de bloqueio. Não a fez. Que amador. Para Hazard, isso seria uma linha vermelha. Lembrou-se que não estava a olhar para Gunther como um parceiro de vida para si, e que Monica seria menos exigente quanto à capacidade de jogar uma boa partida de gamão.

– Tem mulher lá na terra, Gunther? – perguntou Hazard, indo direito ao assunto. Não notara nenhuma aliança de casamento, mas era sempre sensato confirmar.

– Mulher, não. Namorada. Mas, como se diz em inglês? O que acontece pelo caminho fica pelo caminho, não é? – Indicou com um ar conspirativo as duas raparigas californianas.

Hazard sentiu o seu entusiasmo desvanecer-se como um balão rebentado. Um uso impressionante do idioma inglês, porventura, mas uma moral frouxa. Gunther, concluiu ele, com uma sensação de protecionismo paternalista que o surpreendeu, não iria de forma alguma passar no teste. Monica merecia melhor. Agora, com que rapidez conseguiria ele limpar do tabuleiro todas as peças de Gunther e ir para a cama?

Quando Hazard regressou à cabana número oito, segurando uma lamparina de óleo à prova de furacões, dado que o gerador ficava agora desligado durante a noite, descobriu que não estava cansado. Não queria, porém, ir juntar-se à multidão no Monkey Nuts; a ideia de ver as outras pessoas a beber álcool enquanto ele sorvia uma *Coca-Cola* sem açúcar era muito cansativa. Olhou para os livros que havia na sua estante. Já lera todos pelo menos uma vez, além do de Barbara Cartland que Daphne lhe oferecera. No dia anterior, por desespero, tentara ler o primeiro capítulo, mas aquilo fizera-o sangrar dos olhos. Viu então o caderninho de Julian a espreitar de lá, como se estivesse a implorar-lhe que pegasse nele. Hazard tirou-o da prateleira, pegou numa esferográfica, procurou a primeira página em branco e começou a escrever.

CAPÍTULO 10

Julian

Julian acordou com a sensação de que algo estava diferente. Demorou um pouco a descobrir o que era. Nestes últimos tempos sentia que a sua mente e o seu corpo funcionavam em velocidades díspares. O corpo dele acordava ao princípio da manhã, mas a mente demorava algum tempo a alcançá-lo, a descobrir onde ele estava e o que estava a acontecer. O que era estranho, pois ele encontrava-se sempre no mesmo lugar, e nunca havia nada a acontecer. Ocorreria um breve momento de intersecção, de sincronicidade, e depois – durante o resto do dia – o corpo dele ficava vários passos atrás da sua mente, esforçando-se por a acompanhar.

Enquanto pensava, Julian contemplou aquelas linhas verdes na parede ao lado da sua cama; diferentes tons, como umas folhas de erva sarapintadas pela luz do Sol. Mary tinha-as pintado quando andava a tentar decidir como iria redecorar o quarto deles. Por fim, não se escolhera nenhuma daquelas cores, e o quarto permanecera no mesmo tom de marfim sujo. Talvez Mary já soubesse nessa altura que não valeria a pena.

Por fim, Julian percebeu o que havia de novo nesta manhã: uma sensação de *propósito*. Hoje ele tinha coisas a fazer. Um compromisso. As pessoas estavam à sua espera. Confiavam nele. Lançou as cobertas para trás com mais entusiasmo do que era habitual, levantou-se da cama e desceu com cuidado a escada em espiral que levava do mezanino, onde tinha o seu quarto e a casa de banho, até à sala de estar aberta e à *kitchenette*. Aí, presa à porta do frigorífico, estava a sua lista.

1. Escolher traje

2. Recolher materiais

3. *Loja de arte*

4. *Acessórios*

5. *Estar na Monica às 19 h 00 em ponto*

Tinha sublinhado duas vezes o *em ponto*. Não porque fosse provável esquecer-se, mas porque desde há anos não precisava de estar *em ponto* em sítio nenhum, com a possível exceção do seu dentista, e isso causava-lhe uma curiosa excitação.

Após tomar o seu primeiro café forte do dia, Julian entrou no quarto de vestir. Nos tempos em que ele e Mary recebiam visitas noturnas aquele tinha sido o quarto de hóspedes, mas agora estava cheio de filas e filas de roupas de Julian, todas penduradas em varões de metal, com as botas e os sapatos alinhados por baixo. Julian adorava as suas roupas. Cada uma delas guardava uma lembrança – de uma época, de um acontecimento, de um caso amoroso. Se fechasse os olhos e inalasse extravagantemente, algumas ainda mantinham o cheiro de uma outra era – o doce caseiro de Mary, a cordite de uma queima de fogo-de-artifício num baile de máscaras em Veneza, ou as pétalas de rosa dos *confetti* de um casamento no Claridge's.

A *chaise longue* ao canto estava coberta com uma variedade de potenciais trajes para hoje, mas Julian decidira dormir sobre o assunto (não em sentido literal; isso só faria com que houvesse mais roupa para engomar). Hoje em dia vestir-se demorava-lhe tanto tempo que era crucial acertar a seleção do guarda-roupa antes de começar, senão poderia ficar ali o dia inteiro, a apertar e a desapertar botões com umas mãos cada vez mais incooperantes e artríticas. Lançou um olhar crítico às suas diversas opções, antes de se decidir pela mais discreta. Profissional. Com ar de trabalhador. Não queria que as suas roupas os distraíssem do assunto em causa – a aula de arte.

Em seguida Julian entrou no seu estúdio, que tinha o dobro da altura e estava inundado pela luz da claraboia de vidro e das janelas que iam do chão ao teto, e abriu a gaveta que dizia LÁPIS. Julian não era, por natureza, uma pessoa arrumada. Pelos padrões de qualquer outra pessoa, a moradia dele era um pouco confusa. Mas as duas áreas da sua vida que eram mantidas e arrumadas eram as suas roupas e os seus materiais de arte. Selecionou com todo o cuidado uma variedade de lápis, hastes de grafite e borrachas, alguns

relativamente novos, outros que datavam da época dos Beatles e tudo o que cabia entre ambos. Os lápis favoritos de Julian tinham sido afiados tantas vezes que já quase nem tinham comprimento suficiente para ele os segurar, mas não podia deitá-los fora. Eram velhos amigos.

Julian ficara bastante contente por ainda conseguir atrair uma multidão. Aquela senhora simpática, a Monica, tinha-lhe dito que iriam dez pessoas à aula dessa noite. E que até tivera de recusar outras! Parecia que ainda restava alguma vida no velho cachorro.

Julian deambulou pelo estúdio, recolhendo coisas que poderiam ser úteis aos seus novos alunos. Encontrou uma seleção de pranchas para eles fixarem as folhas de esboços. Retirou um sortido de tecidos dos manequins que eles estavam a cobrir, para os usar como panos de fundo. Vasculhou os seus livros de referência escolhidos com todo o esmero, para encontrar os que pudessem ser mais inspiradores para o *ingénue*. Tentou não se distrair com a sua coleção de catálogos de exposições organizada por ordem cronológica, pois estes poderiam transportá-lo de volta ao mundo londrino das artes nos anos de 1960, 1970 e 1980.

Monica ia cobrar quinze libras por cabeça pela aula de duas horas. Ele achara que isso era muito, mas ela mandara-o calar-se, dizendo-lhe: *Isto é Fulham. As pessoas pagam mais do que isso a quem lhes vai passear os cães*. Ele iria receber setenta e cinco libras por aquela sessão (uma pequena fortuna!), e Monica dera-lhe aquilo que ela descrevera como «um dinheirinho» para gastar na loja de arte em quaisquer materiais de que ele precisasse.

Julian verificou o seu relógio de bolso. Eram dez horas da manhã. A loja de arte devia estar a abrir.

QUANDO PASSOU pelo café, Julian viu Monica a abrir caminho entre a fila de pessoas que estavam ao balcão, transportando uma bandeja de bebidas. Monica, notara ele, nunca estava quieta. Mesmo quando estava sentada continuava animada, com o seu alegre rabo de cavalo escuro a balouçar de um lado para outro. Quando se concentrava em alguma coisa, ela enrolava uma madeixa de cabelo em volta do dedo indicador e, quando estava a ouvir

alguém, inclinava a cabeça para um lado, tal como fazia o seu antigo cão Jack Russell.

Julian ainda tinha saudades desse cão, do *Keith*. Falecera poucos meses depois de Mary. Ele culpara-se por estar tão envolvido no seu luto por Mary que não prestara a devida atenção ao animal. *Keith* fora definhando, tornando-se cada vez menos enérgico e menos animado, até que um dia deixara de se mover. Julian tentara imitar essa maneira lenta e determinada de partir, mas nisso, como em tantas outras coisas, havia falhado. Levou o corpo de *Keith* para o cemitério dentro de um saco de compras da Waitrose, daqueles que (por ironia) duram uma vida inteira, e, quando ninguém estava a olhar, enterrara-o ao lado do Almirante.

Monica parecia saber sempre o que estava a fazer e para onde ia. Enquanto a maioria das pessoas parecia ser arrastada pelas vicissitudes da vida, Monica parecia estar a dirigi-la, ou mesmo a combatê-la, a cada passo. Só a conhecia há cerca de uma semana, mas ela já parecia tê-lo escolhido e reorganizado tudo aquilo que o rodeava, colocando-o numa realidade estranha e maravilhosamente alterada.

Contudo, embora Monica já tivesse causado um grande impacto na sua vida, Julian estava ciente de que mal a conhecia. Apetecia-lhe pintá-la, como se os seus pincéis fossem capazes de desvendar as verdades sob aquela barreira protetora que ela parecia ter erguido à sua volta. Há quase quinze anos que Julian não tinha vontade de pintar alguém.

Quantas vezes, nos últimos anos, tinha Julian percorrido aquela rua maravilhando-se com todas as pessoas que passavam por si, imaginando para onde estavam elas a ir e o que andavam a fazer, enquanto ia pondo um pé à frente do outro sem nenhuma razão em particular, além do medo de vir a ficar tolhido se o não fizesse? Mas, hoje, ele era uma dessas pessoas; alguém que tinha um lugar onde estar.

Julian começou a cantarolar baixinho, o que fez com que algumas pessoas se voltassem para ele e lhe sorrissem enquanto passava. Nada habituado a suscitar tal reação, Julian mirava-as com desconfiança, e nesse momento elas aceleravam o passo e apressavam-se a seguir caminho. Chegado à loja de arte, pegou em vinte grandes folhas de papel de desenho e levou-as até à caixa. Não

havia, pensou ele, nada mais entusiasmante, nem tão assustador, do que uma folha de papel em branco.

– Vim comprar materiais para a aula de arte que ando a dar – disse ele ao caixa.

– Uh-huh – respondeu este. Não era aquilo a que se chamaria um conversador.

– Estou para saber se irão despontar alguns Picassos na aula desta noite – disse ele.

– Dinheiro ou cartão? – retorquiu o caixa. O distintivo que ele trazia na lapela ostentava cinco estrelas por atendimento ao cliente. Julian pôs-se a pensar como seriam os caixas que só tinham uma estrela.

Próxima paragem: os adereços.

Julian passou pela loja da esquina, onde grandes cestas de frutas e legumes transbordavam para a rua. Uma taça de frutos, talvez? Não. Aborrecido e já muito visto. Até uma aula para iniciados podia ser mais aventureira do que isso, não era? Então, tal como se o tivessem esbofeteado no rosto com um arenque molhado, foi atingido pelo cheiro que vinha da peixaria. Espreitou pela montra e ali estava: era mesmo aquilo.

CAPÍTULO 11

Monica

Monica olhou para o grande relógio de gare na parede do café. Dois minutos para as sete. A maioria dos que se haviam inscrito para a aula de arte já ali estava, a estimular os seus sucos criativos com copos de vinho tinto. Monica tinha oferecido o primeiro copo gratuito como um incentivo adicional para que as pessoas se inscrevessem. Encontrar alunos tinha sido um certo pesadelo. Ela tivera de pedir alguns favores. Convencera dois dos seus fornecedores a associarem-se ao evento, bem como o namorado de Benji, Baz. Até se sujeitara a namoriscar com o tipo que lhe limpava a montra para ele preencher o último lugar vago, enquanto pedia desculpa à memória de Emmeline Pankhurst. Tinha de ser. Agora, caso se incluísse, havia dez participantes. Um número respeitável. Se Benji conseguisse impingir mais alguns copos de vinho e outras bebidas em quantidade suficiente, talvez (depois de pagar a Julian e a Benji, e de comprar os materiais) ela conseguisse pagar as despesas, embora tivesse reduzido o preço da primeira aula para dez libras. Olhou de novo para o relógio. Esperava que Julian não tivesse perdido a coragem.

Havia um burburinho na sala, enquanto os alunos competiam para contar uns aos outros como eram desprovidos de talento artístico. Mas depois a porta abriu-se, e todos se calaram. Monica tinha-lhes dito que Julian era um pouco *excêntrico*. Também exagerara um bocadinho o currículo dele. Tinha a certeza de que na verdade ele não havia pintado o retrato da rainha. Mas nada poderia ter preparado aquela turma para a entrada de Julian. Ficou postado junto à porta, com uma vaporosa bata de artista, um chapéu de aba larga vermelho-escuro, uma gravata com padrões extravagantes e uns *tamancos*.

Julian fez uma pausa, como se quisesse que toda a turma o absorvesse. A seguir enfiou a mão por baixo da bata, e, com um floreado, tirou de lá uma grande lagosta. Baz engasgou-se e salpicou vinho tinto por cima de toda a mesa dez e da nova *T-shirt* SuperDry de Benji.

– Turma! – disse Julian, com uma pequena vénia teatral. – Aqui têm o tema de hoje.

– Meu Deus – balbuciou Baz, em voz baixa. – Aquilo ainda está *vivo*?

– Ele é bastante velho, mas ainda não está morto – replicou Benji.

– Eu estava a falar da lagosta, como é evidente – disse Baz, revirando os olhos.

– Não te faças tartamudo. Se ela está vermelha, isso quer dizer que foi cozida.

– O que é um tartamudo? É algum peixe? – perguntou Baz.

– Não, isso é um escamudo – disse Benji. – Em inglês, *pollock*.

– Julguei que o Pollock era um artista – respondeu Baz, já confuso.

Benji e Baz estavam ambos sentados na mesma poltrona, pois não havia cadeiras das mais pequenas que chegassem para todos. Baz sentara-se no estofado, e Benji estava empoleirado num dos braços. Ambos com vinte e poucos anos, tinham nomes que se combinavam de uma maneira agradável, lírica e aliterativa, mas fisicamente eram o oposto um do outro. Benji era um escocês ruivo que, num dia de cabelo despenteado e de frente para o vento, se parecia com o aspecto que imaginaríamos no Tintim se este tivesse crescido e atingido um metro e oitenta de altura. Baz, de origem chinesa, era baixo, moreno e rijo. Os pais de Baz geriam o restaurante chinês, que fora inaugurado pelos avós dele, em frente à Broadway, e as três gerações da família moravam no apartamento por cima da loja. A avó de Baz andava sempre à procura de uma rapariga jeitosa para o neto, o qual, no futuro, viria a mandar naquela cozinha movimentada.

Monica tinha disposto em círculo as mesas mais pequenas do café, com uma mesa maior no meio. Julian pousou a lagosta com toda a cerimónia numa bandeja trazida à pressa para a mesa central, e a seguir distribuiu o papel de desenho, as pranchas e uma seleção de lápis e borrachas.

– O meu nome – disse Julian – é Julian Jessop. E este elegante crustáceo chama-se *Larry*. Ele deu a vida para que vocês pudessem inspirar-se. Não permitam que ele tenha morrido em vão. – O seu olhar duro percorreu toda a classe, que ficara de boca aberta. – Vamos desenhá-lo. Não importa se já têm experiência ou não, façam o melhor que puderem. Eu vou andar por aí a ajudar. Esta semana trabalhamos só com o lápis. É que desenhar, sabem, está para a arte como a gramática está para a literatura. – Monica sentiu-se um pouco mais confortável. Ela adorava gramática. – Na próxima semana podemos passar para o carvão ou o pastel, e a seguir talvez para as aguarelas. – Julian acenou extravagantemente com o braço, fazendo a manga da sua bata esvoaçar como a asa de um albatroz gigante. A folha de papel de Monica voou para longe da mesa com a corrente de ar que daí resultou. – Apliquem-se! Sejam ousados! Sejam corajosos! Mas, acima de tudo, sejam vocês mesmos!

MONICA NÃO CONSEGUIA LEMBRAR-SE da última vez em que duas horas tinham passado tão depressa. Julian deslizara, em silêncio, pelo lado de fora do círculo, mergulhando neste de vez em quando para encorajar, para elogiar, para ajustar o tom de uma sombra, enquanto os seus alunos tentavam transpor para o papel aquela criatura de aparência pré-histórica. Monica sentiu-se satisfeita com as proporções do seu *Larry*, tinha-o medido com a maior precisão possível usando a técnica que Julian lhe ensinara, de erguer um lápis e fechar um olho. Não pôde deixar de pensar que uma régua seria mais precisa e eficaz. Mas estava bem ciente de como a sua lagosta tinha um aspecto bidimensional, como se tivesse sido esmagada por algum objeto pesado que caíra de grande altura. Sentiu Julian atrás de si. Este esticou-se por cima dela, com um lápis na mão, e esboçou com habilidade uma garra de lagosta no canto da página. Apenas com alguns traços, ele criara algo que parecia saltar para fora do papel.

– Aí tem. Está a ver? – perguntou-lhe ele. Sim, ela percebia a diferença, mas seria capaz de recriá-la? Não tinha esperança nenhuma.

Por vezes o silêncio era interrompido pelo toque dos telemóveis e pelos apitos de *voice mail*, do Twitter e do Snapchat. Julian percorrera toda a sala, e, ignorando os resmungos e os protestos, recolhera dentro do seu chapéu os

telefones de todos, que foram num ápice expulsos para trás do balcão. Monica apercebeu-se de que era a primeira vez desde há anos que passava duas horas sem olhar para o telefone, a não ser quando estava mesmo a dormir ou sem sinal. Era estranhamente libertador.

Às nove em ponto, Julian bateu palmas, fazendo metade da turma – absorta na sua concentração – dar um pulo.

– É tudo por esta semana, minhas senhoras e meus senhores! Foi um bom começo. Felicitações a todos vós! Não se esqueçam de assinar e datar os vossos desenhos e de os trazerem aqui para a frente, de modo a que todos possamos vê-los.

A turma avançou devagar, com uma certa relutância, segurando os seus esboços, os quais – apesar de todos eles terem estado a desenhar a mesma lagosta – eram muitíssimo variados. Julian conseguiu encontrar algo de positivo para dizer sobre cada um deles, indicando as composições invulgares, as observações de luz apelativas e as formas agradáveis. Enquanto Monica admirava a sensibilidade um tanto inesperada dele, na verdade só queria saber uma coisa: *Teria ela ganho?*

– Agora – disse Julian, voltando-se para Monica –, o que haveremos de fazer com o *Larry*?

– Hmm, comê-lo? – respondeu Monica.

– Era nisso mesmo que eu estava a pensar! Muito bem, precisamos de pratos, de guardanapos. Sobrou algum pão? Queijo? Talvez um pouco de salada?

Monica mal se atreveu a referir que não quisera dizer *agora*. Que aflição, isto estava a transformar-se num *jantar*. Sem um mínimo de planeamento ou de preparação. Com certeza que não poderia acabar bem?

Benji e Baz começaram a entrar e a sair da pequena cozinha trazendo de lá pratos, algumas baguetes que tinham sobrado da hora do almoço, metade de um queijo *brie* já muito curado, algumas peças aleatórias de salada e um enorme pote de maionese. Julian parecia ter trazido de algures uma garrafa de champanhe. Tê-la-ia escondido com *Larry* debaixo da sua bata? Que mais poderia ele ter enfiado lá? Monica estremeceu.

Daí a pouco, e ao contrário do que esperara, Monica descobriu que estava a entrar no ritmo dos acontecimentos. Tentando não pensar que a sua margem de lucro estava a diminuir, foi buscar algumas velas ao seu apartamento por cima do café. Não tardou que estivesse a decorrer uma festa.

Monica olhou para Julian, recostado na cadeira, a contar histórias sobre os anos de 1960.

– A Marianne Faithfull? Divertidíssima! Com cara de anjo, mas tinha uma gama de anedotas porcas melhor que a de um estudante ávido por sexo – ouviu-o ela dizer. À luz suave das velas, e com o rosto animado, por um momento ele pareceu-se com o seu retrato na National Gallery.

– Como era Fulham nessa época, Julian? – perguntou-lhe ela.

– Minha querida menina, era como o Oeste Selvagem! Eu estava mesmo na fronteira, e muitos dos meus amigos recusavam-se a aventurar-se mais para o interior do bairro. Era muito sujo, industrial e pobre. Os meus pais ficaram horrorizados e nunca vieram visitar-me. Só se sentiam contentes em Mayfair, em Kensington e nos concelhos dos arredores. Mas nós adorávamos. Todos cuidávamos uns dos outros. Um brinde ao *Larry*! – bradou ele, erguendo a sua taça de champanhe. – E, claro, à Monica! – acrescentou, enquanto olhava para ela e lhe sorria. – Por falar nisso, enfiem todos uma nota de dez no meu chapéu para pagar o jantar. Não queremos que ela fique depenada!

E, quando ouviu isso, Monica sorriu também.

CAPÍTULO 12

Hazard

Andy pousou uma grande travessa de peixe em cima da mesa. – Ena, que apetitoso! – disse o recém-chegado, com um sotaque que Hazard supôs ter sido inculcado por uma ama formada no Norland College, moldado num colégio privado de alguma província inglesa e aprimorado numa messe de oficiais. Ele parecia bastante desconfortável e desadequado ali, com as suas calças de algodão grosso e uma camisa de alfaiate, toda abotoada. Ao menos era de manga curta. Hazard estabeleceu como desafio para si mesmo enfiá-lo num sarongue antes que a semana chegasse ao fim.

Hazard já tinha feito algum trabalho preparatório. Sabia que aquele novato de cabelo escorrido, que estava para ali a zurrar, mas muito jovial e bem-intencionado, se chamava Roderick e era filho de Daphne. Tanto quanto Hazard percebia, ele estava inconsciente do grande caso amoroso da sua mãe com Rita. Tinha contado a Hazard que desistira de esperar que Daphne regressasse ao Reino Unido, e em vez disso decidira vir visitá-la por duas semanas. Não conseguia entender por que insistia ela em ficar ali tanto tempo, mas, se isso a ajudava a cumprir o luto pelo seu querido e falecido pai, então devia ser uma coisa boa para ela. Hazard assentira gravemente, sem lhe referir que não tinha visto a menor evidência de luto da viúva alegre.

– Onde mora, Roderick? – perguntou-lhe Hazard enquanto se servia de arroz e peixe.

– Em Battersea! – respondeu ele. – Sou agente imobiliário! – Roderick latia cada palavra com tanta energia e entusiasmo que Hazard não conseguia imaginar que ele alguma vez se sentisse negativo ou deprimido. Haveria de animar Monica sem parar, não era? Hazard gostava bastante dos agentes imobiliários, que estavam classificados ao lado dos banqueiros como as

peessoas mais odiadas do país. Monica não lhe parecia ser tão tacanha que decidisse rejeitar toda uma classe profissional, e ao menos isso significava ser muito provável que ele estivesse abastado, e fosse proprietário da sua casa. Battersea era outra vantagem. Do outro lado do rio, mesmo em frente a Fulham.

– Não trouxe a sua mulher consigo? – perguntou Hazard, tentando mostrar-se casual.

– Estou divorciado – respondeu Roderick, enquanto tirava pequenas espinhas de peixe pelo canto da boca, revelando, ao fazê-lo, uns níveis aceitáveis de higiene oral. Pousou-as ordenadamente numa borda do prato. – Tudo alegre e amigável, porém. Uma rapariga adorável. Namorados da infância. Cada um acabou por ir para seu lado. Sabe como é. – Hazard assentiu, com simpatia, embora de facto não soubesse como era, pois nunca tivera um relacionamento que durasse mais de alguns meses.

– Mas isso afastou-o do casamento? Acha que alguma vez voltará a casar-se?

– Bolas! Claro, era já. Melhor instituição do mundo. – A expressão dele suavizou-se quando olhou para Daphne, parecendo nem reparar que esta pousara a mão no joelho de Rita enquanto sussurrava ao ouvido desta. – Os meus pais foram muitíssimo felizes, sabe. Casados durante mais de quarenta anos. Espero que a mamã não se sinta muito solitária. – Pareceu bastante melancólico por um instante, e a seguir recompôs-se. – Não consigo safar-me muito bem sozinho, para ser franco. Preciso de alguém que me mantenha na linha, para nem falar dos cozinhados. Ah, ah! Só preciso de encontrar alguém tolo que me aceite!

Hazard rememorou a história de Monica no caderno: *Tento não ser muito exigente, ignorar o facto de eles não conhecerem nada de Dickens, terem as unhas sujas ou falarem com a boca cheia.*

– Suponho que não tenha trazido nenhuns livros consigo, ou trouxe? É que já se me acabaram. Adoraria ler um Dickens – disse Hazard, cruzando os dedos por baixo da mesa.

– Receio bem que só no *Kindle*, e eu não leio nada do Dickens desde que saí da escola.

Isso bastava. Hazard sorriu à socapa. Após várias semanas a examinar sem êxito todos os homens que tinham mais ou menos a idade certa, pareceu-lhe que poderia por fim ter resolvido o dilema.

Enquanto trocava gracejos com o seu recém-designado Romeu, Hazard apercebeu-se de que se sentia um pouco triste. Despojado. A sua demanda para amparar uma rapariga com a qual nunca havia falado poderia ter sido um pouco estranha, mas pelo menos desviara-lhe a atenção dos seus problemas. O que iria ele fazer agora?

Monica e Roderick. Roderick e Monica. Hazard imaginou Monica olhando de novo para si, mas desta vez com uma expressão da mais profunda gratidão, onde houvera repulsa. Ora, como iria ele organizar um encontro dos seus dois infelizes amantes quando se encontrava do outro lado do mundo? Foi então que se lembrou do caderno. Tinha de encontrar uma maneira de o plantar na bagagem de Roderick. O caderno levá-lo-ia até ela.

Hazard estava prestes a regressar à sua cabana para ir buscar o caderno quando se lembrou do teste final, que era o mais importante de todos.

– Você e a sua mulher tiveram filhos? – perguntou a Roderick.

– Uma. A Cecily – respondeu ele, com um sorriso pateta no rosto, enquanto procurava uma fotografia na carteira. Como se Hazard se importasse com o aspecto dela. Tudo o que lhe importava era a resposta à próxima pergunta.

– Gostaria de ter mais filhos, um dia? Se encontrasse a mulher certa?

– Não há hipótese disso, meu caro. Fizeram-me o corte. A minha mulher insistiu, disse que não ia passar por aquilo tudo outra vez. Sabe como é: gravidez, fraldas, noites sem dormir. – Hazard não sabia. Nem queria saber, pelo menos agora. – Essa foi uma das coisas sobre as quais discutimos. O princípio do fim, e eu só queria que ela fosse feliz. Além disso, ou era assim ou não havia ação nenhuma no quarto. Ah, ah!

– Ah, ah – ecoou Hazard, gemendo, porque, nesse caso, todos os planos que já elaborara, como a contagem de esperma de Roderick, haviam sido frustrados. A coisa da reprodução não era negociável para Monica. Ele tinha de riscar Roderick da sua lista e começar de novo.

NAS SEMANAS SEGUINTEs, Hazard pensou muitas vezes em desistir do seu jogo de casamenteiro. Parecia ser muito improvável que o homem certo aparecesse naquela pequena praia daquela pequena ilha. Mas, como tantas vezes acontece, logo que ele decidiu deixar de tentar, como se o universo se houvesse enamorado do acaso, a solução perfeita veio cair-lhe no colo.

CAPÍTULO 13

Julian

Julian mal podia acreditar no quanto a sua vida havia mudado desde que deixara aquele caderno no café de Monica cinco semanas antes. Não sabia ao certo o que tinha imaginado que aconteceria quando iniciara *O Projeto da Autenticidade*, mas decerto não esperara vir a ter um emprego e um grupo de pessoas que estavam prestes a tornarem-se seus amigos.

Tinha ido até ao túmulo do Almirante na última sexta-feira, como de costume, com o seu frasco de *Bailey's*, e quando chegara perto julgara que a sua mente estava a pregar-lhe partidas. Como não era incomum que o passado e o presente colidissem na cabeça dele, não ficou surpreendido quando viu dois velhos amigos à sua espera, empunhando uns copos e uma garrafa de vinho. Mas desta vez não era uma memória, eram Benji e Baz (que rapazes tão simpáticos). Monica devia ter-lhes dito onde poderiam encontrá-lo.

Apercebeu-se de que os seus passos tinham adquirido um ligeiro impulso, quando até há pouco se limitava a arrastar os pés. Onde estaria agora, pensou ele, aquele caderninho que causara tal transformação? O seu projeto teria terminado tão cedo assim, ou andaria algures pelo mundo a tecer mais magia?

Esta noite era a terceira semana da sua aula de arte. Passara a ter quinze alunos, à medida que a notícia se espalhara, auxiliada pelo facto de Monica ter afixado alguns dos melhores esboços de *Larry* no painel de avisos do café. Os jantares casuais, mas ruidosos, depois da aula (pelos quais se continuava a cobrar dez libras no chapéu) tinham-se revelado tão empolgantes como a turma. Esta noite ele trouxera de casa uns chinelos de veludo, um livro encadernado em couro e um velho cachimbo, que dispusera sobre uma faixa de tecido estampado compondo um cenário na mesa central. Tendo já abordado a importância do matiz, ao usar lápis e carvão, trouxera caixas de

pastel para a primeira incursão nas cores, e estava a mostrar à turma algumas técnicas simples.

Julian pusera a circular entre os alunos alguns exemplos de pastéis de Degas, para que se inspirassem, quando ouviu um barulho atrás de si, e quando se virou viu alguém a tentar fazer rodar o puxador. Monica empurrou a cadeira para trás e foi abrir a porta.

– Queira desculpar, mas estamos fechados – ouviu-a dizer. – É uma aula de arte particular. No entanto, ainda pode participar, se tiver quinze libras e conhecimentos suficientes.

Quando Monica se juntou de novo ao grupo trazendo um jovem a reboque, tornou-se óbvio para Julian porque não o tinha mandado embora. Imaginou que ele não era o tipo de homem que costumasse ser rejeitado. Mesmo com o seu olhar crítico para a simetria facial e a estrutura óssea subjacente, tinha de admitir que o recém-chegado era bonito. Pele morena, e olhos de um castanho mais escuro ainda, mas com uma cabeleira de caracóis rebeldes e improvavelmente louros. E como se isso não fosse encantador o suficiente, ele virou-se para o grupo e cumprimentou-o com um «Tudo bem, malta? Eu sou o Riley», com uma pronúncia australiana que trazia a praia consigo.

Monica foi buscar mais uma folha de papel e pousou-a na mesma mesa em que estava sentada, puxando outra cadeira e afastando as suas coisas para criar espaço.

– Faça o melhor que puder, Riley – ouviu-a ele explicar. – À exceção de Julian, nós aqui somos todos amadores, por isso não fique envergonhado. Eu sou a Monica, já agora. – Todos os outros que estavam em redor se foram apresentando por sua vez, terminando em Julian, que anunciou o seu nome com uma vénia teatral e um floreado do chapéu de aba larga que escolhera nessa manhã para combinar com o seu fato de linho creme, fazendo cair ao chão três telemóveis. Com um gesto do braço, ele transformara o seu aspecto de proprietário de plantação no de um carteirista.

Julian já tinha notado como cada novo elemento que ingressava na turma alterava a dinâmica e o estado de espírito de todo o grupo, como quando se misturava uma nova cor numa paleta. Riley tinha acrescentado o amarelo. Não um amarelo-pálido, um amarelo-cádmio profundo ou um ocre-escuro, mas o

amarelo quente e brilhante do Sol. Todos pareciam um pouco mais calorosos, mais animados. Sophie e Caroline, as duas mães de meia-idade que se sentavam sempre juntas, a trocaram todos os mexericos de que se lembravam enquanto desenhavam, viraram-se para ele como uns narcisos à procura da luz. Baz parecia embevecido, e Benji um pouco ciumento. Riley parecia inconsciente do efeito que estava a ter, da mesma forma que uma pedra não vê as ondulações que forma num lago. Franziu a testa ao concentrar-se no papel de esboço preto que tinha à sua frente.

Sophie segredou qualquer coisa a Caroline ao mesmo tempo que apontava a cabeça na direção de Riley. Caroline soltou uma gargalhada.

– Para! – disse ela. – Por favor, não me façam rir. Depois de três filhos, o meu pavimento pélvico não aguenta.

– Eu não faço ideia do que seja esse *pavimento pélvico* – disse Julian – mas, na próxima vez, por favor deixe-o em casa para ele não vir atrapalhar a minha aula de arte. – Isso ia ensinar-lhes como era, pensou, e ficou um pouco irritado quando Sophie e Caroline se riram ainda mais.

Julian iniciou o seu habitual circuito pela sala, acrescentando uma palavra de encorajamento aqui, uma mancha de cor ali, uma rápida correção da proporção ou da perspectiva. Quando chegou a Monica, sorriu. Monica era uma das suas alunas mais diligentes. Ouvia com muita atenção, e estava interessada em fazer aquilo bem. Mas hoje, pela primeira vez, ela estava a desenhar com o coração, e não apenas com a cabeça. Os traços dela tinham-se soltado, tornando-se mais instintivos. Enquanto a via rir-se e gracejar com Riley, percebeu o que fizera a diferença: ela deixara de se esforçar tanto.

Julian pensou, por um instante, se poderia estar a assistir ao início de um romance. Um grande caso de amor, porventura, ou apenas um breve interlúdio. Mas não. Um dos benefícios de se ser *um artista* é que se passava muito tempo a observar as pessoas, a olhar não apenas para todos os tons e contornos dos seus rostos, mas para as suas almas. Isso dava-nos uma visão quase sinistra. Ganhava-se, sobretudo quando se chegava à idade de Julian, a capacidade de ler as pessoas e de saber como elas iriam reagir. Monica, Julian já percebera isso, era demasiado independente, demasiado motivada e concentrada para se deixar distrair por uma cara bonita. Tinha ambições mais

elevadas do que o casamento e os bebês. Essa era uma das coisas que admirava muito nela. Mesmo nos seus tempos áureos, não se teria atirado a Monica. Ela tê-lo-ia aterrorizado. Riley, supôs ele, estaria a perder o seu tempo.

CAPÍTULO 14

Monica

Aquele barulho da porta deixara Monica irritada. Ela estava profundamente concentrada, a tentar recriar o tom certo de vermelho-escuro para os seus chinelos. Levantara-se para ir mandar embora o visitante indesejado, mas, quando abriu a porta e deparara com um homem de sorriso tão fascinante, dera por si a mandá-lo entrar e a abrir espaço no seu círculo. Ao pé de si.

Monica não era lá muito boa com estranhos. Em geral ficava demasiado preocupada em causar a impressão certa para conseguir descontraír-se. Nunca se esquecera de que antes da sua primeira grande entrevista de emprego lhe tinham dito que 90% da opinião que as pessoas têm sobre nós é formada nos primeiros dois minutos. Mas Riley não era o tipo de homem que alguma vez se sentisse um estranho. Pareceu encaixar-se no grupo deles, como se fosse o ingrediente final de uma receita. Será que ele se adequava assim a todos os lugares onde ia? Que habilidade extraordinária. Ela tinha sempre de se esforçar para penetrar num círculo, nem que fosse à cotovelada, ou então ficava do lado de fora, a esticar o pescoço para espreitar.

– Há quanto tempo está em Londres, Riley? – perguntou-lhe ela.

– Desembarquei do avião anteontem. Saí de Perth há dez dias, e fiz algumas paragens pelo caminho. Estou em casa dos amigos de uns amigos, em Earl's Court.

Todo o comportamento de Riley era afável e descontraído, em contraste com a rigidez da maioria dos londrinos. Tinha descalçado os sapatos e estava a abanar para trás e para diante um dos pés descalços e bronzeados. Monica pôs-se a pensar se ainda haveria grãos de areia entre os dedos dos pés dele. Repeliu o desejo de deixar cair um lápis só para ter uma desculpa para se

enfiar por baixo da mesa e ir verificar. *Para com isso*, Monica, repreendeu-se ela, lembrando-se de um dos provérbios favoritos da sua mãe: *Uma mulher precisa tanto de um homem como um peixe precisa de uma bicicleta*. Mas às vezes era tudo muito contraditório. Como se podia coadunar isso com o *Não deixes para muito tarde criar uma família*, Monica. *Nada traz mais alegria do que a família?* Até a Emmeline Pankhurst tinha marido e filhos – cinco. Gerir a vida como devia ser não era fácil.

– Já estive em Londres? – perguntou ela a Riley.

– Não. Na verdade, é a primeira vez que venho à Europa – respondeu ele.

– Amanhã vou fazer compras ao Borough Market. Quer vir? É uma das minhas partes favoritas de Londres – disse-lhe ela, quase antes de se aperceber do que estava a fazer. De onde saíra aquilo?

– Adoraria ir – respondeu ele com um sorriso que pareceu genuíno. – A que horas sai? Eu não tenho planos nenhuns. – Como alguém podia não ter planos? E ele nem lhe perguntara o que era, ou onde ficava, o Borough Market. Monica nunca teria acedido a ir a um encontro sem as devidas e necessárias diligências. Mas ficou muito contente por ele o ter feito.

– Por que não vem ter comigo aqui por volta das dez? Depois da correria do princípio da manhã.

MONICA TINHA ACRESCENTADO um camisolão vermelho-vivo, umas botas de salto raso, uns grandes brincos de argola e uma pitada de batom vermelho à sua roupa de trabalho, a camisa branca e as calças pretas. Continuava a lembrar a si mesma que aquilo era uma *viagem de trabalho* e não um encontro. Riley queria conhecer melhor Londres; ela precisava de ajuda para trazer os sacos de compras. Se aquilo *tivesse sido* um encontro, ela teria agonizado durante dias sobre o que haveria de vestir, planeado algumas anedotas espirituosas que pudessem ser lançadas casualmente na conversa, caso fosse oportuno, e procurado locais potenciais para qualquer alteração inesperada dos planos. A preparação é a chave para uma espontaneidade eficaz. Não que isso tivesse dado resultado até agora, pensou Monica, lembrando-se de Duncan, o *vegan* apaixonado por abelhas. Sondou esse pensamento, como se

verificasse um dente dorido, para ver se ainda a magoava. Nada mais que uma dor atordoada. Bom trabalho, Monica.

Riley chegara atrasado. Ela sabia que tinha dito *por volta das dez* (estava a tentar mostrar-se descontraída e casual), mas queria dizer dez, claro. E não dez e trinta e dois. Mas ficar zangada com Riley era como pontapear um cachorrinho. Ele era tão animado e entusiástico em relação a tudo, e tão diferente dela, que o achava intrigante, embora um pouco cansativo. Também era lindo de morrer, pensou ela, e a seguir censurou-se por ser tão trivial. A objetificação sexual era reprovável, em quaisquer circunstâncias.

– Gostava que os meus irmãos e as minhas irmãs pudessem ver tudo isto – disse Riley enquanto eles serpenteavam por entre as bancas. As diversas culturas e influências que compunham o ambiente de Londres entrechocavam-se ali, assolando os sentidos e disputando a tradição.

– Eu gostaria de *ter* irmãos e irmãs – disse Monica. – Fui uma filha única muito ansiada.

– Inventou um amigo imaginário? – perguntou Riley.

– Não, na verdade não. Isso significa que tenho uma terrível falta de imaginação? Mas dei nomes a todos os meus ursinhos de pelúcia, e todas as noites os marcava num registo. – Ai, meu Deus, estaria ela a divulgar demasiadas coisas? Estava *mesmo* a divulgar demasiadas coisas.

– Eu passava todo o meu tempo livre em Trigg Beach a surfar com os meus irmãos mais velhos. Eles começaram a levar-me para lá quando eu era tão pequeno que ainda nem conseguia transportar a minha prancha – disse-lhe Riley. Juntaram-se à fila para os pãezinhos com carne de porco desfiada. – Adoro comida de rua, e de comer com os dedos, você não gosta? – perguntou Riley. – Quero dizer, afinal quem inventou as facas e os garfos? Que desmancha-prazeres!

– Na verdade, para ser franca, a comida de rua deixa-me um bocadinho nervosa – disse Monica. – Tenho a certeza de que não têm inspeções regulares da segurança alimentar, e *nenhum* deles tem exposto um certificado de higiene alimentar.

– Tenho a certeza de que é tudo seguro – disse Riley. Monica adorou esse otimismo, mas considerou que ele era perigosamente, ainda que docemente,

ingénuo.

– É mesmo? Olhe para a senhora que está a servir. Não usa luvas, apesar de estar a cozinhar e ao mesmo tempo a lidar com todo aquele dinheiro, que é um autêntico leito de bactérias. – Monica sabia que com certeza estava a dar uma imagem de si que era um pouco obsessiva. Era possível, e a bem dizer provável, que Riley se interessasse muito menos pela segurança alimentar do que ela. Também deu por si a corar quando usou a palavra «leito». Controla-te, Monica.

Ao fim de algum tempo, porém, Monica percebeu que, ao contrário ao que esperava, estava a gostar de ser o tipo de rapariga que comia com os dedos no meio da rua, na companhia de um homem lindo que ela mal conhecia. Estava a ser imprudente. De repente o mundo parecia-lhe muito maior e mais carregado de possibilidades do que até há poucos momentos. Avançaram para uma banca que vendia churros mexicanos, ainda quentes, cobertos com açúcar e mergulhados em chocolate derretido.

Riley esticou o polegar e esfregou-o com suavidade no canto da boca dela.

– Ficou aí um bocadinho de chocolate – disse-lhe ele. Monica sentiu um desejo muito mais forte que o do açúcar. Percorreu a sua lista mental de todas as razões pelas quais as visões ardorosas, mas indesejadas, que se lhe haviam metido na cabeça jamais viriam a ser realidade: *Riley estava apenas de passagem. Na realidade não fazia sentido envolverem-se. Riley tinha apenas trinta, era sete anos mais novo que ela. E parecia ainda mais jovem; um rapazinho perdido na Terra do Nunca. Em todo o caso ele nunca se interessaria por si. Ela sabia mais ou menos qual era o seu lugar na escala da atração.* Riley, com aquela sua beleza exótica (pai australiano, mãe balinesa, descobrira ela) estava *muito* fora do seu alcance.

– Devíamos voltar para o café – disse ela, ciente de que, se já tivesse sido lançado algum feitiço, estava agora a quebrá-lo.

– Os seus pais também são apaixonados pela comida, Monica? Foi daí que trouxe o jeito? – perguntou-lhe Riley, enquanto passavam por uma banca a abarrotar de cestas de azeitonas em todos os tons de verde e de preto.

– Na verdade, a minha mãe já faleceu – respondeu Monica. Por que dissera tal coisa? Seria de pensar que, por esta altura, ela já soubesse a rapidez com

que isso podia prejudicar uma conversa. Continuou a falar, num fluxo torrencial de palavras, para evitar qualquer pausa que Riley sentisse a necessidade de preencher. – A nossa casa estava cheia de alimentos pré-cozinhados... puré de batata instantâneo, panquecas da Findus e, para as ocasiões especiais, peitos de frango recheados da Marks & Spencer. A minha mãe era uma feminista fervorosa, percebe. Ela achava que cozinhar a partir do zero era uma submissão ao patriarcado. Quando a minha escola anunciou que as meninas iriam ter uma disciplina de economia doméstica enquanto os meninos trabalhavam em madeira, ela ameaçou acorrentar-se ao portão da escola se eu não tivesse possibilidade de escolha. Eu sentia muita inveja das minhas amigas, que levavam para casa uns bolos muito bem decorados enquanto eu me esfalfava a fazer uma gaiola para pássaros mal-enjorcada.

Monica lembrava-se muito vividamente de ter gritado à mãe: *Tu não és a Emmeline Pankhurst! És só a minha mãe!*

A mãe respondera-lhe, numa voz cortante como aço: *Todas nós somos Emmeline Pankhurst, Monica. Caso contrário, para que serviu tudo aquilo?*

– Aposto que a sua mãe ficaria muito orgulhosa de si agora, Monica. Por ter montado o seu negócio – disse Riley.

Era a coisa tão certa a dizer que Monica sentiu formar-se-lhe um nó na garganta. Oh, meu Deus, por favor não chores. Imaginou de novo que era Madonna. A Madge nunca, mas nunca, se permitiria chorar em público.

– Sim, acho que ficaria. Na verdade, essa foi uma das principais razões pelas quais abri o café – disse ela, conseguindo afastar o tremor da sua voz. – Porque sabia como ela teria gostado.

– As minhas condolências pela sua mãe – disse-lhe Riley, pondo o braço sobre o ombro dela, de forma um pouco desajeitada por estar a transportar muitos dos sacos de compras.

– Obrigada – respondeu Monica. – Já foi há muito tempo. Mas nunca compreendi *porquê ela*. Uma espalha-brasas, muito animada e ativa. Seria de esperar que o cancro escolhesse um alvo mais fácil. Ela detestava que as pessoas lhe falassem de «lutar» ou de «combater» a doença. Dizia-me: *Como hei de lutar contra uma coisa que não consigo ver? Este terreno de jogo não está equilibrado, Monica.*

Continuaram a andar lado a lado, num silêncio que Monica se sentiu contente por Riley não tentar preencher, e depois ela fez a conversa regressar às estruturas de preços, o que a deixou muito mais confortável.

– Não sei se conseguirei suportar este clima por muito mais tempo. Em que estava eu a pensar quando vim para Inglaterra em *novembro*? Nunca estive em nenhum sítio tão frio – disse-lhe Riley enquanto atravessavam a Ponte de Londres para regressar à margem norte do rio. – Só tinha espaço na minha mochila para roupas leves, por isso tive de comprar este sobretudo para não morrer gelado. – A pronúncia australiana dele transformava qualquer afirmação numa pergunta. O vento aumentou de intensidade e fustigou os longos cabelos escuros de Monica, espalhando-lhos sobre o rosto.

Pararam por um minuto, a meio da ponte, para que Monica lhe pudesse indicar alguns dos monumentos que orlavam o Tamisa – a Catedral de São Paulo, o HMS *Belfast* e a Torre de Londres. Enquanto ela falava, aconteceu algo extraordinário. Riley, segurando ainda uma braçada de caixas e de sacos, inclinou-se para ela e *beijou-a*. Assim de repente. A meio de uma frase.

Não se fazia uma coisa dessas, pois não? Na época em que estamos, era inapropriado. Era preciso pedir *autorização*. Ou, pelo menos, aguardar algum sinal. Ela estava a dizer-lhe que *se os corvos da Torre de Londres voarem para longe, diz a superstição que a Coroa e o país irão cair*, e tinha toda a certeza de que essa frase não poderia ser interpretada como um convite. Esperou que o seu sentimento de indignação aumentasse. Em vez disso, deu por si a beijá-lo também.

Fragilidade, teu nome é mulher!, pensou ela, ao que depressa se seguiu um *oh, que se lixe*. Apegou-se, desesperadamente, à sua lista mental de razões pelas quais isto *não era uma boa ideia*. Depois, quando ele a beijou outra vez, rasgou a lista ao meio, desfê-la em pedaços, deitou esses pedaços por cima do corrimão da ponte e ficou a vê-los flutuar como flocos de neve até ao rio lá em baixo.

Riley nunca seria uma proposta sensata a longo prazo, era muito diferente dela, muito novo, muito transitório, e até seria capaz de apostar que ele nunca lera nada de Dickens. Mas talvez ela pudesse ter apenas um namorico? Ver o

que acontecia. Ser espontânea. Talvez ela pudesse experimentar essa personagem, como se fosse uma roupa extravagante, só por algum tempo.

CAPÍTULO 15

Riley

Durante a sua viagem para Heathrow, Riley passara várias horas fascinado pelo mapa de voo exibido no ecrã à sua frente, que mostrava um pequeno avião a avançar pelo hemisfério norte. Até à semana anterior ele nunca tinha cruzado o equador. Seria verdade que em Inglaterra a água girava na direção oposta quando se escoava pelo ralo? Achava que não iria conseguir descobrir, porque nunca tinha reparado em que direção ela girava lá na sua terra. Quero dizer, por que uma pessoa iria prestar atenção a uma coisa dessas?

Estendeu a mão para a mochila que estava aos seus pés para procurar o romance de mistério que andava a ler, e tirou de lá um caderno verde-claro. Não era seu, embora lhe fizesse lembrar o caderno que ele usava lá na terra para apontar as encomendas dos clientes para o seu negócio de jardinagem. Por um instante pôs-se a pensar se teria trazido a mochila errada, mas tudo o resto que lá estava dentro era seu; o passaporte, a carteira, os guias de viagem, e uma sanduíche de frango, carinhosamente embalada por Barbara. Virou-se para a mulher de meia-idade com aspecto amistoso que estava sentada ao lado dele.

– Isto é seu? – perguntou-lhe, julgando que ela pudesse ter confundido a bagagem dele com a sua, mas a mulher disse-lhe que não com a cabeça.

Riley virou o caderno para lhe ver a capa. Nesta estavam as palavras *O Projeto da Autenticidade. Autenticidade*. Ótima palavra. Havia nela algo que era mesmo *britânico*. Fê-la rebolar na boca, experimentou dizê-la em voz alta. Prendia-lhe a língua, era como se ele tivesse uma qualquer deficiência de fala. Riley abriu o caderno na primeira página. Como ainda faltavam oito horas, mais valia ver o que havia nele, já que parecia ter vindo à boleia na sua bagagem.

Riley leu a história de Julian e a de Monica. Julian parecia uma personagem como devia ser, tal e qual como ele imaginara que eram os ingleses. Monica precisava de se descontraír um pouco. Ela devia era ir morar para a Austrália! Não tardaria a descontraír-se e a ter uma ranchada de filhos meio australianos a correrem aos seus pés e a deixá-la louca. Procurou Fulham no guia de Londres de A a Z, que um cliente lhe tinha oferecido como presente de despedida. Era logo ao virar da esquina de Earl's Court, para onde ele ia. Que coincidência. Era esquisito pensar que se tratava de umas pessoas que ele nunca conhecera, mas cujos segredos mais profundos conhecia agora.

Passou para a página seguinte, onde a caligrafia mudava da letra elegante e arredondada de Monica para uns rabiscos mais casuais, como se algum inseto tivesse atravessado uma poça de tinta antes de morrer.

Chamo-me Timothy Hazard Ford, mas quando se tem um nome do meio como Hazard, ninguém nos trata por Timothy, e por isso durante a maior parte da minha vida fui conhecido como Hazard Ford. Sim, já ouvi todas as piadas a respeito de isso soar como um sinal de trânsito. Hazard era o apelido do meu avô materno, e usá-lo como um dos meus apelidos foi provavelmente a coisa menos convencional que os meus pais alguma vez fizeram. A partir daí, toda a vida deles foi dominada pela pergunta: «O que irão pensar os vizinhos?»

Hazard. Riley sabia muito bem quem ele era. Aquele antigo banqueiro que ele tinha conhecido durante a sua última paragem na Tailândia, aquele que se mostrara muito interessado na vida de Riley e nos seus planos. Como o caderno de Hazard tinha ido parar à sua mochila? Como diabo iria devolver-lho?

Já leu as histórias de Julian e de Monica. Como eu nunca conheci Julian, não posso dizer-lhe mais nada acerca dele, mas posso falar mais um pouco sobre Monica. Moro a poucos minutos de distância do café dela (que fica no número 783 da Fulham Road, já agora, ao lado da Livraria Nomad. Vai precisar dessa informação!), e por isso entrei lá depois de ler a história dela.

Vai precisar dessa informação? Com quem estaria Hazard a falar?, pensou Riley. Ele já iria descobrir.

Só fui lá para lhe devolver o caderno, mas nunca cheguei a fazê-lo. Em vez disso, trouxe-o comigo para a Tailândia, para uma pequena ilha chamada Koh Panam.

Andei numa escola para rapazes que admitiu raparigas no sexto ano. Quando as novas raparigas entraram pela primeira vez nos refeitórios, cada um de nós erguia um cartão de pontuação para lhes dar notas de um a dez. Não estou a brincar. Agora sinto-me muito mal com isso. Em todo o caso, se Monica tivesse entrado naquele refeitório, eu dava-lhe um oito. A bem dizer, como eu era uma massa furiosa de hormonas e de desejos insatisfeitos, teria aumentado isso para nove.

Está em boa forma, a Monica. É esbelta, tem umas feições bonitas, um nariz arrebitado e um cabelo como o de um pónei de exposição. Mas tem uma intensidade que me repele ao ponto de me aterrorizar. Ela faz-me sentir que devo estar a fazer algo de errado (e estou, para ser franco). É o tipo de pessoa que organiza todas as latas nos armários de modo a que a frente fique voltada para o exterior, e que arruma todos os livros nas estantes por ordem alfabética. E tem um ar de desespero que eu poderei estar a exagerar na minha imaginação porque já li a história dela, mas que me dá vontade de fugir para o alto dos montes. Ela também tem o irritante hábito de obstruir o passeio público, mas isso é outra história.

Em suma, Monica não é o meu tipo. Mas espero que seja o seu, porque, como pode ver, aquela rapariga precisa de um homem bom, e espero que seja um homem melhor que eu.

Não sei se o plano de Monica para ajudar Julian com anúncios para um professor de arte deu resultado, mas sei que não teria resultado se eu tivesse deixado isso a cargo dela. Ela tinha afixado um cartaz, bastante inadequado, na montra do café, que não tinha qualquer hipótese de ser notado por ele. Por isso, dei-lhe uma ajudinha. Arranquei de lá o cartaz, fui à loja de fotocópias mais próxima e fiz cerca de dez exemplares que afixei nas imediações dos Chelsea Studios. Até encontrei o túmulo do Almirante, o tal que Julian tinha referido, e fui lá deixar um. Quase perdi o meu voo por ter andado a deambular pelo maldito cemitério. Quando agora penso nisso, vejo que não estava a ser altruísta. Era uma atividade de substituição. Concentrar-me na campanha publicitária de Monica impediu-me de ir à loja comprar vodca para a viagem. Espero que todo esse esforço tenha valido a pena.

Suponho que devo responder à pergunta de Julian: qual é a única coisa que me define, que faz com que tudo o resto a meu respeito ganhe sentido? Bom, não preciso de pensar nisso por muito tempo: SOU UM VICIADO.

Durante os últimos dez anos, quase todas as decisões que eu tomei — grandes ou pequenas — foram impulsionadas pelo meu vício. Foi ele que

determinou a minha escolha de amigos, a maneira como passo o meu tempo livre, até a minha carreira. A atividade de corretagem, para sermos francos, é apenas uma forma legitimada de jogo. Quem me conhecesse naquela época, julgaria que eu tinha tudo — o trabalho desvairadamente bem pago, o bonito apartamento e as mulheres lindas, mas a realidade era que eu passava uma enorme proporção de cada dia só a planejar a minha próxima dose. Ficava arrasado com o menor lampejo de ansiedade, de tensão ou de tédio e fugia para a casa de banho com um frasco de vodca ou um pacote de coca para me acalmar.

Riley pensou por um momento se poderia estar a ler sobre algum outro Hazard. O tipo que ele tinha conhecido era tarado pela saúde. Não bebia, não ia a festas – na maioria das noites já estava na cama por volta das nove horas e levantava-se muito cedo *para ir meditar*. Riley assumira que ele era vegetariano (se calhar por causa daquela barba em estilo *hipster* e da maneira como andava sempre vestido com sarongues) até que o vira a comer peixe. Mas, raciocinou, qual era a probabilidade de existir mais alguém chamado Hazard cujo caderno pudesse ter ido parar à sua mochila? Zero.

Riley franziu a testa. Como podia ele ter avaliado Hazard tão mal? Seria toda a gente assim tão complicada? Ele com certeza não era. Será que conhecia alguém? Continuou a ler, com alguma cautela.

Eu já tinha ultrapassado o ponto em que aquilo era divertido. As doses já não me levavam mais alto, eram apenas o que eu precisava para aguentar o dia. A minha vida foi-se tornando cada vez mais pequena, presa àquela miserável rotina.

Há pouco tempo encontrei uma fotografia de mim, com cerca de vinte anos, e percebi que me havia perdido. Naquela época eu era gentil, otimista e corajoso. Costumava viajar, procurar aventuras. Aprendi a tocar saxofone, a falar espanhol, a dançar salsa e a andar em parapente. Não sei se é possível ser esse homem outra vez, ou se já será tarde de mais.

Houve um momento, ainda ontem, em que dei por mim embasbacado perante a fosforescência do Mar do Sul da China à noite, e isso fez-me pensar que talvez eu possa redescobrir esse sentimento de maravilha e de alegria. Espero que assim seja. Creio que não poderei suportar a ideia de viver o resto da minha vida sem nenhuma euforia.

Portanto, e agora? Não posso regressar ao meu antigo emprego. Mesmo que conseguisse conviver com a malta de antigamente e trabalhar nos

mercados mantendo-me sóbrio, deixei as portas fechadas. Quando me demiti do meu antigo patrão (enquanto estava inebriado. Um último hurra, e tudo isso), deixei escapar que durante a última festa do escritório tinha partilhado um grama de coca com a mulher dele e que a tinha fodido em cima da secretária atrás da qual ele estava sentado. A seguir soltei uma piada sobre sair dali com grande estrondo. É pouco provável que ele me dê alguma referência entusiástica.

Por esta altura, os olhos de Riley ansiavam por mais. Achava que em Perth não existiam pessoas como Hazard.

Em todo o caso, trabalhar na finança consome-nos a alma. Na verdade, nunca se ganha nada além de mais dinheiro. Não se deixa nenhum legado. Não se muda o mundo de uma maneira significativa. Mesmo que eu pudesse voltar para lá, não o faria.

Portanto, Riley. O que vai fazer agora?

Riley engasgou-se sonoramente ao ver o seu nome escrito na página, fazendo com que a mulher de meia-idade sentada ao seu lado o mirasse com curiosidade. Sorriu para ela, em jeito de desculpa, e continuou a ler.

O Projeto da Autenticidade não caiu na sua mochila por acaso. Passei as últimas quatro semanas à procura da pessoa certa para o prosseguir. Está a levar o caderno de Julian de volta para a mesma parte do mundo de onde eu o trouxe. Gostaria de saber se poderá ser o tipo adequado de pessoa para se tornar amigo de Julian ou amante de Monica. Ou ambas as coisas. Irá até lá em busca do café? Irá mudar a vida de alguém? Escreverá a sua história?

Espero vir a descobrir um dia o que aconteceu a seguir, porque vou sentir falta deste caderno. Numa época em que eu andava a flutuar sem rumo no espaço, ele manteve-me preso à estação espacial.

Bon voyage, Riley, e boa sorte.

Hazard

TINHAM PASSADO DOIS DIAS desde que Riley chegara a Londres, e aquilo continuava a parecer-lhe surreal, como se ele estivesse a viver num programa televisivo de viagens. O seu apartamento em Earl's Court parecia estar situado no meio de um gigantesco canteiro de obras. Tudo o que o rodeava estava a ser

demolido ou reconstruído. Isso causava-lhe uma sensação de inquietação, como se ficar quieto o colocasse em risco de ser demolido e remodelado.

Às vezes, Riley desejava nunca ter encontrado *O Projeto da Autenticidade*. Não gostava de conhecer os segredos de outras pessoas – era como bisbilhotar. No entanto, após ter lido as histórias deles, não conseguira esquecer-se de Julian, de Monica e de Hazard. Era como estar a meio de um romance, penetrar na pele das personagens, e depois deixá-lo num comboio antes de chegar ao fim.

Não conseguira resistir a ir ver como era o café. Achou que poderia dar uma olhadela a Monica, se calhar a Julian também, ver se a realidade se coadunava com as imagens que ele não conseguia tirar da sua cabeça. Isso não faria mal nenhum. O que ele não iria fazer, prometeu a si mesmo, era *envolver-se*. Mas, enquanto caminhava em direção ao Monica's Café, a sua sensação de expectativa aumentara, ao ponto de, quando chegou à porta, se ter esquecido de continuar como espectador e, ao ver todas aquelas pessoas lá dentro, empurrara o puxador da porta.

Antes que se apercebesse do que acontecera, dera por si a integrar uma aula de arte ministrada por *Julian*. E agora andava a passear neste mercado incrível com *Monica*.

Monica era muito diferente daquelas raparigas alegres, divertidas e descomplicadas com que Riley passava o tempo lá na terra. A dado momento ela estava a fazer-lhe confidências sobre a morte da sua mãe, e no instante seguinte calara-se e começara a falar sobre as margens de lucro dos artigos que andava a comprar. Para ele isso fora uma revelação. No seu negócio de jardinagem, calculava os preços fazendo uma estimativa aproximada dos custos, e adicionando depois o que ele achava que o seu cliente poderia pagar. Perdia sempre dinheiro nos trabalhos que fazia para a senhora Firth (que enviudara recentemente), mas cobrava o dobro ao financeiro que morava mais adiante. Essa parecia-lhe ser a maneira mais justa de trabalhar.

Decidiu não sugerir isso a Monica, pois ela era *científica* com os preços. Punha-se a murmurar sobre percentagens, despesas gerais e descontos por grosso, e resolvia tudo aquilo sem calculadora, só com uns apontamentos num pequeno caderno que trazia no bolso.

Tentar aproximar-se de Monica era como fazer aquele jogo infantil das Estátuas – avançar devagar sempre que ela não estava a ver, e voltar sempre ao princípio cada vez que ela se virava para trás e o apanhava a mexer-se. Mas, em vez de o desanimar, isso só fazia com que ele quisesse conhecê-la melhor.

A única coisa que fazia esmorecer o prazer de Riley, além daquela estranha obsessão que Monica tinha com as bactérias, era a noção de que ele teria de lhe contar sobre *O Projeto da Autenticidade*. Sentia ser uma traição que soubesse mais sobre ela do que ela sobre ele, e, por natureza, era uma pessoa muito honesta. Nele, aquilo que estava à vista era tudo o que havia.

Não conseguira fazer nenhuma referência ao caderno quando conhecera Monica, no meio daquela aula de arte. Não lhe parecera razoável dizer-lhe: «A propósito, já sei tudo sobre o seu desespero por um marido e um bebé», à frente daquela gente toda. Mas quanto mais demorava, mais difícil se tornava. E agora, de uma maneira um pouco egoísta, não queria estragar o ambiente do dia deixando-a envergonhada e fazendo-a sentir-se desconfortável, o que iria suceder inevitavelmente se ele lhe confessasse conhecer os seus segredos mais íntimos. Sentia-se como se andasse a transportar uma bomba que ainda não explodira por entre todos aqueles queijos, presuntos e chouriços artesanais. Por fim, decidiu não lhe dizer nada. Era muito possível que ele não voltasse a ver Monica depois daquele dia, e nesse caso o que ela não soubesse não poderia magoá-la.

E depois, acabara por beijá-la.

Ela estava a falar sobre os monumentos de Londres, ou qualquer coisa assim. Ele perdera a noção, pois tinha ficado admiradíssimo pelo facto de ela, com o seu cabelo escuro, os lábios vermelhos, a pele pálida e as faces rosadas devido ao vento cortante, se parecer tal e qual com a Branca de Neve dos desenhos animados da Disney. Era muito forte e destemida. Por norma uma rapariga assim deixá-lo-ia bastante assustado. Porém, tinha lido a história dela. Sabia que, sob aquela rigidez exterior, ela só queria ser resgatada. Sentindo-se, por um fugaz momento, como o belo príncipe do conto de fadas, ele beijara-a e ela devolvera-lhe o beijo. De forma bastante entusiástica, na verdade.

De bom grado teria ficado assim para sempre, nariz com nariz, numa ponte sobre o Tamisa, se não fosse o segredo que se interpunha entre eles, como uma

barreira. Como diabo iria ele dizer-lhe agora?

Não sabia ao certo se haveria de amaldiçoar Hazard, ou de lhe agradecer.

CAPÍTULO 16

Julian

Julian ia receber convidados para o chá.

Não se lembrava da última vez em que tivera visitas a sério, além dos meros propagandistas políticos, ou das Testemunhas de Jeová. Estava a tentar fazer algo que ele acreditava que viria a ser descrito como «desatravancar». Mas, ao fim de duas ou três horas de trabalho árduo, quase não fizera qualquer mozza nas décadas de aquisições que estavam acumuladas na sua sala de estar.

Precisava de arranjar pelo menos espaço suficiente para que todos pudessem sentar-se. Por que deixara ele as coisas chegarem a tal ponto? O que diria Mary, que mantinha aquele sítio sempre tão aprimorado e aseado? Talvez a compulsão de preencher cada centímetro do espaço se devesse a isso o fazer sentir-se menos sozinho, ou porque cada um daqueles objetos estava imbuído de lembranças de tempos mais felizes, e os objetos se haviam revelado mais fiáveis do que as pessoas.

Julian tinha enchido os dois caixotes de lixo que estavam à porta da sua moradia, e depois abrira a porta do armário do piso inferior e enfiara lá tudo o que conseguira; livros, revistas, uma pilha de discos de vinil, três pares de galochas, uma raqueta de ténis, dois candeeiros que tinham deixado de funcionar e um fato de apicultor que lhe sobrara de um passatempo que tivera curta duração, duas décadas atrás. A seguir encostou as costas à porta para a fechar. Haveria de tratar de tudo aquilo mais tarde. Pelo menos tinha desimpedido o sofá e algumas cadeiras.

A campainha tocou. Eles tinham chegado a horas! Julian não estava a contar com isso. Comparecia sempre aos eventos sociais com pelo menos trinta minutos de atraso. Gostava que notassem a sua entrada. Talvez a pontualidade estivesse agora na moda. Ele tinha muito que aprender.

Julian saiu da moradia e foi até ao portão preto que dava para a Fulham Road. Abriu o portão com o seu habitual floreado e trouxe para dentro os seus três convidados: Monica, aquele bonito rapaz australiano, o Riley, e Baz. Benji, pelo que lhe disseram, tinha ficado a cuidar da loja.

– Entrem, entrem! – disse ele quando ficaram os três ali espedados, de boca aberta, a olharem para o chão do quintal, que tinha uma fonte a borbulhar no centro, para os relvados cuidadosamente aparados, as antigas árvores de frutos e o pequeno aldeamento dos edifícios de estúdios.

– Ena – disse Riley –, este lugar é de mais.

Julian estremeceu com aquele uso da gíria americana, acentuado pela entoação australiana, mas decidiu não se preocupar com isso. Não era altura para uma palestra sobre a beleza e a versatilidade do idioma inglês.

– Sinto-me como aquela menina do livro da Frances Hodgson Burnett, *O Jardim Secreto*, que foi atrás do passarinho e descobriu o sítio mágico escondido atrás do muro – disse Monica. Ela era muito mais lírica que Riley, observou Julian com aprovação. – É como estar numa outra época, num outro país.

– Isto foi fundado em 1925 – disse Julian, encorajado pela entusiástica resposta deles – por um escultor chamado Mario Manenti. Era italiano, como é evidente. Usou como modelo a sua propriedade perto de Florença, para se poder sentir em casa quando estivesse em Londres, e só alugava os estúdios a outros artistas e escultores de espírito semelhante. Agora, claro, todos eles foram transformados em apartamentos. Eu sou o único artista que resta, e nem tenho pintado desde que a Mary... – A voz dele sumiu-se. Por que só percebera que Mary era a sua musa quando ela já não estava lá? Tinha assumido que uma musa devia ser etérea e fugaz, e não aquela que estava sempre por perto e era dada por adquirida. Se tivesse entendido isso, talvez as coisas tivessem sido diferentes. Ralhou consigo. Agora não era hora para introspeções e arrependimentos. Tinha mais que fazer.

Conduziu-os até à porta pintada de azul-berrante que dava acesso à sua moradia.

– Vê bem este chão! – disse Monica a Riley, gesticulando para as tábuas de madeira que cobriam todo o piso térreo; estavam quase cobertas de manchas

de tinta, como se tivesse explodido um arco-íris no teto, e eram ocasionalmente interrompidas por uns vistosos tapetes *kilim* em estilo marroquino. – É quase uma obra de arte por si só.

– Não fiquem aí parados de boca aberta. Sentem-se, sentem-se! – disse Julian, enquanto os levava para as cadeiras e para o sofá recém-desimpedidos e dispostos ao redor de uma mesa de café feita de um grande pedaço de vidro biselado, equilibrado sobre quatro pilhas de livros antigos. Diante deles, rindo-se descaradamente da política de ar limpo do município local, um lume crepitante ardia na lareira.

– Chá! *English Breakfast*, *Earl Grey* ou *Darjeeling*? Se calhar até tenho de hortelã. A Mary gostava muito – disse Julian.

Enquanto ele se atarefava na pequena área da cozinha, para ir pôr os saquinhos de chá dentro de um bule, Monica examinou a prateleira para a qual ele tinha apontado quando falara do chá de hortelã. Por fim encontrou uma lata de metal com um rótulo antigo e amarelado que dizia HORTELÃ. Abriu a tampa para tirar de lá um saquinho de chá. Dentro da lata estava um pedaço de papel dobrado. Desdobrou-o com muito cuidado e leu as palavras em voz alta: «NUNCA TE ESQUEÇAS DE OFERECER UM BISCOITO AOS TEUS CONVIDADOS.»

Julian pousou a chaleira e cobriu o rosto com as mãos.

– Oh, meu Deus. Esse é um dos bilhetes da Mary. Eu costumava andar sempre a encontrá-los, mas esse é o primeiro que me aparece desde há algum tempo. Ela estava preocupada com a maneira como eu teria de me amañhar sozinho, porque quando percebeu que estava de partida começou a esconder bilhetes por toda a casa, para me deixar conselhos úteis. Bolas, esqueci-me dos biscoitos. Mas não entrem em pânico. Tenho aqui uns bolinhos!

– Há quanto tempo faleceu ela, Julian? – perguntou Monica.

– No dia 4 de março vai fazer quinze anos – respondeu ele.

– E não abriu esta lata desde então? Se calhar vou preferir o *English Breakfast*.

Monica parou em frente de um desenho a lápis, pregado na prateleira por cima do fogão, de uma mulher a remexer uma grande panela, e a sorrir por cima do ombro.

– Esta é a Mary, Julian? – perguntou-lhe ela.

– É, sim. Essa é uma das minhas memórias favoritas. Pode vê-las pela casa toda. Na casa de banho há uma dela a lavar os dentes, há outra ali dentro – ele apontou para a sala de estar – dela aninhada com um livro no seu cadeirão. Não acredito nas fotografias. Não têm alma nenhuma.

Sentaram-se ao redor do lume, com diversos graus de conforto, dependendo das várias peças do mobiliário em decomposição de Julian em que se haviam instalado, para assar os bolinhos na lareira.

– Sinto que fui transportado para um romance da Enid Blyton – disse Baz. – Julian é tal e qual como o tio Quentin. Monica, vais propor-nos uma viagem à Ilha Kirrin com uma lata de sardinhas e imenso refresco de gengibre?

Julian não sabia ao certo se gostava dessa ideia de ser o tio Quentin. Esse não era pedófilo?

– Estava a pensar se me poderiam ajudar numa coisa – disse ele.

– Claro – disse Baz, automaticamente, sem esperar para ouvir o que Julian iria pedir-lhes.

– Tenho andado a pensar que talvez me desse jeito ter um telemóvel. Para vocês poderem entrar em contacto comigo se houver algum problema com a aula de arte, ou qualquer coisa assim. – Após ter dito isso, apeteceu-lhe poder voltar atrás. Não queria mostrar-se carente, nem fazer com que alguém se sentisse obrigado a telefonar-lhe.

– A sério que ainda não tem um telemóvel? – perguntou Baz, com a total incompreensão de quem nascera depois da invenção da internet.

– Bom, desde há uns tempos que eu não sou muito móvel, e como ninguém tende a telefonar-me, para que serviria? Uso aquele – disse ele, indicando-lhes um telefone de baquelite verde-escuro que estava ao canto, com um *marcador de disco* e um pesado auscultador preso a um cabo em espiral. Monica foi até lá para o admirar mais de perto. O disco no centro do marcador dizia *Fulham 3276*. – Além disso – continuou Julian –, um telefone desses pode-se desligar com força. Com um telemóvel não se pode fazer isso. Imaginem, há toda uma geração que nunca conhecerá a alegria de desligar com força um telefone.

– Os meus pais tinham um telefone destes no corredor, quando eu era pequena – disse Monica.

– Eu já tive um telemóvel noutras tempos. Na verdade, fui um dos *primeiros utilizadores* – disse-lhes Julian. – Ofereceram-me um dos primeiros modelos para experimentar, porque nessa época eu estava muito na moda, e uma revista quis entrevistar-me para saber se eu achava que aquilo iria pegar. Provavelmente ainda o tenho para aí em qualquer lado.

Tentou levantar-se do cadeirão, mas era muito mais fundo do que aquele em que costumava sentar-se. Baz estendeu a mão e ajudou-o a levantar-se.

– Obrigado, Baz – disse ele. – Hoje em dia, quando fico sentado por muito tempo parece que fico todo tolhido.

– Devia começar a praticar *tai chi*, como a minha avó – disse este. – Ela não quer outra coisa. É a única maneira de começar o dia. Mantém o corpinho em movimento e o espírito atento, diz ela.

– E então, você disse que eles iam pegar? Os telemóveis? – perguntou Monica.

– Não! – respondeu Julian a rir-se. – Disse-lhes que nenhuma pessoa sã quereria estar sempre a ser localizada, que eu com certeza não o queria, e que isso era uma invasão da privacidade!

Julian estendeu a mão para a prateleira mais alta no canto da sala e tirou de lá uma grande caixa de cartão empoeirada. Dentro desta estava um telefone que dificilmente poderia ser descrito como móvel. Tinha a forma de um tijolo, com uma sólida e longa antena que se destacava na parte de cima, e era maior do que a bolsa de Monica. Seria necessária uma pequena mala para o transportar.

– Julian, esse é o mesmo modelo que o Gordon Gecko tinha no *Wall Street* – disse Riley. – Podia vender isso no eBay por uma fortuna. Isso é um autêntico artigo de colecionador.

– Também tive um *Nokia* muito mais moderno durante os anos de 1990 – disse Julian – mas quando ele soltou o último suspiro, depois de a Mary partir, não me dei ao trabalho de o substituir. Nunca tive um desses telefones espertos.

– Telefones inteligentes – corrigiu Riley.

– Mas tem acesso à internet, não tem? – perguntou Baz, espantadíssimo. – Tem um computador portátil ou uma coisa parecida?

– Eu não sou avesso às tecnologias, jovem. Tenho um computador. Mantenho-me atualizado. Leio os jornais, as revistas de moda todas e vejo televisão. Suspeito que sei muito mais sobre as influências nos visuais da primavera/verão de 2019 do que você! Afinal, se há coisa que eu tenho em abundância é tempo livre.

Baz pegou numa viola de arco, que estava encostada à estante, coberta por uma película de poeira.

– Você toca, Julian? – perguntou ele.

– Não é minha, é da Mary. Por favor, pouse isso. A Mary não gosta que ninguém mexa na viola dela. – Ao dizer isso, Julian apercebeu-se de que tinha falado com uma voz desnecessariamente ríspida e que poderia ser acusado de reagir de forma exagerada. O pobre Baz ficara um pouco surpreendido.

– Posso usar a sua latrina? – perguntou Riley, provocando uma distração bem-vinda. Uma *latrina*? Estavam no centro de Londres, e não no meio do mato. Julian decidiu não se preocupar com isso e indicou a Riley a direção da porta da frente.

Um enorme estrondo fez com que Monica entornasse no colo algum do chá que estava a beber. Todos se viraram para trás e viram Riley, imobilizado pelo espanto, e rodeado por uma montanha de objetos que haviam irrompido do armário como se tivessem molas. Um monte de discos, que tinham caído das respectivas capas, galochas e revistas e, equilibrado em cima de tudo isso, um capuz de apicultor.

– Acho que me enganei na porta – gritou-lhes ele, enquanto tentava empurrar tudo para dentro do armário outra vez. O que era uma tarefa impossível, pois aquela pilha de conteúdos parecia ocupar o dobro do espaço do armário de onde haviam escapado.

– Deixe lá isso, meu caro – disse-lhe Julian. – Eu hei de resolver isso mais tarde. Preciso de fazer uma viagem até à lixeira.

– Não se atreva, Julian! – disse Riley, mostrando-se horrorizado. – Tenho a certeza de que há aqui autênticos tesouros. Eu ajudo-o a vendê-los na internet.

– Eu nunca iria pedir-lhe que fizesse uma coisa dessas – protestou Julian. – Tem coisas muito melhores com que ocupar o seu tempo, com certeza. Ou, pelo menos, eu teria de lhe pagar um salário justo.

– Ouça cá, se me der 10% de tudo o que eu conseguir, ficamos os dois contentes. Você livra-se de alguma dessa tralha, e eu arranjo forma de financiar a minha viagem. Estou morto por ver Paris.

– E eu posso ajudá-lo com o telefone – interveio Monica. – Arranjei um *iPhone* mais moderno há pouco tempo, por isso pode ficar com o antigo. Nós arranjamos-lhe um daqueles cartões pré-pagos.

Julian olhou para Riley e para Monica, sentados agora lado a lado no seu sofá. Se ele não se enganava, Riley estava um bocadito apaixonado. Tinha notado, com o seu olhar de artista para os pormenores de postura, como ele imitava os gestos dela e se sentara um pouco mais perto do que seria de esperar (embora isso pudesse resultar das molas expostas e do miolo do estofado que saíam do sofá à sua esquerda).

Oh, o otimismo da juventude.

CAPÍTULO 17

Monica

Monica limpou o balcão preparando-o para a abertura. Esguichou o frasco de líquido de limpeza que estava a segurar, e respirou aquele satisfatório odor a pinheiros da montanha. Apercebeu-se de que estava a cantarolar. Monica não era muito dada a isso por natureza, mas há pouco, e surpreendentemente, tinha muito para cantarolar.

Desde que iniciara aquela aula de arte semanal já fora abordada por um círculo de tricô e por uma aula de ioga para grávidas, ambos à procura de espaços noturnos nas redondezas. O café de Monica parecia estar a transformar-se num centro da comunidade local, tal como ela sonhara desde que vira pela primeira vez aquela loja de doces entaipada. E, o que era melhor ainda, quando na noite anterior se sentara a fazer contas, estas quase batiam certo. Pela primeira vez conseguia vislumbrar uma nesga de liquidez ao fundo do túnel do seu saldo negativo.

Depois havia Julian. Apreciava a companhia dele e as suas aulas de arte, mas também ganhara aquele brilho caloroso e satisfeito de alguém que fez algo de *bom*, que mudou a vida de alguém para melhor. Não se obtinha *essa* sensação com frequência quando se trabalhava num escritório de advogados.

Monica apercebeu-se de que tinha iniciado aquelas aulas de arte como uma maneira de ajudar alguém, mas que agora isso parecia estar a ajudá-la a si ainda mais. Até então nunca acreditara no *karma*.

E a cereja no topo do bolo era Riley. Claro, ela sabia que ele não era o bolo inteiro. Se aprofundasse demasiado o relacionamento deles, ou se começasse a criar expectativas, sabia que aquilo não satisfazia os seus critérios. Por isso, não aprofundava o assunto. Monica estava a aproveitar o momento. Aceitava cada dia tal como ele lhe chegava, e ia-se divertindo. Quem sabia o que

surgiria ao dobrar a próxima esquina, ou quanto tempo ficaria Riley em Londres?

Como é óbvio, isso não acontecia naturalmente. Era preciso muito planeamento e muito trabalho para Monica ficar tão descontraída. Andava a levantar-se meia hora mais cedo do que o habitual para fazer as suas saudações ao Sol e repetir os seus mantras.

– O dia de ontem é história, o dia de amanhã é um mistério, o dia de hoje é uma dádiva – entoava ela para consigo enquanto escovava os dentes. – Não são as pessoas felizes que ficam gratas, são as pessoas gratas que ficam felizes – dizia ela enquanto escovava os cabelos.

Monica estava muito orgulhosa da sua nova atitude, a de alguém que está quase-à-beira-de-ser-calma. Por norma, nesta fase, ela já teria acelerado mentalmente o filme da sua vida, ao ponto de averiguar onde e quando ela e Riley iriam casar-se, quais seriam os nomes dos filhos e qual a cor das toalhas na casa de banho do quarto de hóspedes (brancas).

Monica pensou em todos os manuais de autoajuda que tinha comprado, no curso de concentração que tinha frequentado e nas aplicações de meditação que atravancavam o *iPhone*. Todo esse esforço fora empreendido para tentar deixar de se preocupar com o futuro, quando tudo o que precisava era de alguém como Riley, pois tinha a certeza de que a sua mudança de atitude se devia a ele.

A maioria dos homens que Monica conhecera tinha *problemas*. Sentiam-se inadequados por causa da escola que haviam frequentado, da casa em que tinham crescido, da falta de músculos abdominais bem desenhados ou do número de entalhes que havia na cabeceira da sua cama. Riley, porém, parecia confortável na sua pele. Era muito direto, descontraído e descomplicado. Não era um homem de mistérios ou de profundidades ocultas, mas – pelo lado das vantagens – era franco e transparente. Riley nunca se enervava por pensar com demasiada antecipação. Na verdade, ele não parecia gastar muito tempo a pensar, mas ninguém era perfeito. E a atitude dele parecia ser infecciosa. Pela primeira vez, Monica não sentia necessidade de fazer jogos nem de erguer muros de proteção à sua volta.

Ontem, tinham feito aquela extraordinária viagem no tempo de irem a casa de Julian tomar chá. Monica adorara, embora aquilo fosse um óbvio perigo para a saúde. Não conseguira impedir-se de gritar quando logo ao princípio entrara na cozinha e quase embatera numa nojenta faixa amarela, pendurada do teto e coberta pelos minúsculos cadáveres dessecados de centenas de insetos. Julian ficara imperturbado com o horror dela, e dissera-lhe que «era só papel mata-moscas». *Papel mata-moscas?* Existiria mesmo tal coisa? Com certeza que até Julian compreendia que em geral os cadáveres não eram aconselhados nas áreas de preparação de alimentos?

Até tinham tostado os bolinhos numa lareira a sério (ela tentara não pensar no impacte que aquilo teria sobre as mudanças climáticas e sobre todos aqueles pobres ursos-polares bebés, que ficavam separados das mães pelos blocos de gelo derretidos) e com uns garfos especiais para isso. Ela sentara-se ao lado de Riley no sofá e, quando ninguém estava a ver, ele apertara-lhe a mão.

Depois do chá, Riley voltara para o apartamento dela. Não discutiram isso, ela não o convidou e ele não perguntou. Aconteceu assim. Espontaneamente. Ela preparou jantar para os dois com tudo o que conseguiu encontrar no frigorífico e nos armários – massa com *pesto* e uma salada de tomate, *mozzarella* e manjericão. Ele disse-lhe que tinha sido a melhor refeição que tivera desde há várias semanas. Ela sorriu ao lembrar-se das refeições elaboradamente planeadas e executadas que propiciara a outros homens no passado – os suflés, os flambés e as reduções, a maioria dos quais nunca tivera uma receção tão entusiástica.

Tinha havido um momento de tensão quando ela vira Riley a examinar a sua estante. Se ela tivesse previsto aquele jantar romântico a dois, teria removido alguns dos livros. Ficou bastante constrangida com a ideia de que ele pudesse reparar em títulos como *Ele Não Gosta Assim Tanto de Si*, *Ignore Esse Tipo*, *Agarre Esse Tipo*, *As Regras* e *Os Homens São de Marte*, *as Mulheres São de Vénus*. Monica via todas essas leituras como um trabalho de preparação sensato. Abordava o namoro da mesma maneira que abordaria qualquer projeto: efetuava a pesquisa de base, elaborava um plano, definia os seus objetivos. Riley, no entanto, provavelmente acharia isso obsessivo. Nenhum

deles se referira aos livros de autoajuda, e esse momento constrangedor fora ultrapassado.

Ele não passara lá a noite. Viram um filme na Netflix, os dois enroscados no sofá, a partilharem uma tigela de tiras de milho frito. Na maior parte do tempo estiveram a beijar-se e a rir por terem perdido as tramas mais complicadas do enredo. Ela pusera-se a imaginar como haveria de o rejeitar com suavidade caso ele tentasse ir longe de mais, e depois ficara bastante desapontada quando ele não o fez.

CAPÍTULO 18

Julian

Julian não estava nada habituado a que o seu intercomunicador zumbisse às sete e meia da manhã. Contudo, muitas coisas novas e estranhas haviam acontecido desde que ele lançara *O Projeto da Autenticidade*. Como ainda estava de pijama, vestiu o primeiro casaco que conseguiu encontrar (um *Alexander McQueen* de cerca de 1995, que tinha umas maravilhosas dragonas e uns alamares dourados), calçou um dos pares de galochas que tinham caído do armário do piso de baixo, e saiu para ir até ao portão.

Teve de baixar os olhos alguns centímetros desde o alto do seu metro e oitenta para ver quem viera visitá-lo. Era uma senhora chinesa pequenina, parecida com um pássaro, rosto em forma de noz, olhos como duas passas de uva e uma melena desgrenhada de cabelos curtos e grisalhos. Seria, se calhar, ainda mais velha que ele. E ficou tão ocupado a olhar para ela que se esqueceu de falar.

– Eu ser Betty Wu – disse ela, com uma voz muito maior do que o seu corpo, aparentemente imperturbada pelo aspecto daquele homem vestido com uma combinação de alta-costura, roupa de dormir em desalinho e equipamento para a chuva. – Venho para o *tai chi*.

– *Tai chi*? – ecoou Julian, ciente de que estava a comportar-se como um néscio.

– O meu neto, Biming, disse que você quer aprender *tai chi* – respondeu ela devagar, num tom que se poderia usar caso se estivesse a conversar com um idiota, ou com uma criança muito pequena.

– Biming? – repetiu Julian, portando-se como um idiota, ou como uma criança muito pequena. – Ah, está a falar do Baz?

– Não sei por que ele não gostar do nome chinês. Terá vergonha? – bufou a senhora chamada Betty. – Ele diz que você quer que eu ensine *tai chi*.

Julian não dissera nada disso, mas percebeu que não valia a pena pôr-se a discutir com aquela força da natureza.

– Aaaah, eu não estava à sua espera, por isso não estou muito bem vestido para a ocasião – protestou Julian, que sabia, muito melhor do que a maioria, como era importante vestir a roupa certa. – Talvez devêssemos começar noutra ocasião?

– Não há tempo como o presente – disse a senhora Wu, semicerrando os olhos para ele. – Dispa casaco e descalce essas botas grandes. – Fuzilou as galochas com o olhar, como se a tivessem ofendido com gravidade. – Tem meias grandes? – Julian, que trazia calçadas as suas meias de lã mais quentes, assentiu em silêncio.

A senhora Wu caminhou até ao centro do pátio pavimentado, despindo o casaco de lã preta, que pousou em cima do banco de ferro forjado, pondo à mostra umas calças pretas e largas, amarradas com um cordão, e uma blusa cinzento-clara. Embora estivesse frio, o pátio coberto era iluminado pelo pálido sol de inverno. Uma leve geada cintilava como se fosse pó de fadas.

– Eu falo, você imita – instruiu a senhora Wu ao mesmo tempo que plantava os pés a certa distância um do outro, dobrava os joelhos e erguia os braços num extravagante movimento por cima da cabeça, como se fosse uma garça gigante, e respirava pelo nariz de uma maneira exagerada.

– O *tai chi* ser bom para a postura, circulação e flexibilidade. Faz viver mais tempo. Eu ter cento e cinco anos. – Julian ficou a olhar para ela, sem saber como haveria de lhe responder com educação, mas depois ela fez um amplo sorriso, exibindo uns dentes pequenos e espaçados, não suficientemente grandes para a sua boca: – Ser só brincadeira! *Tai chi* é bom, mas não tão bom.

A senhora Wu dobrou de novo os joelhos, e depois virou-se para o lado, dobrando um braço atrás de si e empurrando o outro para diante, com a palma da mão estendida, como se quisesse repelir um intruso.

– O *tai chi* ser sobre o equilíbrio entre *yin* e *yang*. Quando se usar dureza para resistir à força, ambos os lados irão quebrar. O *tai chi* responde à dureza

com suavidade, para que a força que chega se esgote. Ser filosofia para a vida também. Estar a compreender?

Julian disse que sim, embora estivesse a ser-lhe muito difícil absorver tudo o que a senhora Wu lhe estava a dizer, ao mesmo tempo que imitava os movimentos dela. Fazer várias coisas em simultâneo nunca fora o seu forte. Tinha sido por isso que nunca dominara o piano. Não conseguia pôr as duas mãos a fazer coisas diferentes ao mesmo tempo. Neste momento, estava a tentar equilibrar-se sobre um pé com o cotovelo direito a tocar no joelho direito.

– Quando nós vir para aqui em 1973, dois homens foram ao restaurante e disseram: «Voltem para a China e levem convosco essa imunda comida estrangeira.» Eu disse: «Vocês estar com raiva. A raiva vem do estômago. Sentem-se. Eu trago-vos uma sopa. De graça. Vai fazer-vos sentir melhor.» Comeram a minha sopa de *wonton*. Receita da minha avó. São clientes do restaurante há quarenta anos. Receber a força com suavidade. Receita para a vida. Agora entende. – E, estranhamente, ele entendeu.

Enquanto Julian continuava a imitar os movimentos amplos e fluidos da senhora Wu, um pisco veio pousar no quintal, fazendo-lhe lembrar a descrição que Monica fizera do seu Jardim Secreto. Empoleirou-se na borda do fontanário de pedra, inclinou a cabeça e olhou para Julian, como se pensasse o que estava este a fazer. *Bem podes perguntar*, pensou Julian, balouçando sobre um pé.

Após cerca de meia hora, a senhora Wu juntou as mãos em posição de oração e curvou-se para Julian, o qual, continuando a imitá-la, baixou a cabeça na direção dela.

– Estar bem para primeira lição – disse ela. – Na China, dizemos que *uma refeição não fará um homem gordo*. Você precisar de fazer pouco e muitas vezes. Venho ter consigo amanhã. À mesma hora. – Recolheu o casaco e vestiu-o, num movimento fluido.

– Quanto lhe devo pela lição? – perguntou Julian.

Betty inalou pelo nariz com tanta força que as suas narinas ficaram brancas.

– Sem pagamento! É amigo de Biming. É artista, sim? Ensina-me a pintar.

– Combinado – gritou-lhe Julian quando ela já ia a sair pelo portão. – Conto consigo na minha aula de arte na segunda-feira. Venha com o Baz. Quero dizer, com o Biming.

Sem se virar para trás, a senhora Wu levantou a mão em sinal de assentimento e foi-se embora, deixando naquele quintal uma sensação de maior vazio do que antes de ali chegar, como se ela tivesse sugado e levado consigo parte da energia que ali havia.

Julian pegou no casaco e nas galochas e voltou para dentro de casa, com mais força nos passos do que sentia há muito tempo.

AS SEXTAS-FEIRAS PARECIAM estar a chegar mais depressa, pensou Julian, enquanto caminhava em direção ao Almirante. Parecia não ter decorrido tempo nenhum desde que ele ali estivera pela última vez. Desta vez ficou menos surpreendido ao ver algumas figuras já encostadas à urna de mármore, embrulhadas em casacos e cachecóis. Quando se aproximou, distinguiu Riley, Baz e a senhora Wu.

– Eu disse à avó que vinha aqui – disse Baz – e ela insistiu em trazer um pouco da sua sopa de *wonton*.

– Hoje estar frio. A minha sopa aquece o corpo, aquece a alma – disse a senhora Wu, vertendo sopa de uma enorme garrafa térmica para quatro canecas que Baz trouxera numa cesta de vime.

– Queira sentar-se, senhora Wu! – disse Julian, indicando-lhe a laje de mármore que cobria o Almirante. Não estava preocupado com o conforto dela, mas ela estava em cima de *Keith*.

– À Mary! – disse Riley, erguendo a sua caneca. A senhora Wu ergueu as sobranceiras, que formaram duas lagartas curiosas.

– A mulher dele. Morreu – murmurou Baz para a avó.

– À Mary! – responderam todos.

CAPÍTULO 19

Riley

Riley estava a vasculhar o armário que Julian tinha no piso de baixo. Era como o TARDIS do *Doctor Who* – muito maior por dentro do que se poderia imaginar pelo lado de fora. Pôs-se a pensar se, quando chegasse por fim ao fundo daquela arrecadação, viria a encontrar-se num outro universo. Ou em Nárnia, se calhar. Com certeza não ficaria surpreso se estivesse a nevar lá atrás. Gelava-se ali sem o lume aceso na lareira.

Na semana anterior tinha passado um dia inteiro a fotografar algumas das suas descobertas e a carregá-las para o eBay, e desde então já ganhara mais de setenta e cinco libras em comissões. Se Julian o deixasse vasculhar aquele quarto de vestir, poderiam fazer uma fortuna. Tinha sugerido isso a Julian.

– Você não vai vender nem uma meia – rosnara-lhe Julian. Só para ter a certeza de que tinha sido bastante claro, postara-se à entrada da porta, abrindo os braços desengonçados para lhe impedir a entrada, como se fosse um gigantesco louva-a-deus mutante.

Riley estava cercado por três grandes pilhas. Uma era a dos artigos que ele julgava que iriam vender-se bem, outra era a das coisas para deitar fora e a terceira era a das coisas para guardar.

Tinha chegado ali pouco antes das dez da manhã, sabendo que Julian já teria saído para ir dar o seu passeio. Julian fazia abrandar significativamente todo o processo. Punha-se a pairar sobre Riley como um falcão, e depois fazia um voo picado para ir retirar um vaso partido da pilha do «caixote do lixo», exclamando:

– O Charlie ofereceu-me isso depois da minha exposição de 1975 na New Bond Street. Vendeu-se tudo em dois dias! Até a princesa Margarida lá foi, sabe. Acho que ela tinha um fraquinho por mim. – Olhar teatral para a

distância. – A Mary não gostava dela. Nem um bocadinho. Encheu-o com peónias rosadas, se bem me lembro! Não posso desfazer-me desse, jovem Riley. Não, não, não. Isso não estaria certo.

Logo de manhã, depois de uma hora a sós, tinha feito um progresso significativo. Assim que Julian regressasse iriam iniciar o longo e tortuoso processo de negociação, que se tornava suportável por ser intercalado com as histórias maravilhosamente coloridas e irreverentes de Julian sobre os anos 1960, 1970 e 1980.

Ele tirava da pilha um dos álbuns de vinil, limpava-lhe o pó e punha-o a tocar no gira-discos antigo, regalando Riley com histórias de como andara a divertir-se com Sid Vicious e Nancy, ou de como tinha seduzido ao som do *Heart of Glass* dos Blondie. Riley não sabia ao certo até que ponto acreditava naquilo. Julian parecia ter estado presente em todos os acontecimentos sociais importantes da história recente, desde jantares com Christine Keeler e Mandy Rice-Davies até à festa em que Mick Jagger e Marianne Faithfull haviam sido detidos por posse de marijuana.

Ainda na véspera, Julian pusera Riley em contacto com os Sex Pistols, os Talking Heads e os Frankie Goes to Hollywood. Quando ele se sentara na praia em Perth, a imaginar a sua viagem a Londres, nunca pensara que iria passar o seu tempo a fingir que tocava guitarra elétrica enquanto um geriátrico cantava a plenos pulmões a letra do *Anarchy In The UK* para uma garrafa de cerveja vazia, que fazia as vezes de microfone. Quando a canção (se lhe pudéssemos chamar isso) chegara ao fim, apercebera-se com algum alarme de que os olhos de Julian estavam esbugalhados.

– Sente-se bem, Julian? – perguntou-lhe.

– Estou ótimo – respondeu ele, abanando uma mão à frente do rosto como uma mariposa moribunda. – É que quando eu ouço canções como esta, volto a lembrar-me de tudo com vividez. Estou outra vez rodeado por todas aquelas pessoas extraordinárias, os meus amigos, naquela época incrível. Depois a faixa termina e eu lembro-me que sou apenas um velho com uma agulha cheia de pó a saltitar sobre o vinil liso e com demasiados arrependimentos. – Riley ficara sem saber o que responder àquilo. O que era uma agulha?

A viagem de Riley a Londres estava a revelar-se a melhor e a pior de todos os tempos. Ele adorava a cidade, apesar daquele frio entorpecente. Tinha feito amigos maravilhosos. O único problema era Monica. Quanto mais tempo Riley passava com ela, mais a admirava. Adorava a determinação dela, o seu dinamismo e o seu intelecto feroz. Adorava a maneira como ela fora buscar Julian e o trouxera com tanta elegância para o seu círculo, fazendo-o sentir-se desejado e útil, em vez de o lastimar. Adorava a paixão que ela nutria pelo seu café e pelos seus clientes. Estar com Monica fazia-o sentir-se mais corajoso, enérgico e aventureiro.

Mas Riley detestava o facto de todo o relacionamento deles ser baseado numa mentira. Ou, pelo menos, numa falta de verdade. E quanto mais ele adiava isso, mais difícil era pôr tudo em pratos limpos. Como iria ela reagir quando descobrisse que era o piedoso projeto de um antigo viciado em cocaína? Ficaria furiosa. Ou devastada. Ou humilhada. Ou tudo isso.

Riley continuava a tentar esquecer-se d' *O Projeto da Autenticidade*, mas as informações que já lera não podiam ser eliminadas. Em geral limitava-se a descontraír e a aproveitar o tempo que passava com uma potencial amante, vendo como corriam as coisas e para onde se encaminhava tudo aquilo. Mas, com Monica, estava demasiado consciente do que ela escrevera no caderno. Sabia que ela queria um relacionamento a longo prazo, casamento, bebés, tudo isso, mas ele só queria divertir-se na sua digressão pela Europa. Não era?

O espírito de Hazard até viera assombrar aquela bela noite que ele passara no apartamento dela. Tendo-se lembrado da hipótese aventada por Hazard quanto a Monica arrumar a sua estante por ordem alfabética, não conseguira resistir a ir verificar isso. Afinal não era por ordem alfabética que ela classificava os livros; era por cores. Visualmente era melhor, dissera ela.

A verdade era que ele tinha demasiada informação, e Monica não tinha a suficiente, e isso estava a complicar tudo. Ele nem conseguia perceber até que ponto gostava mesmo de Monica, e até que ponto os seus sentimentos eram um resultado das manobras de Hazard. Se tivesse feito tudo por sua livre iniciativa, teria gostado menos dela? Ou talvez mais? O mais provável era que eles nunca se tivessem conhecido.

Antes de Riley se ter cruzado com *O Projeto da Autenticidade*, ele era autêntico. Agora era um embuste.

A única solução que vislumbrava era garantir que não se envolvia mais profundamente. Depois, quando ele partisse daí a alguns meses, Monica não ficaria muito magoada e – o que era importantíssimo – nunca viria a descobrir como tudo começara. Isso significava que não haveria mais beijos. Na verdade, era melhor riscar isso – dado que tal facto (bastante agradável) já tinha ocorrido – mas sem dúvida, e reiterado, *nada de sexo*. Riley era bom a lidar com o sexo de forma casual, mas suspeitava que Monica não o seria.

CAPÍTULO 20

Hazard

Hazard sentia-se como se estivesse encurralado no filme *O Feitiço do Tempo*. Todos os dias o Sol brilhava. Todos os dias ele seguia a mesma rotina: meditar com Neil, caminhar pela praia, nadar, ler na cama de rede, almoço, sesta, nadar, jantar, cama. Percebeu que estava a «viver o sonho». Estava naquela fotografia do protetor de ecrã que iluminava milhares de escritórios. Devia estar a sentir-se imensamente agradecido. Mas o que sentia era tédio. Um rígido tédio. Um estúpido tédio. Um tédio de morte.

Hazard apercebeu-se de que não fazia a menor ideia de qual seria o dia da semana. Toda a sua vida fora governada pela tirania do calendário – a sensação de afundamento da noite de domingo, o rude despertar da manhã de segunda-feira, aquela lomba do nem-aqui-nem-ali à quarta-feira e a euforia da noite de sexta-feira. No entanto, agora, nem uma pista. Ele estava à deriva.

Todos os dias havia pelo menos uma pessoa a partir da praia, e pelo menos uma pessoa a chegar, em geral várias, pelo que havia portanto sempre pessoas novas para conhecer. Mas, ao fim de algum tempo, todas essas conversas se fundiam numa única. *De onde é? Para onde vai a seguir? O que faz lá na sua terra?* Patinavam sobre a superfície daquela coisa de se conhecerem, e a seguir iam-se embora. Todos esses novos começos constantes, sem partes intermédias nem fins satisfatórios, eram exaustivos.

São só mais algumas semanas, disse Hazard para consigo, e ficarei forte o suficiente para seguir em frente, para resistir à tentação, para voltar para casa.

Hazard passava cada vez mais tempo a pensar em casa. Estranhamente, não pensava na sua família e nos seus amigos – havia demasiados remorsos associados a tais lembranças. Ele sabia tudo acerca de «fazer as pazes». Certa noite, mais ou menos um ano antes, tinha recebido um telefonema de uma

rapariga chamada Wendy. Ela andava, segundo lhe disse, a «seguir os passos». A conversa desencarrilara por algum tempo enquanto Hazard pensava que ela estava a referir-se a uma aula de ginástica. Wendy tinha-lhe explicado que o nono passo do programa de doze etapas dos Alcoólicos Anónimos era «fazer as pazes», e por isso ela estava a telefonar para lhe pedir desculpa por o ter atraído alguns anos antes. Não lhe dissera que era casada. Hazard ficara um pouco desconcertado, pois tivera de percorrer muitas fotografias antigas no *iPhone* até conseguir lembrar-se dela. Mas agora voltava a pensar em Wendy, e na insistência dela em que «fazer as pazes com aqueles que prejudicámos» era crucial para a recuperação. Todas aquelas pontes queimadas teriam de ser reconstruídas, mas ainda não. Ele estava demasiado longe, e era demasiado difícil, e arquivou por isso o assunto como «para tratar quando eu chegar a casa».

Entretanto, por ser muito mais simples e se enredar muito menos na autodepreciação, pôs-se a pensar em Julian, Monica e Riley.

Teria Monica conseguido convencer Julian a lecionar as aulas de arte? Estaria Julian menos solitário? E a pergunta que mais o atormentava: teria Riley encontrado Monica, e seria este o homem dos sonhos dela? Hazard sentiu-se um escritor, que dera início a uma história e cujas personagens, a meio do caminho, tinham saltado para fora da página e começado a tomar as suas iniciativas. Como se atreviam? Não percebiam que era a ele que deviam tudo? Sabia que seria implausível um fim feliz, mas, sentado na sua cama de rede, naquele cenário improvavelmente bonito, apartado da realidade, tudo parecia possível.

Hazard deliciou-se com aquele estranho regozijo de ter feito algo de *bom*. Algo que era altruísta. Terno. Desde que Riley colaborasse, ele tinha transformado a vida de alguém. Monica iria ficar muito agradecida! Não que ele precisasse de agradecimentos, claro.

Lançou uma perna bronzeada para fora da cama de rede e apoiou os dedos dos pés nas ripas de madeira do seu passadiço para se balouçar de um lado para outro. Ralhou consigo por não ter ficado com o número de telemóvel de Riley, nem com o endereço do local em que ele iria hospedar-se. Nem sabia o apelido dele. Gostava de poder enviar-lhe uma mensagem que dissesse «Olá.

Sou o Hazard. Como estão a correr as coisas em Londres?» Muito embora, lembrou a si mesmo, não tivesse nenhum telefone de onde pudesse enviar mensagens de texto. Sabia onde estavam Julian e Monica, mas eles não tinham lido a sua história, e Riley talvez ainda não tivesse falado com eles a seu respeito. Mas não suportava sentir-se tão *desprezado*. Hazard sempre gostara de estar no centro da ação – provavelmente tinha sido isso que o metera nesta trapalhada.

Então, teve uma ideia. Não era perfeita, mas apenas uma pequena maneira de se inserir de novo na história, para que eles soubessem que continuava a fazer parte d' *O Projeto da Autenticidade*.

Havia na ilha duas carrinhas que faziam circuitos pelas praias, recolhendo turistas e deixando-os na única povoação, com o seu posto de correio, os bancos e as lojas. Na segunda vez em que parou junto ao Lucky Mother, Barbara lançou-lhe um grito de aviso e Hazard saltou lá para dentro.

A carrinha saltitou sobre a pista empoeirada e esburacada. Não tinha portas, apenas uma cobertura de lona para os proteger do sol, e uma traseira aberta. O ar estava pegajoso e cheirava a suor e a loção solar. Dois bancos de frente um para o outro, cinco ou seis turistas em cada um, alguns com mochilas na mão, outros só com sacos de praia. Hazard baixou os olhos para a fileira de pernas ao lado das suas – todas nos diversos tons de branco, castanho e vermelho, muitas vezes cobertas pelas protuberantes bolhas vermelhas das picadas de mosquitos e pelas esfoladelas nos recifes de coral. Trocaram a conversa habitual: *Onde está hospedado? Onde esteve? O que recomenda ver?* Hazard já tivera aquela conversa vezes suficientes para conhecer todos os locais turísticos, todos os restaurantes e bares a recomendar, tanto na ilha como mais para o interior, e não confessou nunca ter ido a nenhum, além da sua pequena praia e, de tempos em tempos, uma ida à povoação mais próxima. Não queria explicar porquê: *não posso confiar em mim*.

A carrinha parou junto à pequena doca do *ferry*, onde um barco estava à espera para levar passageiros até Koh Samui. Lá, um barco maior poderia levá-los até Surat Thani, no continente. Durante alguns minutos, Hazard pensou se deveria entrar no barco. Trouxera consigo o passaporte e o cinto de dinheiro por baixo da *T-shirt*. E talvez o tivesse feito, não se importava de deixar para

trás todos os pertences que haviam ficado na sua cabana, mas devia uma semana de renda a Andy e a Barbara e, depois de toda a gentileza deles, não queria que pensassem que os defraudara de propósito.

Hazard entrou no armazém geral. Era ali que ele tinha comprado os seus sarongues, o seu protetor solar, o champô e a pasta dentífrica. Logo à entrada da porta estava um carrossel de postais ilustrados. Hazard fê-lo girar, até que encontrou um que mostrava a sua praia. Uma vista aérea. Até se conseguia ver a cabana dele.

Foi sentar-se numa mesa do lado de fora do café, a beber água de coco por um canudo inserido num grande coco, e viu o barco que chegara de Koh Samui arrotar mais alguns novos turistas para cima do cais de madeira. Estes conversavam animados sobre a beleza do seu destino, ignorando o barqueiro que continuava a debater-se com as bagagens deles. Pedindo uma esferográfica emprestada ao empregado de mesa, começou a escrever.

Monica, Monica' s Café, 783 Fulham Road, Fulham, Londres, Reino Unido.

Para a senhora que vende o melhor café da cidade. Até breve.

Hazard.

Antes que pudesse mudar de ideias, Hazard foi até ao posto de correios, comprou um selo e enviou-o.

Monica

Monica estava a preparar o estabelecimento para a aula de arte dessa noite. O telemóvel tocou pela quinta vez. Nem precisou de ir verificar quem era. Era Julian, que lhe ligava inadvertidamente mais uma vez. Ainda não tinha aprendido a lidar com o seu novo telefone. Conseguira, no entanto, telefonar para ela ao princípio do dia para lhe dizer que tinha decidido que a turma estava pronta a passar para «a forma humana», e se ela poderia fazer o favor de encontrar alguém que lhes pudesse servir de modelo.

Isso não tinha sido tão fácil como parecia. Como não havia tempo suficiente para publicar um anúncio, ela fora falar com Benji. Explicara-lhe que não se tratava de nudez gratuita, era arte. Ninguém olharia para ele como Benji nu, mas como um *tema*, tal como *Larry*, a lagosta, só que ele não acabaria por lhes servir de jantar. Ela tinha a certeza de que a pose que Julian iria escolher seria de bom gosto e discreta. Ninguém iria ver o seu... (a voz dela sumira-se-lhe nesse momento). Por fim, acabara por lhe propor duas horas extraordinárias e mais um dia de folga, e o negócio ficara fechado.

Julian chegou, esta noite vinha vestido de cabedal, como se fosse uma versão geriátrica do Danny no *Grease*, e a aula começou a encher-se.

– Sinto calafrios, estão a multiplicar-se – cantarolou Baz baixinho para Benji. Benji não sorriu, limitou-se a ir esconder-se atrás do balcão com um ar nervoso e amotinado. Logo que todos se sentaram atrás de uma mesa, Julian distribuiu papel e lápis.

– Hoje voltamos ao lápis, minhas senhoras e meus senhores, porque estamos a passar da natureza morta para o desenho da figura. Antes de começarmos, gostaria de apresentar a todos a senhora Wu.

Todos bradaram os seus cumprimentos à minúscula senhora chinesa, que se levantou e fez uma vénia. Quando se punha em pé não ficava muito mais alta do que sentada.

– Chamem-me Betty! – disse ela, com uma certa ferocidade.

– O caríssimo Benji concordou em nos servir hoje de modelo – disse Julian, após estarem concluídas todas as apresentações. – Podes vir aqui, Benji?

Benji abeirou-se do grupo.

– Aaaah, onde devo despir-me? – perguntou ele.

– Despir? Não diga disparates, meu amigo. Nós só precisamos de ver as suas mãos! Não faz sentido começarmos a correr antes de sabermos andar. Venha cá, sente-se nesta cadeira e segure esta caneca, entrelaçando os dedos. Isso mesmo. As mãos são uma das partes do corpo mais difíceis de desenhar, e, portanto, é nisso que nos vamos concentrar hoje.

Benji lançou a Monica um olhar sombrio, enquanto pensava se o teriam enganado. Monica devolveu-lhe o olhar, ciente de que lhe tinha pago um exagero para ele ficar sentado numa cadeira, vestido, durante duas horas. Sophie e Caroline pareceram um pouco desapontadas. Sophie segredou qualquer coisa a Caroline, que bufou de riso.

Julian continuou, parecendo alheio ao que se passava à sua volta.

– Até os artistas mais experientes acham difícil desenhar as mãos. – Calou-se e ergueu uma sobrancelha, como se quisesse transmitir que isso não se aplicava a ele. – Tentem não pensar que *sabem* como são as mãos e os dedos. Em vez disso, vejam-nas como uma combinação de formas, de bordas e de contornos. Pensem em como poderão usar as marcas dos vossos lápis para descrever a diferença entre a carne, os ossos da mão e aquele objeto duro que ela está a segurar. E, por favor, tentem não fazer com que os dedos elegantes do Benji pareçam um cacho de bananas.

Aos poucos, instalou-se uma paz entre a classe, apenas quebrada pelo arranhar dos lápis e pelo ocasional murmúrio lateral, ou por alguma instrução de Julian.

Quando a aula estava quase a terminar, Riley levantou a mão.

– O que é, jovem? Nós não estamos *na escola*, sabe! Não precisa de levantar a sua mão! – disse-lhe Julian, assemelhando-se bastante a um severo tutor.

– Aaaah, é que eu ando a planear uma viagem a Paris e queria saber se me poderia recomendar algumas boas galerias de arte para visitar – disse Riley ao mesmo tempo que baixava desajeitadamente o braço e passava a mão pelos cabelos louros.

Monica sentiu no seu estômago aquele nó traiçoeiro que lhe surgia sempre que Riley falava em partir de Londres. Eliminou-o, como se ele fosse uma mancha na montra do seu café. Estava a viver o momento, lembrou a si mesma com severidade.

– Ah, Paris. Não vou lá pelo menos há vinte anos – disse Julian. – Há muito por onde escolher... O Louvre é obrigatório, evidentemente. O Museu D’Orsay e o Pompidou. Esses seriam bons locais para começar. – Calou-se, franzindo a testa enquanto pensava. – Sabem uma coisa? Devíamos ir todos! Viagem de estudo da turma! O que dizem?

Monica, que nada adorava mais do que um novo *projeto*, interveio.

– Que ótima ideia! Eu podia fazer uma reserva de grupo no Eurostar. Se reservarmos agora para janeiro devemos conseguir um bom negócio. Vou calcular os custos e faço-vos um relatório na próxima semana. Entretanto, a ceia de dez libras hoje à noite, para quem ficar, é cortesia da maravilhosa Betty Wu.

– Sopa de caranguejo e milho doce, bolinhos de camarão e cebolinho, e crepes de legumes – anunciou Betty. – Biming! Traz pauzinhos redondos, tigelas e colheres de sopa, por favor.

– Biming? – sussurrou Monica para Benji.

– Eu sei. Não diga nada – respondeu Benji. – Ele anda em negação.

RILEY DEIXOU-SE FICAR PARA TRÁS enquanto todos saíam do café, empunhando os seus desenhos das mãos de Benji com diversos graus de orgulho e de embaraço, e com o caloroso resplandecer da sopa de Betty a propiciar-lhes algum isolamento contra o ar frio da noite.

– Queres que eu te ajude a fechar a loja? – perguntou ele a Monica, passando-lhe as mãos pelas costas. Pôs as mãos no cinto das calças dela e puxou-a para mais perto de si. A sensação das suas coxas de surfista contra as dela fez com que a respiração de Monica lhe ficasse presa na garganta.

– Obrigada – respondeu ela, pensando se deveria deixá-lo dormir lá em casa esta noite, caso ele lhe pedisse. Imaginou o rosto dele a dormir, com aquelas longas e escuras pestanas fechadas contra o seu rosto. Imaginou os membros morenos dele, enredados nos seus lençóis brancos e enrugados. Sentiu a sua cara tão quente que teve a certeza de que estava a corar. Não sabia bem se teria forças para o mandar ir para casa. Foi fechar a caixa. Riley veio atrás dela, trazendo para o balcão um par de copos que tinham ficado perdidos.

– O que é isso? – perguntou Riley, apontando para o estendal de notas autocolantes com várias cores que ela tinha atrás do balcão.

– São as minhas anotações sobre os clientes – respondeu Monica. Riley pegou numa delas e mirou a caligrafia elegante que ele reconheceu do caderno.

– *Senhora Skinner. Alergia a lacticínios. Bebê chama-se Olly. Perguntar-lhe pelo novo cachorrinho* – leu ele em voz alta. – E eu pensava que tu tinhas apenas uma memória extraordinária.

– Mas eu *tenho* uma memória extraordinária – respondeu Monica. – Escrevi todas essas anotações para o Benji. Ouve, estou muito entusiasmada com esta viagem a Paris! – disse-lhe, para distrair Riley antes que este começasse a ler as suas anotações menos caridosas, como *Cuidado com o Bert, é fanático do Fulham Football Club. Costuma enfiar os dedos no nariz. Usar toalhetes antibacterianos.*

– Achas que virão todos? Vou procurar uns sítios bons para irmos comer. Há muitos por onde escolher. Vais adorar aquilo, Riley. É realmente uma das cidades mais bonitas do mundo – disse-lhe, após substituir «românticas» por «bonitas» a meio do discurso. Isto era uma expedição cultural, e não um fim de semana sórdido. Dito isso, talvez ela pudesse reservar um encantador hotel de charme, para que eles os dois pudessem lá ficar mais uma noite. Poderiam ir passear ao pôr do Sol pelas margens do Sena e comerem *pain au chocolat* quente ainda na cama ao pequeno-almoço, com café forte e sumo de laranja acabada de espremer.

Despertou dos seus devaneios e percebeu que Riley ficara absorto, a olhar por cima do ombro dela. Virou-se para ver o que lhe despertara a atenção. Era um bilhete-postal que ela tinha afixado no painel de avisos.

– Bonita praia, não é? Fica algures na Tailândia. – Percutiu a inscrição no canto inferior direito. – Koh Panam, ao que parece. Mas é muito estranho, porque não faço ideia de quem mo enviou, embora seja óbvio que me conhece. Olha. – Soltou o bilhete-postal e pôs à mostra o verso, estendendo-o a Riley. – Vem endereçado a Monica. *Até breve*. Achas que será alguém que anda a perseguir-me? E vem assinado *Hazard*. Quero dizer, que raio de nome é esse? Parece um sinal de trânsito!

Então, quase sem se despedir, Riley anunciou-lhe que tinha de se ir embora. E Monica ficou a segurar aquele estranho postal e a pensar o que seria que ela fizera de errado.

CAPÍTULO 22

Julian

Monica não tinha dito a Julian que iria passar por lá. Julian suspeitou que ela o tinha apanhado de surpresa deliberadamente, para que ele não pudesse protestar. Estava ali à porta dele, empunhando um balde cheio de produtos de limpeza com várias cores garridas, e umas luvas de borracha em amarelo-berrante já calçadas nas mãos. Iria ela usá-las em público? Com certeza que não.

– Hoje está a ser um dia muito calmo no café – disse ela – e por isso lembrei-me de vir cá fazer-lhe uma limpeza geral de primavera. – Ele deve ter-se mostrado tão alarmado quanto se sentia, porque ela acrescentou com rapidez. – Não é a si. À sua vivenda. Não se preocupe... Isto não é nada difícil. Para ser franca, fazer limpezas é uma das minhas atividades favoritas desde sempre. E este lugar é um incrível... – Ela calou-se por alguns segundos antes de sacar a palavra «desafio», como se tirasse um coelho de uma cartola. – Isto, meu amigo, é o *Rolls Royce* dos projetos de limpeza.

– Bom, isso é muito gentil da sua parte, menina – disse-lhe enquanto ela passava por si e penetrava no corredor –, mas não é necessário. Eu gosto disto assim como está. A sério. Além de tudo o mais, tem o cheiro da Mary. Se começar a atacar a casa com todo esse... *material*, vai limpá-lo daqui num instante. – Ela não poderia arranjar resposta para isso, pois não?

Monica parou e virou-se de frente para ele.

– Julian, eu não quis ser mal-educada, mas... – Julian resistiu à vontade de enfiar os dedos nos ouvidos; as pessoas usavam sempre aquela expressão antes de dizerem algo muito, muito mal-educado. – Está a dizer-me que a Mary cheirava a mofo, a pó e a qualquer coisa não identificável que deve ter morrido debaixo dos armários da sua cozinha?

– Bom, não, claro que não! – respondeu horrorizado e um pouco zangado, na verdade. Talvez Monica tenha sentido isso porque segurou a mão dele na sua, depois de ter descalçado primeiro aquelas ridículas e feias luvas.

– Conte-me a que cheirava a sua casa quando a Mary cá estava, Julian – disse-lhe ela.

Julian fechou os olhos e pensou durante vários minutos, enquanto os aromas se iam sobrepondo uns aos outros no seu espírito.

– Lembro-me do cheiro a rosas, a doce de morango caseiro e a limões frescos. Do cheiro daquela laca para o cabelo que vinha numas grandes latas douradas. Ah, e do da tinta, claro – disse ele.

– Está bem. Dê-me meia hora. Eu volto já – disse Monica, e desapareceu, tão abruptamente como havia chegado.

Quando ela regressou, vinte e nove minutos depois, trazia ainda mais material. Empilhou os sacos a um canto e postou-se à frente dele, para que não pudesse ver o que estava lá dentro.

– Julian, acho que se calhar é melhor sair e deixar-me tratar disto – disse-lhe ela. – Vá sentar-se no café. Eu disse ao Benji para incluir na conta da casa tudo o que quiser comer ou beber. Fique por lá o máximo que puder. Vou precisar de algum tempo.

Julian, o qual começava a aprender que discutir com a sua nova amiga era um desperdício de tempo e de energia, saiu e passou uma tarde muito agradável a conversar com as pessoas que iam entrando e saindo no café de Monica.

Benji ensinou-o a fazer um *cappuccino* como devia ser, usando a máquina de café que tinha o tamanho de um carro pequeno, e era também complicada. A seguir, ele e Benji passaram imenso tempo a rir-se como uns miúdos travessos por causa das «notas sobre os clientes» feitas por Monica, e acrescentaram mais algumas que eles inventaram.

Ele estava a esforçar-se muito para não pensar na devastação que devia estar a acontecer em sua casa.

PELA PRIMEIRA VEZ que ele se lembrasse, talvez desde sempre, Julian bateu à sua porta. Estava bastante nervoso quando entrou, e sentia-se mais como um

visitante do que como o proprietário. Monica apareceu ao fim de um ou dois minutos, com o cabelo enrolado num lenço, do qual se haviam soltado várias madeixas húmidas. Tinha o rosto ruborizado e os olhos a brilhar, como se também os tivesse limpado. Trazia vestida uma das batas de Mary. Onde diabo encontrara ela aquilo?

– Lamento mas ainda só tratei da sala de estar e da cozinha – disse-lhe ela. – Hei de voltar cá para fazer o resto noutro dia. Entre!

– Monica! – disse ele. – Isto foi *transformado*. – E fora. A luz entrava pelas janelas, atingindo superfícies que estavam limpas e luzidias. Os tapetes tinham deixado de ser uma coleção de cores pardacentas, para se tornarem vívidos e vibrantes, e não havia uma única teia de aranha à vista. Aquilo parecia de novo um *lar*, como se Monica tivesse limpado quinze anos, com toda a sujidade.

– A que lhe cheira? – perguntou ela. Ele fechou os olhos e inalou.

– A limões, com certeza – disse ele.

– Pois. Usei uns produtos de limpeza com aroma de limão. E a que mais?

– Doce de morango!

– Acertou outra vez. Está ao lume no fogão limpo e brilhante da cozinha. Vamos precisar de arranjar alguns potes para doce. Sente-se enquanto eu termino.

Monica desapareceu no exterior da moradia e quando regressou trazia três grandes ramos de rosas, que devia ter escondido no pátio. Apressou-se a ir buscar umas jarras e a dispô-las em várias superfícies.

– E agora – disse ela num tom teatral – falta o toque final! – Mostrou-lhe então uma lata de laca *Elnett*, a mesma marca que Mary usava, e aspergiu-a na sala de estar. – Feche os olhos, Julian. Agora diga-me, parece-lhe que tem o cheiro que costumava ter quando Mary cá estava?

Ele recostou-se na sua poltrona favorita (que já não parecia estar sebenta) e inalou. E tinha. Apeteceu-lhe manter os olhos fechados para sempre, e ficar em 2003. Mas aquilo precisava de uma última coisa.

– Monica – disse ele. – Temos de fazer umas pinturas. Eu dou-lhe uma aula particular. É o mínimo que posso fazer.

Julian abriu as portas duplas que permitiam aceder da sala de estar ao seu estúdio. Puxou um rolo de lona, estendeu-o no chão e começou a misturar

tinta com um óleo qualquer.

– Hoje à noite, Monica, vamos fazer Jackson Pollock. Eu já vi como desenha. É tudo muito arrumado e preciso. Você tenta copiar o que vê. Mas o Pollock disse: *A pintura é autodescoberta. Todo o bom pintor pinta o que ele é.* Ele disse que se trata de expressar os nossos sentimentos, e não apenas de ilustrar. Tome lá, pegue neste pincel. – Entregou a Monica um pincel que era quase do tamanho da mão dela. – O Pollock usava tintas para interiores, mas, como eu não tenho nenhuma, vamos usar óleos misturados com linhaça e aguarrás. Ele punha as telas no chão e pintava no ar por cima delas, usando todo o seu corpo para o fazer, como uma bailarina. Está pronta?

Ela suspeitou que não estava, e percebeu que ficara preocupada por ir estragar a moradia recém-restaurada, mas em todo o caso disse-lhe que sim. Ele regressou à sala de estar, escolheu um álbum de vinil e pô-lo no giradiscos. Havia apenas um homem à altura de uma tarefa tão teatral: Freddie Mercury.

Julian descalçou os sapatos e deslizou pelo chão de madeira agora encerado e lustroso, regressando ao estúdio a cantar a *Bohemian Rhapsody* com toda a veemência, senão o talento, de Freddie. Pegou num pincel, mergulhou-o num tom de siena queimada e salpicou-o sobre a tela, espalhando a tinta num vasto arco.

– Vá lá, Monica, vá lá! – exclamou. – Use o seu braço todo. Sinta-o na sua barriga. Solte isso tudo!

Ela começou aos poucos, mas ele ficou a observá-la quando ela começou a rir-se, a soltar-se, a lançar tinta por cima da cabeça, como se fosse um tenista a efetuar o serviço na linha de fundo, espalhando gotas de cádmio vermelho nos seus cabelos ao fazer isso.

Julian deslizou a todo o comprimento da tela num amplo *plié*, aspergindo tinta com rápidos movimentos do pulso enquanto passava.

– Você dança, Monica? Dança o fandango? O que é um fandango, afinal? E quem diabo é o Scaramouche? – E deixaram-se cair os dois no chão, exaustos e a rirem-se, ao lado da sua maravilhosa profusão de cores. O cheiro da tinta fresca pairava no ar por cima deles, misturando-se com o aroma das rosas, dos limões, do doce e da *Ellnet*.

– A Mary morreu em casa, Julian? – perguntou Monica quando ambos se acalmaram e voltaram a respirar normalmente. – Eu sei como isso é, você...

– Não quero falar sobre isso, se não se importa – disse Julian, interrompendo-a de repente. A seguir ele sentiu-se mal. Parecia que ela lhe quisera contar alguma coisa *a ele*. Felizmente, ela mudou de assunto.

– Você e Mary nunca tiveram filhos? – perguntou Monica. Cristo, esse tópico não era muito melhor.

– Tentámos – respondeu Julian. – Mas, depois de uma série de abortos horríveis, decidimos que não era para acontecer. Não foram tempos fáceis. – E dizer isso era um eufemismo.

– E não quiseram adotar? – perguntou Monica, recusando-se a largar o osso, tal como o seu cão *Keith*.

– Não – disse ele, o que não era verdade. Mary andara desesperada por adotar, mas ele vetara tal ideia. Não via o sentido de terem filhos se não pudesse transmitir os seus genes. Imagine-se ter de escrutinar o rosto do filho para sempre, sem saber de onde ele viera. Suspeitou que essa explicação não o faria parecer muito simpático.

– Tem mais alguma família? Irmãos? Sobrinhos e sobrinhas? – perguntou Monica.

– O meu irmão morreu com quarenta e poucos anos, esclerose múltipla, uma doença horrível – respondeu Julian. – Não o ajudei tanto quanto deveria. Não sou nada bom com as imperfeições físicas. Uma das minhas muitas falhas. Ele não teve filhos. A minha irmã, Grace, emigrou para o Canadá nos anos de 1970. Não vem cá há mais de uma década. Demasiada velha para fazer a viagem, diz ela. Tem dois filhos, mas eu não os vejo desde que eram bebés, a não ser no Facebook. Foi uma invenção maravilhosa, isso. Embora me sinta contente por não ter existido quando eu ainda era bonito. Podia ter ficado obcecado. – Apercebeu-se de que estava a tagarelar.

– Então, com quem tenciona passar o Natal? – perguntou-lhe Monica. Julian fingiu pensar muito.

– Meu Deus, tenho tantas opções que ainda não consegui decidir – disse ele. Iria ela convidá-lo para alguma coisa? Tentou não se entusiasmar de mais, para o caso de ela estar apenas a ser curiosa.

– Bom – disse Monica interrompendo o silêncio confrangedor. – O meu pai e a Bernadette vão embarcar num cruzeiro. Para as Caraíbas. É o quinto aniversário do casamento, o que significa que fico sozinha. E o Riley também, uma vez que a família dele está do outro lado do mundo. Por isso, lembrámo-nos de que poderíamos fazer o almoço de Natal no café. Gostaria de se juntar a nós?

– Não consigo pensar em nada de que eu gostasse mais – respondeu Julian, sentindo-se entontecido. – Acho que nunca lhe disse como fiquei feliz por ter sido você a encontrar o meu caderninho, Monica.

– Eu também estou muito feliz por o ter encontrado – respondeu-lhe ela, pousando a sua mão sobre a dele.

Ele percebeu quão desabituação ficara do contacto físico. A única pessoa que lhe tocava com regularidade era o barbeiro.

– Julian, você devia pintar o Riley! – disse Monica. – Ele seria um modelo maravilhoso.

– Mmm – disse Julian, pensando que ele não precisaria de muitas camadas. Repreendeu-se. Esse pensamento não era nada caridoso, e ele já não era essa pessoa mesquinha.

– Por falar no Riley – disse Julian, tentando mostrar-se casual –, suspeito que ele poderá estar um niquinho apaixonado por si.

– Acha que sim? – perguntou Monica, parecendo um pouco entristecida. – Eu não tenho a certeza.

– Também escreveu no caderno? – inquiriu-lhe, para passar a um outro assunto caso aquele tivesse feito Monica sentir-se desconfortável. Imaginou que era assim que se sentiria um pai, querendo mostrar interesse, mas tendo o cuidado de não ultrapassar os limites. Se aquele Riley a transtornasse, teria de se haver com Julian.

– Sim, mas agora estou bastante envergonhada daquilo que lá escrevi. No entanto, lembra-se de ter dito que *talvez contar essa história mude a sua vida*? Bom, acho que só o facto de a ter escrito criou uma magia qualquer, porque a minha vida realmente mudou desde então. Tudo parece estar a compor-se. Pelo menos, eu achei que estava. Deixei o caderno num bar de vinhos, há umas semanas.

– Gostava de saber quem o terá encontrado. Lembra-se do que eu escrevi a seguir? *Ou a vida de alguém que ainda não conheceu.*

– Bom – disse Monica –, até agora aquilo já conseguiu bastante, não acha? – E sorriu-lhe, a amiga que ele conhecera há pouco tempo, mas que de certa forma parecia conhecer desde sempre.

CAPÍTULO 23

Riley

Riley estava sentado na sua estreita cama de solteiro, equilibrando em cima dos joelhos um computador portátil – que pedira emprestado a Brett, um dos colegas de apartamento. Como sentia uma das molas do colchão, dura e protuberante, por baixo da coxa direita, virou-se ligeiramente para o lado esquerdo, e reajustou o teclado no colo. Estava a beber chá sem leite, desde que alguém acabara a cerveja que ele tinha comprado no dia anterior. O seu pacote de seis cervejas era agora um pacote de quatro, e o seu queijo *cheddar* tinha um bom bocado a menos e ganhara um conjunto de marcas de dentes. Tinha começado a colocar etiquetas em todas as coisas que lhe restavam, mas lamentava que os seus colegas de apartamento o tivessem transformado nesse tipo de pessoa. Ele não punha rótulos no seu território.

O quarto estava iluminado pelo tépido sol de dezembro, o qual tentava penetrar na fuligem que revestia as janelas de Riley, ali acumulada pelos tubos de escape dos milhares de carros que atroavam na Warwick Road, vinte e quatro horas por dia. Riley estava a sentir-se como uma planta estiolada – fraca, amarelada e fragilizada pela falta de sol e de ar fresco. A sua pele morena adquirira uma tonalidade ictérica, e os seus cabelos louros e esbranquiçados estavam a ficar mais escuros. Em breve, pensou ele, os seus cabelos e a sua pele acabariam por ter a mesma tonalidade.

Pela primeira vez desde que chegara a Londres, Riley sentiu uma saudade quase insuportável de Perth, dos dias que lá passava ao sol, a alimentar, a regar, a arrancar as ervas daninhas e a podar os jardins de outras pessoas. Olhou para o painel de recados ao lado da cama, para a montagem que ele fizera com fotografias da sua terra. Ele quando ainda era adolescente, com o pai e os dois irmãos, todos a surfarem a mesma onda. Estavam a sorrir para a mãe dele, que

era a fotógrafa. Como sempre, ela tinha-se atrapalhado com o enquadramento, e por isso via-se demasiado céu. A mãe com ele ao colo quando era bebé, no regresso de uma viagem em que tinham ido visitar a família dela em Bali. Um grupo de amigos seus, erguendo garrafas de cerveja para a câmara, durante o churrasco que haviam organizado para se despedirem dele antes da sua grande digressão. Por que trocara uma vida rodeada pela natureza gloriosamente verdejante por uma outra cercada de betão, onde se inalava poluição sempre que se respirava?

Riley estava a verificar os progressos dos vários lotes que tinha no eBay. O fato de apicultor de Julian (muito pouco usado) tinha sido posto à venda por uma pequena quantia. Quem imaginaria que havia tantos apicultores amadores por ali? E o candeeiro *Tiffany*, que ele descrevera com um «não funciona» e um «precisa de algum restauro», estava a atrair novas licitações a cada poucos minutos. O melhor de tudo é que aparentemente o antigo telemóvel de Julian iria vender-se por um preço mais alto que o do último *iPhone*. Riley soprou uma madeixa de cabelo encaracolado para longe dos olhos enquanto continuava a percorrer a página.

Os únicos móveis do quarto de Riley eram uma cómoda com gavetas, um varão para roupas com alguns cabides lá pendurados, e uma estante torta, a qual parecia indicar que alguém teria bebido de mais enquanto seguia a folha de instruções da IKEA. Pelo canto do olho, Riley avistou o caderno de Julian a espreitar entre os seus romances já lidos e os guias de viagem, a provocá-lo.

Sentia-se como se estivesse a afundar-se cada vez mais em areia movediça. Lembrou-se daquele mal-estar no estômago que sentira quando tinha visto o postal daquela praia no painel de avisos de Monica, e de como esperara que aquilo fosse uma mera coincidência. Logo que Monica mencionara o nome de Hazard, devia ter-lhe contado tudo. Poderia ter dito: *Ah, sim, esse é o tipo que eu conheci na Tailândia, pouco antes de vir para cá. Ele deu-me um caderno, e foi assim que te encontrei.* Teria sido assim tão difícil? Mas ele estragara tudo. Pior ainda, fugira de lá, deixando Monica ali especada, com o postal na mão e um ar perplexo. E agora afundara-se ainda mais no engano. Nunca poderia afirmar que não tinha surgido o momento certo, que não tivera a oportunidade de confessar. E tão-pouco poderia argumentar que julgara

tratar-se de um Hazard diferente. Se ao menos ele tivesse um qualquer nome normal, como James, Sam ou Riley. Nada podia dar errado com um nome como Riley.

Riley combinou uma coisa consigo. Iria contar a história toda a Monica e enfrentar as consequências. Se ela nunca mais quisesse voltar a vê-lo, que assim fosse. Em qualquer caso talvez já estivesse na hora de ele seguir viagem. Mas ela poderia aceitar isso com uma certa estoicidade – achar que era uma historieta divertida que ela poderia repetir aos seus amigos quando lhes contasse como eles se haviam conhecido. Com certeza que ela haveria de perceber que, embora Hazard tivesse engendrado o encontro deles, o que acontecera depois disso fora porque ele gostava mesmo dela? Mais do que gostava, percebeu ele, surpreendendo-se.

Faltava apenas uma semana para o Natal e Riley não queria correr o risco de arruinar os planos cuidadosamente elaborados por Monica. Sabia como ela ficara entusiasmada por ir servir o almoço de Natal no seu café. Tinha visto todas as listas em cima da mesa da sala no apartamento dela: a lista de compras, o plano minuto a minuto para cozinhar, a lista de presentes (ela tinha escondido essa antes que ele conseguisse ver qual o presente que iria dar-lhe). Tentara envolvê-lo numa conversa acerca do Jamie Oliver e da Nigella, mas fora óbvio que reparara na expressão vaga dele e desistira.

Monica tinha convidado toda a turma de arte para irem lá tomar umas bebidas antes do almoço, e seguirem depois para as suas celebrações familiares. A maioria das pessoas ia para fora da cidade, mas Betty e Baz tencionavam aparecer. Benji viria almoçar, uma vez que decidira ir ter com a sua família à Escócia só para celebrar o Hogmanay, em vez do Natal.

Iria, decidiu ele, contar-lhe tudo depois do Natal, mas com certeza antes do Ano Novo.

Tendo feito essa promessa a si mesmo, o peso dos enganos de Riley tornou-se um pouco mais leve. Olhou outra vez para o caderno. Queria livrar-se daquilo. Agora que já havia decidido o que fazer, queria esquecer-se d' *O Projeto da Autenticidade* durante a próxima semana, mais ou menos – mas era-lhe impossível fazer isso com o caderno ali.

Pensou em deitá-lo fora, mas não queria ser aquele que quebrava a corrente. Isso parecia ser um *karma* muitíssimo mau, destruir as histórias sinceras e escritas daquelas pessoas. Talvez devesse passá-lo a outrem, como Monica e Hazard tinham feito. Talvez isso trouxesse sorte a alguém – afinal, fora o caderno que o apresentara a Monica e a todo um grupo de amigos. Até lhe arranjava um emprego, caso se pudesse chamar isso ao projeto de Julian no eBay. Tinha a certeza de que o próximo destinatário não seria tão estúpido como ele fora, e iria lembrar-se de que toda a ideia tinha a ver com a *autenticidade*, e não com mentiras.

Umhas pancadas ritmadas, intercaladas por alguns gemidos excessivamente teatrais, fizeram-se ouvir no quarto ao lado. As paredes daquele apartamento mal remodelado eram tão finas que Riley conseguia ouvir um peido libertado com subtileza a dois quartos de distância, e estava bastante mais familiarizado do que gostaria de estar com a muito ativa vida amorosa de Brett. A atual namorada de Brett estava, concluiu ele, a fingir. Ninguém poderia estar a divertir-se tanto com aquele Neanderthal que era seu colega de apartamento.

Riley tirou o caderno da estante, foi procurar uma caneta na bolsa lateral da mochila, e começou a escrever.

QUANDO RILEY terminou, já estava escuro lá fora. Sentiu que tinha tirado um peso de cima dos seus ombros e que o transferira para a página. Tudo iria correr bem. Foi até à janela e, quando ia fechar aquelas cortinas assaz inadequadas, descobriu uma coisa extraordinária. Tinha de contar a Monica.

CAPÍTULO 24

Monica

Monica estava a virar a placa na porta de ABERTO para FECHADO quando Riley apareceu, com o aspecto de quem tinha vindo a correr desde Earl's Court. Se ela não lhe tivesse aberto a porta, teria chocado contra esta.

– Monica, olha! – gritou ele. – Está a NEVAR! – Abanou a cabeça, espalhando gotas de água por toda a parte, como um cão de água entusiasmado depois de um mergulho.

– Eu sei – respondeu ela –, mas duvido que continue. Quase nunca acontece. – Percebeu que não era essa a resposta que Riley esperava. – Riley, tu nunca tinhas visto neve antes?

– Claro que sim, nos filmes, no YouTube e em sítios assim, mas assim mesmo a cair do céu, não – respondeu ele, apontando para alguns flocos muito esparsos. Monica olhou para ele com espanto, quase alarmada. – Bom – disse-lhe, parecendo um pouco indignado –, tu já viste alguma tempestade no deserto ou algum incêndio no mato? – Ela disse-lhe que não com a cabeça. –

Eu também julgava que não. Seja como for, temos de ir! Há um ringue de patinagem junto ao Museu de História Nacional. Vamos lá!

– Museu de História *Natural* – corrigiu Monica. – E eu não posso sair assim. Tenho de arrumar isto aqui, fechar a caixa, preparar tudo para amanhã. Desculpa. – Ter-se-ia ele esquecido de que, na última vez em que ali estivera, tinha-a abandonado a meio de uma frase?

– Monica – disse Riley –, tu precisas de viver um pouco. Tudo isso pode esperar. Aproveita o momento. Para de te preocupar com o futuro e diverte-te. Só se é jovem uma vez. – Monica estremeceu com aqueles lugares-comuns que estava a debitar-lhe como se fosse o guião de um mau filme de Hollywood.

– A seguir vais dizer-me que nunca ninguém disse no leito de morte que gostava de ter passado mais tempo a trabalhar, não é? – disse-lhe ela. Depois olhou para o rosto dele, lúcido e expectante, e pensou *por que diabo não?*

MONICA TIVERA aulas de patinagem quando era criança, bem como aulas de bailado, piano, flauta, ginástica e teatro. Até aos dezasseis anos, quando tudo isso parara. Mas ao fim de poucos minutos os músculos dela já haviam absorvido todas essas lembranças há muito esquecidas, e estava a deslizar e a rodopiar com confiança, e até com ostentação. *Por que nunca mais tinha voltado a patinar?*, perguntou-se. Todas aquelas paixões que ela tinha quando era mais nova, as coisas que faziam o seu coração disparar e que lhe preenchiam os sonhos, haviam sido abandonadas em troca de trabalhar muito, ser sensata, planear o futuro.

Por falar em sonhos, nem nos mais loucos ela alguma vez imaginara estar com alguém tão deslumbrante como Riley. Precisava de estar sempre a beliscar-se. Onde quer que fossem, as pessoas ficavam a olhar para eles. Riley devia ter sido sempre admirado ao longo de toda a vida, porque parecia alheio a isso. Ficariam todos a pensar: *O que anda ele a fazer com ela?*

Riley era inconsciente acerca da sua aparência. Neste momento parecia o *Bambi* na sua primeira excursão ao lago gelado – um emaranhado de membros pouco cooperantes que passavam mais tempo esparramados no gelo do que em posição vertical. Estava deitado de costas, com os cabelos louros espalhados ao redor da cabeça como a auréola de um anjo expulso dos céus. Ela estendeu a mão para o ajudar a levantar-se. Ele agarrou-lha, apoiou-se nos pés, que depois voaram por baixo dele, e estatelou-se de novo no chão, arrastando Monica consigo.

Monica ficou deitada num emaranhado por cima de Riley. Sentiu todo o percurso do riso dele, desde o seu início, ao fundo da barriga, até onde lhe borbulhou no peito, para explodir depois ao lado da orelha dela. Apanhou-o na sua boca com um beijo. E com o som daquele riso, com a sensação daquele beijo, tão natural e descomplicado, ela percebeu que todos os lugares-comuns eram verdadeiros. Claro, Riley não satisfazia todos os seus critérios, mas talvez a culpa fosse dos critérios, e não dele.

Riley sorriu-lhe.

– Como fazes isso, Monica? A girar aí pelo gelo fora com tanta graciosidade, como se fosses uma Fada Sininho do Ártico. Estou muito admirado. – Monica pensou que ia rebentar de felicidade; aparentemente, ela era uma mulher que inspirava *admiração*.

Riley levantou-se e ajudou uma menina pequena, que também tinha caído, a pôr-se outra vez em pé. Ela ficou a olhá-lo de boca aberta, como se ele fosse o Pai Natal. Nem as crianças de tenra idade eram imunes ao encanto dele, ao que parecia.

Quando Monica e Riley regressaram ao café, já eram quase dez da noite. Monica sabia que precisava de concluir as tarefas que abandonara, mas continuava a sentir-se transportada por uma onda de espontaneidade que quase se assemelhava a uma insanidade temporária.

Quando acendeu as luzes do café, viu de novo o postal, atrás do balcão, e decidiu confrontar Riley.

– Riley, por que te foste embora tão depressa na outra noite? – perguntou-lhe, procurando não se mostrar muito agressiva. – Deixei-te transtornado de alguma maneira?

– Meu Deus, não. Por favor, não penses isso – disse Riley. E ela acreditou nele. Riley era demasiado franco para conseguir mentir de forma convincente. – Fiquei um bocadito *assustado* de repente, tu sabes como é. – Ele baixou os olhos para o chão e remexeu-se pouco à vontade.

Monica entendeu muito bem. Afinal, ela assustava-se com o relacionamento deles – com todos os seus relacionamentos – regularmente. Não poderia culpá-lo! Na verdade, ficou bastante aliviada ao descobrir que Riley também se debatia com emoções complexas. Talvez fossem mais parecidos do que ela julgava.

– Por que não tomamos um vinho quente? – sugeriu, pensando que o álcool poderia ajudar a restaurar a anterior atmosfera descontraída. Entrou na pequena cozinha ao fundo do café, acendeu o fogão e despejou uma garrafa de vinho para dentro de uma panela grande, adicionando-lhe uma seleção de especiarias, laranjas e cravinho. Ouviu Riley pôr música a tocar na sala ao lado.

Ella Fitzgerald. Boa escolha. Mexeu o vinho durante dez minutos, o que nem de perto era tempo suficiente, mas hoje ela estava disposta a tudo.

Monica levou dois copos do vinho quente, ainda inacabado, para o salão do café. Riley pegou em ambos, pousou-os com cuidado em cima de uma mesa, agarrou-lhe uma das mãos e começou a dançar com ela, evitando habilmente todas as cadeiras e mesas enquanto a fazia rodopiar, segurando-a apenas pelas pontas dos dedos, e a seguir puxando-a para perto de si. Os braços e as pernas que antes se haviam mostrado tão inaptos estavam de súbito bem coordenados, e tão controlados que era difícil acreditar que pertenciam à mesma pessoa.

Enquanto dançava, Monica percebeu que aquele nó de ansiedade que por norma transportava consigo já não estava lá. De momento, pelo menos, ela não estava preocupada em saber: *O que vem a seguir? E se? Para onde vai isto?* Nem com a sua preocupação mais recente: *Quem diabo estará a ler aquele estúpido caderno em que eu escrevi?* A única coisa que importava era o ritmo da música e a sensação de estar nos braços de Riley.

Passou por ali um autocarro, que iluminou o pavimento lá fora por um instante, e ali, mesmo em frente à montra dela, estava uma mulher nova, que segurava nos braços um lindo e rechonchudo bebé, como numa versão moderna de *A Virgem e o Menino*. O (ou a?) bebé tinha enrolado o cabelo da mãe no seu punho, como se quisesse assegurar-se de que ela jamais o largaria.

Por um segundo, o olhar dela cruzou-se com o da jovem mãe, que parecia dizer-lhe: *Olha para a tua vida, tão frívola e vazia. É isto que de facto importa; o que eu tenho.*

Enquanto o autocarro prosseguia em direção a Putney, a calçada lá fora mergulhou de novo na escuridão, e aquela visão desapareceu. Talvez nunca lá tivesse estado. Talvez fosse um prodígio da imaginação dela, o seu subconsciente a lembrar-lhe que não esquecesse os seus sonhos e ambições por cumprir. Mas, quer a visão fosse real ou não, aquele momento de euforia despreocupada já se perdera.

CAPÍTULO 25

Alice

Eram quase onze horas da noite e Alice andava a calcorrear as ruas com *Bunty* dentro do carrinho, a tentar que ela adormecesse. Parecia ter resultado, pois os gritos haviam-se transformado em fungadelas e, nos últimos quinze minutos, em abençoado silêncio. Alice voltou para casa, desesperada por conseguir algum sono para si. Quem teria pensado que chegaria o dia em que aquilo que ela mais queria no mundo – mais do que dinheiro, sexo, fama ou um par dos mais recentes sapatos *Manolo Blahnik* – seriam oito horas de sono ininterrupto?

Quando passou por um dos seus cafés preferidos, como se chamava? Daphne's? Belinda's? Era um nome qualquer antiquado – Alice parou. As luzes estavam acesas lá dentro e ela viu duas pessoas a dançarem em volta das mesas como numa cena improvavelmente perfeita saída do último romance otimista de Hollywood.

Alice sabia que devia seguir caminho, mas os pés estavam pregados ao chão. Ficou a observar, a partir do confortável anonimato do passeio às escuras, enquanto o homem olhava para a mulher que tinha nos seus braços com tanto amor e ternura que a ela até lhe apeteceu chorar.

Ao princípio, Max olhava-a como se ela fosse uma princesa dos contos de fadas e ele mal pudesse acreditar na sua sorte. Mas há muito tempo que já não a olhava assim. Ela suspeitava que ver o amor da nossa vida passar pelo trabalho de parto, com todos os gritos, suores, choros e fluidos corporais que isso envolvia, devia modificar bastante, e para sempre, a visão que se tinha dele. Ela pedira-lhe que ficasse só até «se ver a ponta da cabeça», mas ele insistira em ver a sua primogénita vir ao mundo – o que tinha sido, estava certa disso, um erro medonho. Além de qualquer outra coisa, tinham

precisado de ir buscar mais uma parteira para tratar de Max quando este se debruçara e batera com a cabeça no carrinho. Ainda ontem Max tinha confundido o creme dela para as hemorroidas com a sua pasta dentífrica. Não era de admirar que houvesse pouco romance na relação deles.

Alice tinha a certeza de que aquela rapariga do filme que estava a desenrolar-se à sua frente não tinha um bebé pequeno, nem estrias ou hemorroidas. Era livre, desimpedida, independente. O mundo era a sua ostra. Então, como se quisesse lembrar a Alice que ela não era nenhuma dessas coisas, *Bunty* começou a berrar, despertada pela súbita interrupção do movimento do carrinho.

Alice pegou em *Bunty* ao colo, embrulhada na sua manta de caxemira *Brora*, desejando conseguir sentir algo que não fosse irritação. Para acrescentar a injúria ao insulto, *Bunty* enrolou as mãos nos cabelos de Alice e levou-os à boca, puxando-lhos pelas raízes. Passou então um autocarro, que iluminou a calçada e, nesse momento, a rapariga do café virou-se e fitou Alice com um olhar condoído. *Pobre de ti*, parecia ela dizer, *não gostarias de ser como eu?*

E de facto gostaria.

A NOITE MAL DORMIDA de Alice foi intercalada com sonhos sobre aquele casal no café. Embora, no sonho, fosse ela a mulher que dançava, e uma outra pessoa – ela não sabia quem – estivesse a assistir. Alice abanou a cabeça, tentando desalojar essa visão a fim de poder concentrar-se na tarefa que tinha em mãos. Tudo o que conseguiu desalojar foi o seu estúpido barrete natalício.

Alice e *Bunty* estavam ambas a usar uns chifres de rena. Alice inclinou *Bunty* para que os narizes delas quase se tocassem. O rosto rechonchudo de *Bunty*, com o seu sorriso radiante de gengivas à mostra, ficou na fotografia, mas de Alice só se conseguia ver as madeixas douradas (cortesia de @danieldoeshair) e uma pequena porção do perfil. Fez mais alguns retratos, para prevenir.

O verdadeiro nome de *Bunty* era Amelie, mas tinham-lhe dado a alcunha de *Bebé Bunty* poucos dias após o nascimento, quando ainda andavam a discutir que nome lhe haveriam de dar (e a discutirem sobre quase tudo, diga-se a

verdade), e a alcunha persistira. Agora, @babybunty tinha quase tantos seguidores como @aliceinwonderland.

Alice carregou a melhor das fotografias para o Facetune e aclarou a pequena porção do seu olho que aparecia no retrato, removeu a sombra escura que havia por baixo e apagou todas as suas rugas finas. *Bunty*, por cuja conta no Instagram nunca se viria a saber que sofria de alergia ao leite e de crosta láctea, recebeu o mesmo tratamento. Em seguida, Alice adicionou um filtro, escreveu «O Natal está a chegar!» e acrescentou alguns *emojis* festivos e todos os habituais *hashtags* de mamã e de *blogger* da moda, assinalou a @babydressesup, que lhe enviara os chifres de rena, e premiu FEITO. Pousou o telefone virado para baixo em cima da mesa por cinco minutos, e depois virou-o para si a fim de verificar o número de gostos. Já ia em 547. Esta iria ter um bom desempenho. Fotografias com a mãe e o bebé funcionavam sempre.

Bunty começou a uivar, fazendo com que o peito esquerdo de Alice começasse a derramar leite por toda a camisola. Ainda agora acabara de se vestir, e esta era a sua última peça de roupa lavada. A privação do sono fazia-a sentir-se desassociada, como se estivesse a observar a sua vida, em vez de estar nela. Apeteceu-lhe chorar. Passava muito tempo a querer chorar.

Alice estremeceu quando *Bunty* fincou as duras gengivas à volta do seu mamilo dorido e gretado. Lembrou-se daquela idílica e artística fotografia de amamentação que publicara no dia anterior em @babybunty, da iluminação, do ângulo da câmara e do filtro que mascarara as bolhas, a dor e as lágrimas. Como uma coisa tão natural como alimentar a nossa filha podia ser tão *medonha*? Por que ninguém a avisara?

Às vezes apetece-lhe estrangular a parteira da comunidade com aquele cordão que ela trazia ao pescoço com o seu cartão de identificação lá pendurado, e que berrava AMAMENTAR É MELHOR AMAMENTAR É MELHOR repetidamente, admoestando de dedo estendido qualquer mãe que ousasse pensar em preparar um biberão de fórmula láctea. Decerto que querer matar uma parteira não era um pensamento saudável para uma jovem mãe, pois não?

Afastou a tosta com abacate amassado que havia fotografado ao pequeno-almoço e estendeu a mão para o armário, com *Bunty* ainda atracada do lado

esquerdo, para ir buscar as bolachinhas de chocolate que estavam ali guardadas para as emergências. Comeu o pacote inteiro. Esperou que lhe surgisse o habitual sentimento de aversão. Oh, sim, lá estava ele, mesmo a tempo.

Logo que *Bunty* terminou, e arrotou uma porção de leite regurgitado sobre o outro lado da camisola de Alice, esta começou a vasculhar a pilha de roupas de bebé do seu patrocinador @babyandme. Precisava de publicar outra fotografia de moda de bebé antes que fosse tarde de mais para as entregas de Natal. Encontrou um lindíssimo casaquinho de *tweed* assertoado, com chapéu e botinhas a combinar. Iria servir.

Agora Alice tinha de ir lá para fora. O casaco ver-se-ia melhor, e a pequena casa geminada em que ela vivia estava tão cheia de caixotes de cartão, de brinquedos para bebés, de pilhas de roupa suja e de um lava-louça cheio de louça por lavar, que não poderia servir como cenário de fundo. @aliceinwonderland morava numa casa de bom gosto, impecável e com aspirações. Em qualquer caso, passear ao ar livre com o bebé era o que as novas mães faziam, não era? Isso era uma *imagem de marca*.

Como não conseguia pensar em ter de ir procurar outra blusa limpa, limitou-se a vestir um casaco por cima da mancha de vomitado e de leite da bebé. Se tudo corresse bem ninguém se aproximaria de si o suficiente para lhe sentir o cheiro. Tirou os chifres de rena e pôs na cabeça um chapéu de lã que tinha no topo um alegre pompom (@ilovepompoms) para cobrir os cabelos oleosos. Mirou-se no espelho do corredor. Pelo menos, com tal aspecto, ninguém a reconheceria. Mentalmente, tomou nota de que deveria compor-se antes que Max chegasse a casa. As aparências eram importantes para um homem como Max. Antes de ela ter a bebé, ele nunca a vira menos do que muito bem maquilhada, penteada e depilada. Tudo havia decaído um pouco desde então.

Alice passou então o que lhe pareceram ser horas a guardar as necessidades básicas no seu grande saco de ombro – musselina, toalhetes húmidos, *Sudocrem*, tampões para os mamilos, fraldas, gel de dentição, a roca e o *Dudu* (o coelho de pelúcia favorito). Desde a chegada de *Bunty*, há quatro meses, sair de casa era como preparar uma expedição ao Evereste. Pensou nos tempos em

lhe bastava enfiar as chaves, o dinheiro e um telemóvel no bolso das calças de ganga. Parecia uma vida diferente, que pertencera a uma pessoa muito diferente.

Com *Bunty* já vestida e amarrada no interior do *Bugaboo*, Alice desceu às arrecuas os degraus até ao passeio. *Bunty* começou a chorar. Com certeza que ela não poderia já estar com fome outra vez?

Alice julgara que ficaria sintonizada com os choros da sua bebé. Que conseguiria distinguir a fome do cansaço, e o desconforto do aborrecimento. Mas a realidade era que todos os gritos de *Bunty* pareciam significar a mesma coisa: desapontamento. *Não era isto que eu esperava*, parecia ela dizer. Alice compreendia, porque sentia quase o mesmo. Acelerou o passo, esperando que o movimento balouçante do carrinho apaziguasse *Bunty*, sem que ela adormecesse antes de fazer a fotografia.

Dirigiu-se para a pequena área de recreio infantil do parque local. Poderia colocar *Bunty* em cima do balouço, o que mostraria muito bem a roupa dela, e, como *Bunty* adorava o balouço, esperava que ela sorrisse. Quando ela franzia a testa ficava estranhamente parecida com Winston Churchill. Esse olhar fá-la-ia perder uma quantidade de seguidores.

Alice gostaria que algumas das suas antigas amigas da escola ou da universidade também tivessem tido filhos. Assim ela poderia pelo menos ter alguém com quem conversar sobre como se sentia a respeito de tudo isto. Poderia averiguar se era normal achar a maternidade tão difícil, tão cansativa. Mas as amigas dela achavam que aos vinte e seis anos ainda eram demasiado jovens para ter filhos. Por que diabo Alice não sentira o mesmo? Tivera muita pressa em completar a imagem perfeita: marido bonito e rico, casa vitoriana geminada na zona certa de Fulham, e uma bebé bonita e feliz. Estava a viver o sonho, não estava? Os seus seguidores com certeza pensavam que sim, o que a fazia sentir-se muitíssimo ingrata.

O parque infantil estava vazio, mas o balouço não. Havia lá um caderno. Alice olhou em volta para ver a quem poderia pertencer. Não se via ninguém por perto. Pegou no caderno – parecia-se muito com um que ela usava para apontar as mamadas de *Bunty*. *05 h 40, dez minutos na mama esquerda, três minutos na mama direita*. Andava a tentar estabelecer uma certa rotina, como

lhe haviam sugerido os especialistas. Isso não durara muito. Num acesso de irritação, acabara por atirar o caderno para dentro do cesto das fraldas, pois ele apenas servia como testemunho do seu completo fracasso.

O caderno tinha cinco palavras na capa: *Diário da Alimentação de Bunty*. Desenhara um coração em volta da palavra *Bunty*. Este tinha quatro palavras, mas com uma caligrafia muito mais bonita: *O Projeto da Autenticidade*. Alice gostou da maneira como aquilo soava. A sua marca (*marcas*, lembrou-se, desde que *Bunty* se juntara a si), afinal, tinha tudo a ver com a autenticidade. *Moda da vida real para as mães da vida real e para os seus bebés. Rosto sorridente.*

Abriu o caderno, e estava prestes a iniciar a leitura quando começou a chover. Argh. Até o maldito *céu* estava a chorar. Grandes gotas grossas já estavam a borrar parte da tinta. Limpou a chuva da página com a manga e guardou o caderno no saco, entre uma fralda e os toalhetes húmidos, para o manter seco. Mais tarde logo pensaria o que fazer com ele. Para já, tinha de chegar a casa antes que elas as duas ficassem encharcadas.

CAPÍTULO 26

Julian

Julian estava bastante satisfeito com o seu fato de *tai chi*. Tinha-o comprado pela internet. Era, percebeu ele, a primeira roupa nova que comprava desde Mary. Agora que já sabia como era fácil fazer compras pela internet, havia encomendado uma grande quantidade de cuecas e meias novas. Já era tempo. Talvez pedisse a Riley para lhe vender as antigas no eBay. Adoraria ouvir a resposta dele a essa sugestão. Era o que ele merecia por tentar invadir o quarto de vestir de Julian.

Julian optara por um visual de ninja geriátrico. Todo de preto. Calças largas e uma camisa de mangas largas com uns alamares à frente. A senhora Wu (era-lhe difícil pensar nela como Betty) tinha ficado muito impressionada, ele percebera isso. Alçara as sobrancelhas tão alto que, por um momento, elas tinham deixado de se unir ao meio.

Julian e a senhora Wu estavam agora a efetuar a familiar rotina de aquecimento. Ele estava, pensou, muito menos vacilante e um pouco mais flexível do que quando a senhora Wu aparecera pela primeira vez no seu portão, duas semanas antes. Ela começara a trazer consigo um saquinho de sementes, que espalhava no início da sessão, para que em pouco tempo eles ficassem cercados por pássaros.

– É bom estar rodeado pela natureza – explicara ela. – E ser bom *karma*. Os pássaros têm frio, fome. Nós alimentamo-los, eles ficam contentes, nós ficamos contentes. – Às vezes, quando se dobrava para a frente, com os braços atrás de si, imitando a senhora Wu, ele via os pássaros mergulharem em busca de umas sementes e tinha a estranha sensação de que estavam a imitá-los. – Consegue sentir os seus antepassados, Julian?

– Não, devia sentir? – perguntou-lhe. Onde estavam, e onde deveria ele senti-los? Que pensamento desconfortável. Olhou em redor, quase à espera de ver o seu pai sentado no banco, a lançar-lhe um olhar reprovador por cima dos óculos de leitura.

– Eles estão sempre à nossa volta – disse a senhora Wu, em paz com tal noção. – Sentimos isso aqui – disse ela, batendo com força no peito com o seu punho. – Na nossa alma.

– Como ficámos tão velhos? – perguntou Julian, passando para um território mais confortável. Ouviu os joelhos soltarem um rangido de desaprovação pelo exercício. – Por dentro ainda sinto que tenho vinte e um anos, depois olho para as minhas mãos, todas enrugadas e cheias de manchas, e acho que elas não me pertencem. Ontem usei o secador de mãos no café da Monica, e a pele nas costas das minhas mãos até *ondulou*.

– Envelhecer não ser bom neste país – disse a senhora Wu. Julian já havia descoberto que esse para ela era o tópico favorito de conversa. – Na China, os idosos serem respeitados pela sua sabedoria. Viveram uma vida longa, aprenderam muito. Em Inglaterra, os idosos ser um incómodo. As famílias mandam-nos embora, põem-nos em lares. São como prisões para velhos. A minha família não faria isso comigo. Não se atreveriam.

Julian estava bem capaz de acreditar. No entanto, não tinha a certeza de ser sábio nem de que tivesse aprendido muito. Não se sentia muito diferente do homem que fora aos vinte e poucos anos, e por isso era sempre um choque terrível quando se mirava ao espelho.

– Tem uma família adorável, senhora Wu – disse-lhe, levantando a perna direita para a frente, braços esticados para o lado.

– Betty! – respondeu, com um ar feroz.

– O Baz, quero dizer, o Biming, é um rapaz adorável. E o supernamorado também, aquele Benji.

A senhora Wu parou a meio da pose.

– Namorado? – perguntou, mostrando-se intrigada.

Julian apercebeu-se de que devia ter cometido um erro terrível. Julgara que ela sabia que o seu neto afetuoso tinha essa inclinação.

– Pois, sabe como é, um rapaz amigo. Eles dão-se muito bem. Como amigos. Sabe como é.

A senhora Wu lançou um olhar duro a Julian e não disse nada, enquanto passava com elegância à pose seguinte.

Julian suspirou de alívio. Tinha uma inteligência emocional mais elevada do que a maioria das pessoas. Aparentemente havia resgatado a situação.

CAPÍTULO 27

Monica

Monica tinha perdido a cabeça com as decorações de Natal no café este ano. As aulas de arte de Julian deviam ter desencadeado algum instinto criativo há muito enterrado. Ela colocara uma árvore de Natal na Biblioteca, enfeitada com as tradicionais decorações de vidro e com umas simples luzes LED brancas. Cada uma das mesas tinha decorações centrais feitas de azevinho e hera, e havia um grande ramo de visco pendurado por cima do balcão. Benji ia distribuindo beijos a homens e a mulheres.

– Torta! – gritou Baz a partir da mesa seis.

– De Bakewell ou de limão? – retorquiu Benji, com um sorriso.

Uma compilação de Natal estivera a tocar sem parar o dia todo. Se Monica ouvisse Bono perguntar-lhes mais uma vez se eles sabiam que era Natal, atiraria de bom grado o *iPad* de Benji para a pia com a louça para lavar.

O aroma rico e complexo do vinho quente enchia o café. Como era véspera de Natal, Monica tinha dito a Benji que o vinho era gratuito para todos os clientes habituais. Benji equivocara-se de propósito e entregava cada copo com um elogio: *Está com um aspecto muito CALOROSO esta noite, senhora Corsellis!* Todas as crianças recebiam moedas de chocolate gratuitas, o que resultava em muitos sorrisos e em muitas dedadas achocolatadas. Ela lutava desesperadamente contra a vontade de as seguir por toda a parte com um pano húmido. Isso, lembrou a si mesma, era um treino muito bom para a maternidade. Olhou para o relógio. Eram quase cinco da tarde.

– Benji, vou levar um frasco disso até ali ao cemitério, se não te importas? – disse ela.

– Não tenho a certeza de que as pessoas que lá estão venham a precisar do seu vinho quente, querida – gracejou uma das mulheres que estavam na fila.

Monica saltou para dentro do autocarro, sorrindo para o motorista que usava um barrete de Pai Natal. Não se lembrava da última vez em que se sentira tão entusiasmada com o Natal. Era como nos natais anteriores *àquele*, quando eles ainda eram uma família feliz de três pessoas.

Quando Monica se aproximou do Almirante pela entrada do cemitério que dava para a Fulham Road, viu Riley caminhando na sua direção vindo do lado de Earl's Court. Ele acenou-lhe.

– «Deus vos dê repouso, alegres cavalheiros» – cantarolou quando se sentaram ao mesmo tempo em cima da lápide de mármore. A seguir beijou-a. O calor do beijo, a sua intensidade e a maneira como a fez sentir-se entontecida refletiam o efeito do vinho quente que ela estivera a beber. Não sabia ao certo quanto tempo tinha decorrido com eles os dois entrelaçados, como a hera que cobria os túmulos mais próximos, até ouvirem a voz de Julian.

– Hum, talvez seja melhor eu ir para outro sítio qualquer? – Separaram-se com brusquidão, e Monica sentiu-se como se tivesse sido apanhada a namorar à porta da discoteca da escola pelo pai.

– Não, não, não – disse Riley. – Afinal, chegou cá primeiro. Pelo menos quarenta anos antes.

– Trouxemos vinho quente para si – disse-lhe Monica, mostrando a garrafa térmica.

– Bom, não posso dizer que esteja surpreendido por ver que vocês os dois *andam a dar-se tão bem*. Já tinha previsto isso desde que o Riley entrou na minha aula de arte. Nós, os artistas, vemos coisas que as outras pessoas não veem. É a nossa bênção e a nossa maldição – disse ele com a ênfase dramática de um intérprete de Shakespeare. – Bom, não está tudo a correr tão bem? E logo quando eu pensava que o Natal não poderia ser melhor.

Monica serviu a cada um deles um copo de vinho quente, grata por ter essa desculpa para não partilhar o *Bailey's* de Julian. Podia ter sido a bebida preferida de Mary, mas era tão doce que ela quase conseguia sentir os seus dentes a dissolverem-se quando a sorvia.

– Feliz Natal, Mary – disse ela, sentindo-se culpada por esse seu pensamento pouco caridoso.

– Feliz Natal, Mary! – ecoaram os outros.

– Boas notícias pelo lado do eBay, Julian – disse Riley. – Já arrecadámos quase mil libras. Aquele seu armário no andar de baixo é uma autêntica mina de ouro.

– Excelente trabalho, jovem Riley – respondeu Julian. – Já posso ir fazer compras nas vendas pela internet. Encontrei um sítio maravilhoso, chama-se Mr. Porter. Tem tudo o que um cavalheiro consciente da moda requer. Devia dar uma olhadela.

– Vou continuar com a Primark, obrigado, Julian. É mais adequada ao meu orçamento.

– Julian, tenho de voltar para o café, para ajudar o Benji a fechar – disse Monica. – Mas vemo-nos amanhã, às onze da manhã.

– Eu vou contigo até lá, Monica – disse Riley, suscitando uma sabedora piscadela de olho de Julian, que teria parecido incongruente em qualquer outro reformado.

Caminharam pela Fulham Road, o braço de Riley pendurado sobre o ombro de Monica. Londres esvaziara-se para o feriado, e as ruas estavam sinistramente silenciosas. Todos os transeuntes contavam uma história – o homem que comprava à pressa presentes de última hora, a mãe que levava os filhos para casa para poder ir embrulhar os presentes deles, o grupo de rapazes que regressava do almoço de Natal no seu escritório que se prolongara até ao fim da tarde.

Monica não conseguia lembrar-se da última vez que se sentira tão descontraída. Percebeu, para sua surpresa, que não lhe importava se Riley iria partir de Londres em breve. Não lhe importava saber quais eram as intenções dele. Por enquanto, estava a ser capaz de arquivar todas as suas preocupações por ser uma solteirona estéril, abandonada numa prateleira empoeirada, classificada como «pendente». Tudo o que lhe importava era a perfeição deste momento, a sua cabeça apoiada no ombro dele e o suave e sincronizado som dos pés de ambos sobre a calçada, acompanhando o ritmo da canção de Natal que estava a tocar no *pub*. Felicitou-se por se ter transformado numa autêntica guru da consciência plena.

– Monica – disse Riley, com uma invulgar nota de hesitação na voz –, espero que saibas como eu gosto de ti. – O estômago de Monica encolheu-se como se estivesse numa montanha-russa... o prazer e o medo tão unidos que ela nem sabia onde terminava um e começava o outro.

– Riley, isto parece aquele ponto do romance em que o herói diz que tem mulher e família lá na terra – disse-lhe ela, tentando mostrar-se jocosa. Mas ele não tinha, pois não?

– Ah, ah! Não, claro que não tenho. Só queria ter certeza de que tu sabias, é tudo.

– Bom, eu também gosto muito de ti. – Parecia ser um momento tão bom como qualquer outro para pronunciar as palavras que estavam em suspenso desde há um bom bocado. Ela passara algum tempo a aperfeiçoar o nível perfeito de desprendimento. Até gravara a sua atuação no *iPhone* e voltara a vê-la depois. Meu Deus, ter-se-ia lembrado de apagar aquilo? – Queres ficar cá hoje à noite, em vez de voltares amanhã? Desde que não te importes que eu ande a correr de um lado para outro para rechear o peru e descascar os legumes.

Riley hesitou, por um pouquinho de tempo a mais. Tempo suficiente para se adivinhar o que dali iria sair.

– Eu adorava, mas prometi aos meus colegas de apartamento que celebrava esta noite com eles, uma vez que não estarei lá amanhã. Lamento muito.

Monica ouviu aquela voz familiar na sua cabeça a cantarolar *ele não está muito caído por ti* e esmagou-a como se fosse um mosquito incómodo. Recusava-se a permitir que alguma coisa estragasse a sua boa disposição. Amanhã iria ser um dia perfeito.

CAPÍTULO 28

Alice

O que Alice mais queria no mundo pelo Natal era ficar na cama. Só até às sete da manhã. Mas *Bunty* tinha outras ideias. Tinha acordado exigindo comida e atenção a toda a pressa. Alice tivera de usar a fórmula láctea, que *Bunty* detestava, para o caso de o leite dela ainda conter as bebidas da noite anterior. Nem era responsável o suficiente para alimentar a sua bebé de uma forma adequada. A cozinha tinha o aspecto de que houvera um tumulto numa loja de brinquedos. Ela tencionara arrumar tudo e preparar todos os legumes para o almoço de Natal antes de ir para a cama, mas a terrível discussão que tivera com Max pusera termo a isso. Estendeu a mão para o armário em busca do *Nurofen*, como se pudesse medicar essa lembrança, com a ressaca.

Max tinha chegado a casa bastante tarde e, um pouco entornado, após ter levado a sua equipa a um almoço festivo, que se transformara numa tarde turbulenta. Quando ele chegara, ela estava exausta e tinha a certeza de padecer de um início de mastite: peitos horrivelmente doridos, duros como pedras, e uma ligeira febre. Fora pesquisar os sintomas no Google e lera que folhas de couve gelada colocadas dentro do sutiã materno ajudavam. Não conseguira sair de casa para ir às lojas sem acordar *Bunty* que estava, por fim, ferrada no sono. Por isso, quando Max aparecera, pedira-lhe que fosse comprar um repolho.

Ele saíra durante o que lhe pareceu ser uma eternidade, enquanto Alice fervilhava lentamente com ressentimento por ele se ter andado a divertir o dia todo, enquanto ela ficara atulhada até aos ombros em fraldas e toalhetes húmidos. Por fim regressara com um saco de *couves-de-bruxelas*! Explicara que, como era véspera de Natal, a maioria das lojas estavam fechadas ou tinham as prateleiras vazias.

– O que hei de fazer com as couves-de-bruxelas e as suas estúpidas folhas pequenas que não servem para nada? – gritara-lhe.

– Pensei que tu querias *comê-las*. As pessoas não comem couves-de-bruxelas no Natal? É quase uma lei – respondera-lhe ele, não sem alguma razão, percebeu ela depois, agachando-se enquanto ela atirava aqueles legumes ofensivos à cabeça dele. As couves falharam o alvo, mas atingiram a parede, como se fossem estilhaços de granada, entortando uma colagem emoldurada das fotografias de bebé de *Bunty* sacadas da página dela no Instagram.

Alice havia tirado uma garrafa de vinho do frigorífico com uma caixa de chocolates *After Eight* (ambos guardados para o dia de Natal), e acabara com ambas num tempo recorde, enquanto percorria todas as suas redes sociais e pensava, sombriamente, que *assim ele aprende como é*.

Percebia agora que ele não aprendera nada, ou pelo menos não o que ela pretendia mostrar-lhe. Tudo o que dali resultou foi que acordara às três da manhã, desidratada e a transpirar *sauvignon blanc*. Então revolvera-se e revirara-se, gritando em silêncio consigo durante duas horas, altura em que *Bunty* se juntara a si, gritando com ela muitíssimo alto.

Max entrou na cozinha, beijou-lhe o alto da cabeça (que ela ainda tinha entre as mãos) e disse-lhe:

– Feliz Natal, querida.

– Feliz Natal, Max – respondeu ela, no tom mais alegre que conseguiu. – Imagino que não possas ficar com a *Bunty* por algum tempo enquanto eu durmo mais um pouco?

Max fitou-a, com os olhos arregalados, como se ela tivesse sugerido convidar os vizinhos idosos para uma sessão de *swing*.

– Tu sabes que normalmente eu faria isso, querida – embora ela não soubesse tal coisa –, mas os meus pais vão chegar cá dentro de poucas horas e temos *muito que fazer*. – Essa declaração veio carregada de culpa e acompanhada por uns olhares significativos para as pilhas de brinquedos, para o lava-louça e os caixotes de lixo a transbordar e para as batatas que estavam por descascar.

– Quando tu dizes *nós*, Max, isso significa que vais ajudar? – perguntou Alice, tentando manter um tom de voz o mais neutro possível. Não queria ter

outra discussão no Dia de Natal.

– Claro que sim, amor! Só preciso de terminar primeiro algumas chatices da administração, e já venho ter contigo. A propósito, vais vestir qualquer coisa mais apropriada antes de os meus pais chegarem, não é? – perguntou-lhe.

– Claro que sim – disse-lhe Alice, que não tencionara fazê-lo. Quando Max desapareceu de novo no seu escritório, ela desejou poder mudar de vida com tanta facilidade como mudava de roupa.

Alice colocou *Bunty* num andarilho para que ficasse feliz e segura enquanto ela se afadigava a arrumar a casa e a preparar o almoço para os sogros. Não desgostava da mãe de Max (pelo menos *tentava* não desgostar), mas Valerie tinha os seus *padrões*. Não era hábito mostrar-se crítica, mas Alice sabia que por dentro ela era uma fervilhante massa de juízos, ainda mais virulentos por serem contidos. Nunca havia superado o facto de Alice ter sido criada numa propriedade camarária nos arredores de Birmingham por uma mãe solteira que trabalhava como cozinheira.

O pai de Alice tinha-os abandonado quando o irmão mais novo dela ainda era bebé. Valerie sentara-se muito empertigada com o seu fato de saia e casaco cor de lavanda e o chapéu a combinar durante todo o casamento, lançando olhares de soslaio para a família de Alice que estava do outro lado da coxia, com uma cara que parecia uma ameixa desapontada. Esperara melhor para o seu único filho. Colocara a fasquia tão alta que Alice, apesar de toda a sua preparação imaculada, maneiras cuidadosas e treino de pronúncia, jamais poderia esperar vir a atingi-la, pelo que em geral acabava por beber a isso.

Max era cego a tudo. Aos olhos dele, a sua mãe não podia fazer nada de errado.

APÓS DUAS HORAS de atividade frenética, a cozinha já tinha um aspecto apresentável e o almoço estava quase pronto. Talvez não estivesse pronto à hora de almoço, mas deveriam poder comer pelas três da tarde. Alice, porém, continuava longe de estar pronta ou apresentável. Tinha o cabelo por lavar e apanhado no alto da cabeça num carrapito em desalinho, a cara num destroço devido a todo aquele vinho, ao chocolate e à falta de sono, e a sua barriga pós-

parto, aumentada pelo vício dos bolinhos de chocolate, transbordava por cima das calças de ioga.

Entrou no escritório de Max sem bater. Notou que ele fechava rapidamente a tampa do portátil. O que não queria ele que ela visse? Pousou *Bunty* no colo dele sem quaisquer cerimónias e foi tomar um duche.

Alice supusera que terem um bebé faria com que Max e ela se aproximassem mais. Teriam um novo objetivo e uma aventura para partilhar. Todavia, na realidade, a chegada de *Bunty* parecia estar a afastá-los.

Pensou outra vez no computador fechado, nas reuniões noturnas e nos crescentes silêncios entre eles. Andaria ele a ter algum caso? Seria assim tão terrível se ele *andasse mesmo* a ter um caso? Se assim fosse, pelo menos ela não teria de se sentir culpada pela quantidade de vezes que fingia dormir ou ter dores de cabeça para evitar fazer sexo. Mas a mera ideia de uma tal traição fê-la sentir-se ofegante de ansiedade. Já se sentia inadequada, pouco sedutora e pouco atraente. A confirmação dessas suspeitas por Max poderia acabar com ela. E se ele quisesse um divórcio? Ela não suportava desistir da sua vida perfeita, pela qual tanto trabalhara, onde tinha milhares de mulheres menos afortunadas a tocarem duas vezes nas fotografias que ela publicava no Instagram.

Para com isso, Alice. São só as hormonas. Tudo vai correr bem, disse ela para consigo enquanto o poderoso chuveiro projetava água sobre a sua pele cansada.

Foi só mais tarde que Alice percebeu que, com toda aquela preocupação acerca de Max a deixar, nem por uma vez pensara que iria sentir falta dele. O que, evidentemente, haveria de suceder.

CAPÍTULO 29

Julian

Julian estava a ter cuidados adicionais a vestir-se, pois este era um *dia especial*. Tinha escolhido um traje da sua velha amiga Vivienne Westwood (talvez devesse ir procurá-la de novo; provavelmente ela julgava que ele tinha morrido) – um belo conjunto de *kilt* e jaqueta em *tartans* contrastantes com bainhas assimétricas. Se não se podia usar *Westwood* no Dia de Natal, quando se poderia? Com o rádio sintonizado numa estação de música que estava a passar a *Fairytale Of New York*, ele ia cantando como poderia ter sido alguém.

Julian *tinha sido* alguém, e a seguir ninguém. Hoje, sentia ser alguém outra vez. Alguém com um convite para o almoço de Natal, pelo menos. Com *amigos*. Eles eram amigos, não eram, amigos como deve ser? Monica não o convidara só por sentir pena de si, nem por um sentido de dever, ele tinha a certeza de que não fora assim.

Lembrou-se do primeiro Natal depois de Mary, quando nem se apercebera do significado do dia até acender o televisor a meio da tarde. Toda aquela alegria festiva televisiva levaria-o de volta para a cama com uma lata fria de feijões cozidos, um garfo e uma tigela cheia de arrependimentos.

Ensaiou um dos seus movimentos de *tai chi* frente ao espelho de corpo inteiro do quarto de vestir. Percebeu que parecia um montanhês louco. Entrou na sala de estar, onde os seus presentes para Monica, Riley, Benji, Baz e a senhora Wu estavam em cima da mesa de café à espera de serem embrulhados. Demorou um pouco mais a fazer isso do que previra, quando os seus dedos desajeitados se atrapalharam com a fita adesiva. Tentou desembaraçá-los prendendo a fita com os dentes, e ficou com a boca presa às mãos.

Quando saiu para a Fulham Road, Julian viu Riley caminhando na sua direção. Devia ter vindo de Earl's Court atalhando caminho pelo cemitério.

Portanto ele não ficara em casa de Monica. Que coisa tão antiquada. Julian nunca fora assim tão antiquado, nem mesmo nos tempos em que era suposto sê-lo. Riley pareceu ficar um pouco atordoado com o traje dele. Estava impressionado.

Monica abriu a porta do café e tinha um aspecto adorável. Trazia um vestido vermelho, coberto por um avental branco de cozinha. Parecia ter estado a trabalhar no fogão, pois tinha as faces afogueadas, e as madeixas de cabelo que haviam escapado do seu habitual rabo de cavalo estavam húmidas. Também trazia na mão uma colher de pau, que brandiu num movimento amplo quando lhes disse:

– Entrem!

Uma mesa, com tamanho para oito pessoas, fora posta para quatro no centro do café. Estava coberta por uma toalha de mesa de linho branco, salpicada de pétalas de rosa pintadas em dourado. Cada lugar estava assinalado com uma pinha dourada que continha um pequeno cartão com um nome inscrito. Havia bolachas vermelhas, velas vermelhas e douradas e centro de mesa feito de azevinho e hera. Mesmo para o olhar crítico de Julian, aquilo parecia deslumbrante.

– Ficou acordada toda a noite, Monica? – perguntou-lhe. – Isto está lindíssimo. Tal como você. E essa é uma opinião profissional.

As faces de Monica ruborizaram-se ainda mais.

– Levantei-me muito cedo, de facto. Vão ter com o Benji à Biblioteca e ponham esses presentes por baixo da árvore.

Uma garrafa de champanhe repousava dentro de um balde de gelo numa das mesas do café, ao lado de uma grande travessa de *blinis* de salmão fumado. O ar estava pejado do cheiro a peru assado e do som do coral do King's College a entoar canções de Natal. Era um daqueles dias em que todos os planos correm bem.

Monica veio juntar-se a eles, tirando o avental antes de se sentar.

– Pronto, temos uma hora antes que eu precise de ir juntar os últimos legumes. Vamos abrir alguns presentes? Podemos abrir alguns agora e outros depois do almoço.

Julian, que, contrariamente a Monica, não era adepto da gratificação adiada, disse:

– Por favor, podemos abrir os meus primeiro? – Sem lhes dar qualquer tempo para objetarem, puxou de baixo da árvore a sua pilha de presentes, embrulhados em papel igual, e começou a distribuí-los.

– Receio que, na verdade, não *comprei* nada – explicou. – Andei só a vasculhar em minha casa.

Benji, que tinha sido o primeiro a rasgar o papel ao embrulho, ficara a olhar para o presente que tinha no colo de boca aberta.

– Um álbum do Sergeant Pepper. Em vinil. Não pode desfazer-se disto, Julian. Deve valer uma fortuna – protestou Benji, embora agarrasse o disco como se não suportasse separar-se dele.

– Prefiro oferecê-lo a alguém que o aprecie como deve ser, meu caro rapaz, e bem sei como adora os Beatles. Eles nunca foram os meus preferidos. Demasiado bonitinho. Os Sex Pistols. Esses é que eram do meu beco.

Virou-se para Riley, que estava muito admirado a segurar uma camisola original dos Rolling Stones.

– Bom, você anda há imenso tempo a querer deitar a mão às minhas roupas, jovem Riley. Pode vendê-la se quiser, mas eu acho que lhe vai assentar muito bem.

O presente que Julian realmente queria ver aberto era o de Monica. Viu-a descolar com cuidado a fita adesiva, demorando séculos.

– Rasgue isso, menina! – disse-lhe ele. Ela pareceu um pouco espantada.

– Não se pode reutilizá-lo se ficar rasgado – disse ela, como se admoestasse uma criança demasiado excitada. Por fim, abriu o papel e engasgou-se. Era essa a reação que ele esperava. Os outros aproximaram-se para vir espreitar o presente que ela tinha no colo.

– Julian, é lindo. Muito mais bonita do que eu – disse ela. Ele tinha-a pintado com óleos, em parte de memória e em parte a partir dos esboços que conseguira ir fazendo à socapa durante as aulas de arte. Era apenas uma pequena tela, que mostrava Monica, de queixo apoiado na mão, com uma madeixa de cabelo enrolada em volta do dedo indicador. Como todos os retratos de Julian, as pinceladas eram ousadas e arrebatadoras, quase abstratas,

e a pintura transmitia tanto nos pormenores que deixava de fora, como nos que ele incluía. Olhou para a verdadeira Monica. Esta parecia estar prestes a chorar. No bom sentido, assumiu ele.

– Além da nossa recente colaboração com o Pollock, é a primeira coisa que eu pinto há quinze anos – disse ele. – Por isso receio estar um pouco enferrujado.

Foram interrompidos por uma batida na porta. Benji, percebendo que devia ser Baz e a avó dele, foi abri-la. Julian colocou os presentes de Baz e da senhora Wu na mesa ao seu lado, preparando-se. Como estava de costas para a porta, só viu o rosto de Baz quando este veio juntar-se a eles. Os outros tinham-se calado.

– O que se passa, Baz? – perguntou Monica. – Onde está Betty?

Julian teve uma terrível sensação de que sabia o que estava para vir. Sentiu os olhos de Baz cravados em si enquanto ele falava, mas não ousou encará-lo. Em vez disso, fixou o olhar nos seus sapatos. Uns *brogues* clássicos, pretos, muito bem engraxados. Hoje em dia, muito poucas pessoas engraxavam os sapatos como devia ser.

– A avó não sai do quarto dela desde ontem à noite – disse Baz, numa voz fremente de raiva controlada.

– Por que não? – perguntou Benji. – Ela está doente?

– Talvez devesse perguntar a Julian – respondeu Baz.

Julian estava com a boca cheia de *blini*, mas não conseguia engoli-los, pois a sua garganta parecia ter secado. Pegou na taça de champanhe e sorveu um grande gole.

– Lamento imenso, Baz. Eu julguei que ela sabia. Com certeza que nos dias de hoje não é muito importante saber-se por quem nos apaixonamos? Não é como nos anos de 1960, quando o meu amigo Andy Warhol era o único homem homossexual que eu conhecia. Entretanto, o armário estava a abarrotar deles.

Todos ficaram calados, após terem somado dois e dois e extraído a respectiva conclusão.

– A minha avó não está muito a par da tendência moderna. Ela não está *desperta*. Está a chorar há horas porque toda a sua vida terá sido em vão. Qual

é o sentido de ter esfolado os dedos até ao osso a fim de montar um negócio para os seus descendentes herdarem, se não vai ter nenhum? Ela está fora de si.

– Baz sentou-se e apoiou a cabeça entre as mãos. Julian achou que gostava mais de vê-lo zangado do que desolado.

– E os teus pais, Baz? Eles estão bem? – perguntou Benji, pegando-lhe na mão. Baz repeliu-o, como se a avó dele pudesse estar a ver.

– São surpreendentemente compreensivos a respeito disto. Acho que eles sempre souberam.

– Não estou a tentar desculpar-me deixando sair do saco o gato proverbial, meu rapaz, mas não é melhor lidar com essas coisas às claras? Não é um alívio? Os segredos podem deixar-nos doentes. Eu que o diga – disse Julian.

– *Não devia ter contado um segredo que não era seu, Julian!* Eu ter-lhe-ia contado à minha maneira, no devido tempo. Ou não lhe contaria nada. A honestidade nem sempre é a melhor política. Às vezes guardamos segredos por alguma razão... para proteger as pessoas que amamos. Teria sido assim tão terrível se a avó tivesse ido para o túmulo julgando que eu e a minha mulher chinesa viríamos a tomar conta do restaurante e a enchê-lo com bebés Wus?

– Mas eu... – disse Julian, antes de Baz o interromper.

– Não quero ouvir mais nada, Julian. E, a propósito, não acredito nem por um minuto que fosse amigo do Andy Warhol. Ou da Marianne Faithfull. Ou da maldita princesa Margarida. Você é uma grande farsa, aí sentado com a sua ridícula saia axadrezada. Por que não volta para a sua lixeira e se mantém longe dos meus assuntos? – E, dito isso, levantou-se e saiu.

No silêncio atordoado que deixou para trás, poderia ter-se ouvido uma agulha de pinheiro cair naquele chão de carvalho encerado.

CAPÍTULO 30

Riley

Riley jamais poderia ter imaginado que o minúsculo, caloroso e bem-humorado Baz pudesse ficar tão zangado. Ele projetara em pleno toda a sua raiva sobre Julian, que até parecera encolher-se no assento, como uma mosca desidratada presa numa teia. Desde que Riley conheceu Julian, este crescerá em estatura, tornando-se cada vez mais confiante e exuberante. No espaço de poucos minutos, tudo isso desapareceu.

Riley olhou para Benji, um caso evidente de danos colaterais. Parecia horrorizado e aterrorizado em igual medida. O som da porta que batera atrás de Baz ficou a reverberar pelo café durante vários segundos. Foi então que Benji falou, com uma voz estranhamente sumida.

– Acham que eu devia ir atrás dele? O que faço?

– Acho que tens de o deixar por algum tempo, para ele resolver as coisas e conversar com a família – disse Monica.

– E se a família dele me odiar? E se não deixarem que ele me veja mais?

– Sabes, não me parece que eles tenham algum problema *contigo*. Nem parece que os pais do Baz tenham algum problema por ele ser *gay*. Estamos em 2018, pelo amor de Deus. A avó dele só precisa de assumir toda aquela coisa da sucessão dinástica – disse Riley. – Em qualquer caso, eles não podem impedir que ele te veja. Vocês são ambos adultos. Isto não é o *Romeu e Julieta*.

– Tenho de me ir embora – disse Julian, que de súbito parecia tão velho como era. – Antes que cause mais problemas.

– Julian – disse-lhe Monica, virando-se para ele com um ar feroz, a palma da mão estendida para a frente, como um polícia de trânsito a mandar parar os carros que se aproximam –, fique onde está. O Baz não queria dizer o que

disse. Ele estava só a desabafar. Isto não é culpa sua. Você não sabia. Eu sei que não queria que isto acontecesse.

– Na realidade não queria – disse Julian. – Assim que percebi que tinha dito a coisa errada, voltei atrás. Julguei que me tinha safado com isto.

– As coisas podem acabar por dar certo no fim. Benji, não seria ótimo se não precisasses de andar sempre preocupado por a família do Baz poder vir a saber? Se pudessem passar lá pelo restaurante de mãos dadas? Irem viver juntos, até. Um dia podem vir a decidir que o Julian vos fez um enorme favor aos dois. Oh, valha-me Deus. As batatas assadas!

Monica correu para a cozinha, e Julian enfiou a mão no seu saco, tirando de lá uma garrafa empoeirada de vinho do Porto.

– Comprei isto para depois do almoço, mas se tomarmos uma boa dose agora talvez se possa classificar como medicinal – disse ele, vertendo uma grande porção nos copos de Benji e de Riley, e a seguir no seu.

Riley não gostava de conflitos; não estava habituado. Seria tudo sempre tão complicado por aqui, ou era apenas neste círculo em que ele aterrara?

Ficaram os três sentados em silêncio, a beber o vinho do Porto viscoso e cor de sangue, demasiado atordoados pelos eventos recentes para conversar. Ao fim de uns quinze minutos, que pareceram horas, Monica anunciou que o almoço estava pronto.

Felizmente, a transferência de local da Biblioteca para a mesa de refeição provocou uma alteração de humor. Pegaram nos seus apitos, cada um deles colocou um chapéu de papel na cabeça e, aos poucos, alguma daquela bonomia do início do dia regressou à função. Todos os quatro pareciam decididos a esquecer, pelo menos por enquanto, aquele *incidente*.

– Monica, esta comida está incrível. Tu és incrível – disse Riley, apertando-lhe o joelho por baixo da mesa. Depois, incapaz de resistir ao desejo, passou os dedos pela coxa dela. Monica corou e engasgou-se com uma couve-de-bruxelas; ele ficou sem saber se aquilo era o resultado do elogio ou do contacto físico. Deslocou a mão um pouco mais para cima.

– Arrgghh! – gritou ele, quando Monica o apunhalou na mão com o garfo.

– O que foi, Riley? – perguntou Benji.

– Cãibra – respondeu ele.

Riley ficou a ver os seus amigos comerem. Monica cortava cada porção de comida com precisão, e mastigava cada garfada durante imenso tempo antes de engolir. Julian tinha composto o seu prato como se fosse uma obra de arte abstrata. De vez em quando, com a boca cheia, fechava os olhos e sorria, como se saboreasse todos os temperos. Benji, entretanto, empurrava a comida de uma maneira bastante melancólica, quase não comendo coisa alguma.

Revezaram-se a ler as terríveis anedotas que vinham nos brindes, beberam mais vinho, mais rapidamente do que a prudência recomendava, e o dia parecia estar de novo a encarrilar. Lidariam mais tarde com toda aquela situação de Baz.

Riley ajudou Monica a levantar os pratos da mesa. Foram pô-los na máquina de lavar louça. Ou melhor, Riley pôs as coisas na máquina de lavar louça, depois Monica tirou-as de lá e foi colocá-las noutra sítio. Ela tinha, disse-lhe, um sistema. Então Riley pegou em Monica, sentou-a na bancada da cozinha e beijou-a, passando os braços em volta dela e apertando-a com força. Ela cheirava a groselhas e a cravinho. O beijo, o vinho e a inebriante emoção daquele dia faziam-no sentir-se entontecido.

Puxou o cabelo de Monica para fora do rabo de cavalo e passou os seus dedos por ele. Enrolou os cabelos dela em volta dos seus dedos, puxando-lhe devagarinho a cabeça para trás e depois beijou-lhe a cavidade húmida e salgada na base do pescoço. Monica passou as pernas pelas costas dele, puxando-o mais para si. Ele adorava viajar. Ele adorava Londres. Ele adorava o Natal. E começava a pensar que amava Monica.

– Arranjem um quarto! – gritou Benji, e quando Riley se virou para trás viu Benji e Julian em pé à entrada da porta, a sorrirem. Julian trazia uma molheira e Benji uma tigela com os legumes que haviam restado.

– Mas só depois de comermos pudim! – acrescentou Julian.

MONICA COLOCOU o pudim de Natal no centro da mesa e todos se puseram em pé ao redor. Julian verteu conhaque por cima dele e Riley acendeu um fósforo e inflamou-o, mas não sem antes queimar os dedos.

– É isso que acontece quando se brinca com o fogo, Riley – disse-lhe Monica, erguendo sugestivamente uma sobrancelha. Ele pôs-se a pensar

quanto tempo faltaria até que Julian e Benji se fossem embora.

– Oh, tragam-nos o vosso pudim de figo! – cantarolou Benji. Riley pousou o braço em volta da cintura de Monica e ela apoiou a cabeça no ombro dele.

Foi então que a porta se abriu. Riley percebeu que nenhum deles fora trancá-la outra vez após Baz se ter ido embora. Virou-se para trás, à espera de ver Baz ou a senhora Wu. Mas não era nenhum deles.

– Feliz Natal a todos! – disse um homem alto e moreno com uma voz que pareceu preencher o espaço e ressoar nas paredes. – Adoro quando um plano bate certo!

Era Hazard.

Hazard

Faltavam três dias para o Natal. A praia estava inundada de recém-chegados, incluindo pelo menos três casais em lua de mel que temperavam cada frase com as palavras «o meu marido» e «a minha mulher», e que tentavam superar-se uns aos outros com as suas demonstrações públicas de afeição. Hazard estava a tomar chá no Lucky Mother com Daphne, Rita e Neil. Haviam encetado esse ritual peculiarmente inglês algumas semanas antes, e achavam que ele era uma reconfortante lembrança da terra natal, embora Hazard não conseguisse lembrar-se da última vez em que tomara o chá da tarde em Londres. Era mais provável que fosse debicando *Lucozade* e *ketamina* durante a tarde do que chá e bolo. Rita até tinha ensinado Barbara a fazer *scones*, que eles comiam quentes com doce de coco. Se ao menos tivessem nata coalhada, seria perfeito.

Neil estava a mostrar-lhes a tatuagem que fizera durante a sua última viagem a Koh Samui. Era qualquer coisa escrita em tailandês, que lhe contornava o osso do tornozelo esquerdo.

– O que diz aí? – perguntou Hazard.

– Diz *calma e paz* – respondeu Neil. A julgar pelo rosto um tanto espantado de Barbara, quando olhou para lá a fim de ver o que eles estavam a admirar, Hazard suspeitou que não dizia nada disso. Piscou um olho para Barbara e colocou o dedo nos lábios. O que Neil não soubesse não poderia magoá-lo.

– O que vai haver no almoço de Natal, Barbara? – perguntou Daphne. – Vamos comer peru?

– Galinha – respondeu Barbara. – Não as galinhas magras daqui. Tenho galinhas gordas, gordas, que vêm de Samui. Tudo mais gordo em Samui. Até turistas mais gordos em Samui. – Ela inchou as bochechas e fingiu ser gorda

erguendo os braços, enquanto os comensais se deliciavam com aquele elogio não intencional.

Hazard sentiu uma repentina ânsia de estar em Londres. Para ter peru com recheio de castanhas, batatas assadas e couve. Para ter o clima frio e as canções de Natal. Para ter os autocarros de dois andares, a poluição do trânsito e as carruagens de metropolitano superlotadas. Para ter a BBC, o relógio falante e o Kebab Kid na New King's Road. E foi então que ele percebeu.

Ia para casa.

O ÚNICO VOO em que Hazard conseguiu arranjar lugar era aquele que mais ninguém queria: voar durante a noite na véspera de Natal e chegar a Heathrow na manhã de Natal. O avião ia festivo, com a tripulação da cabina a distribuir champanhe de graça e o dobro das bebidas que era habitual. Todos foram ficando alegremente embriagados. Exceto Hazard, que tentou manter os olhos fixos sempre em frente, colados ao filme que ia passando no ecrã dele, ignorando os estalidos das cápsulas de metal nas garrafas que eram desenroscadas e os estampidos das rolhas de champanhe. Pôs-se a pensar se alguma vez conseguiria ouvir o som de uma rolha a sair da garrafa sem sentir uma ânsia visceral.

Tanto o aeroporto como as ruas estavam assustadoramente desertos. Era um pouco como estar num filme apocalíptico de *zombies*, mas bastante mais alegre e sem ter como anfitriões uns mortos-vivos vestidos de forma andrajosa. As pessoas que por ali andavam estavam repletas de amor pelos seus semelhantes e tendiam a usar chapéus divertidos e camisolas festivas.

Hazard conseguiu partilhar um dos poucos táxis disponíveis até à Fulham Broadway, onde se apeou, cumprimentando o ar frio como um velho amigo e colocando a mochila às costas. Parecia ter decorrido uma vida desde a última vez em que ali estivera, quando era uma pessoa diferente. Ainda não tinha dito aos seus pais que estava de volta. Não lhes queria perturbar os planos e, em todo o caso, seria bom poder dispor de alguns dias para se aclimatar antes de iniciar a longa jornada da construção de pontes.

Desceu a Fulham Road em direção ao seu apartamento. Avistou o café de Monica mais adiante. Estava mortinho por saber o que teria acontecido desde

que se despedira de Riley e d' *O Projeto da Autenticidade*. Percebeu que aquilo se havia transformado numa obsessão doentia – algo que desviava a sua atenção do desejo desesperado de ir encher a cabeça. Sabia ser bastante improvável que Monica tivesse conhecido Julian, e muito menos Riley, isso era apenas uma história que tinha andado a desenrolar-se na sua imaginação febril.

Quando chegou ao café, não resistiu a espreitar lá para dentro. Parecia um quadro de um cartão de Natal – tudo cheio de velas, azevinho e hera, e uma mesa a abarrotar com os restos de um banquete de Natal. Por um instante julgou que o seu espírito estava a pregar-lhe partidas, porque, tal como ele imaginara, ali estavam Monica e Riley, *abraçados*. E um velhote com um extraordinário conjunto de *tartan* bicolor, que não poderia ser mais ninguém senão Julian Jessop.

Ele era um génio! Que incrível amostra de engenharia social, um fabuloso ato aleatório de bondade que resultara bem. Mal podia esperar para conhecer Monica e Julian como devia ser, para se apresentar como um ator-chave daquele drama, e para discutir como tudo aquilo acontecera. Empurrou a porta e entrou, sentindo-se um herói conquistador.

A reação não foi a que ele esperava. Monica, Julian e o quarto rapaz, um ruivo alto, limitaram-se a fitá-lo de uma forma inexpressiva. Riley, entretanto, parecia um coelhito hipnotizado por uns faróis. Horrorizado, até.

– Sou o Hazard! – esclareceu ele. – Portanto é óbvio que encontrou o caderno, Riley!

– Você é o homem que me enviou aquele bilhete-postal – disse Monica, que estava a olhá-lo, não com gratidão, como ele imaginara que aconteceria, mas com desconfiança e aversão. – É melhor que me explique o que está a acontecer.

Algo disse a Hazard, um pouco tarde de mais, que afinal aquilo não tinha sido uma grande ideia.

CAPÍTULO 32

Monica

Monica ficara arrasada depois de toda aquela correria, da montanha-russa emocional e do álcool a mais, mas não se lembrava de ter estado mais feliz. Estava ébria de boa vontade, de amizade e – graças à sua fogosa sessão de beijos na cozinha com Riley – de feromonas. Até conseguira deixar de pensar nas implicações sobre a saúde e a segurança de eles estarem a beijar-se em cima da superfície de trabalho de uma cozinha profissional.

Foi então que entrou um homem no café. Tinha um cabelo escuro e ondulado que parecia não ver uma tesoura há algum tempo, o queixo proeminente de um herói de banda desenhada coberto por uma barba curta, e estava muito bronzeado. Carregava uma grande mochila e parecia ter acabado de desembarcar de um avião vindo de algum lugar exótico. Pareceu-lhe vagamente familiar, e tinha o ar de alguém que esperava ser reconhecido. Seria alguma celebridade de segunda categoria? Se era, que diabo estava ele a fazer no café dela no Dia de Natal? Chamava-se Hazard, segundo anunciara.

Monica demorou alguns minutos a lembrar-se de onde tinha ouvido esse nome. No postal! Também se lembrou de onde tinha visto aquele rosto. Era aquele idiota arrogante que esbarrara contra ela no passeio alguns meses antes. Agora numa versão mais magra, mais morena e mais hirsuta. O que lhe chamara? *Vaca estúpida? Cabra estúpida?* Qualquer coisa assim.

Monica estava tão distraída que perdeu o que ele dissera a seguir, mas era óbvio que conhecia Riley. Algo não parecia muito certo. Ela tinha mostrado o postal a Riley, e este não lhe dissera que conhecia Hazard. Uma serpente de ansiedade enrolou-se e desenrolou-se na barriga enquanto a sua mente se debatia com todos os factos, procurando encaixá-los.

Monica recusou-se a oferecer-lhe uma cadeira. O que mais faltava era mostrar-se hospitaleira. Ele poderia muito bem explicar-lhe que diabo estava a acontecer enquanto ficava em pé. *Grande estúpida*, era isso.

– Aaa... – disse Hazard, olhando nervoso para Riley. – Eu encontrei o caderno, *O Projeto da Autenticidade*, numa mesa daquele bar, acolá. – Apontou para o bar de vinhos do outro lado da rua. – Li a história de Julian – fez um aceno a Julian – e achei que precisava de uma ajudinha com aquela sua campanha publicitária bastante inadequada.

Monica lançou-lhe um dos seus olhares mais incisivos. Ele pigarreou e prosseguiu.

– Portanto, fiz cópias do seu cartaz e coleio-o em todos os lugares óbvios. E levei o caderno comigo para uma ilha na Tailândia. Pensei que estava a dar-lhe uma ajudinha, Monica. – Ela não gostou da maneira como ele usou o seu nome de uma maneira tão familiar, como se a conhecesse. – Depois, enquanto lá estava, andei a verificar todos os tipos solteiros que conhecia para ver se algum poderia dar um bom namorado. Está a perceber, para si...

Calou-se. Devia ter percebido como ela ficara mortificada. Tudo se tornara muitíssimo claro.

– E tu vieste ter a esta ilha, não foi, Riley? – perguntou, quase incapaz de olhar para este. Ele não disse nada, limitou-se a assentir, infeliz. *Cobarde. Traidor.*

Monica revolveu aquela nova realidade na sua cabeça. Riley não tinha aparecido na aula de arte por um feliz acaso. Fora enviado por Hazard para montar a velha solteirona triste lá na terra. Não a beijara porque ela era linda e ele não conseguira conter-se. Claro que não. Que rapariga estúpida e arrogante. Ele tinha lido a sua história e sentira pena dela. Ou julgara que ela estava desesperada. Ou ambas as coisas. Teriam andado a rir-se dela nas suas costas? Seria alguma espécie de aposta? *Dou-te cinquenta libras se conseguires levar para a cama aquela convencida que é dona do café.* Será que Hazard a tomara de propósito como alvo após ter esbarrado contra ela naquela noite e, se assim fosse, porquê? O que lhe fizera ela? Julian também estaria envolvido naquilo?

De repente, sentiu-se exausta. O vinho e a comida que ingerira com tanto gosto andavam às voltas no seu estômago. Achou que ia sentir-se mal, vomitar para cima de toda aquela mesa lindamente decorada. Pétalas de rosa pintadas em dourado misturadas com pedaços de cenoura reconstituída. Todas as suas novas visões do futuro, o fim feliz ridiculamente otimista que se formara pouco a pouco no seu espírito, tiveram de ser rebobinadas, apagadas e substituídas pelo insípido e incharacterístico enredo a que ela estava habituada.

– Acho que é melhor irem todos embora – disse ela. – Já comeram a minha comida. Já beberam o meu vinho. Agora saiam da MERDA do meu café.

Monica nunca dizia palavrões.

CAPÍTULO 33

Riley

Como corra tudo tão mal? Estava ele muito bem, já a antecipar pudim de Natal e sexo, sendo a sua única preocupação quanto poderia comer do primeiro sem estragar o último. E depois, logo a seguir, Monica estava a pô-lo na rua. E tudo isso era culpa de Hazard.

– Lamento muito, Monica – dissera Hazard –, eu só estava a tentar ajudar.

– Você estava a fazer um jogo, Hazard. Com a minha *vida*, como se nós estivéssemos num qualquer *reality show* televisivo. Eu não sou o seu ato de caridade, nem a sua experiência social – bradara-lhe Monica de volta.

Que diabo poderia Riley dizer que a fizesse entender?

– Monica, eu posso ter-te *conhecido* por causa do Hazard, mas não foi por isso que fiquei contigo. Eu gosto mesmo de ti. Tens de acreditar em mim – dissera-lhe ele, suspeitando que as suas palavras iriam cair em orelhas moucas. Monica girara sobre os calcanhares e enfrentara-o. Apetecera-lhe ter ficado calado.

– Eu não *tenho* de acreditar em nada do que tu digas, Riley. Tens andado a mentir-me o tempo todo. Eu confiei em ti. Pensei que eras *real*.

– Eu nunca te menti. Não te contei toda a verdade, admito, mas nunca menti.

– Isso é uma questão de semântica, como tu bem sabes! – Semântica? O que era isso? – Tu só estavas comigo por causa do caderno. E eu pensei que era o destino. O acaso. Como pude ser tão estúpida? – Parecia estar prestes a chorar, o que Riley achou muito mais alarmante do que a raiva dela.

– Bom, isso é mais ou menos verdade – dissera-lhe, tentando transmitir a sua sinceridade no tom de voz – na medida em que tu pareces incrivelmente forte, mas eu sabia pelo caderno que, por dentro, tu na verdade és... – ele

procurou a palavra certa, e encontrou-a num instante – ... vulnerável. Acho que foi isso que me levou a amar-te. – Percebeu que nunca havia usado a palavra «amar» com Monica, e agora era tarde de mais.

Por um mísero segundo, Riley julgara que as suas palavras poderiam ter tido efeito. Então, Monica pegara no pudim de Natal, que misericordiosamente já não estava a arder, mas ainda tinha um pedaço muito espinhoso de azevinho lá preso, e atirara-o, por cima do ombro, como uma lançadora de peso. Não sabia ao certo se ela pretendia atingi-lo a si, a Hazard, ou aos dois. Dera um passo para o lado, e o pudim caíra no chão, formando uma pilha pegajosa.

– Saíam! – berrou ela.

– Riley – disse Hazard baixinho –, acho que é melhor fazermos o que a senhora diz, e esperar que as coisas acalmem um pouco, não é?

– Ah, então eu agora sou a *senhora*, já não sou a *grande estúpida*? Seu *idiota* paternalista! – exclamou Monica. Riley ficou a pensar no que estaria ela a falar. Teria perdido o juízo?

Saíram às arrecuas pela porta, para o caso de Monica atirar mais alguma coisa na direção deles. Riley viu Julian alguns quarteirões mais adiante. Chamou-o, mas Julian não ouviu. Por trás, ele parecia um homem muito mais velho do que aquele que Riley conhecia. Ia vergado e a arrastar os pés, como se estivesse a tentar ter o mínimo impacte possível naquilo que o rodeava. Passou um táxi, que salpicou a água de uma poça sobre as pernas nuas de Julian. Este pareceu não notar.

– Tudo isto é culpa sua, Hazard – disse Riley, percebendo, sem se importar, que parecia uma criança petulante.

– Ouça cá! Isso não é justo. Eu não sabia que não ia dizer-lhe nada sobre *O Projeto da Autenticidade*. Essa decisão foi sua, e bastante estúpida, se não se importa que lho diga. Já devia saber que reter uma informação importante nunca acaba bem – protestou Hazard. Riley, na verdade, importava-se que ele lho dissesse. Monica tinha razão, Hazard era um idiota paternalista.

– Olhe, o bar está aberto. Vamos tomar uma bebida – disse Hazard, puxando Riley pelo braço para o outro lado da rua.

Riley hesitou. Não sabia ao certo se queria passar algum tempo com Hazard, agora ou alguma vez, mas de facto queria falar com alguém acerca de Monica,

e não estava com disposição para aturar os devaneios ébrios dos seus colegas de apartamento. Por fim, a sua necessidade de conversar acabou por vencer e ele entrou no bar atrás de Hazard.

– FOI AQUI que eu encontrei o caderno de Julian – disse-lhe Hazard –, naquela mesa, ali. Parece que foi há imenso tempo. O que vai beber?

– Vou querer uma *Coca-Cola*, por favor – disse Riley, que já bebera mais do que o suficiente para um dia.

– Uma *Coca-Cola* e um uísque duplo – disse Hazard ao empregado, que ostentava com muito pouca graça um reluzente par de chifres de rena. Riley pôs-se à frente dele.

– Na verdade, amigo, pode trazer antes duas *Coca-Colas*, por favor? – Voltou-se para Hazard. – Está a esquecer-se de que li a sua história. Você *não* quer fazer isso.

– Realmente quero, sabe. Em qualquer caso, que lhe interessa a si se eu optar por premir o botão de autodestruição? Não sou a sua pessoa favorita neste momento, pois não?

– Tem razão quanto a isso, mas mesmo assim não vou deixar que dê cabo da sua vida durante o meu turno. Tem andado a portar-se muito bem. Quando o conheci em Koh Panam achei que era tarado pela saúde.

– Que tal se eu beber só um? Isso não deve fazer mal nenhum, pois não? E afinal é Dia de Natal. – Hazard olhou para Riley, como uma criança que sabe que já está a abusar da sorte, mas apesar disso decide tentar.

– Pois, claro. E daqui a dez minutos vai estar a dizer-me que só mais um não faz mal, e quando chegar a meia-noite vou estar para aqui a pensar como diabo hei de levá-lo para casa. Você já me causou problemas suficientes, francamente. – As palavras de Riley deixaram Hazard desanimado.

– Ora bolas. Eu sei que tem razão. Amanhã de manhã eu ter-me-ia odiado. Já passaram oitenta e quatro dias desde que tomei uma bebida ou uma droga, sabe. Não que eu ande a contar, nem nada disso – disse-lhe Hazard, aceitando com muito pouco entusiasmo uma das *Coca-Colas* que o empregado lhes trouxera. Avançou até à mesa que indicara a Riley, e sentou-se na banqueteta.

– Não é estranho pensar que na última vez que tomamos uma bebida juntos, estávamos do outro lado do planeta na praia mais perfeita do mundo? – perguntou ele a Riley.

– Sim. Aquilo por lá era muito mais fácil – respondeu Riley, e suspirou.

– Eu sei, mas acredite, ao fim de dois meses daquilo começa a perceber que é tudo superficial. Todas aquelas amizades temporárias tornam-se aborrecidas. Eu andava desesperado para voltar a ter alguns amigos a sério. O problema é que não sei bem se ainda me restam alguns. Troquei-os há anos por quem eu conseguia encontrar que gostasse tanto de farra como eu. E mesmo que eu quisesse ver esses amigos das farras, eles já estariam a impingir-me bebidas e drogas antes de eu despir o casaco. Não há nada que um viciado goste menos do que uma pessoa sóbria. Eu que o diga. – Hazard olhou tão triste para o seu copo de *Coca-Cola* que Riley estava a achar difícil continuar zangado com ele.

– Não há nada de errado na superficialidade, companheiro – disse Riley. – É toda essa *profundidade* que causa os problemas. Que raio hei de eu dizer à Monica? Ela acha que nós os dois estávamos a fazer um *jogo* qualquer. Eu sei que agora ela não parecia nada assim, mas na verdade por trás de tudo aquilo é bastante insegura. Vai ficar desfeita.

– Olhe, eu não sou o especialista mundial no que se passa dentro das cabeças das mulheres, como já deve ter adivinhado, mas tenho quase a certeza de que, logo que Monica se acalmar, ela há de ver que teve uma reação exagerada. A propósito, impressionante velocidade de reação. Julguei que ela lhe ia acertar com aquele pudim – disse Hazard com um sorriso.

– Ela estava a fazer pontaria a si, não a mim! Devia estar mesmo muito zangada. Uma coisa que Monica detesta é comida no chão, mesmo que sejam pequenas migalhas, invisíveis a olho nu – disse Riley, em tom irónico.

– Então, a que ponto gosta dela? – perguntou Hazard. – Eu tinha razão, ou tinha razão?

– Agora já não importa muito, pois não? – perguntou Riley. Depois, preocupado por parecer talvez um pouco desagradável, acrescentou: – Para ser franco, foi tudo um bocadito confuso, por causa daquele maldito caderno. Fez-me sentir que a compreendia. Mas aquilo também me assustou um pouco. Quero dizer, eu só estou aqui por uns tempos, e ela anda à procura de todo

aquele *compromisso*. Talvez seja melhor assim. – Ao dizer isso, Riley percebeu que isso não era o que pensava.

– Ouça, dê-lhe um ou dois dias, e depois converse com ela. Digo-lhe uma coisa, tente ser *autêntico*, ah, ah – disse Hazard. – Tenho a certeza de que ela lhe há de perdoar.

Mas o que sabia Hazard? Ele e Monica não estavam no mesmo comprimento de onda. Na verdade, o único conforto que Riley podia encontrar na situação era que, se Monica agora não gostava dele, não gostava *mesmo* nada de Hazard.

CAPÍTULO 34

Alice

O almoço tinha sido um desastre. Max abrira o champanhe às onze da manhã quando os pais chegaram. Alice bebera duas taças com o estômago vazio. A seguir, enquanto cozinhava, bebera um copo de vinho tinto que havia reservado para o molho. A combinação da falta de sono, dos nervos e da bebida a mais fez com que ela tivesse baralhado todos os tempos de preparação. O peru ficara seco, as couves uma papa, e as batatas assadas duras como balas. E tinha-se esquecido do molho.

A mãe de Max fizera todos os devidos ruídos de cortesia a respeito da refeição, mas, como era seu hábito, disfarçara as críticas como elogios.

– Foi *muito bem lembrado* da sua parte ter ido à loja comprar um recheio pré-cozinhado. Eu faço sempre o meu. Que disparate, demoro séculos até ele ficar *mesmo apurado*. – Alice sabia muito bem o que ela estava a fazer, mas Max não tinha qualquer noção.

Alice gostaria de estar em casa da mãe, com os irmãos e as respectivas famílias, alegremente encafuada na acanhada sala da frente. Ao longo dos anos, os tapetes, as cortinas e os móveis que a mãe dela escolhera por causa da sua disponibilidade e do preço, e não pela beleza, haviam-se combinado de forma a criar um contrastante, e conflituoso, tumulto de padrões e de cores. Todos usavam garridos trajes natalícios, chapéus de papel, discutiam e gozavam uns com os outros.

A casa de Alice em Fulham estava pintada com o tom certo da Farrow & Ball, o mobiliário era coordenado e discreto, com a ocasional nota da cor mais recente. Tudo em plano aberto, e um consultor de iluminação gastara horas, e uma grande porção do bónus de Max, a garantir que se poderia criar o clima

certo para qualquer ocasião. De um bom gosto absoluto. Desprovido de alma. Nada de que não se gostasse, nem nada que se adorasse.

Depois do almoço, Alice ajudara *Bunty* a desembulhar mais alguns dos seus presentes. Percebeu que tinha exagerado e estava certa de que um psiquiatra diria que aquilo era uma reação aos natais da sua infância, quando a maioria dos presentes era feita à mão e assim entregues. Ainda se lembrava do desprezo com que recebera a caixa de costura que a sua mãe elaborara cuidadosamente para ela quando fizera dez anos, cheia de agulhas e com um arco-íris de fios, botões e tecidos. Ela queria um leitor de CD. Como podia ter sido tão ingrata?

Alice arrastou-se de volta para o presente e carregou para o Instagram uma fotografia bonitinha de *Bunty* a mastigar o embrulho de um dos seus presentes, com todas as *hashtags* habituais. De uma forma inesperada, Max arrancou-lhe o telefone das mãos.

– Por que não consegues viver a tua maldita vida, em vez de andares a fotografá-la o tempo todo? – sibilou, atirando-lhe o telemóvel para o canto da sala, onde este foi aterrar em cima de uma caixa de blocos de construção, derrubando-os como uma bola demolidora.

Houve um silêncio atordoado.

Alice esperou que alguém a defendesse, que alguém dissesse a Max que ele estava a ser incorreto e que não podia falar assim com a sua mulher.

– Alice, querida. Quando a *Bunty* tem de ir fazer a sesta? – perguntou a mãe de Max em vez disso, como se os minutos anteriores não tivessem acontecido.

– Ela, ela não tem um horário definido para a sesta – respondeu Alice, tentando não chorar. A sogra franziu os lábios com um ar reprovador. Alice preparou-se para o habitual sermão sobre a importância da rotina e sobre como Max tinha sido o bebé perfeito, que dormia a noite toda desde que voltara do hospital.

– Bom, por que tu e o Max não levam a menina a passear um bocadinho, Alice, e eu arrumo isto para vocês? Vai fazer-vos bem apanhar um pouco de ar fresco.

Alice viu nisso aquilo que era: uma crítica velada ao seu trabalho doméstico, disfarçada de bondade, mas não ia pôr-se a discutir. Mal podia esperar por se

afastar de tudo aquilo durante um bocado, embora soubesse que logo que ela saísse pela porta os sogros iriam começar a falar das suas muitas inadequações. Sem se humilhar ainda mais a remexer a caixa de brinquedos para procurar o telemóvel, pegou em *Bunty*, pôs o saco ao ombro e saiu da sala, seguida por Max, que parecia querer passar tão pouco tempo com ela como ela com ele.

Logo que a porta da frente se fechou, virou-se para ele.

– Como te atreves a humilhar-me dessa maneira em frente aos teus pais, Max? Nós devíamos ser uma *equipa* – disse ela, e ficou à espera do pedido de desculpas.

– Bom, a mim não me parece muito uma equipa, Alice. Sempre que não estás com a *Bunty*, pões-te a brincar nas malditas redes sociais. Eu também tenho necessidades, sabes!

– Caramba, Max! Estás com ciúmes da *bebé*? Da *tua* bebé? Desculpa se não gasto tanto tempo a mimar-te – e não gastava – mas a *Bunty* precisa mais de mim do que tu. Talvez pudesses tentar ajudar um pouco mais.

– Não é só isso, Alice – disse Max, parecendo de súbito mais triste do que zangado. – Tu mudaste. Nós mudámos. Só ando a tentar lidar com isso tudo.

– É *claro* que mudámos! Agora somos pais! Eu tive de empurrar um melão pelo buraco da fechadura, transformei-me num bar de leite sempre à disposição durante a noite e não durmo mais de três horas seguidas há semanas. É óbvio que vou ser um bocadinho diferente daquela rapariga despreocupada das relações públicas com que tu te casaste. Do que estavas à espera?

– Não sei bem – disse ele baixinho. – Sabes, eu lembro-me de no dia do nosso casamento te ver a avançar pelo corredor da igreja e pensar que era o homem com mais sorte do mundo. Pensei que as nossas vidas estavam abençoadas.

– Eu senti o mesmo, Max. E nós *estamos* abençoados. Vai ter de ser difícil agora. Toda a gente acha difíceis os primeiros meses com um novo bebé, não é? – Esperou que Max respondesse, mas ele não o fez. – Olha, volta para casa e vai falar com os teus pais – disse-lhe Alice. – Não me apetece discutir mais. Estou muito cansada. Eu volto a horas de dar banho à *Bunty*.

Teve a sensação de que fora removido mais um tijolo nos alicerces mal construídos do seu casamento.

ALICE SENTOU-SE no banco do parque infantil deserto. Pôs-se a empurrar o *Bugaboo* de *Bunty* para trás e para a frente com o pé, para a incentivar a dormir. Viu as pálpebras da filha ficarem cada vez mais pesadas enquanto ela chupava o punho com as gengivas, babando todo o macacão estampado com renas (@minimes).

Sentiu-se despojada sem o seu telemóvel. Estava sempre a olhar para o bolso, e depois a lembrar-se de que o deixara em casa. Não lhe apetecia voltar para casa, mas sentia-se *em desassossego* sem ter nada para gostar, publicar ou comentar. Precisava de uma distração para não ser forçada a pensar naquela discussão com Max. Tinha sido muito deprimente. O que *fazia* ela com o seu tempo vago antes de entrar nas redes sociais? Não conseguia lembrar-se.

Abriu o saco, para o caso de lá ter deixado algum exemplar da *Grazia*. Não teve sorte nenhuma. Mas encontrou aquele caderno verde que tinha apanhado no parque infantil alguns dias antes, e do qual se esquecera. À falta de mais alguma coisa para fazer, pegou nele e começou a ler.

Todos mentem acerca das suas vidas. Ora, se isso não era mesmo verdade! Os cem mil seguidores do @aliceinwonderland com certeza não viam a infeliz realidade da existência de Alice. Pensou em todas as publicações que mostravam ela e Max a olharem enternecidamente um para o outro e para a sua bebé. Que caderno era aquele? Teria sido deixado ali de propósito para ela?

O que aconteceria se partilhasse a verdade em vez disso? Alguém quer saber a verdade? A sério? Muitas vezes a verdade não é bonita. Não é inspiradora. Não se encaixa num pequeno quadrado do Instagram. Alice apresentava uma versão da verdade; aquela que as pessoas queriam ver aparecer nos seus ecrãs. Se alguma coisa fosse *demasiado* real, ela perderia seguidores em massa. Ninguém queria saber do seu casamento menos-que-perfeito, das estrias dela, da conjuntivite de *Bunty* ou da sua crosta láctea.

Alice leu a história de Julian. Ele parecia ser *maravilhoso*, mas muito triste. Pôs-se a pensar no que andaria ele a fazer hoje. Teria alguém com quem

partilhar o almoço de Natal? Estaria sozinho nos Chelsea Studios? Continuará a pôr a mesa para a sua falecida mulher?

Começou a ler a história de Monica. Conhecia bem aquele café. Tinha a certeza de que o assinalara em diversas publicações há pouco tempo. Aquele género de publicações – olhem para o meu café, tem a forma de um coração desenhada na espuma de leite, e vejam a minha saudável tigela de frutas, iogurte e granola. Na verdade, ela conseguia visualizar Monica a atarefar-se lá no café com grande eficiência: dez anos mais velha que Alice, mas ainda bonita, de uma maneira intensa, mas inibida.

Alice percebeu então, com espanto, que aquela mulher pela qual ela ficara obcecada, aquela que dançava com tão despreocupado abandono na outra noite era *Monica*. Não somara dois e dois nessa altura, porque a visão que presenciara lhe parecera muito diferente da mulher que estava habituada a ver durante o dia.

Leu sobre a avidez de Monica por um bebé. *Cuidado com o que desejas*, pensou Alice, sombria, quando *Bunty* começou a remexer-se, parecendo estar prestes a desencadear nova sessão de berraria. Teria ela andado tão desesperada por um bebé em algum momento? Não conseguia lembrar-se disso, mas supôs que devia ter andado.

Que extraordinário ela ter invejado a vida de Monica, quando tudo o que Monica sempre quisera era aquilo que ela mais dava como certo. Sentiu um invisível, mas inquebrável, fio de ligação entre si e aquela mulher forte, mas triste, que nunca conhecera bem. Baixou os olhos para *Bunty*, para as suas lindas bochechas rechonchudas e para aqueles insondáveis olhos azuis, e sentiu uma vaga de amor que jurou nunca mais esquecer.

Hazard. Agora, havia um nome para um herói romântico. Esperava que ele fosse bonito. Seria um desperdício chamar-se *Hazard* e ser magrinho, com uma maçã de Adão demasiado pronunciada, e ter acne. Imaginou-o a cavalgar, descalço e em tronco nu, por um caminho entre os penhascos da Cornualha. Oh, meu Deus, isto devem ser as hormonas.

Alice era veementemente antidrogas, mas, ao ler a história de *Hazard*, teve uma desconfortante sensação de que o seu relacionamento com o álcool não era muito diferente do dele com a cocaína. Ela não andava só a beber para

soltar o cabelo nas festas, andava a beber para aguentar o dia. Empurrou para um lado esse pensamento irritante. Merecia o seu copo de vinho (ou três) ao serão. E toda a gente fazia isso também. As suas redes sociais estavam cheias de *memes* sobre a «hora do vinho» e sobre a «ajudinha da mamã». Aquilo fazia-a sentir-se adulta, como se ainda tivesse uma vida. Era o seu «tempo de mim» e – com franqueza – ela merecia um pouco disso.

Leu até ao fim a história de Hazard e percebeu o que ele fizera. Oh, meu Deus! Era como estar mesmo no meio de um romance da Danielle Steel! Hazard tinha encontrado o homem dos sonhos de Monica, Riley, e enviara-o a Londres para vir resgatá-la daquela miserável solidão. Que romântico! E tinha resultado! Riley era com certeza aquele homem com quem ela a vira lá no café, a olhá-la nos olhos com tanta adoração?

Alice estava mortinha por ler a próxima história, que supôs ser a de Riley. Viu que estava rabiscada com uma caligrafia nitidamente masculina nas três páginas seguintes do caderno, mas precisava de voltar para casa a horas de dar banho a *Bunty*. Talvez pudesse dispensar mais alguns minutos para fazer um pequeno desvio até ao café de Monica, e dar só uma espreitadela rápida pela montra. Isso afastaria o seu espírito daquela terrível discussão com Max por mais algum tempo. Tinha quase a certeza de que o estabelecimento estaria fechado no Dia de Natal, mas não faria mal nenhum passar por lá. *Bunty* iria apreciar essa passeata extra.

Quando saiu do parque, Alice virou à esquerda e entrou na Fulham Road, mesmo ao lado do restaurante chinês. O restaurante estava ali desde que ela se lembrava, mas nunca lá entrara. Ela era mais rolo de abacate e *maki* de caranguejo do que *chow mein* de galinha. Os passeios estavam bastante desertos, pois a maior parte de Fulham parecia ter sido evacuada para o campo durante o feriado, e foi por isso que os dois homens que estavam à porta do restaurante lhe despertaram a atenção. Eram um casal de aparência improvável. Um deles parecia chinês. Era pequeno, e estava muito irritado, emitindo uma energia desfasada com a sua estatura. O outro homem era um ruivo alto e bem constituído, que ela teve a certeza de reconhecer de algum lugar. Esse parecia estar a *chorar*. Mas que diabo se passava ali? Talvez ela não

tivesse sido a única a ter um dia complicado. Sentiu-se um pouco culpada por esse pensamento a deixar tão animada.

Enquanto caminhava em direção ao café, Alice percebeu que era a primeira coisa que fazia há séculos com uma sensação de excitação, e não apenas por dever. Os últimos meses tinham sido de tarefas mundanas, umas a seguir a outras – alimentar, esfregar, limpar, mudar fraldas, cozinhar, engomar, lavar e repetir, *ad infinitum*. Era uma novidade não saber o que aconteceria a seguir. A vida com uma bebé pequena era demasiado previsível. Então Alice repreendeu-se por tal pensamento, lembrando-se da sorte que tinha.

Quando se aproximou do café, pareceu-lhe que as luzes estavam acesas. Isso não significava que estivesse aberto. Muitos dos estabelecimentos locais pareciam manter as luzes acesas vinte e quatro horas por dia durante os sete dias da semana. O que a deixava bastante irritada – o @aliceinwonderland era sobre ser-se bom para o planeta. Tinha deixado de usar copos de café descartáveis e sacos de plástico muito antes de isso estar na moda. Até experimentara as fraldas reutilizáveis durante algum tempo, mas isso não acabara bem.

Espreitou pela montra. Ali, sentada sozinha numa mesa posta para várias pessoas, estava Monica. A chorar. A chorar como devia ser. Um grande e fungante choro de rosto manchado, e nada fotogénico. Monica era o tipo de mulher para a qual o mais prudente seria não chorar em público. Talvez Alice a informasse disso, caso viessem a tornar-se amigas. Seria uma gentileza.

Sentiu o seu humor otimista desfalecer. Queria tanto acreditar no felizes para sempre. Que diabo poderia ter dado errado? Como aquela cena romântica de há poucos dias se transformara nesta cena de miséria solitária?

Alice era uma grande crente na solidariedade feminina. As mulheres tinham de cuidar umas das outras. Também vivia segundo o lema «num mundo em que podes ser qualquer coisa, sê gentil». Até o mandara imprimir numa camisola. Não podia continuar a andar e deixar uma outra mulher a *chorar* daquela maneira. Além de tudo o mais, não sentia que Monica fosse uma estranha. Sentia que a conhecia, pelo menos um bocadinho. Melhor do que à maioria das suas «melhores amigas», para dizer a verdade.

Tirou o caderno do saco, em jeito de introdução, empertigou-se, afixou no seu rosto um sorriso amigável, mas preocupado, e entrou, passando com todo o cuidado por cima de uma massa acastanhada de aparência odiosa que estava no meio do chão. Que diabo era aquilo?

Monica olhou para cima, com rímel a escorrer-lhe pelo rosto.

– Olá, eu chamo-me Alice – disse Alice. – Encontrei *O Projeto da Autenticidade*. Sente-se bem? Posso ajudar?

– Eu gostaria era de nunca mais pôr os olhos nesse maldito caderno, e com certeza não quero voltar a vê-lo de novo – respondeu Monica, soltando cada palavra como uma rajada de metralhadora, e fazendo Alice recuar fisicamente.

– Eu não pretendo ser mal-educada e tenho a certeza de que você, como toda a gente, pensa que me conhece, depois de ter lido a história que eu nunca deveria ter escrito, mas não me conhece. E eu de certeza que não a conheço a si. Nem quero. Por isso, por favor, vá-se embora daqui e deixe-me em paz.

Alice assim fez.

Monica

Monica só desceu do seu apartamento na noite do dia seguinte. O café parecia um cenário de teatro, abandonado a meio da peça. Estava lá a mesa, ainda posta para o pudim, os copos meio cheios. Estava lá a árvore de Natal, com os presentes por baixo, ainda por abrir. E ali, no meio do chão, como uma gigantesca bosta de vaca recheada com frutos, um ramo de azevinho ainda alegremente espetado no centro, estava o pudim de figo.

Foi encher um balde com água quente e detergente, calçou um par de luvas, e lançou-se ao trabalho. Sempre achara a limpeza terapêutica, e até de mais, se fosse sincera. A sua classificação de higiene com cinco estrelas, que se encontrava em destaque na montra do café, era uma das façanhas de que mais se orgulhava. Até a linguagem associada àquilo ajudava. Uma grande varredela. Uma folha de papel em branco. Lavar aquele homem do meu cabelo.

Agora que já tivera algum tempo para se acalmar, Monica percebera que era improvável que Hazard e Riley lhe tivessem montado de propósito um ardil. Acreditava em Riley quando este lhe dissera que gostava dela (achava que aqueles beijos não poderiam ter sido fingidos), mas ainda se sentia humilhada. Detestava o facto de Riley lhe ter mentido durante aquele tempo todo. Detestava a ideia de Hazard e Riley terem pena dela. Abominava a ideia de ambos falarem acerca de si, e planearem como corrigir a sua triste e velha vida. E sentia-se *estúpida*. Não estava habituada a sentir-se estúpida. Tinha ganho o prémio Keynes de nível A em Economia, pelo amor de Deus.

Ainda agora começara a acreditar que podiam acontecer coisas boas, de uma forma inesperada, e que ela era digna de ser amada por alguém tão incrível como Riley. Afinal viera a saber que tudo fora engendrado. A mãe

sempre lhe dissera que, se alguma coisa parecia boa de mais para ser verdade, se calhar era. E Riley parecera bom de mais para ser verdade.

Ao longo das últimas semanas, ela tinha-se sentido a descontrair. Começara a «ir com a maré» e largara a pior parte do seu planeamento obsessivo. Sentira-se mais feliz e mais despreocupada. Mas veja-se a trapalhada em que se metera.

Monica já não fazia ideia nenhuma do que haveria de pensar.

O que ela sabia era que não queria voltar a ver nenhum deles, pelo menos durante algum tempo. Queria que tudo voltasse a ser como era antes de ter encontrado aquele estúpido caderno no seu café, antes de redigir a sua história e antes de ficar involuntariamente envolvida no plano magistral de outra pessoa. Esse mundo era insosso e incaracterístico, mas ao menos era seguro e previsível.

Percebeu, com um sobressalto, que não tinha cancelado a aula de arte dessa semana. Pegou no telemóvel e procurou o grupo do WhatsApp que havia criado para a turma. *Não há aulas de arte até novo aviso*, digitou ela. Não sentiu qualquer necessidade de se desculpar ou explicar. Por que haveria de fazê-lo?

Foi até à Biblioteca. O belo retrato que Julian pintara dela ficara tombado, e virado para cima, sobre a mesa do café. Uma Monica diferente fitou-a – alguém que não sabia que a sua vida era baseada numa mentira.

Enfiou a mão por baixo da árvore e tirou de lá o presente com uma etiqueta que dizia *Para Monica, Com amor de Riley xxx*. Pensou em deitá-lo fora sem olhar para o interior, essa seria a coisa mais impetuosa a fazer, mas a sua curiosidade levou a melhor.

Com cuidado, abriu o papel de embrulho. Lá dentro estava um belo caderno azul-turquesa que ela reconheceu logo como sendo da Smythson. Teria dito a Riley que era a sua marca favorita de todos os tempos? Aquilo devia ter-lhe custado uma fortuna. Na capa, em letras douradas, estavam gravadas as palavras ESPERANÇAS E SONHOS. Levou-o ao nariz e inalou aquele cheiro a couro. A seguir abriu-o e leu o que estava escrito na folha de guarda: *Feliz Natal, Monica! Sei como tu gostas de bons artigos de papelaria, sei como adoras*

fazer listas, e sei quanto mereces que todas as tuas esperanças e sonhos se tornem realidade. Com amor, Riley xxx

Era o presente perfeito. Foi só quando viu as palavras que Riley tinha escrito começarem a perder nitidez que ela percebeu que estava a chorar, a estragar a perfeição da capa daquele caderno com umas manchas salgadas. E isso fê-la chorar ainda mais.

Chorou pelo que poderia ter sido, pela versão de um futuro perfeito que, por um momento, resplandecera à sua frente, que ela começara a acreditar que poderia vir a tornar-se realidade. Chorou pela crença em si que perdera; achava-se muito forte e muito esperta, mas afinal era ingénua e estúpida. Mas, acima de tudo, chorou pela rapariga em que julgara estar a transformar-se; alguém que era impulsiva, espontânea e divertida, que fazia coisas por capricho, sem se preocupar com as consequências. A rapariga que escrevia segredos em cadernos e os espalhava ao vento. A rapariga que se apaixonava descuidadamente por bonitos desconhecidos.

Essa desaparecera.

CAPÍTULO 36

Alice

Eram onze da noite e Alice estava sentada na cadeira de balouço do quarto da bebé, sob o brilho ténue do candeeiro de Beatrix Potter, a amamentar *Bunty*. Ainda se sentia desgastada após a sua discussão com Max no dia anterior, que não tinha sido referida desde então. E Monica a gritar consigo também não ajudara. Lá se fora a irmandade feminina. Enfiou a mão no saco e tirou de lá o caderno, aumentando um pouco a luz para que esta ficasse com intensidade suficiente para ler, mas não tão intensa que *Bunty* acordasse e já não conseguisse sossegar novamente. Abriu-o na página em que a caligrafia mudava de Hazard para Riley, sentindo um formigueiro de excitação. Que segredos poderia andar a esconder um homem tão lindo como aquele?

Chamo-me Riley Stevenson. Tenho trinta anos e sou jardineiro em Perth — a da Austrália. Parece que também há uma na Escócia. Para responder às perguntas de Julian, conheço os nomes de todos os meus vizinhos lá na terra, e eles conhecem-me a mim. Conhecem-me desde que eu era pequenito. Pode ser um pouco sufocante ao fim de algum tempo, para ser franco. Em parte, foi por essa razão que saí de lá.

Caraças, como estaria ele a dar-se com Londres? Por falar em passar de um extremo ao outro. Alice desviou um pouco *Bunty*, para conseguir virar a página.

Acho que a minha verdade é que me sinto chateado por toda a gente julgar que, só porque eu não sou tão confuso como muitos destes britânicos, sou algum tipo de idiota sorridente. Não estou a ser paranoico, sabem. Eles fazem mesmo isso.

Com certeza que ser-se alegre e franco devia ser uma coisa boa, e não uma espécie de defeito de carácter? Descomplicado não significa simples, pois não?

Valha-me Deus, pensou Alice, este rapaz é uma ternura.

Às vezes, vejo Monica ou Julian olharem para mim como se eu fosse uma criança, e ficarem a pensar: *Valha-me Deus, ele não é uma ternura?*

Caramba. Aquele caderno estava a ler-lhe os pensamentos?

Sabem, na verdade não gosto nada deste caderno. Arranjou-me grandes amigos, mas desde que o encontrei a minha vida tornou-se menos autêntica, e não mais. O meu relacionamento com Monica é baseado numa mentira. Ainda não lhe contei que foi por causa deste caderno que nos conhecemos, e nem me lembro por que não o fiz.

Viver nesta cidade, sem sol, sem plantas, sem terra, está a modificar-me. Sinto que tenho de voltar às minhas raízes. Até mesmo aquilo que escrevi aqui não se parece comigo. Eu não me dedico a essas coisas da autoanálise. Sou um homem mais do tipo aquilo que está à mostra é o que há. Pelo menos costumava ser.

E sabem uma coisa? O livro também não diz a verdade sobre mais ninguém.

Lendo a história de Julian, imagina-se um velho triste e invisível. Mas o Julian que eu conheço é o ser humano mais incrível de todos os tempos. Ele faz a vida parecer mais colorida. Faz-nos querer ver novos lugares e experimentar coisas novas.

Quanto a Hazard, se eu não o tivesse conhecido, pensaria que ele era um idiota arrogante e egoísta. Mas o homem com quem conversei na Tailândia era sereno, gentil e um pouco triste.

Depois há Monica, que acha que ninguém gosta dela. No entanto ela é calorosa, generosa e terna. Reúne as pessoas e dá-lhes de comer. Sob esse ponto de vista ela é uma jardineira natural, como eu, e dará uma ótima mãe. Se ela se descontrair um pouco, sei que há de encontrar tudo o que quiser.

Vou contar a verdade a Monica. Depois disso, não sei bem o que acontecerá. Mas pelo menos as nossas raízes ficarão plantadas no solo adequado, e não em areia, pelo que teremos uma hipótese.

O que vai fazer agora? Espero que este caderno lhe traga mais sorte do que a mim.

Alice sentiu-se bastante melancólica. A julgar pelo seu encontro com Monica nesse dia, as coisas não tinham corrido tão bem quanto Riley esperava. Monica não lhe parecera nada calorosa, generosa ou terna, nem fizera Alice sentir-se estimulada. Tinha sido um pouco má, francamente.

Adorável Riley. Um jardineiro sem um jardim.

E foi então que ela engendrou um plano.

CAPÍTULO 37

Julian

Julian estava confortavelmente embrulhado no seu casulo. Teve vaga consciência de uma campainha a tocar algures ao longe, mas não podia fazer nada a respeito disso, mesmo que quisesse. Sentia-se muito distante de qualquer coisa.

– Julian! Já são horas de acordar. Não podes ficar na cama o dia inteiro – disse Mary.

– Deixa-me em paz – protestou ele. – Fiquei acordado a maior parte da noite a pintar. Vai ao estúdio e logo verás. Estou quase a acabar.

– Já vi, é brilhante, como sempre. *Tu* és brilhante. Mas está quase na hora do almoço. – Depois, porque sabia que era essa a fraqueza dele: – Vou fazer-te uns ovos *Benedict*.

Julian esticou uma perna para ver se sentia *Keith* deitado ao fundo da cama. Não estava ali.

Abriu um olho. Mary também não estava ali. Ela não estava ali há muito tempo. Fechou os olhos de novo.

Havia apenas uma coisa que o impedia de se afastar, que o mantinha amarrado ao chão. Sabia que havia *algo* que ele tinha de fazer. Sentia que havia pessoas que dependiam de si. Tinha uma responsabilidade.

Ouviu um apito. Desta vez, mesmo junto ao seu ouvido. Estendeu a mão e pegou no telemóvel que já se esquecera que possuía. Havia uma mensagem no ecrã: *Aula cancelada até novo aviso*. Era isso, o que ele procurava. Agora podia deixar-se estar. Talvez pudesse ficar ali, debaixo das cobertas, até ser por fim levado pelas escavadoras e substituído por um complexo corporativo de entretenimento.

BATERIA FRACA, dizia o ecrã. Desligou o telefone sem o ligar ao carregador e puxou a colcha por cima da cabeça, respirando o seu cheiro bafiento e reconfortante.

CAPÍTULO 38

Hazard

Hazard estava de volta à cidade, tendo passado os últimos quatro dias em Oxfordshire com os pais. Incrivelmente, estes não se haviam mostrado muito ressentidos consigo, aliviados por o verem com bom aspecto e feliz, embora a mãe de Hazard parecesse bastante surpreendida ao vê-lo ao pequeno-almoço todas as manhãs, como se esperasse que ele tivesse passado a noite fora e andado na bebedeira. Para ser justo, era isso que ele teria feito antes. Pôs-se a pensar quanto tempo levaria até que ela confiasse em si de novo. Talvez jamais o fizesse.

Hazard teria ficado mais tempo, mas os pais estavam a organizar uma festa de Ano Novo para o Rotary Club, e ele achou que seria mais seguro se passasse a noite sozinho. Tencionava ir para a cama bem antes da meia-noite, agradecendo às suas estrelinhas da sorte por, pela primeira vez que se lembrava, ir iniciar o Ano Novo na sua cama, sem nenhuma ressaca nem ninguém de cujo nome não conseguisse lembrar-se.

Pegou no telefone para ver as horas. Era um modelo básico de pré-pagamento. Nunca havia tocado, porque ninguém tinha o número dele (exceto a mãe, desde essa manhã). Percebeu que nem sabia qual o toque que estava definido. Hazard sempre fora gregário, sociável e trabalhador, por isso estava a ter dificuldade em se adaptar a este mundo sem amigos e sem emprego. Sabia que não poderia evitar a vida para sempre.

Eram quatro e meia da tarde. Vestiu o casaco, trancou a porta do apartamento e encaminhou-se para o cemitério. Tinha a certeza de que por esta altura as consequências da bomba incendiária que ele ativara sem querer no dia de Natal já se teriam dissipado, e que iria lá encontrar Monica, Julian e

Riley, todos amigos outra vez. Dado que o seu antigo círculo social lhe estava interdito, esperava poder juntar-se ao deles.

Passou pelo café de Monica. Estava às escuras. Um aviso na porta dizia FECHADO ATÉ 2 DE JANEIRO.

SENTADO NO TÚMULO do Almirante, Hazard estava tão ocupado a ver se Julian ou Monica se aproximavam pelo lado sul do cemitério, que não notou Riley a vir de norte antes que este estivesse já a poucos metros de distância. Talvez Riley quisesse ficar com o seu número de telefone? Como poderia perguntar-lho sem se mostrar um pouco triste ou desesperado?

– Não há sinal deles, portanto? – disse Riley. – Tenho andado a semana toda à espera das cinco da tarde na sexta-feira, contando que eles aparecessem.

– Nada. Estou aqui há quinze minutos. Só eu e os corvos. Como estão as coisas entre si e Monica? – perguntou Hazard, suspeitando, pelo derrotado abatimento dos ombros de Riley, que já sabia a resposta.

– Ela não atende as minhas chamadas, e o café está fechado. Também estou preocupado com o Julian. Tem o telefone desligado, e fui tocar à campainha dele todos os dias desde o Natal, mas não há resposta. Por norma o Julian sai de casa entre as dez e as onze da manhã, e não disse que ia para fora da cidade. Você acha que devemos chamar a polícia?

– Vamos passar por lá agora e experimentar outra vez – disse Hazard. – Além de tudo, sentado aqui por mais tempo, fico com o traseiro tão gelado como a lápide do Almirante.

O NOME AO LADO da campainha de Julian dizia J&M JESSOP, apesar de a M já não estar lá há quase quinze anos. Hazard achou isso insuportavelmente triste. O novo Hazard, reparou ele, estava a tornar-se bastante sentimental. Apesar de terem tocado durante uns cinco minutos, continuou a não haver resposta.

– Muito bem, vamos verificar com Monica se ela sabe onde ele está e, se não souber, chamaremos a polícia – disse Hazard.

– Ela não fala comigo – disse Riley –, por isso terá de ser você a tentar. Embora ela também não seja a sua maior admiradora. – Riley pareceu um

pouco aliviado por não ser o único na linha de tiro.

– Ela mora aqui perto? – perguntou Hazard.

– Sim, por cima do café – respondeu Riley.

– Ótimo, vamos procurá-la.

Aquela missão conjunta criou um vínculo entre eles os dois, como soldados de operações especiais, e caminharam num silêncio amigável e decidido em direção ao café. Riley indicou a porta, pintada de amarelo-claro, que levava ao apartamento de Monica, e tocaram a campainha. Não houve resposta. Bateram na porta do café. Continuou a não haver resposta.

Hazard recuou até à beira do passeio, fazendo com que um táxi que ia a passar se desviasse e buzinasse, e esticou o pescoço para olhar para a janela de Monica.

– Passou demasiado tempo a morar numa ilha que só tinha uma estrada, amigo! – disse Riley.

– Não se pode tomar narcóticos de classe A durante uma década, a menos que se tenha um saudável desrespeito pela morte – respondeu Hazard. –

Embora fosse irónico, depois de tudo o que eu passei, ser morto por um táxi na Fulham Road. Olhe, há uma luz acesa lá em cima – disse ele. – MONICA! PRECISAMOS DE FALAR CONSIGO! MONICA! MONICA, SABE DO JULIAN? PRECISAMOS DA SUA AJUDA!

Quando já estava prestes a desistir, a janela de guilhotina foi erguida e a cabeça de Monica apareceu.

– Pelo amor de Deus, o que os vizinhos vão pensar? – sussurrou num tom de raiva, assemelhando-se assustadoramente à mãe de Hazard. – Esperem aí. Vou descer.

Poucos minutos depois, a porta abriu-se. Os cabelos de Monica estavam apanhados num carrapito desengonçado, no qual havia um lápis espetado, e ela vestia um camisolão grande e informe e umas calças de fato de treino, nenhum deles uma peça de vestuário que Hazard esperaria que ela possuísse. Levou-os, mais do que os acolheu, para dentro do café.

– Monica, tenho andado desesperado para falar contigo – disse Riley.

– Riley, vamos ater-nos ao assunto em questão por enquanto, está bem? – disse Hazard, antes que Riley pudesse tornar-se muito veemente e atrapalhar

tudo aquilo. – Vocês podem tratar disso mais tarde. A pergunta importante é: teve alguma notícia de Julian recentemente? Desde o Dia de Natal?

Monica franziu a testa.

– Não. Oh, meu Deus, sinto-me péssima. Tenho andado tão absorta em mim que nem pensei nele. Que tipo de amiga sou eu? Presumo que vocês já experimentaram ir à moradia dele, e ligar para o telemóvel?

– Imensas vezes – respondeu Riley. – Gostava de saber o número do telefone fixo dele. Não vem na lista.

– Fulham 3276 – disse Monica.

– Ena – disse Riley –, como te lembraste disso?

– Memória fotográfica. Como julgas que eu me tornei advogada da finança? – respondeu Monica, não se deixando cair na lisonja de Riley. – Acho que esta zona de Fulham é 385, por isso o número dele deveria ser 0207 385 3276. –

Digitou o número no telefone e colocou o aparelho em alta-voz. Tocou e tocou até que, por fim, regressou ao tom de marcação.

Estavam tão concentrados no telefone de Monica que demoraram um pouco a aperceber-se de que estava alguém a bater à porta do café. Era Baz, com uns óculos de estilo John Lennon, um blusão de couro preto e uma expressão atormentada. Monica destrancou a porta e deixou-o entrar.

– Olá, malta. Eu preciso mesmo, mesmo, de falar com o Benji. Sabem onde ele está? – disse Baz, esbaforido. – Quero pedir-lhe desculpa. Passei-me um bocadinho dos carros.

– Agora é um pouco tarde para isso – disse-lhe Monica, seca. – Ele foi para a Escócia celebrar o Hogmanay. Há dias que ele anda desesperado para falar contigo. Baz, este é o Hazard – disse ela sem o encarar uma única vez. Proferiu o nome dele como se fosse um palavrão.

– Olá – disse Baz, quase sem se deter a olhar para Hazard. – Tem o número do telefone fixo dele? O telemóvel está desligado ou sem sinal.

– Não, desculpa. Está a passar-se aqui outra coisa – disse Monica. – Estamos a tentar entrar em contacto com Julian. Ninguém tem notícias dele desde o Natal. – Houve um silêncio incómodo após a referência à palavra «Natal», quando todos voltaram a pensar naquele dia.

– Isso não é bom. Vamos procurar a minha avó. Por norma ela vai ter com ele todas as manhãs para fazerem *tai chi*. Ela deve saber o que se passa.

Encaminharam-se os quatro de novo para a Broadway, com as hostilidades postas de parte em nome daquela causa maior.

BETTY ABANOU a cabeça.

– Eu ter ido à hora combinada para o *tai chi*, mas não ter resposta segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira – disse ela, contando os dias pelos dedos. – Pensar que ele estar com a família.

– Ele não tem nenhuma família no Reino Unido – disse Monica. – Vamos até lá, para ver se conseguimos entrar.

Os cinco atravessaram a Broadway e seguiram para os Chelsea Studios. Por esta altura, já não se sentiam muito otimistas quanto a obterem alguma resposta no portão da frente. E não houve nenhuma.

– Nós procurar vizinho – disse a senhora Wu, premindo todas as campainhas acima e abaixo da de Julian com os dedos indicadores agressivamente espetados, numa ordem aleatória, como se estivesse a conduzir uma peça experimental com uma orquestra completa.

– Não se esqueçam de que a avó saiu da China comunista na década de 1970 – sussurrou Baz para Riley e Hazard. – Ela e o meu pai atravessaram a nado toda a baía até Hong Kong, com os seus bens mais preciosos amarrados às costas, como se fossem tartarugas. Ninguém se mete com a Betty Wu.

Por fim, uma voz minúscula surgiu no intercomunicador, parecendo mais do que um pouco zangada.

– Se vem tentar vender-me panos para a louça ou falar comigo sobre a salvação eterna, não estou interessado – disse uma voz.

– Por favor, deixe-nos entrar. Estarmos preocupados com amigo. Não ver ele há dias – disse a senhora Wu.

Ouviram um gemido inconfundível, e, alguns minutos depois, uma senhora louro-platinada muito bem penteada e já com uma certa idade veio abrir o portão. O rosto dela era liso como cera, mas tinha um pescoço de peru, envolto num lenço *Hermès*. Parecia o tipo de mulher que, quando o marido a levava de carro a algum sítio, se sentava no banco de trás.

– De quem andam à procura? – perguntou ela, sem nenhuma introdução.

– Julian Jessop – respondeu Monica, que não se deixava intimidar por ninguém.

– Bom, desejo-vos boa sorte com esse. Moramos aqui há quase seis anos e posso contar pelas duas mãos o número de vezes que o vi. – Brandiu as suas unhas bem cuidadas. – Talvez só por uma mão, pensando bem. Ele não compareceu a nenhuma das reuniões da Associação de Moradores. –

Perscrutou-os com o olhar, como se os responsabilizasse pela falta de participação de Julian. – Eu sou a presidente – acrescentou, informação que era desnecessária e pouco surpreendente. – Acho que é melhor entrarem. Meu Deus, quantos são aí fora?

Passaram por ela, acenando-lhe os seus agradecimentos, e encaminharam-se para a porta da moradia de Julian.

– Se o encontrarem, digam-lhe que a Patricia Arbuckle precisa de falar com ele urgentemente! – gritou ela lá de trás. – Se não tiver notícias dele em breve, vou dar instruções aos meus advogados!

Riley bateu na porta com força. As palmas das mãos de Hazard começaram a suar enquanto ele aguardava uma resposta. E nem conhecia Julian, embora sentisse que o conhecia muito bem.

– JULIAN! – gritou a senhora Wu, com uma voz muito forte para alguém tão pequeno. Monica e Riley espreitaram pelas janelas da frente, que, graças a Monica, já não estavam opacas.

– Não vejo nada desarrumado, embora seja um pouco difícil dizer, para ser franca – disse Monica. – Ele deixou tudo transformar-se numa confusão outra vez. – Empurrou para cima a janela de guilhotina e esta abriu-se cerca de trinta centímetros. Do que precisavam, pensou Hazard, era de uma criança pequena.

– Eu passar pela janela! – disse a senhora Wu, que era do tamanho de uma criança pequena. – Biming! Segurar pés! Você, rapaz grande, segurar corpo! – Hazard demorou alguns segundos a perceber que ela estava a falar consigo.

A senhora Wu levantou as mãos acima da cabeça e ele segurou-a pelo torso enquanto Baz e Riley lhe seguravam as pernas. Ela ficou com o rosto virado para o chão. – Direita! Em frente! Pela janela! – gritou-lhes como um comandante militar, e eles enfiaram-na lá, como se fosse uma encomenda

numa caixa de correio. Houve uma pausa de alguns minutos enquanto a senhora Wu descia para o chão e a seguir se levantava.

– Abra a porta, avó! – disse Baz. Alguns minutos depois, entraram.

A moradia de Julian cheirava a desmazelo. As cortinas estavam fechadas, fazia imenso frio e as teias de aranha haviam regressado para se vingarem. Riley, que conhecia o caminho melhor do que qualquer outra pessoa, andava a efetuar um reconhecimento do piso térreo.

– Nenhum sinal dele aqui em baixo, vamos verificar o quarto. É lá em cima – disse ele, apontando para a escada de ferro forjado em espiral que conduzia ao mezanino. Monica subiu à frente com Riley e a senhora Wu foi atrás dela.

Hazard ouviu Monica gritar:

– Julian! – Era óbvio que o tinham encontrado. Hazard conteve a respiração, receando o pior. Por fim, Monica saiu do quarto e reapareceu ao cimo das escadas.

– Ele está bem, está só confuso e cheio de frio – disse ela. Hazard constatou que a sua respiração formava nuvens quando exalava devagar. – Só Deus sabe quando comeu pela última vez. Baz, podes ligar o aquecimento? Senhora Wu, pode trazer-lhe um pouco daquela sua sopa mágica que cura? O Julian está irredutível em como não quer ir ao hospital, por isso vou ver se consigo encontrar um médico que possa vir cá examiná-lo. Riley, se ainda houver lojas abertas, podes tentar encontrar um pouco de *Angel Delight*? Com sabor a caramelo, claro.

Porquê claro?, pensou Hazard. Apeteceu-lhe pôr a mão no ar e perguntar-lhe se também tinha algum trabalho para si, mas achou que ela poderia atirar-lhe outra vez qualquer coisa. Foi procurar uma chaleira. A mãe nunca dispensava uma boa caneca de chá durante uma crise.

CAPÍTULO 39

Monica

Ele não parecia o Julian que Monica conhecia. Estava todo enrolado na cama, como um apóstrofo, tão magro e mirrado que o corpo dele quase nem sobressaía dos cobertores. Três latas vazias de feijão assado, uma delas com um garfo lá enfiado, estavam no chão ao lado da cama, com o telemóvel dele. O *kilt* e a casaca de *tartan* que usara na última vez em que o tinham visto estavam caídos ao lado da porta, como se a pessoa que os vestira se tivesse evaporado ou ardido espontaneamente, como aquela bruxa d'O *Feiticeiro de Oz*.

Por um terrível instante, que mais pareceu uma hora, Monica até julgara que ele tinha morrido. Estava muito quieto e, quando ela lhe tocara na mão, sentiu-lhe a pele fria e húmida. Mas, quando gritara o seu nome, as pálpebras dele estremeceram e ele soltara um gemido.

Agora estava sentado numa poltrona junto à lareira acesa. Baz, ao fim de algum tempo à procura da caldeira, percebeu que Julian não tinha aquecimento central, apenas alguns radiadores elétricos de pé, nenhum dos quais estava aceso. Agora, embrulhado em vários cobertores, bebia uma caneca da sopa de galinha e milho doce de Betty.

Um dos clínicos gerais do posto médico local tinha passado por lá e receitara calor, alimentos e líquidos, além de alguns antibióticos para as escaras. Murmurara sobre como «cada um destes episódios» ia causando mais pressão no coração já fraco de Julian, pelo que Monica assumiu que não era a primeira vez que lhe acontecia algo parecido. Mas, ao menos, alguma cor começava agora a regressar às faces, e o seu aspecto era um pouco menos cadavérico.

Monica tinha a certeza de que o declínio de Julian estava relacionado com aquela discussão no Dia de Natal, e por isso estava a esforçar-se por se mostrar simpática com Riley à frente dele. Riley, entretanto, parecia estar a fazer tudo o que podia para voltar às boas graças dela. Ela instigou isso, por interesse, para ver até que ponto ele se esforçava, dizendo-lhe que a casa de banho de Julian no piso térreo precisava de uma boa limpeza. Riley lançou mãos à obra com um balde, um pouco de lixívia e uma esfregona, como se fosse um cachorrinho obediente. Não havia qualquer possibilidade de ela vir a envolver-se romanticamente com ele outra vez, mas poderiam ser amigos, pensou ela, pelo bem de Julian.

Quanto a Hazard, achava que nunca seria capaz de gostar de alguém que brincava de uma maneira tão descuidada com a vida das outras pessoas. O que estava ele a fazer ali? Quem o convidara a inserir-se no círculo deles, afinal? Ela já se cruzara antes com homens daquele tipo, tão habituados a serem admirados e a fazerem o que queriam que nem punham em causa o seu direito a participarem.

Tudo nele a irritava, desde aquele sorriso à Hollywood demasiado perfeito e daquela estúpida barba à *hipster*, até àqueles sapatinhos elegantes. Quando ela tinha dezasseis anos, pouco depois da morte da mãe, o pai convencera-a, contra a sua vontade, a ir ao baile da escola. Tinha sido beijada por um rapaz que era tal e qual um Hazard mais jovem, e começara a pensar que se calhar, se calhar, as coisas iriam começar a melhorar. Depois descobrira que ele tinha feito aquilo por aposta. *Vê lá se consegues dar uma beijoca à feiosa da turma.* Deixara de ir à escola durante vários meses depois disso.

E que tipo de nome era Hazard, afinal? Embora lhe assentasse bem. Ele era o género de tipo que devia andar com um sinal de aviso.

Como se pudesse senti-la pensar em si, Hazard virou-se para ela.

– Ouça cá, Monica. Conseguiu convencer o Julian a dar uma aula de arte no café?

– Sim – respondeu ela, lembrando-se de reativar as aulas de arte o mais depressa possível, para bem de Julian, se mais não fosse. Hazard insistiu, apesar da resposta concisa de Monica.

– Posso participar? Não fui a nenhuma aula de arte desde que saí da universidade. Gostava de experimentar de novo.

Monica imaginou Hazard na universidade, a organizar jantares de gala e a lamber sorvete nas ancas estreitas de raparigas chamadas Davina, de Roedean.

– Acho que não há espaço suficiente – disse ela. Em seguida acrescentou, como rude conclusão: – Desculpe. – Apesar da sua idade avançada, Julian tinha a audição de um morcego.

– Mas *claro* que há espaço, meu caro. Basta juntarmos mais uma cadeira!

– Quer ficar com o meu novo número de telemóvel? – perguntou Hazard, acenando para ela com um aparelho surpreendentemente antiquado.

– Por que carga de água havia eu de querer tal coisa? – retorquiu ela. Julgaria ele que todas as mulheres estavam interessadas em si?

– Aaah, para me poder chamar para a aula de arte? – respondeu Hazard, mostrando-se um pouco surpreendido.

– Ah, já percebi. Não é preciso, basta aparecer. Segundas-feiras às sete da tarde. – Pensando que poderia ter sido demasiado agressiva, Monica decidiu estender-lhe uma pequeníssima folha de um ramo de oliveira. – O que andou a fazer na Tailândia, Hazard? – perguntou-lhe, esforçando-se por falar num tom mais amigável.

– Aaaaah. Estive em desintoxicação – respondeu Hazard. Monica teve de se impedir de revirar os olhos. Conhecia muito bem esse tipo de coisas. As celebridades estavam sempre a aparecer fotografadas a fazerem isso nas revistas de mexericos que as pessoas deixavam lá no café, e que ela fingia não ler. Ele devia ter estado nalgum *spa* de luxo, a beber batidos orgânicos e a ser massajado várias vezes ao dia, para poder perder uns quilos antes da época das festas. Ela apostava que isso tinha sido pago por algum fundo fiduciário criado pela mamã e pelo papá.

– Sorte a sua, ter tanto tempo de folga – disse ela, para testar a sua teoria.

– Na verdade, neste momento estou entre empregos – disse ele. Era um código dos meninos elegantes para não precisar de trabalhar. Hazard, ela sabia, nunca tivera de se preocupar a obter boas notas nos exames nem a vender cafés suficientes para pagar a renda; bastava-lhe recorrer a uma rede de padrinhos e de amigos da escola para encontrar uma ocupação elegante que

não interferisse com a sua vida social, com as férias ou com as «desintoxicações».

Baz tivera de voltar para o restaurante a fim de ir ajudar os seus pais, porque o estabelecimento estava lotado para a Noite de Ano Novo. Os outros não queriam deixar Julian. Monica sentia-se preocupada por ele poder voltar a hibernar assim que o deixassem sozinho. Betty havia trazido bolinhos cozidos no vapor e crepes de legumes para todos e, por instrução de Julian, Riley tinha ido buscar champanhe à cave para brindarem ao Ano Novo. Voltara de lá pálido e trémulo. Ela não teve oportunidade de lhe perguntar o que havia lá em baixo.

– Senhora Wu – disse Julian, com a voz ainda um pouco rouca.

– Betty! – berrou ela.

– Desculpe tê-la incomodado, quando falei sobre o Baz e o Benji.

– Biming! – gritou ela.

– O Benji é um rapaz muito simpático, sabe, e faz o Biming muito feliz. Não é isso que importa? – disse-lhe com brandura. Monica olhou para Betty, a qual franzira o sobrolho com tanta força que as suas sobrancelhas se uniram, como uma gigantesca centopeia cinzenta. Pôs-se a pensar se Julian teria algum desejo de morte.

Betty suspirou.

– Claro, eu querer que ele seja feliz. Eu adorar aquele rapaz. Ele ser meu único neto. Ter a certeza de que esse Benji ser rapaz simpático. Mas ele não poder ser mulher de Biming! Ele não poder ter bebé Wu. Não poder fazer comida chinesa em restaurante.

– Isso não é bem assim, sabe. Eles podiam adotar. Há muitos *gays* a fazer isso hoje em dia – disse Julian.

– Adotar menina da China? – disse Betty, quase pensativa.

– E o Benji é um excelente cozinheiro – acrescentou Monica. – É ele que cozinha quase tudo no café. É muito melhor que eu.

– Harrumph – disse Betty, cruzando os braços. Mas Monica julgou ter detectado uma ligeira suavização da postura dela.

– Biming ter dito que gritou com você – disse Betty a Julian. – Eu dizer a ele que ter vergonha. Ele dever mostrar respeito pelos mais velhos.

– Não se preocupe, senhora Wu. Ele pediu-me desculpa agora mesmo, embora não houvesse necessidade – respondeu Julian.

Monica sorriu ao ouvir isso; escutara o pedido de desculpas de Baz, que não fora demasiado insultuoso. Ele dissera-lhe que lamentava ter chamado lixeira à moradia, e que esta estava com muito melhor aspecto desde que Monica andara por lá. Isso deu-lhe uma ideia.

– Julian – disse Monica –, por que não iniciamos o Ano Novo com mais uma limpeza? Posso passar por cá na semana que vem, se quiser?

– Ouça, poderia tratar da minha casa já que está tão disposta a isso, Monica? – disse Hazard.

Pronto: era a gota de água.

– Porquê? Porque é demasiado preguiçoso para a limpar, Hazard? Ou porque acha que a limpeza é um trabalho feminino e você é demasiado masculino para esse tipo de coisas?

– Calma, Monica! Eu estava só a brincar! – disse-lhe Hazard, mostrando-se bastante surpreendido. – Precisa de se descontraír de vez em quando, sabe. Divirta-se. Afinal, hoje é véspera de Ano Novo.

Monica fitou-o. Ele susteve o olhar. Continuava a detestá-lo, mas pelo menos ele enfrentava-a. Como advogada, ela detestava que um adversário cedesse demasiado depressa.

– Faltam cinco minutos para a meia-noite! – disse Riley. – Têm todos uma taça de champanhe?

– Eu optei por um chá de hortelã – respondeu Hazard. – O chá é o novo champanhe. Toda a gente anda a bebê-lo.

– Iniciou as suas resoluções de Ano Novo mais cedo, Hazard? – perguntou-lhe Monica, a qual gostava tanto de resoluções que as dela se espalhavam ao longo do ano. Porquê limitá-las apenas a janeiro?

– Foi mais ou menos isso – respondeu ele.

Monica pensou em perguntar a Hazard se ele tinha verificado o prazo de validade do chá de hortelã, mas não o fez. Era pouco provável que aquilo o matasse, o que era uma pena.

Então os céus sobre Fulham e Chelsea iluminaram-se e o som do fogo-de-artifício reverberou nos prédios próximos. Monica virou-se para as grandes

janelas do estúdio de Julian, que estavam a encher-se de uma profusão de cores.

Era um novo ano.

CAPÍTULO 40

Riley

Riley ficou aliviado ao ver Julian caminhar em direção ao Almirante na sexta-feira seguinte. Seguindo as instruções de Monica, tinha passado na vivenda todos os dias desde a véspera de Ano Novo – ostensivamente para continuar a arrumar a tralha de Julian, mas também para verificar se este se levantava da cama, se não passava frio e se comia. Julian de facto parecia estar, se não na sua antiga forma, pelo menos a recuperar. Esta tarde ele parecia esfuziante.

– Riley! Que bom vê-lo por aqui! Sabe uma coisa?

– O quê? – respondeu Riley.

– Monica já marcou as passagens no Eurostar para a viagem de estudo da aula de arte! Passei a tarde toda a planear as nossas visitas às galerias!

– Incrível! – disse Riley, que andava ansioso por ir visitar Paris desde que vira a Nicole Kidman no *Moulin Rouge* quando era adolescente. Aguardou que Julian reparasse no que trouxera consigo.

– Quem é esse seu amigo, Riley? – perguntou Julian, olhando para a cauda que abanava.

– Espero que seja o seu. Os operários da obra encontraram-no a morar na casa vazia aqui ao lado. Julgamos que ele pertencia à velhota que faleceu há pouco. Eles têm andado a alimentá-lo com sanduíches e com folhados de salsicha da Gregg's, mas ele precisa de um lar adequado – disse Riley. A verdade era que ele achava que Julian precisava ainda mais de alguém para cuidar. Dessa forma teria um bom motivo para não desistir da vida de novo.

– O que é isso? – perguntou Julian.

– É um cão – disse Riley.

– Não, eu quero dizer que *raça* de cão.

– Só Deus sabe. Acho que deve ter havido uma razoável quantidade de amor livre envolvido na operação. Ele é meio rafeiro. Principalmente *terrier*, acho eu – respondeu Riley.

– De certeza que há algum *Jack Russell* aí pelo meio – disse Julian. Ele e o cão olharam um para o outro, avaliando com calma os olhos remelosos, os bigodes grisalhos, as articulações artríticas e a fadiga do mundo que ambos tinham.

– Qual é o nome dele? – perguntou Julian.

– Não sabemos. Os operários chamam-lhe *Wojciech*.

– Coitado – disse Julian.

– Eles são polacos.

– Vou chamar-lhe *Keith* – disse Julian. – *Keith* é o nome perfeito para um cão.

– Isso significa que fica com ele? – disse Riley.

– Acho que sim. Podemos ser dois velhos e miseráveis excêntricos juntos, não é, *Keith*?

– Vou revelar-lhe tudo: de vez em quando ele solta uns *gases* – disse Riley.

– Bom, então está decidido. É mais uma coisa que temos em comum – disse Julian. – Assim já poderei culpar alguém quando receber visitas. Acha que ele vai gostar de Paris? – acrescentou, olhando para o seu novo animal de estimação. Depois, sem esperar por uma resposta, continuou: – E será demasiado ambicioso tentar cobrir a Arte Moderna e o Renascimento num único dia? Mas como se há de escolher, Riley? Eu nunca fui muito bom a restringir as minhas opções. A Mary estava sempre a dizer-me isso.

Riley encolheu os ombros. Aquilo estava um pouco fora da sua zona de conforto.

– Veja lá se deixa tempo suficiente para subirmos à Torre Eiffel! – disse-lhe.

– Meu caro rapaz, isto é um dia de enriquecimento cultural, e não uma visita a todas as armadilhas para turistas. Mas julgo que, se tivermos de visitar algum dos clichés, pode muito bem ser *le Tour Eiffel*.

Riley foi distraído por uma mulher que vinha a caminhar na direção deles, empurrando um carrinho de bebé como se fosse um equipamento de ginástica. Era aquilo que se poderia descrever como uma «mãe jeitosa».

Finória, nascera com uma colher de prata na boca, sem dúvida. Tinha vinte e poucos anos, cabelos bem penteados com aquelas madeixas pelas quais se pagava uma fortuna em Londres, mas que o sol australiano oferecia de graça. Parecia um pônei palomino bem tratado, a caminho de uma competição de *dressage*. A mão dela, que segurava uma garrafa de água (reutilizável), estava muito bem cuidada. Não havia mãos daquelas em Perth. Tendiam a ter os cabelos despenteados e usavam vestidos estivais amarrotados e chinelos de enfiar. Riley esperou que ela passasse. Mas não foi isso que ela fez.

– Olá – disse ela. – Você tem de ser o Julian e você deve ser o Riley?

– Sim – disse ele, confuso.

– Eu sabia. E por esse sotaque australiano percebe-se logo! Eu sou a Alice! – Ela estendeu a mão, que eles apertaram. – E esta é a *Bunty*! – disse depois, apontando para o carrinho. – Quem é este? – perguntou, olhando para o cão agora sentado em cima do Almirante, ao lado de Julian.

– O *Keith* – responderam Julian e Riley em perfeita sincronia.

– Como sabe os nossos nomes? – perguntou Riley. Seria alguma perseguidora?

– Encontrei *O Projeto da Autenticidade*. No parque infantil – respondeu ela.

Riley tinha passado tanto tempo a pensar nos estragos que aquele estúpido caderno havia causado que nunca mais se lembrara do que lhe poderia ter acontecido desde que o deixara na área do parque infantil situado entre o seu apartamento e o café, numa pequena zona de verdura onde ele costumava sentar-se para aclarar as ideias.

– Ora esta! – disse Julian. – O meu caderninho ainda anda por aí às voltas! Como está? Encantada, tenho a certeza. – Riley revirou um pouco os olhos. Julian era incorrigível sempre que via uma cara bonita.

– Oh, meu Deus! Julian, esse seu casaco é incrível! Tem de ser *Versace*. Estarei certa? Década de 1980?

Riley tornara-se tão imune à noção de indumentária de Julian que mal levantara uma sobrancelha para aquele casaco de seda com elaborados padrões que ele trazia por baixo do sobretudo, mas que estava a causar paroxismos de excitação a Alice.

– Oh, até que enfim! – disse Julian. – Outra fashionista! Eu já tinha começado a perder a esperança, rodeado por todos estes desmazelados. Está absolutamente correta, claro. É do maravilhoso Gianni. Uma perda tão trágica para o mundo. Eu nunca superei bem isso.

– Desmazelados? – irritou-se Riley. Ninguém reparava que ele trazia os *Nike* de edição limitada que tinha encontrado no eBay? Viu Julian enxugar os olhos com um lenço de seda. Ele estava mesmo a representar para o seu público. Com certeza que Alice conseguia perceber isso?

– Por favor, pode despir o sobretudo por um instante, para eu lhe fazer uma fotografia? – perguntou Alice. Ela estava a falar a sério? Julian pareceu muito feliz por despir o sobretudo num dos dias mais frios do ano, quando ainda há pouco quase morrera de hipotermia. Até começou a posar.

– As botas de *cowboy*? – disse ele, em resposta a outra das inanes perguntas dela sobre moda. – São da R.Soles, na King’s Road. Excelente nome, não é? Decerto já fechou, claro. Agora deve ser um Pret-à-Manger, ou outra coisa medonha. – Ele parecia melancólico. – Isto é divertido, não é? Faz-me lembrar os tempos que passei com o meu grande amigo David Bailey.

Riley achou que Alice iria desmaiar. Onde, gostaria ele de saber, estavam todos esses «grandes amigos» quando Julian vivia como um eremita há quinze anos?

– Querem que eu vos deixe sozinhos a tratar disso? – inquiriu, percebendo ao mesmo tempo que estava a comportar-se um pouco como uma criança ciumenta. Alice virou-se para ele.

– Na verdade, Riley, era consigo que eu queria falar, por mais que eu *adore* o seu amigo Julian. – Julian agradeceu com um sorriso afetado. Monica, pensou Riley, nunca se mostraria tão sedutora. – Tenho uma proposta para si. –

Passou-lhe para a mão um pedaço de papel. – Pode vir ter comigo a este endereço amanhã às dez da manhã? Julian, também pode vir! Vai adorar. Prometo! Tem aí o meu número, para o caso de mudar de ideias, mas sei que não vai fazê-lo! Não vai, pois não? Agora, tenho de ir levar a *Bunty* à Monkey Music. Até loguinho!

Até loguinho???

– Caramba. Ela é *maravilhosa* – disse Julian. – Mal posso esperar para descobrir do que se trata. E você? Temos de apresentá-la a Monica, ela vai adorá-la.

Monica, pensou Riley, valia cem Alices. Ele não queria ir àquele encontro misterioso, mas sabia que Julian não iria desistir.

Alice

Alice estava superentusiasmada acerca do seu encontro com Julian e Riley. Desde que *Bunty* nascera, os dias dela tendiam a confundir-se num único, todos preenchidos por atividades focadas na bebé – natação para bebés, massagem para bebés, ioga para bebés, e conversas intermináveis com outras mães sobre as etapas do desenvolvimento, as rotinas do sono, a dentição e o desmame. Alice sentia a sua identidade a fugir de si, até ao ponto em que ela se tornava apenas um anexo – a mãe de *Bunty* ou a mulher de Max. Exceto na internet. Na internet, ela continuava a ser @aliceinwonderland.

Viu Julian e Riley aproximando-se. Riley tinha uma passada mais adequada para passear numa praia do que numa calçada de Londres. Era demasiado exuberante e ensolarado para ficar engaiolado numa cidade. Ou talvez ela apenas pensasse isso por ter lido a história dele. Era estranho saber-se mais sobre alguém do que era devido. Julian, por seu turno, era *espetacular*. Tal como uma ave-do-paraíso, jamais poderia ser engaiolado.

– Julian! Hoje ainda está mais bem vestido do que ontem! – disse ela.

– Você também, é muito gentil, querida menina – respondeu ele, e até pegou na mão dela e lha beijou. Ela julgava que isso só acontecia no cinema. – Este é o autêntico casaco de seda em modelo *Nehru* que foi usado pelo Sean Connery no *Dr. No* em 1962. Combina particularmente bem com estes *brogues* de crocodilo, não acha?

– O Sean também era um *grande amigo* seu? – perguntou Riley. Num tom um pouco irritado, pensou Alice.

– Não, não. Apenas um conhecimento passageiro. Comprei o casaco num leilão de caridade – respondeu Julian.

– Por favor, por favor, posso fazer algumas fotografias? – perguntou ela. Julian pareceu ficar encantado, e encostou-se a um candeeiro de rua, mostrando-se afável. Até tirou uns *Ray-Ban Aviators* do bolso interior do casaco e os colocou no rosto. *Keith* sentou-se ao lado dele, mostrando-se elegante com o seu laço de pescoço.

– Por mais que eu deteste interromper o desfile de moda – disse Riley, que não estava a compatibilizar-se com o rumo das coisas –, poderá dizer-nos por que estamos aqui?

– Bom – disse ela –, vocês se calhar não sabem, mas eu sou uma influenciadora.

– Uma quê? – disseram Julian e Riley, em harmonia.

– Tenho mais de cem mil seguidores. – Julian olhou em volta, como se esperasse ver uma multidão de pessoas a segui-la. – No Instagram – esclareceu ela. Isto ia ser um trabalho árduo. Teria ela de iniciar a sua explicação pela invenção da rede mundial de computadores? – Você deve usar o Insta, Riley?

– Ná. O Instagram é só fotografias inúteis de pessoas magras a fazerem poses de ioga ao pôr do Sol, não é?

– Bom, algumas delas, reconheço que sim, mas há *muito mais* do que isso – respondeu Alice, tentando não se ofender. – Por exemplo, esta casa – ela acenou para a grande casa vitoriana geminada que estava em frente deles – foi deixada a uma instituição de caridade local quando o proprietário morreu. Foi transformada numa creche gratuita para os filhos das mulheres locais que andam em processo de reabilitação por dependência de drogas e de álcool. Muitas vezes essas mulheres recusam-se a procurar ajuda porque receiam que os seus filhos venham a ser institucionalizados. Esta casa ajuda-as a manterem a custódia enquanto resolvem os seus problemas. E os voluntários garantem que as crianças são bem tratadas: alimentadas, vestidas, lavadas e que brincam. Chama-se A Ajuda da Mãe.

– Isso é muito fixe – disse Riley. – Então, trabalha aqui?

– Bom, não exatamente – disse Alice. – Eles andam a lançar alguns eventos de angariação de fundos e eu tenho-os promovido no @aliceinwonderland. –

Apercebendo-se das expressões vagas deles, acrescentou: – É a minha conta no Instagram. Estão a perceber, uma publicação minha pode dar azo a

milhares de libras em donativos. Portanto, nem tudo são posturas de ioga ao amanhecer. – Percebeu que estava a ser um pouco petulante.

– Por que estamos aqui? – perguntou Riley, pela segunda vez. – Precisa de ajuda nalguma venda de bolos?

– Ah! Não. Temos muitas mães locais à nossa disposição para esse tipo de coisas. E, na verdade, eu não preciso de Julian... Ele só está aqui para embelezar o sítio. É de si que eu preciso, Riley. Venha comigo e mostro-lhe. –

Riley gostou bastante da sensação de ser necessário. Julian gostou bastante da sensação de ser bonito. Alice tocou a campainha e uma senhora com aspecto de matrona, que tinha um peito que mais parecia o para-choques de um automóvel, veio abrir-lhes a porta. – Lizzie, estes são o Riley e o Julian – disse Alice.

– Oh, sim, entrem! Estava à vossa espera. Por favor, não liguem à desarrumação. Nem ao barulho. Nem ao cheiro! Eu estava a meio de uma mudança de fraldas. – Isso era demasiada informação para Julian, que ficou um pouco esverdeado e evitou apertar a mão dela. – Oh, desculpe – disse Lizzie –, mas não pode trazer um cão cá para dentro.

– O *Keith* não é um cão – disse Julian. Lizzie lançou-lhe um olhar que poderia silenciar uma sala inteira de crianças desordeiras. – Ele é o meu cuidador – continuou, sem se preocupar. – Vamos fazer uma coisa, eu levo-o ao colo, e ele nem tocará no chão. – Sem esperar por uma resposta, Julian enfiou *Keith* debaixo do braço e entrou. Alice ficou a pensar se o peido que *Keith* soltara ao passar por Lizzie teria sido deliberadamente cronometrado. Não ficaria surpreendida. Aquele cão era mais malandro do que parecia.

As paredes do corredor estavam cobertas com pinturas de crianças, alguém tocava o *Old MacDonald* na sala ao lado e ouvia-se uma cacofonia de cantares, batidas e uivos. Havia um extraordinário cheiro a plasticina, misturado com o de tinta para cartazes, o dos produtos de limpeza e o da fralda ofensiva.

– Venham por aqui – disse Alice, levando-os para a cozinha nas traseiras. – É por isso que vocês cá estão. – Apontou para as venezianas que davam para o jardim. O jardim era uma selva. A relva tinha trinta centímetros de altura e os canteiros estavam tão cobertos de gigantescas ervas daninhas que não se percebia se eles continham algum arbusto ou flores a sério. Uma rosa

extraviada brotara por ali, criando um muro de espinhos semelhante ao que protegia a Bela Adormecida.

– Ena – disse Riley, o que era a reação que Alice esperava. – Eu sou jardineiro, sabe.

– Daaah. Eu li *o caderno*, não se esqueça. Eu *sei* que é jardineiro. É por isso que está aqui – respondeu Alice. – De momento nem podemos deixar as crianças irem lá para fora. É um pesadelo de saúde e de segurança.

– Devia conversar com a Monica sobre isso – disse Riley. – A saúde e a segurança são, tipo, *a cena* dela.

– O Riley tem razão – disse Julian, como se estivesse a competir para mostrar quem conhecia melhor a rabugenta Monica. – Se a Monica gostasse do *Mastermind*, seria com certeza o assunto em que ela era especialista.

Que coisa. Como os regulamentos de saúde e de segurança podiam ser *a cena* de alguém? Alice decidiu nem comentar. Era óbvio que os dois gostavam muito de Monica.

– A maioria das nossas crianças não dispõe de um espaço exterior em casa, e seria fantástico se pudessemos transformar isto num jardim como deve ser, talvez com uma casa de brincar e uma caixa de areia. O que acha?

– Mal posso esperar para começar! – disse Riley, que estava a fletir as mãos como se já se imaginasse a cavar uns canteiros.

– Receio não podermos pagar-lhe – disse ela – e que vai demorar um pouco, porque não temos muito dinheiro para equipamentos de jardinagem nem para plantas. O centro de jardinagem local poderá oferecer-nos algumas de graça, com um pouco de sorte.

– É aí que eu posso ajudar! – disse Julian, que estava a sentir-se um pouco excluído. – Riley, fico muito contente por doar toda a minha parte das receitas do nosso projeto do eBay para o orçamento do jardim! – Pareceu ficar bastante satisfeito consigo, como um tio benevolente que distribui doces numa festa de aniversário.

– Não pode fazer isso! – protestou Riley. – Você está reformado! Precisa desse dinheiro.

– Não seja tolo, meu rapaz. Eu não sobrevivo à custa da pensão do Estado. Ganhei muito dinheiro noutros tempos. Fiz investimentos que me garantem

mais do que o suficiente para viver. Teria muito gosto nisso. – Sorriu para eles.
E eles devolveram-lhe o sorriso.

– O velho MacDonald tinha uma herdade! – gritaram na sala da frente.

– I-A-I-A-O – disse Riley, juntando-se ao coro.

Julian

Julian verificou os seus bolsos pela sétima vez. Não precisava do seu bilhete, porque Monica tratava dos de todos. Desconfiava que ela não confiava neles. Euros – sim, passaporte – sim, horário – sim, guias – sim. Ainda há duas semanas Riley lhe perguntara se ele tinha algum passaporte válido, e ele apercebera-se de que, como não saía do país há mais de quinze anos (quase nem tinha saído de Fulham), aquele que possuía já caducara. Monica tinha-o ajudado a obter um novo passaporte com extrema rapidez.

Julgara que ela poderia perder a paciência quando ele insistira num passaporte para *Keith* também. Tivera de emitir uma espécie de ultimato. Ou iam os dois, ou não ia nenhum. Sabia que isso era um bocadinho melodramático, mas *Keith* já estava a ficar um pouco velhote e toda a gente devia visitar Paris pelo menos uma vez antes de morrer.

Fosse como fosse, Monica, sendo a pessoa mais eficiente que ele alguma vez conhecera, fizera isso acontecer. Se ao menos ela tivesse estado por lá nos anos de 1960, quando ele mal conseguia descobrir que dia era, e muito menos onde deveria estar, teria sido excelente. O que teria Mary pensado de Monica?

Iam encontrar-se todos no café e Riley convencera o condutor da carrinha da Ajuda da Mãe a levá-los ao Eurostar. Julian não se sentia tão entusiasmado desde que o haviam convidado a pintar a princesa Diana. Pensando nisso, não tinha a certeza se *tinha sido* convidado a pintar Diana. Decerto nunca fizera o retrato dela, por isso talvez nunca tivesse sido convidado. Às vezes ficava um pouco confuso sobre o que era verdade e o que era uma história. Quando se contava uma história muitas vezes, ela tornava-se verdade – ou quase.

Julian parou a alguns metros do café, esperando que o grupo ali reunido reparasse em si e em *Keith* antes de efetuarem a aproximação final. Foram

recebidos, tal como ele esperava, por uma salva de exclamações.

– Julian! *Keith!* Levam hasteada a bandeira de Inglaterra, pelo que vejo – disse Riley.

– Nem sei por que estou surpreendida – disse Monica, mirando-os de cima a baixo. Ele trazia vestida uma camisola dos Sex Pistols que dizia *God Save The Queen*, umas botas *Doc Marten* e um blusão de aviador *Vivienne Westwood* com a Union Jack. *Keith* trazia um corpete também com a Union Jack, que usava com toda a confiança e descontração de um manequim de passarela. Um manequim com ancas artríticas.

Monica tinha contratado alguns dos seus funcionários temporários para ficarem a tratar do café, a fim de que ela e Benji pudessem ir viajar. Como Sophie e Caroline, que eram ambas mães trabalhadoras, não tinham conseguido arranjar tempo livre, Julian convidara Hazard e Alice a substituí-las. Baz não podia ir, porque o restaurante estava com falta de funcionários, mas insistiu em que a avó fosse. A senhora Wu nunca tinha ido a Paris.

Monica, que Julian achava (não pela primeira vez) que daria uma ótima professora da escola primária, ia contando as cabeças enquanto eles se empilhavam na carrinha.

– Cinco, comigo seis, e mais um cão. Quem falta? É a sua amiga, não é, Julian?

– Sim. Olha, lá está ela! – respondeu Julian ao ver Alice caminhando em direção a eles, trazendo *Bunty* pendurada ao peito. Transportava ao ombro um saco enorme, que ele reconheceu de imediato como sendo da marca *Anya Hindmarch*. – Monica, esta é a Alice. Vai adorá-la.

Monica e Alice juntaram-se como dois ímanes de carga idêntica. Sentiu-se ali uma qualquer irritação. Julian não conseguia entender nada.

– Ah, sim. Já nos conhecemos – disse Monica.

– Pois foi. Disse-me para me pôr a andar do seu café, se bem me lembro. Como vai? Eu sou a Alice, e esta é a *Bunty* – respondeu Alice, estendendo uma mão que Monica apertou.

– Peço desculpa – disse Monica. – Eu não estava a ter um dia muito bom. Podemos começar de novo?

– Claro – respondeu Alice, enquanto Julian reparava que o rosto dela passava da surpresa a uma relutância momentânea, antes de se fixar num sorriso caloroso que revelou o produto de anos de ortodontia dispendiosa.

– Muito bem, todos a bordo! Cuidado com a cabeça! – Monica disse isso um pouco tarde de mais para Hazard, que, com mais de um metro e oitenta de altura, tinha conseguido bater com a testa ao tentar passar pelas portas da carrinha. Se Julian não a conhecesse melhor, pensaria que Monica ficara a sorrir. – Não se esqueçam de apertar os vossos cintos de segurança! A segurança está em primeiro lugar!

– Até parecemos os *Soldados da Fortuna*! Embora eu aposte que eles nunca usavam cinto de segurança – disse Julian. – Eu cá quero ser o Mr. T. – Depois, ao ver os olhares inexpressivos deles, acrescentou: – Oh, meu Deus, vocês são todos novos de mais para se lembrarem dos *Soldados da Fortuna*?

– Nem todos nascemos na Idade do Bronze, sabe, Julian – respondeu Riley. – Isto é como estar de volta à escola. Lembram-se de como toda a gente queria ficar no banco do fundo?

– Eu sempre gostei de ir sentada à frente – respondeu Monica, que se instalara à frente, ao lado do condutor, segurando com as duas mãos a mala de viagem que levava em cima dos joelhos.

– Trouxe do restaurante uns bolinhos da sorte para a viagem! – disse a senhora Wu, enfiando a mão na bolsa e distribuindo uns biscoitos redondos, embalados individualmente em plástico. Hazard, que nunca fora bom a resistir aos impulsos, abriu de imediato a embalagem, partiu o biscoito ao meio e tirou o papelinho que vinha lá dentro.

– O que diz? – perguntou Julian, que ia sentado ao lado dele.

– Oh, meu Deus! Diz: *Socorro! Estou em cativo numa fábrica de biscoitos!* – respondeu Hazard. – Não, agora a sério, diz: *Você morrerá sozinho e mal vestido.* Isto não é animador, pois não?

– Pelo menos é uma coisa que jamais se poderá dizer de mim – comentou Julian. – Poderei morrer sozinho, mas nunca estou mal vestido.

– Talvez nunca esteja mal vestido, mas de certeza que está sempre vestido de uma forma *exagerada* – respondeu Riley, que estava logo atrás dele. Julian

tentou dar-lhe uma palmada na cabeça com a mão, mas Riley baixou-se, e Julian acabou por atingir Alice, que ia no banco ao lado.

– Peço desculpa, querida menina! – exclamou ele, quando *Bunty*, na sua cadeira de bebé, começou a uivar.

– As rodas do autocarro dão voltas e mais voltas! – cantarolou Alice para *Bunty*, tentando acalmá-la.

– A geriatria do autocarro diz «Eu visto *Westwood*» – murmurou Benji para Monica.

– Eu ouvi isso! – proferiu Julian, cuja audição era melhor do que Benji julgava.

– Adivinhem o que diz a minha sorte – disse Benji, mudando de assunto. – *Você vai partir em viagem!* Ena. Estes bolinhos funcionam mesmo!

Julian viu a senhora Wu lançar ao namorado do seu neto um olhar duro, digno do *Urso Paddington*, mas nada poderia arruinar aquele dia. Ia ser *fabuloso*.

CAPÍTULO 43

Hazard

Julian avançou pela coxia do comboio ao regressar da carruagem-restaurant, chocando contra os assentos de ambos os lados, com *Keith* seguro por baixo do braço. Hazard estremeceu, tendo visões de que seria preciso tirar Julian do comboio numa maca com uma anca fraturada.

– Tal como eu suspeitava, a seleção de vinhos no comboio é aterradora. Ainda bem que vim preparado – disse Julian, enquanto tirava do seu saco uma garrafa de champanhe. Hazard pensou quanto tempo levaria Monica a protestar.

– Julian, são horas do *pequeno-almoço* – disse ela. Não demorou muito, tal como previra.

– Mas, querida menina, estamos de férias! Em todo o caso, isto só chega para um pequeno copo a cada um. Vai fazer-me companhia, não vai, senhora Wu? E você, Alice?

Hazard pôs-se a imaginar se Julian faria alguma ideia de como ele adoraria arrebatá-lhe aquela garrafa das mãos e bebê-la até ao fim. Nem valeria a pena darem-se ao trabalho de lhe arranjar um copo. Apercebeu-se de que vários dos seus companheiros de viagem os olhavam com um ar desconfiado. Deviam parecer um grupo muito improvável, com mais de cinquenta anos de diferença etária entre Julian e Benji ou Alice – na verdade seriam setenta e nove anos de diferença, caso se contasse com a pequena *Bunty*. A senhora Wu seria mais velha ou mais nova que Julian? Ninguém se atrevera a perguntar.

Julian sentou-se, muito contente, com o seu champanhe e o seu caderno de esboços. Estava a desenhar *Keith*, o qual se encontrava sentado na cadeira oposta, a olhar as ovelhas nos campos do condado de Kent. Provavelmente

nunca vira uma ovelha. Um revisor do comboio aproximou-se, com um ar autoritário e reprovador.

– Desculpe-me. O cão não pode estar nos assentos. Terá de se sentar no chão – disse ele a Julian.

– Ele não é um cão – disse Julian.

– O que é ele então? – perguntou o revisor.

– É a minha musa.

– As musas também não podem ir nos assentos – respondeu o revisor.

– Lamento muito, meu bom homem – disse Julian, que não lamentava –, mas onde diz o seu manual de regras que *as musas não podem ir nos assentos*?

– Julian! – disse Monica. – Faça o que lhe estão a dizer. *Keith!* Para o chão! – E *Keith* saltou dali para baixo. Ele sabia que não devia meter-se com Monica, mesmo que Julian não tivesse entendido isso.

Monica continuou a dar cabo de um livro de enigmas de *Sudoku*. Sempre que ficava indecisa (o que não lhe sucedia com frequência), batia de lado na cabeça com a ponta do lápis, como um mágico que estivesse a tentar tirar um coelho de uma cartola com algum passe da sua vareta miraculosa. *Bunty* ia com o pequeno rosto esmagado contra a janela do comboio, na qual batia com os punhos, enquanto Alice lhe fazia fotografias com o *iPhone*. Riley estava a ver vídeos de *surf* no YouTube e distribuía bombons *M&M* que tirava de um saco enorme. Betty cobrira toda a mesa à sua frente com um emaranhado de lã, e ia tricotando.

Hazard ficara entusiasmado quando Julian o convidara a juntar-se à viagem deles a Paris. Esperava que este grupo eclético pudesse acolhê-lo e substituir os seus amigos de antigamente.

Uma coisa que diminuía um pouco o prazer que ele estava a ter neste dia era Monica, que continuava a ignorá-lo. Hazard não estava habituado a ser ignorado pelas mulheres. E isso parecia-lhe bastante injusto, já que ele passara *semanas* em Koh Panam a tentar ajudá-la. Até lhe tinha enviado um postal! Nem os seus pais tinham recebido um postal, como a mãe já lhe apontara por mais de uma vez. Não havia gratidão nenhuma. Ele tentou de novo.

– Monica?

Ela lançou-lhe um olhar desconfiado por cima do livro de *Sudoku*.

– Muito obrigado por me ter convidado a vir hoje. Estou mesmo a gostar muito.

– É a Julian que deve agradecer, não a mim. A ideia foi dele – disse ela. De forma um pouco deselegante, achou ele. Tentar aproximar-se de Monica era como tentar afagar um porco-espinho.

Hazard nunca se havia preocupado com as opiniões das outras pessoas a seu respeito, mas desde que ficara sóbrio dera por si a desejar que, ao menos de vez em quando, alguém lhe dissesse que ele estava a fazer um bom trabalho, e que não era uma pessoa horrível. Mas sabia ser improvável que esse alguém fosse Monica.

Recompôs-se, imaginando-se Tom Cruise em *Top Gun*. *Goose, vamos atacar novamente.*

– Eu admiro-a, sabe – disse-lhe ele, percebendo, ao mesmo tempo, como isso era verdade. Por norma a maneira como ele admirava as mulheres era quase carnal, por isso esta admiração *saudável* era uma experiência nova. Monica levantou os olhos. Ah! Conseguira despertar a atenção dela! *Bala na câmara.*

– Oh, a sério? – perguntou-lhe ela, um pouco desconfiada. *Mantém-te no alvo!*

– Bom, basta ver como reuniu este grupo de pessoas tão diferentes, mas tão agradáveis! – disse ele.

– Foi o caderno de Julian que fez isso – protestou Monica, embora parecesse um pouco menos abespinhada.

– Claro, foi o caderno que deu início a isto – respondeu Hazard – mas foi você e o seu café que o concretizaram.

Monica sorriu. Não *para* ele, enquanto tal, mas na sua direção geral. *Em cheio no alvo! De regresso à base. Vivemos para lutar noutra dia.*

Hazard desviou a sua atenção para Alice. Era uma cesta de peixe diferente de Monica. Na verdade, percebeu ele, essa expressão era inapropriada, pois nada em Alice se assemelhava a uma cesta, nem a qualquer tipo de peixe. Talvez a um golfinho elegante e fotogénico, mas esses eram mamíferos. Ela era muito mais amigável e descontraída do que Monica e, descobrira Hazard, era @aliceinwonderland! Uma das suas antigas namoradas era obcecada por ela,

e até guinchava sempre que Alice gostava de alguma das suas publicações no Instagram. Isso deixava Hazard fora de si, mas intimamente ficara impressionado por Alice ter conseguido granjear seguidores tão dedicados. Pegou no seu telefone, contente por fim de ter um aparelho melhor do que aquele antigo *Nokia* e, à socapa, abriu a página de Alice no Instagram.

Tal como Hazard esperava, havia ali imensas fotografias de Alice vestida com as roupas certas, nos lugares certos e com as pessoas certas. Mas também havia, como ele não estava à espera, duas fotografias de Julian! Uma fora feita no cemitério, ao pé do Almirante, e na outra ele estava encostado a um candeeiro numa rua de Londres, com *Keith* aos seus pés. Dir-se-ia até que ele parecia ainda mais excêntrico e incrível no Instagram do que na vida real.

– Alice – disse ele, esquecendo-se de usar o seu charme –, você publicou o Julian na sua página do Instagram!

– Não ficou maravilhoso? – respondeu ela. – Quantos gostos já tem?

– Esta última tem mais de *dez mil* – disse Hazard.

– O cão ajuda – disse Alice. – No Insta os cães nunca são de mais.

– E ele teve imensos comentários. Todos querem saber como podem segui-lo. Temos de criar uma página para ele – disse Hazard. – Julian, empresta-me o seu telefone?

Hazard sentou-se ao lado de Alice, e ambos vergaram a cabeça sobre o telefone de Julian.

– Como havemos de lhe chamar? – perguntou-lhe Hazard.

– Que tal *@fabulousat80*?

– Eu tenho apenas setenta e nove anos! Nasci no dia em que a guerra foi declarada, e por isso ninguém me deu a mínima atenção. Desde então que ando a lutar pela minha quota de atenção – gritou Julian duas filas mais à frente, fazendo com que vários dos seus companheiros de viagem baixassem os jornais que iam a ler e olhassem para eles.

– Não pode ter *apenas* setenta e nove, isso é uma contradição total nos termos – disse Alice. – Em todo o caso, está muito perto dos oitenta. Pronto, vamos carregar as duas fotografias que eu tenho, assinalar todos os estilistas que ele veste e adicionar as *hashtags* de todos os *bloggers* da moda. A seguir direi aos meus seguidores onde poderão encontrá-lo. Ele vai ser uma sensação.

Ver Alice a trabalhar nas redes sociais era incrível. Ao fim de dez minutos de sobrancelhas franzidas e de dedos a voar com toda a fúria, ela pousou o telefone de Julian de uma maneira que assinalava a satisfação com um trabalho bem feito.

– Isso deve funcionar – disse ela.

– Não sei bem o que vocês os dois estão para aí a fazer, mas espero que seja *legal* – disse Julian. – Nunca mais fui preso desde aquela noite com a Joan Collins em 1987.

Ninguém ia dar a Julian a satisfação de lhe pedir que desenvolvesse esse tema.

CAPÍTULO 44

Monica

A vista no cimo da Torre Eiffel valia todas aquelas filas, mas Monica estava exausta. Não apenas por causa de todas as viagens de metropolitano para atravessar Paris e por andar a calcorrear os museus, mas devido ao esforço de ter de contar as cabeças e tentar mantê-los todos juntos. Experimentara erguer um guarda-chuva, para que todos pudessem vê-la no meio da multidão e a seguissem facilmente, mas como Hazard troçara dela tinha-o dobrado e voltara a guardá-lo dentro do saco. Se perdessem alguém, a culpa seria toda dele. Conseguia imaginar com demasiada nitidez ter de dizer a Baz que se haviam perdido da avó dele, a qual fora vista pela última vez a comer um bolinho da sorte perto da pirâmide do Louvre.

Keith era uma complicação adicional. Todos os museus tinham entrada interdita a cães. Julian tentara convencer as autoridades do Pompidou de que ele era um cão-guia. Indicaram-lhe, de maneira assaz razoável, que se Julian era cego não valeria a pena preocupar-se por não ver a exposição de arte. Por fim, Julian comprara numa loja de presentes uma grande sacola de lona que dizia OS MEUS PAIS FORAM A PARIS E TUDO O QUE ME COMPRARAM FOI ESTE MISERÁVEL SACO, escrito de lado. Usara-o para fazer passar *Keith* pela segurança, o que causara paroxismos de ansiedade a Monica. Julian insistia em brincar com o fogo, parando junto às suas pinturas favoritas e segredando para a sacola:

– *Keith!* Tens de ver este. É um clássico da *oeuvre* dele.

Os comentários de Julian sobre toda aquela arte eram fascinantes, embora, suspeitava ela, nem sempre fossem exatos. Ele parecia ter aversão a admitir que não sabia a resposta para nenhuma pergunta, pelo que em vez disso (percebera ela ao comparar as referências das histórias dele com os seus guias) inventava

qualquer coisa. Ela não sabia ao certo se mais alguém notara isso, mas não tardariam a fazê-lo; ele ia ganhando confiança, e cada uma das fábulas que contava se tornava mais desvairadamente colorida e imprecisa do que a anterior.

Paris reluzia sob o pálido sol de inverno, recordando a Monica as fantasias românticas dos passeios à beira-rio com Riley que ela tivera quando começara a planejar a viagem. Repreendeu-se por ter sido tão tola. A vida afinal não funcionava nada assim.

Viu Hazard e Alice fazerem uma fotografia a Julian, trabalhando-a como se ele fosse uma Kate Moss retorcida e grisalha, encostado ao gradeamento do parapeito, com vista para Paris. Tinha-se juntado uma pequena multidão ao redor deles, como se tentassem averiguar se eles eram algumas celebridades. Betty contribuía para o espetáculo efetuando alguns dos seus movimentos de *tai chi* com um pombo pousado numa das mãos (uma das muitas coisas que ela parecia ter trazido no seu gigantesco saco era comida de pássaro). Não se sentiria preocupada por algum dos pombos poder vir a *cagar-lhe* em cima? Só por pensar nisso, Monica sentiu-se enjoada.

Estava a esforçar-se muito por gostar de Alice, com o seu rosto e figura perfeitos e a sua linda bebé. Hazard e Alice faziam-lhe lembrar aqueles miúdos giros da escola, que pareciam ficar sempre à vontade em qualquer situação, que faziam e diziam as coisas certas e que usavam as roupas certas – mesmo quando eles apareciam vestidos com qualquer coisa ridícula ninguém se ria, e iniciavam sem querer uma tendência. Ela fizera grande questão em encontrar todas essas coisas dentro de si. Iria para Cambridge e haveria de fazer algo com a sua vida que valesse a pena. Intimamente, ficara entusiasmadíssima nas (muito) poucas ocasiões em que fora convidada a sentar-se junto deles ao almoço.

Quando se sentia inadequada, Monica procurava manter as aparências, esforçando-se por se mostrar o mais feliz e bem-sucedida possível. Mas agora não podia fazer isso por causa daquele maldito caderno. Tanto Hazard como Alice sabiam muito bem como ela se sentia insatisfeita com a sua vida. Bom, pelo menos não era superficial nem andava obcecada com a validação de

estranhos nas redes sociais, pensou ela, enquanto os via debruçados sobre o telefone de Julian, a carregarem a fotografia deste.

A mãe de Monica não teria aprovado Alice. Monica lembrava-se de todas as vezes que fora com ela para a ajudar no refúgio das mulheres vítimas de violência doméstica. *Assegura sempre a tua independência financeira, Monica. Nunca permitas que tu ou os teus filhos dependam de um homem para as necessidades básicas. Nunca se sabe o que poderá acontecer. Tu tens de ser capaz de te sustentar.* Com certeza que aquela *coisa* de Alice no Instagram não era um emprego a sério? Aquilo era apenas um projeto de vaidade.

– Adoro esse seu vestido, Alice – bradou, porque estava a fazer um esforço, e porque era isso que se dizia a pessoas como ela, não era?

– Oh, obrigada, Monica – respondeu-lhe Alice, com um sorriso perfeito a fazer-lhe covinhas nas bochechas. – Foi uma grande pechincha, mas não conte a ninguém!

A quem haveria ela de contar?, pensou Monica.

Sentiu alguém pegar-lhe na mão. Era Riley. Afastou a mão, e a seguir repreendeu-se por ser tão rude.

– Obrigado por teres organizado o dia de hoje, Monica. Tem sido absolutamente incrível – disse-lhe ele, o que fez Monica sentir-se triste pelo que poderia ter acontecido. Gostaria de poder recriar aquele relacionamento descontraído, descomplicado e feliz que eles haviam tido, mas não podia. Era como tentar tirar uma mancha de um tapete. Podia-se esfregar, usar vapor e escovar durante o tempo que se quisesse, mas ficaria sempre uma tênue marca daquilo que se entornara. Em todo o caso, mesmo que ela pudesse voltar atrás no tempo, de que valeria isso? Riley continuaria a ir viajar pela Europa dentro em breve, e a seguir voltaria para a Austrália, que não ficava a uma distância razoável. Não, era muito mais sensato manter com firmeza no lugar o muro que ela erguera ao redor das suas emoções.

– Meu Deus, olha para aqueles três com a sua estúpida fixação no Instagram – disse Riley. – Estão aqui, no cimo de um dos monumentos mais incríveis do mundo, com vista para a cidade mais incrível, e só se preocupam com as *roupas* de Julian.

E nesse momento, Monica esteve muito perto de lhe perdoar tudo. Exceto aquele uso constante da palavra *incrível*, que estava a deixá-la louca.

MONICA DEMOROU uma eternidade a levar o grupo de volta para o piso térreo, já que ninguém além dela parecia estar preocupado com a partida iminente do comboio de regresso a Londres. Ia atrás do grupo, a tentar conduzi-los pelo torniquete de saída, como um lavrador a fazer passar as suas ovelhas por um tanque de desinfecção. Betty ia à frente, e estava a ter dificuldade em transpor a saída estreita com o seu saco enorme. Monica viu um jovem simpático fazer-lhe sinal para que lhe desse o saco, a fim de a ajudar a passar pela barreira. Poucos segundos depois pôs-se a correr em alta velocidade para longe da torre, levando todos os pertences de Betty. Afinal não era muito simpático, ao que parecia.

Betty começou a gritar em mandarim. Embora Monica não conseguisse entender uma palavra, compreendeu o essencial. Havia com certeza ali algumas imprecações. Benji, como se tivesse saído de algum filme de heróis de ação, abriu caminho entre a multidão, saltou por cima do torniquete apoiando-se só numa mão, e partiu em perseguição do ladrão.

Os turistas ali reunidos gritaram-lhe incitamentos numa cacofonia de diferentes línguas, como uma multidão que estivesse a assistir à final do Campeonato Europeu de Futebol. Benji alcançou o ladrão e agarrou-o pelo braço. A multidão aplaudiu, com entusiasmo. A senhora Wu até deu um soco no ar. Então o homem despiu o casaco e, segurando ainda o saco da senhora Wu, fugiu outra vez, deixando Benji agarrado às roupas dele. A multidão gemeu e praguejou – sobretudo de forma ininteligível. Benji perseguiu-o de novo, desta vez arrojando-o ao chão com uma placagem impressionante.

– GOLO! – gritou Riley. A multidão enlouqueceu quando Benji se sentou em cima do ladrão, prendendo-lhe as mãos atrás das costas. O saco de Betty ficara caído no chão, entornando bolinhos da sorte, comida de pássaro e um emaranhado de lãs. Monica chamou a polícia.

Betty assestou um ágil pontapé numa das canelas do homem.

– Não se meta comigo, senhor – disse ela.

Ele iria arrepender-se do dia em que se cruzara com Betty Wu, pensou Monica. Esperava apenas que Betty não tivesse visto *Keith* a alçar uma perna por cima do seu tricô.

CAPÍTULO 45

Riley

A viagem de regresso no comboio foi bastante mais moderada do que a viagem de ida, pois todos eles estavam exaustos após aquela vertiginosa combinação de exercício, cultura e alto drama.

Riley ficou a observar com interesse quando Betty se levantou e caminhou até ao assento vazio que havia ao lado de Benji. Benji mostrou-se surpreendido e até bastante aterrorizado. Muito mais aterrorizado do que quando prendera aquele ladrão algum tempo antes. Riley fingiu estar fascinado pelo seu guia de viagem, embora na verdade estivesse a esforçar-se por ouvir o que Betty ia dizer.

– Então, Monica dizer que é bom cozinheiro – disse-lhe ela.

– Bom, eu adoro cozinhar, mas nem de perto sou tão bom como a senhora Wu – respondeu Benji, com aquilo que Riley julgou ser a dose certa de deferência e de bajulação. Reparou que Betty não lhe gritou: *Chame-me Betty!*

– Na próxima semana, você vir ao restaurante. Eu ensino você a cozinhar sopa *wonton*. – Era uma ordem, não uma sugestão. – Receita que minha mãe me ensinou, mãe dela ensinou a ela. Não estar escrito. Estar aqui. E bateu na sua cabeça, com um dedo tão determinado quanto o bico de um pica-pau a escavar insetos no tronco de uma árvore. Sem esperar por uma resposta, Betty levantou-se e voltou para o seu lugar, deixando Benji com um ar um pouco atordoado. Riley sentiu um calor dentro de si. Talvez a Cidade do Amor já tivesse tecido a sua magia. Ele adorava um fim feliz.

Alice sentou-se ao lado de Julian e abriu a nova página deste no Instagram.

– Oh, meu Deus, Julian! Já tem mais de três mil seguidores! – exclamou ela. Julian pareceu ficar desorientado.

– Isso é bom? – perguntou. – Como me encontraram?

– Não é apenas bom, é ESPETACULAR em apenas doze horas. Você vai ser uma SENSACÃO. Publiquei algumas fotografias suas na minha página, sugeri aos meus seguidores que o seguissem a si, e eles estão a ir para lá aos magotes. Veja só todos estes comentários! Eles ADORAM-NO! Espere, tem aqui algumas mensagens privadas, olhe.

Alice passou os dedos pelo telefone de Julian algumas vezes e contemplou o ecrã.

– Eu NÃO ACREDITO NISTO! – guinchou, fazendo *Bunty* começar a choramingar, e suscitando alguns olhares muito reprovadores dos outros viajantes. – Está aqui uma mensagem da VIVIENNE WESTWOOD! A verdadeira.

Quem seria a Vivienne Westwood, pensou Riley. Por que estava ela a causar tanta excitação, e por que havia também uma que não era verdadeira? Gostaria que Alice parasse de falar em letras maiúsculas. Isso estava a dar-lhe dores de cabeça. Riley nunca imaginara ser possível que alguém o fizesse sentir-se cansado e exaurido, mas era isso que Alice parecia estar a fazer.

– Ela diz que está muito contente por ainda continuar a usar as roupas dela... eu tinha-a marcado, como vê... e diz que se for visitá-la ao seu quartel-general poderá experimentar a coleção mais recente.

– Oh, a querida Vivi. Sempre gostei dela – disse Julian –, mas receio bem que hoje em dia já não possa comprar nenhuma das roupas dela. Não vendo um quadro há mais de uma década.

– Mas é isso que é INCRÍVEL no Insta, Julian. Quando consegue ter seguidores suficientes, eles oferecem-lhe as roupas todas DE GRAÇA. Você não julga que eu comprei isto tudo, pois não? – perguntou ela, apontando para as suas roupas e para o saco.

– Safa! – disse Julian. – Então é melhor mostrar-me como se faz isso. Eu não sou muito bom com essas coisas dos telefones. Os meus dedos são muito grossos e desajeitados. É como tentar carregar nas teclas com um cacho de bananas.

– Não se preocupe, eu compro-lhe um estiletezinho que pode usar – disse Alice. – Vai adorar o Insta. É tão bonito. É como a ARTE, só que mais moderno. É mesmo o que lhe convém. Se o Picasso ainda estivesse vivo,

de certeza que iria estar no Instagram. – Os olhos de Julian arregalaram-se um pouco ao ouvir tal sugestão.

Julian tinha conseguido comprar mais champanhe na Gare du Nord, para que eles pudessem – como explicou – celebrar o heroísmo de Benji na viagem de volta. Havia colocado vários copos de plástico em cima da mesa à sua frente e estava a encher cada um deles com muito cuidado. Ocorreu a Riley que apenas ele e Alice tinham lido a história de Hazard no caderno. Olhou para Hazard, o qual estava sentado sozinho, com a cabeça encostada à janela do comboio. Parecia estar a dormir, até se ver que as mãos dele estavam crispadas com tanta força que os nós dos dedos tinham ficado brancos. Riley foi até lá e sentou-se ao lado dele.

– Hazard, está a portar-se muito bem, sabe. Você é o verdadeiro super-herói por aqui – disse-lhe.

Hazard virou-se para ele e fitou-o.

– Obrigado, camarada – disse ele, parecendo genuinamente agradecido, mas muitíssimo fatigado.

– Ainda anda à procura de emprego? É que a Alice pôs-me a fazer jardinagem. E eu gostava de ter mais alguma ajuda, se tiver tempo para isso?

– Claro. Gostaria muito. Tenho andado um pouco perdido, para ser franco. Não quero voltar para o meio financeiro, mas não sei se tenho qualificações para fazer outra coisa. Não é bom para mim estar muito tempo sem nada para fazer – respondeu Hazard. – Até já dei por mim obcecado por programas televisivos como o *Neighbours* e o *Countdown*. Quando se é viciado, é-se sempre um viciado. E dava-me jeito o dinheiro. Já gastei quase todo o meu último bónus, e se não encontrar um emprego em breve terei de vender o apartamento.

– Receio não poder ajudá-lo nisso. Este trabalho é para uma instituição de caridade local. Mas continua interessado? – perguntou-lhe Riley.

– Com certeza – respondeu Hazard, com genuíno entusiasmo. – Hei de resolver as minhas finanças mais tarde. Tenho a certeza de que há de aparecer alguma coisa. A propósito, não se preocupe com a Monica. Aposto que ela vai acabar por cair em si.

Riley percebeu que, se eles fossem duas raparigas, por esta altura talvez já se teriam abraçado. Mas como não eram raparigas, ele deu um pequeno soco no braço de Hazard, e a seguir regressou ao seu lugar.

Bunty já se fartara daquele dia e agora tinha o rosto vermelho e estava a berrar, quase irreconhecível como @babybunty. Alice andava a passeá-la para trás e para diante na coxia, pois a única coisa que parecia acalmá-la era o movimento constante. Riley pôs-se a pensar se aquilo afastaria Monica de toda aquela ideia da procriação. A si estava a fazê-lo pensar duas vezes, e ele sempre adorara a ideia de vir a ter uma grande família.

Alguns minutos depois, Riley atravessou a carruagem até ao lavabo e premiu o botão para abrir a porta. Quando esta se abriu revelou *Bunty*, deitada de costas em cima do lavatório, nua, a abanar as pernas no ar, e cocó *em toda a parte*. Por cima do lavatório, no espelho, e até nas paredes. Alice ficou a olhá-lo boquiaberta, com as mãos cheias de toalhetes húmidos.

– Desculpe, julguei que tinha trancado a porta.

Ele limitou-se a responder com um «AARRRGHH» estrangulado, ao mesmo tempo que premia o botão para fechar a porta e fazer com que tudo aquilo desaparecesse, mas a imagem permaneceu gravada nas suas retinas. Murmurou qualquer coisa enquanto a porta se fechava. Ouviu a voz abafada de Alice.

– Por acaso, Riley, dava-me jeito alguma ajuda aqui!

– Claro! – disse ele. – Vou chamar a Monica! – Era isso que ela queria dizer, não era?

Monica

Riley regressou do lavabo com um ar maldisposto.

– Sentes-te bem, Riley? – perguntou-lhe Monica.

– Sim, muitíssimo bem. Mas acho que a Alice talvez precise de ajuda – disse-lhe ele, enfiando-se num assento e sem olhar para trás. Monica avançou na direção de onde Riley viera, bastante alarmada. Esperava que o dia não ficasse arruinado, agora que estavam tão perto de chegarem a casa a salvo. A porta do lavabo estava trancada. Monica bateu.

– Está aí, Alice? É a Monica. Precisa de ajuda? – perguntou.

– Espere aí, Monica! – respondeu Alice. Um ou dois minutos depois, a porta abriu-se e Alice empurrou *Bunty* para ela.

– Pode segurar-me na *Bunty* por um bocadinho, enquanto eu limpo isto aqui? Eu tinha-a posto em cima da esteira de mudar fraldas, mas sempre que o comboio faz uma curva tenho medo que ela seja atirada ao chão. Eu saio já. Muito obrigada!

A porta voltou a fechar-se. Como estava sozinha, Monica debruçou-se e encostou o rosto à cabeça felpuda de *Bunty*. Cheirava a *Johnson & Johnson*, a algodão acabado de lavar e àquele perfume indefinível de um ser humano novinho em folha que lembrava a Monica tudo o que ela não tinha. A porta abriu-se e Alice saiu.

– Ela é mesmo linda, Alice – disse Monica enquanto voltavam para os assentos. Esperava ouvir alguma das respostas óbvias de Alice: Um *Eu sei* ou um *É mesmo, não é?* Ou talvez, com humildade fingida: Um *Às três da manhã é que ela não é!* Mas, em vez disso, Alice parou e olhou-a.

– Sabe que um bebé não traz a felicidade para sempre, Monica? E às vezes um casamento pode ser o lugar mais solitário do mundo. Eu que o diga.

– Tenho a certeza de que tem razão, Alice – respondeu Monica, imaginando que história haveria ali. – Na verdade, há imensas vantagens em se ser solteiro. – E, pela primeira vez, Monica pensou que isso poderia ser verdade.

– Ainda me lembro! – disse Alice. – Comer o que se quer, quando se quer, domínio total do controlo remoto do televisor, sem precisarmos de contar a ninguém onde vamos ou com quem vamos. Andar por casa em calças de ioga e chinelos. E sexo com regularidade também... ah, ah. Bons tempos! – Calou-se e pareceu ficar melancólica. – Monica, um dia destes li uma coisa no Instagram. Dizia lá que *Mãe é um verbo, não um substantivo*. Eu acho que isso significa que existem muitas maneiras de ser mãe sem se ser uma. Olhe para si e para o seu café. Você trata de muita gente todos os dias.

Monica não conseguia acreditar que um pensamento tão transformador, embora ligeiramente condescendente, pudesse provir de uma mulher que ela rejeitara com tanta ligeireza ao princípio do dia, à porta do lavabo de um comboio, e por cortesia de um *meme* bastante açucarado no Instagram.

Após ter passeado *Bunty* ao longo da coxia algumas vezes, para a ajudar a serenar, Monica devolveu-a a Alice e foi sentar-se ao lado de Riley.

Riley devia ter-se sentido encorajado pelo champanhe de Julian, porque ostentava no rosto aquele olhar com que ele ficava quando estava prestes a dizer algo importante. Monica preparou-se.

– Monica, eu lamento muito não te ter falado do caderno. Sinceramente, não tencionava esconder isso de ti, mas não pude contar-te na noite em que nos conhecemos, com todas aquelas pessoas ali à volta, e depois acho que perdi a oportunidade. Acho que passou a ser tarde de mais, e eu não sabia como resolver isso. Se calhar não vais acreditar, mas eu tencionava contar-te logo a seguir ao Natal. – E fitou-a com tal sinceridade que ela acreditou nele, e, embora aquilo não pudesse consertar as coisas, na verdade fez com que se sentissem melhor. Pegou na mão dele e encostou a cabeça ao seu ombro.

CAPÍTULO 47

Alice

Alice foi direita ao frigorífico e serviu-se de um grande copo de *Chablis*. Estava ciente de que bebera mais champanhe do que devia durante a viagem de regresso (esperava que mais ninguém tivesse reparado), mas quase não lhe fizera efeito. Sentou-se junto à bancada de granito preto, e descalçou os sapatos atirando-os para o chão de cimento polido. Com as suas linhas e arestas perfeitas aquela cozinha minimalista tinha, como Max gostava de dizer, «um fator de admiração», mas não era acolhedora. Às vezes não se pretendia que uma sala afirmasse alguma coisa ou dissesse algo a nosso respeito, apenas se queria que ela não dissesse nada e fosse uma sala.

Tinha sido um dia maravilhoso. Se não fosse por ter de estar sempre a impedir que *Bunty* gritasse, a tentar alimentá-la sem chocar Julian por pôr à mostra demasiada mama, e por ter de lhe trocar a fralda nos acanhados lavabos do comboio, teria sido perfeito.

Jamais esqueceria a cara de Riley quando este lhe interrompera a muda das fraldas. Tanto pior para o contacto com a natureza. Quando ele já estava mesmo a fechar a porta, com ar de estar prestes a vomitar, ainda lhe perguntara «Você está bem, Alice?» com uma voz estrangulada, em que a sua repulsa e as boas maneiras disputavam a supremacia. Aquele rapaz era uma ternura. E quanto a Benji, que ela vira pela última vez a chorar à porta de um restaurante chinês no Dia de Natal, e o seu heroico resgate do saco da senhora Wu? Tinha sido tão bom como um drama da Netflix. Ouviu a porta da frente bater. Max voltara do emprego, atrasado como sempre.

– Olá querida! O que a *Bunty* está a fazer ainda acordada? São nove e meia. E o que é o jantar? Estou cheio de fome.

Alice espreitou o interior do frigorífico. O único conteúdo não alcoólico era meio limão, um pacote de manteiga, uma salada com um aspecto um pouco cansado e um quarto de quiche, que Max insistiu que os homens a sério não comiam.

– Lamento muito, querido – disse ela, tentando mostrar-se lamentosa. – Não preparei nada. Passei o dia todo em Paris, lembraste? Acabei de chegar.

– Meu Deus, para ti está tudo muito bem, não é, andaste a passear e a almoçar em Paris enquanto eu trabalho cada hora que Deus manda para comprar fraldas descartáveis para a *Bunty*. Acho que vou ter de telefonar para a Deliveroo.

Alice olhou para o pacote intacto de manteiga gelada, que tinha a forma e as dimensões de um tijolo, e considerou a que velocidade seria necessário atirá-lo para magoar, mas sem causar danos permanentes. Resolveu lavar-lhe por acidente as cuecas brancas *Calvin Klein* com algumas meias vermelhas. A conversa que Alice tivera com Monica acerca das vantagens de ser solteira voltou a assombrá-la.

Bunty, decerto em resultado de passar tanto tempo perto do frio do frigorífico aberto, começou de novo a gritar. Alice pegou nela ao colo, passou por Max sem dizer uma palavra e subiu para o quarto da menina no andar de cima.

Enquanto estava a amamentar *Bunty*, com uma mão a apoiar-lhe a cabeça macia e felpuda, a sua outra mão ia percorrendo o Instagram. Lucy Yeomans, editora da revista *Porter*, sessenta mil seguidores, havia republicado a fotografia de Julian em Paris. Este tinha agora mais de vinte mil seguidores. *Agora está longe de ser invisível, Julian*, pensou. Lembrou-se então do caderno. Estendeu a mão para o lado da cadeira de balouço onde o deixara, deitou *Bunty* que estava agora, misericordiosamente, com um pouco de sono – na cama dela, tirou uma caneta do saco e começou a escrever.

ALICE ADORAVA as suas visitas à Ajuda da Mãe. Na propriedade em que ela crescera, várias daquelas mães tinham problemas de dependência de drogas ou de álcool, e a mãe de Alice expandira as suas responsabilidades de cozinheira de maneira a abranger a alimentação de qualquer criança subnutrida da

vizinhança. Com muitos dos vizinhos, fazia turnos para cuidar delas. Além de lhes garantirem refeições adequadas, passavam-lhes roupas e brinquedos que os seus filhos já não usavam e proporcionavam-lhes um espaço sereno para fazerem os trabalhos de casa, ou um ouvido compreensivo. Esse sistema informal de cuidados infantis parecia não existir no anonimato de Londres, e este local preenchia, portanto, essa lacuna.

Só agora Alice começara a aperceber-se de como a sua mãe fora incrível, criando quatro filhos sozinha e encontrando um emprego que lhe permitira apoiá-los financeiramente e também estar com eles quando regressavam da escola, para lhes preparar o chá e os ajudar com os trabalhos de casa. Alice lembrou-se de como fingia não conhecer a sua mãe na escola quando esta lhe servia o almoço, tratando-a por senhora Campbell num tom desdenhoso, como toda a gente. Como isso devia tê-la magoado. Alice estremeceu.

Em geral, as mães que iam buscar os seus filhos à Ajuda da Mãe ao fim do dia entravam e saíam o mais depressa possível. Decerto que nenhuma delas jamais demonstrara algum interesse pelo jardim até então. Mas hoje estava um bando inteiro delas em pé, junto às janelas da cozinha, a olharem para Riley, Hazard e Brett, o australiano que era colega de apartamento de Riley, os quais se debatiam com alguns cardos gigantes e com teimosas rosas rebeldes. Devia ser um trabalho árduo, porque, apesar do frio, todos eles se haviam despido até ficarem em camisola interior.

– Eles podem vir tratar do meu jardim quando quiserem – disse uma delas, à qual, a julgar pelos risinhos, houve uma resposta lasciva de uma outra, mas que Alice não percebeu.

Alice ajudou os rapazes a carregarem os sacos de lixo do jardim para a carrinha que os transportaria até à lixeira local. Viu uma estereotipada mamã fina, que ia a passar, parar no caminho.

– Ó rapazes, são jardineiros? – perguntou, com uma voz que em parte era de rapariga de colégio interno, e em parte de filme pornográfico, dirigindo-se a Hazard, que ela julgara ser o chefe.

– Aaaah, acho que sim – respondeu Hazard, o qual até aí jamais pensara em si como jardineiro.

– Aqui tem o meu cartão. Telefone-me se quiser vir fazer um orçamento para o meu jardim.

Hazard aceitou o cartão e ficou a olhar para ele, pensativo. Parecia, achou Alice, um homem que tinha um plano.

SÓ MAIS TARDE, ainda nessa noite, Alice percebeu que o caderno desaparecera. Tinha a certeza absoluta de que o havia guardado dentro do seu saco, pois estava tão preocupada que Max – ou qualquer outra pessoa – lessem o que lá escrevera que não queria deixá-lo ali à mostra. No calor do momento havia confessado algumas coisas que não queria admitir, nem a si mesma. De maneira nenhuma ela iria partilhar aquilo, independentemente do que Julian dissesse acerca da autenticidade. Até pensara em destruir tudo aquilo naquela outra manhã no escritório de Max, mas como não lhe parecera correto destruir as histórias de todos os outros, guardara-o no seu saco até poder ter oportunidade de arrancar com cuidado as páginas dela sem danificar as restantes, e devolver o caderno a Julian.

E agora o caderno desaparecera.

Julian

Julian tinha convencido Alice a ir assistir à sua aula de arte. Esta semana iam desenhar *Keith*. Não era o modelo ideal, dado ser improvável que conseguisse ficar quieto por tempo suficiente, mas fora a única maneira de que Julian se lembrara para contornar aquela ridícula proibição de entrada de cães no café de Monica.

– Ele não é um cão, Monica – dissera-lhe. – Ele é um *modelo*.

– Telemóveis dentro do chapéu, como sempre, por favor! – disse ele, enquanto o chapéu era passado de uma pessoa para outra. Alice pareceu ficar horrorizada. Entregou *Bunty* a Caroline e a Sophie sem qualquer escrúpulo, mas mantivera-se agarrada ao seu telefone como uma criança à sua boneca favorita.

– Eu *prometo* que não vou tocar nele. Palavra de escoteira. Juro por tudo – disse ela. – Vou deixá-lo aqui à beira da mesa só para ver se aparecem algumas notificações importantes.

– Sim, imagine se perder qualquer coisa importantíssima, como o anúncio do novo lançamento de alguma mala de mão – disse Hazard, o que lhe mereceu um olhar fulminante de Alice, que por fim e com relutância entregou o telefone a Julian.

– Sabia que a indústria da moda contribui com *cinquenta mil milhões de libras* para a economia do Reino Unido? Isto não são só disparates irrealistas – disse Alice.

– A sério? É esse o número exato? – perguntou-lhe Hazard, sorrindo.

– Bom, para ser franca, não consigo lembrar-me do número exato, mas sei que é mesmo *muito grande* – confessou Alice.

Caroline e Sophie (Julian nunca sabia distingui-las muito bem, mas não achava que isso fosse importante) revezavam-se a fazer saltitar *Bunty* em cima dos joelhos e a exclamar como ela era bonita.

– Ela não te dá que pensar? – perguntou uma delas à outra.

– Só porque posso devolvê-la no fim da aula. Não me apetecia nada voltar a passar todas aquelas noites sem dormir... – disse a segunda.

– ... nem as fraldas. E os mamilos gretados. Urgh – concluiu a primeira, enquanto ambas se riam de uma maneira conspiratória.

Julian esperava que elas não estivessem a incomodar a querida Alice, que era uma mãe natural e desfrutava de cada momento com a encantadora *Bunty*, como qualquer um podia ver na sua página do Instagram.

– Muito bem, tenho um anúncio a fazer a toda a turma – declarou Julian, com a sua melhor voz de locutor, tentando não mostrar como estava excitado. Era mais elegante mostrar-se *blasé* a respeito dessas coisas. – Virá ter connosco um fotógrafo do *Evening Standard*, porque andam a fazer um perfil sobre mim e os meus seguidores no Instagram. Por favor, ignorem-nos. Eles não estão interessados em vocês, só em mim. Só estão aqui para proporcionar o fundo e o contexto.

– Oh, meu Deus, criámos um monstro! – disse Hazard para Alice, numa voz insuficientemente baixa para que Julian não se apercebesse. – Em que estávamos nós a pensar? – Julian compôs o seu melhor olhar de mestre-escola e assestou-o sobre eles os dois.

Hoje, Julian optara por um aspecto *betinho*, em homenagem a um dos grandes – Ralph Lauren. Também conhecera esse? Ele tinha a certeza de que devia tê-lo conhecido. Quando o fotógrafo e a restante equipa chegaram e começaram a movimentar-se ao redor dele, Julian percebeu como a sua vida havia mudado nos últimos quatro meses, desde que deixara *O Projeto da Autenticidade* naquele mesmo lugar, e nas duas semanas desde que começara a «abalar o mundo do Instagram» (as palavras eram do *Standard*, e não dele, como se depreende).

Nada disto era novidade para Julian. Teve a estranha sensação de haver completado um círculo, e regressado ao sítio onde sempre deveria estar – na ribalta. Quase lhe parecia até que aqueles quinze anos de invisibilidade tinham

acontecido a outra pessoa. Teve a sensação assaz desconfortável de que na verdade só existia nos olhos de quem o via, de que quando parava de ser notado deixava de *existir*. Será que isso o tornava demasiado superficial? E se assim fosse, que importava? Todas aquelas pessoas que queriam entrevistá-lo e enviar-lhe convites para festas, antestreias e desfiles não pareciam pensar assim. Achavam que ele era maravilhoso. E era, não era?

O que pensaria Mary se pudesse vê-lo agora? Ficaria entusiasmada ao constatar que ele voltara a ser como era antes? Se fosse honesto, suspeitava que não. Conseguia vê-la, a revirar os olhos e a pregar-lhe um sermão sobre o que era real e autêntico, e o que era apenas espalhafato. Fora a memória de um desses sermões que inspirara o título do seu caderno. O tal caderno que mudara tudo.

Sentou-se na borda de uma das mesas, de pernas cruzadas e apoiado nas costas, tal como lhe pedira o fotógrafo. Olhou para longe, como se estivesse a pensar em coisas muito mais eruditas e artísticas do que os meros mortais. Era um dos seus olhares de marca. Tinha-se preocupado por talvez já se ter esquecido de como se fazia tudo aquilo, mas afinal era como andar de bicicleta. Ele já alguma vez andara de bicicleta? Com certeza que andara, não era? Com estilo, como é evidente.

– Julian? – disse Riley. – Eu sei que só estamos aqui por causa *do fundo e do contexto* – parecia um bocadito irritado –, mas acha que me poderia dar uma ajudinha com a minha perspectiva?

– Receio bem que o Julian já perdeu a perspectiva, Riley – comentou Hazard. Julian riu-se com a turma. Era importante que o vissem a rir de si mesmo. Os seus amigos nunca tinham precisado de viver a vida sob os olhos do público. Não entendiam a pressão.

Quando a turma e o fotógrafo terminaram, Benji chamou-os da cozinha.

– Há sopa de *wonton* para quem ficar para jantar. E bolinhos de camarão. Tudo feito pelas minhas belas mãos – disse aquele homem cujas mãos grandes e sardentas, com as unhas roídas, nunca haviam sido descritas como belas.

– Não se preocupem. É seguro comer. Eu ensinei ele – acrescentou a senhora Wu.

Hazard

Hazard adorava trabalhar na Ajuda da Mãe. Quanto mais ele conversava com as mães acerca dos seus vários vícios – heroína, *crack*, cocaína, metanfetamina – mais percebia como elas eram parecidas consigo. Trocavam conselhos sobre como se devia lidar com as ânsias, e competiam entre si para lhe contar as histórias mais chocantes dos «dias sombrios».

– Bom trabalho, malta! Fin, Zac, Queenie, guardem tudo nos sacos – disse Hazard para a equipa de «ajudantes» de hoje, com idades entre os quatro e os oito anos, que tinham andado atrás dele, à espera que lhes desse instruções. Cavar buracos aqui, plantar sementes ali, ensacar as folhas que estavam espalhadas por toda a parte. Distribuiu-lhes uns sacos de lixo redondos para guardarem todas as ervas daninhas que haviam arrancado do canteiro. Seis olhos fitaram-no, como se ele fosse uma pessoa que valia a pena admirar e imitar. Embora isso o fizesse sentir-se muito melhor consigo, também o aterrorizava. Não podia desiludi-los. Já os havia desiludido bastante.

– Fin, amigo. Chega aqui! – disse Hazard, agachando-se para ficar ao mesmo nível do menino que veio a correr, com o rosto afogueado e sujo. – Não digas à Queenie que fui eu que a chibei, mas verifica se tens lesmas nos bolsos do casaco antes de voltares para casa.

Hazard até havia depauperado as suas poupanças cada vez mais diminutas para adquirir um par de carrinhos de mão minúsculos e alguns ancinhos e pás concebidos para mãos pequenas. Nunca tinha passado tanto tempo com crianças. Não era o tipo de pessoa a quem se passavam bebês para as mãos para que ele lhes pegasse ao colo, ou que alguma vez fosse convidado a fazer de ama-seca, mas ficou espantado com o prazer que aquilo lhe dava. Já se esquecera de como apreciar os prazeres do dia a dia, como um copo de sumo

de laranja após horas a cavar arduamente, ou de como era divertido fazer viveiros de minhocas e corridas de caracóis.

Hazard ficou exausto ao fim daquele dia passado a jardinar. Mas era um *bom* cansaço. Um cansaço honesto. Doíam-lhe os músculos após horas de exercício físico, e o seu corpo ansiava por um sono longo e descomplicado. Nada que se parecesse com o cansaço de antes – tóxico, irascível e nervoso ao fim de trinta e seis horas de festas ininterruptas, tendo-se mantido acordado graças a um *cocktail* de produtos químicos.

Adorava a sensação de estar em contacto com a natureza. Era o primeiro emprego da sua vida que lhe parecia *real*. Estava a fazer alguma coisa, a cultivar, a melhorar e a fazer algo de bom. Não podia, porém, continuar a trabalhar de graça, caso contrário ficaria sem teto. Se ao menos não tivesse enfiado no nariz boa parte daquela fortuna que ganhara na finança. Ainda assim, pelo menos desistira enquanto ainda tinha o septo nasal. Um dos seus amigos daquele meio espurrara certa vez para um lenço de papel durante uma reunião, e ficara com metade do nariz nas mãos. Ignorara o espanto nos rostos dos seus clientes e prosseguira a sua apresentação. Naquela época, Hazard achava que isso era pura classe.

Pegou no cartão de visita que lhe tinha sido entregue por aquela mulher na rua na semana anterior. Hazard estava ciente da agitação que ele e os seus colegas de trabalho australianos estavam a causar na Ajuda da Mãe. Sabia que não eram apenas os físicos deles que estavam a tornar-se populares, mas também a natureza radiante, exuberante e franca dos rapazes australianos, cuja pronúncia fazia pensar em praias, em grandes planícies abertas e em *coalas*, e que eram um antídoto muito bem-vindo para o complexo tédio de Londres.

Hazard tinha passado a tarde a instruir Riley e Brett sobre a comunidade australiana em Londres. Acontece que Londres estava cheia de rapazes australianos que, devido aos seus vínculos com a Commonwealth, viajavam com um Visto de Trabalho para Férias. Podiam ficar a trabalhar, legalmente, até dois anos no Reino Unido – desde que conseguissem encontrar trabalho.

E se, pensou Hazard, ele e Riley treinassem alguns desses rapazes no jardim da Ajuda da Mãe, para que depois eles pudessem aceitar trabalhos remunerados nos jardins de Fulham, Putney e Chelsea? Sabia que já existiam

muitas empresas de jardinagem em Londres, mas a sua teria uma vantagem única, uma *raison d'être*. Iria chamar-se *Aussie Gardeners*, os jardineiros australianos.

Teria de fazer anúncios, claro. Do que ele precisava mesmo era de alguém com capacidade para alcançar milhares de mulheres que fossem abastadas, de preferência ali na área. E tinha uma pessoa assim, mesmo debaixo do seu nariz – Alice. Bastaria uma ou duas publicações dela no Instagram mostrando-o a ele, a Riley e a Brett a trabalharem num jardim e fornecendo os seus contactos, e sem dúvida seriam inundados de pedidos. Tinha a certeza de que Alice apreciaria a noção de *karma* – eles tinham-na ajudado (e continuariam a fazê-lo), agora ela poderia ajudá-los também. O que vai também volta.

Talvez Julian lhes desenhasse um panfleto que eles pudessem deixar em todas as caixas de correio das redondezas. Embora Julian não parecesse agora ter muito tempo para eles, desde que fora de novo sugado para o buraco negro que era o mundo da moda. O que os teria possuído, para lhe terem feito aquela página no Instagram?

Quanto mais pensava nisso, mais a ideia de montar o seu negócio o entusiasmava. Ele poderia ser como Monica! *O que faria Monica?*, tinha passado a ser o seu novo mantra, numa tentativa de se tornar mais atencioso, mais sensível, mais fiável. Ainda tinha um longo caminho a percorrer.

Hazard abriu a porta do seu prédio, limpando vigorosamente os pés no tapete para não deixar terra no chão do reluzente átrio de entrada. Aquele moderno edifício de apartamentos, que era revestido a vidro e tinha jardins paisagísticos e serviço de portaria vinte e quatro horas por dia, anunciava «financeiro bem-sucedido», e não tanto «jardineiro». Certa noite tinha deixado uma sacola com os seus equipamentos de jardinagem no átrio de entrada por algumas horas. Quando regressara encontrara um bilhete lá colado, que dizia OPERÁRIOS: NÃO DEIXEM AS FERRAMENTAS AQUI! LEVEM-NAS OU SERÃO CONFISCADAS!

Mirou os postigos na parede que continham a correspondência dos moradores. No seu, com os panfletos e as faturas habituais, havia uma carta que a mãe dele descreveria como «empertigada» (expressão que fazia com que ele e o pai sorrissem sempre, enquanto ela fingia não perceber porquê): um

envelope de boa qualidade que continha um robusto pedaço de cartão. Um convite.

Hazard abriu-o enquanto subia as escadas. Numa bela caligrafia gravada, lia-se:

DAPHNE CORSANDER E RITA MORRIS
CONVIDAM-NO A
CELEBRAR O SEU CASAMENTO
NO SÁBADO, 23 DE FEVEREIRO DE 2019, ÀS 11 H 00
NA IGREJA DE TODOS OS SANTOS, EM HAMBLEDOR
E DEPOIS NO OLD VICARAGE
RSVP

No canto superior esquerdo, estava escrito com caneta de tinta permanente *Senhor Hazard Ford e acompanhante.*

Portanto, Daphne e Rita iam dar o nó com estrondo. Ainda bem para elas. Pôs-se a pensar como Roderick estaria a aceitar a notícia. Esperava que ele não ficasse enervado por o pai se revirar no túmulo. Além disso, elas não andavam a perder tempo. O dia 23 de fevereiro era já daí a três semanas. Supôs que, naquela idade, era sensato não esperar muito.

Hazard sentiu-se dividido. Por um lado, apetecia-lhe desesperadamente ir festejar com as suas velhas amigas da ilha, mas, por outro, ainda não fora a nenhuma festa sóbrio, e muito menos a um *casamento*, cuja tradição era a de se ficar a beber o dia inteiro. Mas agora ele já andava limpo há quatro meses completos. Seria seguro? Podia confiar em si. Era muito pouco provável que algum dos seus antigos convivas fosse ao casamento de Daphne e Rita.

Olhou de novo para o que fora escrito naquele canto. *E acompanhante.* Quem poderia ele convidar a ir consigo? Qualquer uma das suas antigas namoradas o levaria a beber mais depressa do que se conseguia dizer «Saúde!». Mas ele não achava que fosse boa ideia ir sozinho. Precisava de levar alguém que o mantivesse no bom caminho.

Hazard sentou-se no seu sofá de couro creme, descalçou as botas e esticou os dedos dos pés, franzindo o nariz ao sentir o cheiro inconfundível de uns pés que haviam suado bastante. Tinha comprado um exemplar do *Evening*

Standard no caminho para casa, para poder ler o artigo sobre Julian. Havia uma fotografia dele no centro da página, olhando para longe com um ar melancólico, e nada parecido com o Julian que ele conhecia. A entrevista era exuberante, e abarcava a vida de Julian desde que este perdera a sua virgindade em Shepherd Market aos dezasseis anos com uma prostituta, paga pelo pai como presente de aniversário, até se tornar uma estrela das redes sociais aos setenta e nove. Incluía uma longa história sobre a grande amizade de Julian com Ralph Lauren, que – viera a saber-se – baseara toda uma coleção no excêntrico estilo inglês de Julian, após eles os dois terem andado em digressão pelos relvados, os *pubs* de aldeia e os campos de críquete de Dorset. Todos os dias se aprendia algo de novo sobre Julian.

CAPÍTULO 50

Riley

Quando Riley chegou ao Almirante, apenas Monica estava lá.
– Onde estão os outros? – perguntou-lhe. – Sei que Hazard está a terminar um jardim na Flood Street, mas julguei que os outros já cá estivessem.

Monica olhou para o relógio.

– São cinco e vinte. Se calhar não vem mais ninguém. Que estranho. Tanto quanto sei o Julian nunca falhou uma sexta-feira, exceto na véspera de Ano Novo. Mesmo quando mal conseguia sair de casa, ele disse que continuava a vir aqui todas as semanas. Espero que esteja bem.

Riley pegou no seu telemóvel e abriu a página de Julian no Instagram.

– Não te preocupes. Ele está mais do que bem. Olha.

– Ora esta, sabes que essa com quem ele aí está é a Kate Moss? E uma série de tipos da moda todos contentes, a beberem *mojitos* na Soho Farmhouse. Talvez ele tenha dito que ia sair da cidade – disse Monica, parecendo uma criança birrenta. Julian era adulto, afinal. Não precisava de lhes pedir autorização para ir sair com as celebridades ao fim de semana. – Ouve cá, por falar no Julian, percebi que temos uma aula de arte no dia 4 de março, que é o décimo quinto aniversário da morte de Mary. Achei que Julian poderia achar isso um pouco difícil, e lembrei-me que poderíamos organizar uma espécie de festa-surpresa memorial para ele. O que achas?

– Acho que és uma das pessoas mais atenciosas que já conheci – respondeu Riley, que nunca fora pessoa de se conter ou de fazer joguinhos. – E esperta. Como te lembras dessas datas? Eu mal consigo lembrar-me do meu aniversário.

Monica corou, o que a fez parecer menos assustadora, e muito atraente. E agora que não havia mais segredos entre eles, Riley sentia-se mais leve e mais parecido com o que era antes. Por isso, esticou-se e beijou-a.

Ela beijou-o também. Hesitante, mas era um começo.

– Sinto-me sempre um pouco estranha por trocar beijos num cemitério, e tu? – perguntou-lhe ela. Mas estava a sorrir.

– Algo me diz que o Almirante já viu muito pior ao longo dos anos – respondeu Riley, aproximando-se mais dela e colocando-lhe o braço em volta dos ombros. – Não achas que o Julian e a Mary devem ter, sabes como é – franziu as sobrancelhas – a certa altura ao longo dos anos. Nos loucos anos de 1960, se calhar?

– Ui, não! – disse Monica. – A Mary nunca teria feito tal coisa! Não num cemitério!

– Tu não a conheceste, Monica. Ela era parteira, não era uma santa. Talvez tivesse um lado maroto. Para se casar com Julian devia ter, com certeza?

Debruçou-se na direção de Monica, com a sua memória muscular a fundir de novo os corpos deles naquele quebra-cabeças familiar. Tentou beijá-la outra vez, mas ela repeliu-o, com suavidade mas com firmeza.

– Riley, eu já não estou zangada – disse-lhe ela. – Estou muito contente por sermos amigos. Mas qual seria o objetivo? Tu hás de partir em breve, por isso não faz muito sentido recomeçarmos isto, pois não?

– Monica, por que tudo tem de ter um *objetivo*? Por que tudo tem de fazer parte de um plano? Às vezes é melhor deixar as coisas crescerem naturalmente, como as flores silvestres. – Ficou bastante satisfeito com isso. Pareceu-lhe que estava a ser poético.

Em jeito de ilustração, Riley apontou para um grupo de perfeitas campânulas-brancas, que estavam a irromper através do solo gelado de fevereiro.

– Riley, isso é muito bonito – disse ela. – Mas eu não quero magoar-me outra vez envolvendo-me numa relação com um ponto final natural. A vida não é tão simples como a *jardinagem*!

– Não é? – perguntou Riley, que estava a ficar frustrado. Tudo aquilo lhe parecia muito óbvio. Ele gostava dela. Ela gostava dele. Qual era o problema? –

Por que não vemos apenas o que isto dá? Confia no instinto. Se não quiseres despedir-te em junho, poderás sempre vir comigo. – Logo que disse isso, percebeu que a ideia era brilhante. Seriam os perfeitos companheiros de viagem (com certas vantagens, esperava ele). Riley poderia encarregar-se da diversão, e ela da cultura.

– Eu não posso ir contigo – respondeu ela. – Tenho responsabilidades aqui. Tenho o meu negócio. Empregados, amigos, família. E o Julian? Vê só o que aconteceu na última vez em que o deixámos sozinho por alguns dias? Quase morreu de hipotermia.

– É *fácil*, Monica – disse Riley, que de facto pensava isso. Afinal, ele tinha deixado toda a sua vida do outro lado do mundo quase sem olhar para trás. – Arranjas outra pessoa para ficar a gerir o café durante alguns meses. Os teus amigos e familiares sentirão a tua falta, mas ficarão entusiasmados por tu estares a ter uma aventura, e quanto ao Julian... Ele parece ter recolhido centenas de milhares de novos «amigos» recentemente. Acho que não precisamos de nos preocupar com ele.

Monica tentou argumentar, mas Riley interrompeu-a.

– Quando foi a última vez que tu viste alguma coisa do mundo além de Fulham e de Chelsea? Quando foi a última vez que entraste num comboio só para veres onde era o fim da linha? Quando escolheste um prato com um nome exótico numa ementa, pelo prazer de comeres algo que não esperavas? Alguma vez fizeste sexo só porque *te apetecia*, e não como parte de algum plano de vida?

Monica ficou em silêncio. Talvez ele se tivesse feito entender.

– Ao menos vais pensar nisso, Monica? – perguntou-lhe ele.

– Sim. Sim, vou. Prometo.

Caminharam juntos em direção à saída do cemitério. Monica parou ao lado de uma lápide à sua esquerda, fez uma vénia com a cabeça e murmurou qualquer coisa baixinho. Devia ser o túmulo de algum parente. Ele foi ler a inscrição.

– Quem é Emmeline Pankhurst? – perguntou-lhe.

Ela lançou-lhe um daqueles olhares. Do tipo que ele não gostava. Mas não disse nada.

Muitas vezes, com Monica, ele sentia estar a reprovar num exame que não percebera que estava a fazer.

Monica

Monica tinha andado a pensar nisso. Muito. Gostara bastante da imagem que Riley lhe descrevera, e imaginava se *podia* ser aquela rapariga. Seria tarde de mais para ela viver a sua vida com um conjunto de regras diferente? Ou, a bem dizer, sem regra nenhuma?

Nunca tinha passado um ano sabático a viajar pela Europa. Estava demasiado interessada em chegar a Cambridge. Havia imensas cidades que ela adoraria ir visitar. E depois havia Riley – o homem mais lindo com quem ela jamais saíra, ou conhecera, sequer. E ele era muito atencioso e animador. Ir a qualquer lugar com Riley era como usar uns óculos cor-de-rosa – tudo parecia muito melhor.

Importava que ele nunca tivesse ouvido falar de Emmeline Pankhurst?

Ela não quisera prosseguir essa conversa, explicar-lhe que Emmeline era a mais famosa de todas as sufragistas, para o caso de se tornar evidente que Riley também nunca tinha ouvido falar das sufragistas. Isso já seria um pouco repelente.

Mas ele era *australiano*, lembrava-se. Talvez a história feminista não fosse grande coisa na Austrália. Eles tinham dado o voto às mulheres logo em 1902.

Avistou Hazard, sentado junto à Biblioteca numa grande mesa, que estava coberta de papéis.

– Veio outra vez trabalhar para aqui, Hazard? – perguntou-lhe.

– Oh, olá Monica! Sim. Espero que não se importe que eu ocupe tanto espaço. Acho um pouco solitário trabalhar em casa. Sinto falta da azáfama de um escritório. E em todo o caso, o café aqui é melhor.

– Esteja à sua vontade. Mas já estou quase a fechar. Pode ficar aí mais um pouco, enquanto eu trato das limpezas e fecho a caixa.

Monica esticou o pescoço para ver o que ocupava Hazard a tal ponto.

– Posso mostrar-lhe o que tenho andado a fazer? – perguntou-lhe ele. – Gostaria muito de conhecer a sua opinião. – Monica puxou uma cadeira. Ela adorava dar opiniões.

– Desenhei estes folhetos, veja, para a Aussie Gardeners. Distribuímos-los em quase todas as caixas de correio em Chelsea e Fulham. Demorou dias.

– Estão ótimos, Hazard – disse ela, de facto impressionada. – E tiveram boa resposta?

– Sim. E Alice publicou algumas fotografias do nosso trabalho no Insta, que despertaram muito interesse.

Monica pensou se teriam sido os trabalhadores, e não o trabalho, que haviam despertado tanto interesse, e a seguir repreendeu-se, com severidade. A objetificação sexual funcionava em ambos os sentidos.

– Tenho trabalho suficiente para me sustentar a mim, ao Riley, e aos cinco tipos australianos que o Riley está a ajudar-me a treinar, e estou ocupado para os próximos dois meses, pelo menos. E, se fizermos um bom trabalho, o boca-a-boca deve manter os projetos além disso.

– E já fez alguma previsão do rendimento e das despesas? – perguntou Monica. – Tem ideia de alguma margem de lucro a atingir?

– Sim, claro. Quer ver o meu plano de negócios? – perguntou-lhe Hazard. E ela queria, de facto. Havia poucas coisas de que Monica gostasse tanto como de um bom plano de negócios. E o de Hazard era, mesmo para o olhar crítico de Monica, um bom plano. Sugeriu-lhe alguns ajustes e melhorias, claro.

– Não se esqueça de que quando o seu volume de negócios ultrapassar oitenta e cinco mil libras, tem de se registar no IVA – disse-lhe Monica. – E já se registou na Conservatória Comercial?

– Não. É difícil fazer isso? – perguntou ele.

– De modo nenhum. Não se preocupe, eu mostro-lhe como é. – Monica percebeu que de facto começava a gostar de Hazard. Poderia tê-lo avaliado mal? Normalmente não acontecia.

– Ouça, Monica, tenho de lhe dizer uma coisa, acho que *nunca* tive uma conversa destas com uma mulher atraente. Apenas sobre negócios, está a perceber, sem namoricos – disse Hazard.

Uma mulher atraente? Monica achou que deveria montar o seu cavalo feminista, mas não estava para isso. Apreciar aquelas palavras torná-la-ia superficial?

– Por falar em eventos sociais – disse Hazard, o que foi estranho, porque não tinham falado disso. Tinham estado a conversar sobre folhas de cálculo do Excel, e Monica estivera a explicar-lhe as diversas vantagens da codificação por cores. – Na semana passada recebi um convite para ir a um casamento. É uma grande história de amor... entre Rita e Daphne, que eu conheci na Tailândia. Ambas na casa dos sessenta anos e, tanto quanto sei, novas em toda a cena lésbica.

– Ah, isso é adorável. Um novo começo na vida. O Riley também vai? – Monica ficou a pensar se Riley iria convidá-la.

– Não. Ele só esteve em Panam durante dois ou três dias, por isso não chegou a conhecê-las. Aahh, não sei se gostaria de vir comigo, gostaria? – disse ele, apanhando-a de surpresa, a tal ponto que ela ficou sem saber o que dizer. Porquê ela? – Está a ver – continuou ele, como se lhe tivesse lido os pensamentos. – Eu sinto que estou em dívida para consigo. Não apenas pelos conselhos de negócios, mas por me ter mantido distraído lá em Koh Panam.

Monica sentiu crescer dentro de si aquela irritação familiar. Tinha começado a esquecer-se de como tudo aquilo tinha sido um joguinho para Hazard enquanto ele se enfastiava entre massagens e sessões de meditação orientadas no seu *spa*. Agora já se recordava. Por mais que adorasse um bom casamento, Monica não conseguia deixar de pensar que passar demasiado tempo com Hazard poderia colocar imensa pressão na recente e frágil amizade deles.

– Digo-lhe uma coisa – proferiu Hazard, antes que ela pudesse recusar educadamente. – Joga gamão? Podíamos jogar por isso. Se eu ganhar, vem comigo ao casamento, se vencer, não precisa. A menos que queira, claro.

– Está bem – disse Monica. – Vamos a isso. – Nunca ninguém a derrotara no gamão, e isso poupá-la-ia a ter de tomar uma decisão, fosse qual fosse, por enquanto.

O café de Monica tinha uma prateleira de jogos para os clientes, que podiam optar por xadrez, damas, *Trivial Pursuit*, *Scrabble* e, claro, gamão, além de

alguns clássicos favoritos para as crianças.

– Tenho tentado ensinar o Riley a jogar – disse Monica, enquanto montavam o tabuleiro – mas ele prefere o Monopólio.

Monica foi a primeira a lançar os dados. Seis e um. Essa era uma das suas aberturas preferidas. Havia apenas uma maneira razoável de efetuar essa jogada – bloquear a sua casa sete. O que ela fez.

– Estou muito contente por ter feito isso – disse Hazard, quase entredentes.

– Porquê? – perguntou ela. – É uma boa jogada. A única jogada para esse lançamento, na minha opinião.

– Eu sei – respondeu ele. – Mas fez-me lembrar a última vez que joguei. Foi com um sueco na Tailândia. Ele não era um bom oponente.

Continuaram a jogar, em silenciosa concentração, muito equilibrados, determinados. Estavam na reta final, quando Monica lançou uma combinação e viu de imediato que ela lhe permitiria enviar uma das peças de Hazard para a barra. Era o lançamento decisivo. Ele não iria recuperar daquilo.

Antes de analisar o que estava a fazer, Monica moveu uma peça diferente.

– Ah! – disse Hazard. – Perdeu a oportunidade de me levar para ali, Monica!

– Oh, não, como pude eu ser tão estúpida – respondeu Monica, batendo na testa com a palma da mão. Hazard lançou um duplo seis.

Afinal, parecia que ela teria de ir ao casamento...

CAPÍTULO 52

Alice

Alice tinha acabado de vestir *Bunty* com um lindo vestidinho cor-de-rosa e branco da @vintagestylebaby, e ela já estava pronta para a sessão fotográfica do dia, quando fez um cocó tão explosivo que até escapou dos confins da fralda e se lhe espalhou pelas costas, quase até ao pescoço.

Alice quase chorou. Pensou em fazer as fotografias mesmo assim. Podia enquadrar *Bunty* num ângulo em que as manchas de cocó cor de mostarda não aparecessem. Ninguém iria saber. Mas *Bunty* começava a objetar por estar sentada numa fralda suja, e pusera-se a uivar como uma louca. Outra vez.

Alice estava exausta. Durante a noite levantara-se de três em três horas. Sempre que ela conseguia dormir de novo, *Bunty* só lhe dava tempo suficiente para cair num sono mais profundo e a seguir – como se soubesse – berrava por mais serviço, como um cliente excessivamente convencido e descontente no Savoy.

Trocou a fralda a *Bunty*, pegou nela ao colo e começou a levá-la para a cozinha. Talvez a cafeína ajudasse?

Sempre que Alice descia as escadas com a sua bebé ao colo, tinha a mesma visão. Imaginava-se a tropeçar e a cair pelos degraus cobertos de ervas marinhas. Na versão um, mantinha *Bunty* abraçada junto ao seu peito, e depois aterrava lá no fundo, esmagando a vida dela. Na versão dois, largava *Bunty* quando caía, e depois via a cabeça de *Bunty* bater na parede e a menina cair no chão já sem vida.

Será que as outras mães passavam o tempo todo a imaginar as várias maneiras em que poderiam matar por acidente os seus bebés? Adormecer enquanto os amamentavam e sufocá-los até à morte? Conduzir muito cansada e chocar contra um candeeiro, amassando como uma concertina a parte de

trás do carro, onde estava a cadeira da bebé? Não perceber que ela tinha engolido uma moeda de dois cêntimos, caída no chão, e ficara com o rosto azul?

Alice não era adulta o suficiente nem responsável para manter vivo um outro ser humano. Como podiam eles tê-la deixado sair do hospital com uma bebé a sério nos braços sem lhe darem um manual de instruções? Isso não era estupidamente irresponsável? Claro, havia milhões de instruções na internet, mas todas se contradiziam umas às outras.

Até há pouco tempo, Alice tinha sido bastante bem-sucedida. Era diretora de contas de uma grande empresa de relações públicas, antes de se despedir quando estava grávida de seis meses para se tornar mãe a tempo inteiro e influenciadora nas redes sociais. Dirigira reuniões, fizera apresentações para centenas de pessoas e planeara campanhas globais. E, no entanto, estava a ser-lhe difícil lidar com uma pequena bebé.

E sentia-se *aborrecida*. A repetição interminável de amamentar a bebé, mudar a fralda à bebé, carregar a máquina de lavar louça, estender as roupas, limpar as superfícies, ler histórias e empurrar balouços, estava a fazer-lhe mal à cabeça. Mas não podia contar isso a ninguém. Como a @aliceinwonderland, com a sua vida perfeita, invejável e inspiradora, iria confessar que, ainda que a amasse mais do que à própria vida, muitas vezes não gostava assim tanto da @babybunty? Na verdade, não gostava assim tanto da sua vida. Tinha a certeza de que *Bunty* também não gostava muito de si. E quem poderia culpá-la?

Alice empurrou uma pilha de revistas para fora da poltrona que estava ao canto da cozinha, arranjando espaço para *Bunty* se sentar enquanto ela punha a chaleira ao lume e ia buscar o leite ao frigorífico.

Ouviu um grito terrível. *Bunty* tinha conseguido atirar-se, de cabeça, para fora da poltrona e caíra no duro chão da cozinha. Alice precipitou-se para ela, verificando se havia alguma mazela evidente. Felizmente, aterrara de cabeça sobre um exemplar da *Parenting Magazine*, que lhe amortecera a queda. Ao menos as revistas para pais eram boas para alguma coisa.

Bunty fitou-a, comunicando ainda com mais clareza sem usar palavras: *Que tipo de mãe inútil és tu? Por favor, posso trocar-te por outra? Não pedi para ser tratada por uma imbecil como tu.*

A campainha tocou. Alice caminhou até à porta da frente como um autómato, ou um avatar da mulher conhecida como Alice, deixando *Bunty* ainda a gritar no chão da cozinha. Olhou, sem dizer nada, para a sua visitante. Não conseguia entender o que estava ela a fazer ali. Ter-se-ia esquecido de alguma combinação? Era Lizzie, uma das voluntárias da Ajuda da Mãe.

– Anda cá, minha patinha. Dá-me um abraço – disse ela. – Eu sei muito bem como te estás a sentir, e por isso vim dar-te uma ajuda com a *Bunty*. – Antes que tivesse oportunidade de pensar *como* Lizzie sabia tão bem como ela se estava a sentir, foi sufocada num peito gigante que parecia um travesseiro.

Alice, pela primeira vez desde que trouxera *Bunty* para casa, chorou e chorou, até a blusa floral de Lizzie ficar encharcada em lágrimas.

CAPÍTULO 53

Lizzie

Lizzie adorava o seu emprego a meio tempo na Ajuda da Mãe, embora lhe chegasse apenas para pagar as despesas. Tinha feito sessenta e cinco anos no ano anterior, e estava reformada, mas ficar em casa só a deixava gorda e lenta, e Jack, o marido, andava a pô-la louca, pelo que os dois dias que passava ali eram os seus preferidos da semana.

Lizzie tinha tratado de crianças durante a vida inteira – primeiro como a mais velha de seis irmãos, depois como ama, mãe do seu rancho de cinco filhos e, mais recentemente, como enfermeira de maternidade, que era passada, por boca-a-boca, de uma elegante e privilegiada nova mãe de Chelsea ou Kensington para outra. «A Lizzie é uma querida absoluta! Enviada por Deus!», diziam elas. «O sal da terra!», como se isso *significasse* algo mais do que *ela não é como nós, sabe, mas com certeza poderá confiar que ela não lhe vai fanar as pratas.*

Tinha acabado de devolver as crianças todas aos seus vários cuidadores, incluindo a pequena Elsa, que trazia sempre o nariz a pingar e as unhas sujas, e cuja mãe estava, como sempre, mais de meia hora atrasada. Era um pouco confuso, mas estavam lá inscritas três Elsas. Aquele filme, o *Frozen*, tinha uma grande responsabilidade nisso.

Lizzie foi tirar o seu casaco do cabide no corredor e notou que, no chão, mesmo por baixo do cabide, estava um caderno de exercícios verde-claro, como aqueles em que os filhos dela tinham feito a aritmética. Devia ter caído do casaco ou do saco de alguém. Apanhou-o. Na capa estava escrito *O Projeto da Aritmética*. Guardou-o na sua mala de mão. Alguém haveria de lhe perguntar por ele no dia seguinte.

PASSARAM ALGUNS DIAS até que Lizzie pensasse de novo no tal caderno de matemática. Tinha perguntado a várias mães se algum dos filhos delas dera pela falta do caderno, e continuara a trazê-lo consigo, na esperança de que alguém o reclamasse, mas ninguém o fez. Então, quando estava a gozar um merecido descanso com a sua caneca de chá, tirou-o da mala e mirou-o. Não dizia nada «aritmética», ela não usara os seus óculos de leitura, e por isso lera mal. Dizia *O Projeto da Autenticidade*. Que diabo significava isso? Folheou as páginas. Não havia nenhuma daquelas contas que ela esperava ver, em vez disso várias pessoas diferentes tinham escrito naquele caderno.

Lizzie sentiu um maravilhoso formigueiro de antecipação. Sempre fora coscuvilheira. Era uma das melhores coisas em se ser ama ou enfermeira numa maternidade – podia-se ficar a saber todo o tipo de coisas a respeito de uma pessoa dando uma boa espreitadela à gaveta em que ela guardava as cuecas. Seria de pensar que as pessoas tentariam ser um pouco mais inventivas com os seus esconderijos. E este caderno parecia conter *segredos*. Como um diário, se calhar. Ela nunca fazia nada com as informações que recolhia. Orgulhava-se de ser honrada e decente. Mas achava as outras pessoas fascinantes, apenas isso. Recostou-se e começou a ler.

Até que ponto conhece bem as pessoas que moram perto de si? Até que ponto elas o conhecem a si? Sabe ao menos o nome dos seus vizinhos? Ah! Na verdade, Lizzie conhecia todos os seus vizinhos. Sabia os nomes deles, os nomes dos filhos e os nomes dos gatos. Sabia quem não fazia a reciclagem adequadamente, sabia quem tinha mais discussões conjugais, sabia quem andava a ter um caso e quem passava demasiado tempo nas casas de apostas. Sabia muito mais sobre todos eles do que eles gostariam que ela soubesse. Ela era, sabia disso, conhecida por espreitar por trás das cortinas. Mas ao menos era popular junto da Vigilância do Bairro.

Julian Jessop.

Às vezes ela ouvia um nome e as paredes ruíam, como numa mudança de cenário no teatro, sentia-se transportada de volta para outra época, e agora estava em 1970, na King's Road, com a sua amiga Mandy. Naquela época passavam tanto tempo juntas que eram conhecidas como *Lizandmandy*.

Tinham quinze anos e vestiam-se sobretudo com minissaias, com os cabelos penteados para trás e os olhos orlados de rímel preto.

Estavam a olhar pela montra do fabuloso estúdio de Mary Quant, quando um grupo de pessoas, com vinte e tal ou trinta anos, aparecera a caminhar em direção a elas. Eram *impossivelmente* glamorosos. Os três homens usavam as mais recentes calças em boca de sino, e a rapariga um minivestido, cuja bainha estava vários centímetros mais acima das coxas que as delas, um casaco de peles e os *pés descalços*. Em público! O cabelo dela caía-lhe até à cintura em madeixas desgrenhadas, como se tivesse acabado de sair da cama. Lizzie tinha a certeza de que, se ela se aproximasse o suficiente de si, cheiraria a sexo. Não que Lizzie nessa época soubesse qual era o cheiro do sexo, mas imaginava que seria um pouco parecido com o das *sardinhas em lata*. Um dos homens até trazia um papagaio autêntico empoleirado no ombro.

Lizzie apercebera-se de que tinha ficado de boca aberta.

– Bolas, Lizzie, sabes quem eram aqueles? – disse-lhe Mandy. E logo a seguir, sem esperar pela resposta: – Era o David Bailey, o fotógrafo, e o Julian Jessop, o artista. Não estavam lindos? Viste que o Julian piscou o olho para mim? Piscou mesmo, eu juro que piscou.

Até esse dia, Lizzie nunca tinha ouvido falar de Julian (embora não tivesse dito tal coisa a Mandy, não queria dar a Mandy mais motivos para que ela se considerasse a mais moderna das duas), mas vira o nome dele várias vezes nos anos seguintes, nas colunas de mexericos. Contudo, já não ouvia falar dele há décadas. Caso tivesse mesmo pensado nele, teria julgado que morreria, de alguma maneira trágica mas fascinante, como uma sobredose de drogas ou alguma doença venérea. Porém, ali estava ele, ainda a morar ao fundo da rua, e a escrever num caderninho que alguém fizera vir parar ao seu colo.

Monica. Lizzie também a conhecia – tinha ido uma ou duas vezes ao café dela tomar uma chávena de chá e comer uma fatia de bolo quando se sentia irritada. Tinha gostado de Monica porque, embora fosse evidente que estava atarefada, parara aquilo que estava a fazer para conversar. Tinham falado da biblioteca local, se ela bem se lembrava, e de como aquilo era uma dádiva para toda a comunidade.

Sabia muito bem qual era o problema de Monica. Hoje em dia as mulheres novas eram muito picuinhas. No tempo dela, entendiam a necessidade de assentar. Encontrava-se um rapaz, com a idade certa, em geral alguém cujos pais os nossos pais conhecessem e que morasse perto, e casavam-se. Ele poderia muito bem enfiar os dedos no nariz enquanto conduzia, ou gastar a maior parte do dinheiro da casa no *pub*, ou não fazer ideia de onde se encontrava um clitóris, mas uma pessoa percebia que também não era perfeita, e um marido medianamente bom era melhor do que marido nenhum. O problema de toda esta nova tecnologia era que as pessoas tinham tanto por onde escolher que não conseguiam tomar uma decisão. Continuavam a procurar, a procurar, até que um dia percebiam que todos os seus ovos já tinham fervido. Monica devia parar de andar para ali com rodeios e resolver o assunto.

Caraças. A pausa dela para o chá já terminara. Estava mortinha por ler mais, mas isso teria de esperar.

– O QUE ESTÁS para aí a ler, Liz? – perguntou Jack. Aquilo saiu-lhe um pouco mastigado, enquanto ele tentava extrair um pedaço de frango de um dos molares com o dedo indicador. Não era de admirar que ela não o beijasse na boca há anos. Hoje em dia, quando passava por ele, costumava dar-lhe só uma beijoca no alto da cabeça, onde já havia uma grande careca, como se fosse uma pista de aterragem para helicópteros.

– É só um caderno lá do emprego – respondeu-lhe ela, de forma vaga. Estava a ler a história de Hazard. A esse também o conhecia. Presumivelmente não poderiam existir dois rapazes de Fulham com o apelido Hazard, em cujo caso ele tinha voltado da Tailândia e estava a trabalhar no jardim da Ajuda da Mãe. Era bastante atraente, apesar da barba. Por norma Lizzie não queria ter nada a ver com homens barbudos. Ou seja, o que tinham para esconder? Além do queixo.

Não o julgava por toda aquela coisa do vício. Sabia como essas coisas podiam meter-se numa pessoa. Já tinha passado por uma fase em que apreciava demasiado o xerez da cozinha, para nem falar das raspadinhas, e o Jack continuava a fumar vinte *John Player Specials* por dia, o que dava uma

grande despesa, e ignorava aquelas horrendas fotografias de pulmões enegrecidos que vinham estampadas nos maços.

Riley parecia ser um querido, tadinho daquele rapaz confuso. Também o conhecia. Era um daqueles lindos rapazes australianos que trabalhavam com Hazard. Estava morta por descobrir se Hazard continuava a não beber, se Julian andava a dar aulas de arte e se Riley tinha resolvido as coisas com Monica. Isto era melhor que o *EastEnders*.

Ainda havia mais uma história para ler. Quem vinha a seguir? Ia guardar essa para o intervalo do dia seguinte.

LIZZIE ESTAVA A PREPARAR-SE para o chá perfeito na sala do pessoal: um pacotinho de *PG Tips*, dois biscoitos *Jammy Dodgers*, o programa Steve Wright à Tarde a passar na Rádio 2 e um caderno que continha os segredos de outras pessoas. Como diziam os seus filhos, o que há para não gostar? Acomodou-se na sua poltrona favorita e começou a ler.

Chamo-me Alice Campbell. Talvez me conheça como @ aliceinwonderland.

BINGO! Lizzie tinha uma sequência máxima. Conhecia todos os que apareciam no caderno. Além disso, sabia como o caderno tinha chegado ali. A Alice era aquela loura bonita que as tinha ajudado na recolha de fundos. Lembrava-se de o Archie, um dos mais pequenos, ter começado a brincar com o saco que Alice tinha deixado no corredor, por baixo dos casacos. Ele devia ter tirado de lá o caderno, e deixara-o no chão.

Lizzie ficava um pouco preocupada sempre que Alice aparecia na Ajuda da Mãe, por ela poder fazer com que as outras mães se sentissem inadequadas. Aparecia sempre muito bem vestida, controlando tudo de forma evidente, e era muito diferente das mães que elas ajudavam, as quais eram caóticas e viviam com dificuldades. Embora Lizzie se pusesse a pensar até que ponto aquela atitude de Alice era uma fachada. Às vezes a pronúncia dela, bem modulada e correta, resvalava um pouco, revelando tons muito mais coloridos e acessíveis. Continuou a ler.

No entanto, se for um dos meus seguidores, na verdade não me conhece, porque a minha vida real e aquela vida perfeita que vê estão a divergir cada vez mais. Quanto mais transtornada fica a minha vida, mais eu anseio pelos «gostos» nas redes sociais para me convencer de que está tudo bem.

Eu costumava ser a Alice, a rapariga bem-sucedida nas relações públicas.

Agora sou a mulher do Max, ou a mãe da *Bunty* ou a @aliceinwonderland. Parece que toda a gente tem um pedaço de mim, exceto eu.

Estou cansada. Cansada das noites sem dormir, da amamentação, da mudança de fraldas, das limpezas e das lavagens. Cansada de passar horas a documentar a vida que gostaria de ter, e de responder a mensagens de estranhos que pensam que me conhecem.

Adoro a minha bebé mais do que alguma vez julguei ser possível, mas todos os dias a dececiono. Ela merece uma mãe que se sinta grata pela vida que partilha, e não uma que está sempre a tentar fugir para um mundo virtual que é muito mais bonito e mais maneável do que o real.

Gostaria de poder contar a alguém como me sinto, que às vezes me sento no círculo das aulas da Monkey Music e só me apetece dar um soco naquele estúpido pandeiro cor-de-rosa. Ainda ontem, na Water Babies, senti uma vontade quase incontrolável de me deixar cair para o fundo da piscina e respirar fundo. Mas como posso eu confessar que a @aliceinwonderland é apenas uma farsa?

E se eu não sou ela, então quem sou?

Oh, a Alice. Ainda antes de a depressão pós-parto se tornar oficialmente «uma coisa», já as mulheres da família e do círculo social de Lizzie lhe conheciam os sinais. Nos tempos em que Lizzie tivera o seu primeiro bebé, todos os avós, tias, tios, padrinhos e amigos se reuniam à volta de uma nova mãe. Ajudavam-na a tratar do bebé, cozinhavam para ela e auxiliavam-na nas tarefas domésticas, o que ajudava a aliviar o choque físico, emocional e hormonal do parto.

E ali estava Alice, a sentir que tinha de fazer tudo sozinha, e a esforçar-se desesperadamente para que isso parecesse perfeito.

Assim que o seu turno terminou, Lizzie foi procurar o endereço de Alice no livro de contactos. Do que a pequena Alice estava a precisar era de uma *professional*.

CAPÍTULO 54

Hazard

Hazard pedira emprestada a carrinha da Ajuda da Mãe para o resto do dia. Monica, descobrira ele, nunca tinha aprendido a conduzir, e passara a vida em Londres com a sua superabundância de opções de transportes públicos, mas, como a vila ficava a quilómetros de distância de qualquer estação de comboio, ele ia fazer de motorista. Uma das mães tinha colocado um grande letreiro na parte de trás que dizia CUIDADO COM O CONDUTOR, o que era hilariante. Não era nada.

Parou em cima do duplo traço amarelo à porta do café de Monica e apitou.

– Já chegou com os seus azares, Hazard? – perguntou-lhe Monica. *Essa* piada ainda nunca tinha ouvido. Soltou um vagaroso assobio de lobo.

– Monica, parece um ranúnculo amarelo! Um ranúnculo amarelo bastante *jeitoso!* – disse-lhe, enquanto ela se sentava no assento do passageiro ostentando um vestido amarelo garrido e um chapéu de aba larga a condizer. – Acho que nunca a tinha visto vestida com nada que não fosse preto, branco ou azul-marinho.

– Bom, às vezes eu gosto de me esforçar – respondeu ela, parecendo bastante contente, achou ele. – E olhe para si, todo elegante, vestido com um fraque. Até aparou essa barba, se não me engano. – Ela dissera «barba» de uma maneira que implicava umas aspas irónicas em suspenso. – Tome, trouxe café para a viagem. O seu é um grande, com leite gordo. Sei que não estou enganada – disse ela, apontando para o saco de papel castanho que tinha na mão.

– Certíssimo, muito obrigado – disse ele, estranhamente emocionado por ela se ter lembrado de como ele gostava do seu café. – E eu trouxe umas pastilhas de fruta da Rowntree. Coma as que quiser. Não se acanhe. Comprei

um pacote de tamanho familiar, daquelas que têm a forma de pequenos frutos. Sempre gostei dessas.

Quando entraram na autoestrada M3, descontraíram-se e começaram a trocar gracejos.

– Sente-se entusiasmada? – perguntou-lhe ele.

– Nem por isso. Acho os casamentos bastante deprimentes. O casamento é apenas um pedaço de papel, e as estatísticas do divórcio são chocantes. Um desperdício de tempo e de dinheiro, francamente.

– A sério? – perguntou ele, surpreendido.

– Não, a bem dizer claro que não! Leu a minha história, não leu? Não há nada de que eu goste mais do que um fim feliz e um bom casamento à moda antiga.

Então, a propósito de nada, de repente Monica disse:

– Hazard. Desculpe tê-lo tratado tão mal quando chegou. Eu estava envergonhada. E pensei que era apenas um garoto preguiçoso dos fundos fiduciários que gostava de se intrometer na vida das outras pessoas, e se sentia superior.

– Ena. Não admira que me odiasse – disse Hazard. – Na verdade, sempre ganhei o meu dinheiro. Os meus pais são da classe média tradicional, mas gastaram cada tostão das suas economias para me enviar para uma escola particular finória, onde fui provocado sem piedade por ser o único miúdo cuja casa tinha um número de porta em vez de um nome, e que virava à direita num avião, e não à esquerda.

– Então, o que fazia antes do negócio da jardinagem? – perguntou Monica.

– Estava na finança. Como corretor. Agora suspeito que escolhi essa carreira porque estava farto de ser sempre a pessoa menos rica da sala. Acho que não leu a minha história no caderno, ou leu? O Riley não lhe contou?

– Não, é muito sensível nesses assuntos, o Riley. Ele deixaria que fosse você a contar-me. Então, o que *escreveu*, se não se importa que pergunte? Afinal, leu a *minha* história.

– Mmm, escrevi sobre como estava farto da finança, que ia tirar algum tempo para arrumar as minhas ideias, e que queria encontrar uma carreira que fosse mais gratificante e me fizesse sentir realizado – disse-lhe, o que era a

verdade absoluta, mas decerto não era *toda* a verdade. Havia um elefante enorme dentro daquela carrinha, sentado entre eles e a esmagar a alavanca de mudanças. Monica, porém, era a última pessoa no mundo com quem ele queria discutir o seu vício. Ela era muito decente, asseada e luminosa, e falar sobre tudo aquilo era muito sujo. Monica fazia-o sentir-se uma pessoa melhor, e ele não queria lembrar-se de que não o era. Suspeitava que ela nunca tinha dado uma passa num charro. E ainda bem para ela.

– E agora já tem! Juro que aquele caderno faz magias. Veja o Julian, com todas as suas centenas de novos amigos, e você, com um novo negócio de êxito. Estou muito impressionada com a maneira como montou isso tão depressa. Fez um ótimo trabalho.

Hazard refulgiu de orgulho. Não estava habituado a sentir-se bem consigo mesmo, nem a ser elogiado por outras pessoas.

– Bom, eu tenho tentado fazer as coisas corretamente, pela primeira vez. Como você faz. É uma boa mulher de negócios... criativa, trabalhadora e uma excelente patroa. Além disso, tem princípios. – Estaria ele a exagerar um pouco? Hazard dava sempre por si a esforçar-se de mais com Monica. Não sabia bem porquê. Não era seu hábito.

– Como assim? – perguntou Monica.

– Bom, por exemplo, se algum cliente a deixa muito irritada, cospe na comida dele? Só para se vingar? – perguntou-lhe Hazard. Monica ficou horrorizada.

– Claro que não! Isso seria anti-higiênico, e com certeza ilegal. Se não é ilegal, devia ser.

– E se deixar cair alguma comida no chão da cozinha, mas ela ficar voltada para cima, torna a colocá-la de volta no prato ou deita-a fora?

– Não se pode voltar a pôr no prato comida que caiu ao chão! Pense nas bactérias – disse Monica.

– Está a ver. Você tem princípios.

– Você não tem? – perguntou ela.

– Oh, sim, claro que tenho. Mas são *baixos*. Pouco acima do chão.

– Hazard – disse Monica, olhando para o velocímetro –, vai bastante acima do limite de velocidade.

– Ups, desculpe – respondeu ele, pisando ligeiramente o pedal do travão. – Receio bem que tenho um pequenino problema com as *regras*. Mostra-me uma regra, e apetece-me logo quebrá-la. Nunca me mantive dentro do limite de velocidade em sentido literal ou metafórico.

– Nós de facto somos opostos, não somos? – perguntou Monica. – Cá por mim, eu adoro uma boa regra.

– Carro amarelo – disse Hazard, enquanto ultrapassava um garrido *Peugeot* 205. Monica olhou para ele, perplexa.

– A sua família nunca jogou ao «carro amarelo»? – perguntou-lhe ele.

– Mmm, não. Como se joga?

– Bom, sempre que se vê um carro amarelo, diz-se «carro amarelo» – explicou Hazard.

– E como se ganha? – perguntou Monica.

– Na verdade nunca ninguém ganha – disse ele – porque o jogo nunca acaba. Isto continua para sempre.

– Não é lá muito estimulante do ponto de vista intelectual, pois não? – perguntou Monica.

– Bom, então como se divertiam nas viagens de carro em família? – perguntou Hazard.

– Eu tinha um caderno, e ia anotando as matrículas dos carros quando passávamos por eles – disse ela.

– Porquê? – perguntou Hazard.

– Para o caso de voltar a ver o mesmo.

– E viu?

– Não – disse ela.

– Bom, acho que vou ficar com o carro amarelo, obrigado. Então, *O Projeto da Autenticidade* também fez magia para si?

– Mmm, sim – respondeu ela. – De certa forma, salvou a minha empresa. A criação da aula de arte levou a muitos outros eventos noturnos semanais, e na sequência disso a Alice e o Julian continuam a mostrar o café no Instagram e a trazer-me imensos clientes novos. Talvez venha a contratar mais um funcionário. Antes de encontrar o caderno eu achava que o banco iria tirar-me o tapete e que eu iria perder o café, com as poupanças da minha vida.

– Isso é incrível – disse ele. E a seguir, num tom mais hesitante: – E o caderno também resolveu a sua vida amorosa? Está tudo bem agora entre si e o Riley? – Esperava que ela não o achasse muito intrometido.

– Bom, estamos apenas a tocar de ouvido. A ir com a maré. A ver o que acontece – disse ela.

– Não me leve a mal – disse Hazard – mas nunca associei nenhuma dessas expressões a si.

– Eu sei, não é? – respondeu ela com um sorriso. – Estou a tentar ser mais descontraída. Devo dizer que é um desafio.

– Mas o Riley vai-se embora daqui a poucos meses, não é? – disse Hazard. – No início de junho?

– Sim, mas pedi-me para ir com ele – disse ela.

– E você vai? – perguntou Hazard.

– Sabe, de momento não faço ideia nenhuma, o que é uma situação muito invulgar para mim – respondeu ela.

– Deve ser muito fácil ser o Riley – disse Hazard.

– Porquê?

– Você sabe, andar pela vida de uma maneira muito feliz e satisfeita, vendo tudo de maneira muito simples e bidimensional – disse Hazard. – Carro amarelo.

– Eu sei que a sua intenção não era essa, mas faz com que ele pareça um imbecil – disse Monica. E a intenção dele não era essa, claro que não era.

Monica descalçou os sapatos de salto alto e apoiou os seus pés estreitos no *tablier*. Esse simples movimento casual mostrou a Hazard como ela havia mudado.

– Eu mudei bastante desde que conheci o Riley – disse ela, como se lhe tivesse lido os pensamentos.

– Bom, não mude de mais, está bem? – disse Hazard. Monica não disse nada.

Continuaram a rolar durante mais uma hora, as estradas foram-se tornando mais estreitas e menos movimentadas, e o cimento deu lugar à natureza.

– Ouça, segundo o Google Maps chegámos ao nosso destino! – disse Monica, enquanto eles penetravam no tipo de vila bem ordenada que daria

paroxismos de emoção a qualquer investigador de locais de rodagem para Hollywood. Os sinos tocavam alegremente na igreja de pedra cor de mel. – Eu julgava que a Igreja ainda não celebrava casamentos *gay*.

– Não celebram, mas elas fizeram o casamento civil ontem na conservatória, e isto é uma bênção. Imagino que parecerá tal e qual um casamento tradicional, com algumas palavras diferentes – respondeu ele.

Estacionaram o veículo e seguiram a multidão bem vestida em direção à entrada da igreja.

Monica

Monica parou junto aos sanitários portáteis antes de entrar na festa do casamento, para verificar se não havia rímel a escorrer-lhe pelo rosto. Tinha choramingado um bocadito na igreja ao ver as duas noivas, ambas com vestidos brancos até ao chão. Os casamentos deixavam-na sempre assim, até os de pessoas que ela não conhecia. Eram lágrimas de felicidade pelo casal, claro, mas ela sentia-se desconfortavelmente consciente de que também havia ali misturado um pouquinho de inveja e de arrependimento.

Hazard estava à espera dela quando saiu, e caminharam juntos até à grande tenda da receção. A entrada estava enfeitada com rosas brancas e, de ambos os lados, havia um empregado segurando uma bandeja de prata com taças de champanhe. Monica e Hazard tiraram uma para cada um.

– Pensava que o Riley me tinha dito que deixou de beber enquanto estava lá na Tailândia – disse-lhe Monica. Ou teria sido Alice que lhe contara isso? Em todo o caso, ela tinha a certeza de que alguém lho contara.

– Ah, sim, pois deixei – respondeu Hazard. – Eu andava a beber *de mais*. Mas não é como se eu fosse um *alcoólico*, ou algo assim. Posso tomar só uma ou duas bebidas, em ocasiões especiais. Como esta. Hoje em dia eu só quero moderação.

– Muito bem – respondeu Monica, a qual achava que o autodomínio era uma forma de arte subestimada. Estava a gostar cada vez mais de Hazard. – Não se esqueça que tem de nos levar para casa, está bem?

– Claro que não – disse Hazard. – Mas ainda faltam várias horas para partirmos, e seria má educação não participar na festa, não acha? – E, erguendo o seu copo para ela, sorveu um grande gole. – O que acha da ementa para o jantar? Frango ou peixe?

– A julgar pela audiência, aposto no peixe. Salmão escalfado – respondeu ela.

Monica estava a divertir-se. Hazard manteve um histérico e ininterrupto comentário sobre todos os outros convidados, muito embora não conhecesse nenhum deles – à exceção de Roderick e das noivas. Partilharam histórias de casamentos em que haviam participado no passado, tanto as maravilhosamente românticas como as desastrosas.

Era muito mais relaxante sair com alguém sem ter de estar a namorar. Em todos os casamentos anteriores a que ela assistira, a sua imaginação começava a acelerar o relacionamento em que se encontrava nessa época. Fazia anotações mentais sobre como seria diferente o seu casamento, quais das suas parentes poderiam vir a servir como damas de honor fotogénicas (mas não demasiado fotogénicas) e quem poderia ela escolher para padrinho. Tinha-o olhado de soslaio durante a cerimónia religiosa, para ver se também ele se sentia dominado pela emoção e tinha os mesmos pensamentos que ela.

Mas, com Hazard, aquilo era só... diversão. Ela estava muitíssimo satisfeita por ter vindo.

Sentaram-se à mesma mesa ao jantar, embora fosse uma mesa enorme e redonda que tinha um gigantesco aparato floral no meio, pelo que Monica não conseguia falar com Hazard e só podia vê-lo se esticasse o pescoço à volta das flores. Havia uma ementa do jantar no centro. Salmão escalfado. Ela adorava ter razão. Chamou a atenção dele, apontou para a ementa e piscou-lhe o olho.

A refeição parecia nunca mais terminar, pois cada prato era entremeado por discursos. Monica ia convivendo o melhor que podia com os homens sentados ao seu lado, mas depressa começou a ficar sem conversa. Tinham passado pelas partes de saber se cada um deles conheceu o feliz casal, se a cerimónia não tinha sido maravilhosa e de como os preços da habitação em Londres estavam astronómicos, e a seguir calaram-se.

Ela começava a ficar cada vez mais preocupada com Hazard, porque tinha a certeza de que ele pedira um copo de vinho branco a um empregado, e a seguir um copo de vinho tinto, e parecia que eles lhe iam enchendo os dois copos com regularidade. Tentou chamar-lhe a atenção, lançar-lhe um olhar significativo e lembrar-lhe a viagem de volta para casa, mas ele parecia evitar

de propósito o seu olhar. As raparigas que o ladeavam estavam sempre a atirar a cabeça para trás e a rirem-se ruidosamente. Uma delas parecia ter uma mão pousada na coxa dele. Ele estava a ser *divertidíssimo*. Mas aquela atitude não era nada divertida. Era irresponsável e egoísta.

Quando a refeição ficou concluída e as pessoas começaram a afastar-se das mesas, Monica foi sentar-se numa cadeira vazia ao pé de Hazard, levando consigo o copo de água com gás, como se quisesse provar qualquer coisa.

– Hazard – sussurrou-lhe –, você tem de nos levar para casa, e não de se *embebedar*.

– Ó Monica, não seja tão desmancha-prazeres. Isto é um *casamento*. É suposto que as pessoas se embebedem. É para isso que servem os casamentos. Solte o cabelo uma vez na vida. Viva um pouco – disse-lhe ele, esvaziando outro copo de vinho. – Monica, esta aqui é a... – disse ele, acenando na direção da loura que estava sentada ao seu lado, com uns lábios que de certeza haviam sido injetados com qualquer coisa artificial. E nunca ouvira o conselho de modista quanto a mostrar apenas as pernas *ou* o decote.

– Annabel – disse a loura, concluindo a frase dele. – Olá. – Como era possível demorar tanto tempo a dizer uma palavra de duas sílabas? Acenou para Monica só com as pontas dos dedos, como se ela não merecesse uma mão inteira. – Hazard? Tenho daquilo na minha malinha, se quiseres ir dar um cheirinho rápido? – disse ela, sem se dar ao incómodo de esconder a conversa de Monica, ou de a incluir. Julgaria ela que Monica era demasiado retrógrada para usar drogas? Bom, até era, mas não era isso que estava em causa.

– Isso é que é falar, minha linda – disse Hazard, empurrando a cadeira para trás e pondo-se em pé, de uma forma bastante instável. – Vou atrás de ti, além disso assim tenho oportunidade para apreciar o teu belo traseiro.

– Hazard! – gritou Monica. – Está a portar-se como um asno. Não seja tão idiota!

– Oh, foda-se, Monica, pare de ser tão chata. Por que não vai descontraír para uma retrosaria? Você não é minha mãe, nem minha mulher, nem minha namorada. E obrigadinho pelas pequenas mercês. – Abalou dali, serpenteando entre a multidão atrás do vasto traseiro de Annabel, como um rato a seguir o Flautista Mágico. Annabel lançou um olhar a Monica por cima do ombro,

sacudiu a cabeça e zurrou, com os lábios a abrirem-se para trás até revelarem uns dentes muito grandes.

Monica sentiu-se como se tivesse sido esbofeteada. Quem diabo era aquele tipo? Não era o Hazard que ela julgava conhecer? Depois lembrou-se. Talvez ele não fosse o Hazard que ela conhecera, mas era aquele que já tinha visto antes, aquele que esbarrara contra si na rua e lhe chamara *grande estúpida*. E *como* se atrevia ele a divulgar a sua obsessão por retrosarias? Tinha-se esquecido de escrever isso no caderno. Aquilo era um golpe baixo. Já não queria ficar mais tempo ali. Só lhe apetecia ir para casa. Monica tirou o telemóvel da bolsa, procurou um canto sossegado ao fundo da tenda e ligou para Riley.

Por favor atende, Riley, por favor atende.

– Monica! Estão a divertir-se por aí? – perguntou na sua voz maravilhosamente alegre.

– Não, na verdade não. Pelo menos eu não estou. O Hazard é que está a divertir-se imenso. Está entornado. E não abranda o ritmo. Não sei como vou chegar a casa. O Hazard está bêbedo de mais para conduzir, e eu não sei guiar. Não posso deixar a carrinha aqui. Vão precisar dela amanhã de manhã para um passeio. O que hei de fazer? – Monica detestava ter de pedir ajuda, e detestava ter de agir como uma donzela em apuros. Isso ia contra todos os seus princípios feministas. A mãe havia de estar a dar voltas no túmulo. Se alguma vez conseguisse sair desta maldita tenda, iria inscrever-se num curso de aulas de condução.

– Não te preocupes, Monica. Fica aí, eu apanho o comboio e vou aí buscar-te. Posso trazer-te a ti e à carrinha. Envia-me uma mensagem de texto com o endereço e eu meto-me num táxi quando sair da estação. Vou demorar algumas horas, mas a festa do casamento ainda vai continuar por um bom bocado, não é?

– Riley, eu não sei o que faria sem ti. Obrigado. Não faço ideia do que aconteceu ao Hazard. Eu nunca o vi assim – disse-lhe ela.

– Acho que é esse o problema quando se é viciado. Logo que se começa, não se consegue parar. E ele que andava a portar-se tão bem. Quase cinco meses, sóbrio – disse Riley. O estômago de Monica contorceu-se. Ela era uma idiota.

– Riley, eu não fazia ideia. Ele disse-me que sabia lidar com isso. Eu devia tê-lo impedido – disse ela.

– A culpa não é tua, Monica. Tenho a certeza de que ele te enganou deliberadamente. E se calhar a ele mesmo. Se alguém tem culpa, sou eu. Devia ter-te avisado para ficares de olho nele. Ainda assim, ao menos ele não anda outra vez a cheirar cocaína – disse Riley. Monica não respondeu nada. Pareceu-lhe que não valia a pena. – Olha, quanto mais depressa eu me for embora, mais depressa chego aí. Aguenta-te. – E desligou.

Por vezes, não há nada mais solitário do que uma sala cheia de pessoas. Monica sentia-se como uma criança, com o nariz encostado a uma janela, a espreitar uma festa da qual não fazia parte. Hazard estava a dançar, de forma espalhafatosa, no centro da pista de dança, com as mulheres coladas a ele como aquelas moscas no pavoroso papel mata-moscas de Julian. Sentiu um toque no seu ombro.

– Concede-me a próxima dança? – Era Roderick, o filho de Daphne. Hazard tinha-os apresentado na igreja.

Monica, que sempre achara indelicado recusar alguém que tivesse coragem para a convidar a dançar, acenou com a cabeça que sim, e deixou-se ser levada para a pista, onde Roderick, ignorando todas as convenções dos movimentos da dança moderna, a lançou numa versão desajeitada e enérgica do *rock and roll* dos anos de 1950. Isso deu-lhe variadas oportunidades para apoiar uma mão pegajosa nas costas, nos ombros ou nas nádegas dela. Sentiu-se como uma espalha-brasas numa exibição de ginástica.

Hazard, que estava a achar a situação dela divertidíssima, mostrou-lhe dois polegares erguidos com exagero no meio da multidão. Roderick inclinou-se e sussurrou-lhe ao ouvido, com um hálito quente e pegajoso, que cheirava a uísque misturado com merengue de morango.

– Então, você e o Hazard *andam juntos*? – perguntou-lhe ele.

– Meu Deus, não – respondeu Monica. Roderick interpretou essa óbvia veemência de sentimentos como uma luz verde, e apertou-lhe o traseiro com mais entusiasmo ainda.

RILEY ABRIU CAMINHO com cuidado entre a assistência que ia rareando, um intruso de pés firmes no meio de uma massa imprevisível. Monica era a única pessoa sentada junto a uma mesa grande e redonda, como se fosse a única sobrevivente de um naufrágio, que ficara encalhada numa ilha deserta. Hazard andava a circular pelas mesas como um tubarão, pegando nos copos de vinho abandonados e esvaziando-os.

– Riley! – gritou-lhe Monica, fazendo com que todos os circunstantes se virassem para trás e olhassem para o recém-chegado. Riley sorriu, e foi como se o Sol irrompesse através das nuvens de tempestade.

– Não sei dizer como estou contente por te ver – disse-lhe Monica.

Hazard

Era como regressar a casa. Hazard já se tinha esquecido de como gostava desta sensação. A partir daquele primeiro gole de champanhe, sentira o seu maxilar soltar-se, os ombros relaxarem e todas as irritações desvanecerem-se. Após meses a lidar com todas as emoções muitíssimo concentrado e em alta definição, a bebida cobrira tudo isso com um filtro difuso que tornava tudo mais suave, mais gentil e mais manobrável. Ele estava envolto num cobertor de penas de lassidão.

Quando acabara de beber o primeiro copo, já não conseguia lembrar-se por que lutara contra aquela sensação durante tanto tempo. Por que achara que a bebida era sua inimiga, quando era a sua melhor amiga?

No instante em que descobrira, quando iam na carrinha, que Monica desconhecia a extensão dos seus problemas de dependência, o pensamento começara a germinar: *se calhar, só hoje, já que é uma ocasião especial, eu podia tomar uma bebida. Só uma. Duas, no máximo. Afinal, já passaram meses. Eu agora estou melhor. Porto-me melhor. Consigo ser sensato. Não vai ser como antes. Eu sou uma pessoa diferente.*

Durante toda a cerimónia de casamento, esses pensamentos tinham ficado a pairar ininterruptamente na cabeça dele. Por isso, logo que haviam chegado à entrada da tenda, e encontrara ali espedado um empregado com taças de champanhe em cima de uma bandeja de prata, limitara-se a tirar uma. Como toda a gente. Como ele adorava essa ideia de que tinha sido como toda a gente. Dissera a Monica que não era «um alcoólico» e que era muito bom em moderação, como se ao dizê-lo em voz alta começasse a acreditar nisso. Afinal, os alcoólicos dormiam nos bancos dos parques, cheiravam a mijo e bebiam aguardentes feitas de álcool desnaturado, e ele não era assim, pois não?

Tinha bebido muito mais do que pretendia, mas isso não importava. Era só por hoje. Amanhã poderia voltar a comportar-se bem outra vez. Como era aquela expressão que a mãe dele usava sempre? *Mais vale ser enforcado por uma ovelha do que por um cordeiro*. Embora ela estivesse a referir-se nesse caso a mais uma fatia de bolo *Battenberg*.

Nessa base, a cocaína parecera-lhe uma oportunidade abençoada, e algumas linhas tinham acrescentado um certo torpor e certa uma onda de confiança e de invulnerabilidade à mistura. Ele era um super-herói. Reparou que também não tinha perdido nenhum do seu poder de atração. Estava em brasa. Este era o primeiro casamento a que ele assistia em que ainda não tinha dormido com pelo menos duas das damas da congregação. Talvez devesse corrigir isso.

Hazard avistou uma figura familiar. Pestanejou e esfregou os olhos, julgando que a sua mente lhe estava a pregar partidas. Isso era muito mais provável do que Riley estar mesmo ali. Afinal, ainda há pouco ele tinha confundido Monica com a sua mãe. Hazard riu-se. Mas *era mesmo* o Riley. Por que diabo surgira ele ali, e viera chover na parada de Hazard?

– Hazard, amigo, está na hora de irmos para casa – disse ele.

– Não me venhas com essa, Riley. Que raio estás a fazer aqui?

– Eu sou a cavalaria. Venho levar-te para casa.

– Bom, podes voltar a montar no teu maldito cavalo e podes-te a cavalgar para longe daqui. Eu estou a divertir-me com as minhas *novas amigas*. – E apontou para a não-sei-como-se-chama e para a outra.

– Olha, eu vou levar a Monica para casa. E a carrinha. E a festa já está a acabar, por isso, a menos que queiras passar a noite com as tuas *novas amigas*, sugiro que venhas connosco. Tu é que sabes, *amigo*. – Riley estava a mostrar-se um pouco irritado. Riley nunca se irritava. Monica, no entanto, estava *sempre* chateada, e agora plantara-se ao lado de Riley como se fosse a maldita mulher do vigário, e estava a olhar para si como se ele fosse um menino do coro que tinha roubado todo o vinho da comunhão. E ele estava farto de toda aquela maldita reprovação.

Hazard procedeu a um rápido cálculo mental. Ou tão rápido quanto as suas capacidades mentais lho permitiam, depois de tudo a que ele as sujeitara nas últimas horas. Se ficasse ali, teria de confiar em que a loura o levaria para casa

com ela. Ora, não apenas estava a ter dificuldades em se lembrar do nome dela (Amanda? Arabella? Amelia?), mas sabia que a principal atração dela eram as drogas que trazia na bolsa, e tinha a certeza de que, por esta altura, já deviam ter desaparecido. Por mais que lhe custasse, o melhor era fazer o que lhe diziam. Por isso, foi atrás dos seus amigos bonzinhos, o mais humildemente que um super-herói da cocaína conseguia.

AO FIM DE UMA HORA DE VIAGEM, o efeito da última linha de cocaína que ele cheirara poucas horas antes foi começando a desaparecer, deixando-o nervoso e ansioso. E agora não era capaz de manter aquele delicado equilíbrio entre a exaltação e a depressão, toda a bebida que ele emborcara fazia-o sentir-se tonto e sonolento, embora soubesse por experiência que o sono ainda demoraria horas a chegar.

Deitou-se sobre os três assentos na parte de trás da carrinha e viu as suas assombrações aproximarem-se. Também se lembrava dessa sensação. Aquilo que sobe tem de descer. Toda a luz tem uma sombra, toda a força uma contraforça. Chegara a hora da vingança.

Sentiu alguém, Monica, atirar-lhe qualquer coisa para cima – um cobertor? Um casaco?

– Acho que te amo, Monica – disse-lhe ele. Tinha a certeza de que fora horrível para ela. Era uma pessoa má, que não merecia ter amigos.

– Claro, Hazard. A única pessoa que você ama é a si próprio – respondeu ela, o que não era verdade. A única pessoa que nunca fora capaz de amar era ele. Tinha passado meses a construir a sua autoestima, tijolo a tijolo, aprendendo de novo a respeitar-se, e num único dia tudo isso se desmoronara.

– Lamento muito – disse ele –, pensei que podia beber só um.

E era esse o problema. Ele pensava sempre que podia beber só um. Afinal, as outras pessoas pareciam conseguir. Mas ele nunca. Com Hazard era tudo ou nada. Não apenas com a bebida e as drogas, mas com tudo. Se ele encontrasse alguma coisa – qualquer coisa – de que gostava, queria sempre *mais*. Fora isso que o transformara num corretor tão bem-sucedido, num amigo popular e num terrível viciado.

Ouviu Monica e Riley conversando lá à frente. Lembrava-se de quando era capaz de conversar assim, sobre o clima, o trânsito, as notícias de conhecimentos mútuos, mas neste momento não conseguia imaginar como. Um pensamento indesejado despontou entre todos os outros pensamentos indesejados. *Onde estavam as suas chaves?* Rebuscou os bolsos. Sabia que estavam vazios.

– Monica – disse ele, tentando não balbuciar. – Não consigo encontrar as minhas chaves. Devo tê-las deixado cair no placebo.

– Gazebo – corrigiu Monica.

– Não seja tão pedinte – respondeu ele.

– Pedante – disse ela.

Ouviu-a suspirar. Aquele era o tipo de ruído que a sua mãe fazia quando ele ainda era pequeno e se tinha esquecido de fazer os trabalhos de casa ou rasgara as calças.

– Não se preocupe, Hazard. Pode dormir no meu sofá. Ao menos assim eu posso ficar de olho em si. – Por um momento, tudo ficou em silêncio, exceto o rítmico restolhar das escovas do para-brisas e o suave zumbido dos pneus no asfalto.

– Carro amarelo – ouviu Hazard Monica a dizer lá na frente da carrinha.

– O quê? – perguntou Riley.

– Nada – respondeu ela.

Hazard teria sorrido, mas a bochecha dele estava colada ao plástico do assento em que ia deitado.

Monica

Antes de abrir os olhos, Monica percebeu que algo estava diferente. O seu apartamento, que normalmente cheirava a café, a *Jo Malone*, a *Cif Lemon Fresh* e, de vez em quando, a Riley, fedia a bebida azeda e cediça. E a Hazard.

Saiu da cama, enfiou um camisolão folgado por cima do pijama – ela *não* iria fazer nenhum esforço – e prendeu o cabelo num carrapito desengonçado. Foi à casa de banho e salpicou água no rosto, mas depois voltou atrás e acrescentou um pouco de rímel e de batom. Não estava a tentar impressioná-lo, evidentemente, a certificar-se de que Hazard não tinha nenhuma desculpa para zombar dela outra vez.

Abriu a porta da sala com bastante cautela. Entrou em bicos de pés, para não o acordar. Ele não estava lá. O sofá em que ela o deixara estava vazio, o edredom de reserva muito bem dobrado. A bacia que ela lhe deixara no chão, para o caso de ele precisar de vomitar (outra vez), tinha sido arrumada na *kitchenette*. As cortinas estavam corridas e as janelas abertas para arejar a divisão. Não havia nenhum bilhete.

Monica não tinha o mínimo desejo de ver Hazard, sobretudo àquela hora da manhã e depois dos acontecimentos do dia anterior, mas – mesmo assim – era um pouco mal-educado da parte dele ir-se embora daquela maneira. Como poderia ela esperar algo diferente?

A porta da frente abriu-se atrás dela, fazendo-a dar um pulo. Um enorme ramo de rosas amarelo-pálidas entrou em sua casa, seguido por Hazard.

– Espero que não se importe, levei as suas chaves emprestadas – disse-lhe ele, pousando-as em cima da mesa com uma mão trémula.

Monica já tinha visto Hazard de muitas formas – o valentão impetuoso que lhe chamara estúpida, o herói regressado no Dia de Natal que afinal não o era,

o jardineiro e empresário trabalhador e determinado, e aquele irresponsável e rude chato do dia anterior – mas, em todas essas formas, Hazard sempre se mostrara muito seguro de si. Sempre ocupara muito mais espaço em qualquer sala do que exigia o seu arcabouço de um metro e oitenta e três.

Este Hazard era diferente. Para começar, tinha um aspecto horrível, cansado, abatido e pardacento, ainda vestido com um fraque todo amarrotado, mas, o que era mais desconcertante, parecia *incerto*. Toda aquela bazófia e autoconfiança da noite anterior havia-se desvanecido, deixando-o diminuído. Triste. A luz por trás dos olhos dele esmorecera.

– Obrigado – disse-lhe ela, pegando nas rosas e enchendo o lava-louça com água para as manter frescas. Essas coisas tinham de ser feitas de imediato. Hazard sentou-se no sofá.

– Monica, eu não sei o que dizer – começou ele. – Ontem eu fui indesculpavelmente horrível consigo. Estou muito, muito arrependido. Aquele homem não era eu. Ou, pelo menos, acho que ele é parte de mim, mas uma parte que eu tentei manter aferrolhada. Detesto o homem em que me transformo quando estou bêbedo, e gostei muito do homem que me tornei nos últimos meses. E agora estraguei tudo. – Ele ficou ali sentado com a cabeça entre as mãos, e os cabelos, emaranhados e suados, a caírem-lhe para a frente.

– Você foi horrível – disse Monica. – Indescritivelmente horrível. – Mas percebeu que, pela primeira vez, estava a ver o autêntico Hazard. O menino imperfeito, inseguro e vulnerável que devia ter estado ali o tempo todo, escondido por baixo de toda aquela fanfarronada. E não lhe parecia justo ficar zangada com ele. Era evidente que ele estava a cumprir muito bem essa função sozinho. Suspirou, e arquivou o discurso que havia ensaiado na sua cabeça durante a viagem para casa na noite anterior.

– Vamos começar de novo hoje, está bem? Espere aí. Vou lá baixo buscar uns cafés para nós e pedir ao Benji para tomar conta do estabelecimento.

MONICA E HAZARD estavam sentados nas extremidades do sofá, a partilharem um grande edredom e um balde de pipocas, e a verem a Netflix de ponta a ponta. Quando Hazard estendeu a mão para as pipocas, Monica viu-lhe as unhas, roídas até ao sabugo, e a pele ao redor delas vermelha e dorida. Isso fez-

lhe lembrar as suas mãos após a morte da mãe, inflamadas, gretadas e a sangrarem devido às lavagens sem fim. Já não sabia ao certo se estava a tentar ajudar Hazard ou a curar-se, mas tinha de lhe contar a história.

– Sabe, eu compreendo isso das compulsões, essa necessidade avassaladora de se fazer qualquer coisa, mesmo quando sabemos que não devíamos – disse ela, olhando para a frente e não para Hazard. Este não disse nada, mas ela sentiu que estava a ouvi-la, e por isso continuou. – A minha mãe morreu quando eu tinha dezasseis anos, pouco antes do Natal, no ano em que acabei o ensino secundário. Ela queria morrer em casa, e por isso nós transformámos a sala de estar num quarto de hospital. Como o sistema imunitário dela tinha ficado desfeito pela quimioterapia, a enfermeira Macmillan disse-me para manter a sala sempre desinfectada. Era a única coisa que eu podia controlar. Não conseguia impedir que a minha mãe morresse, mas conseguia matar todos os micróbios. Por isso, eu limpava e limpava, e lavava as minhas mãos de hora a hora, várias vezes. E, mesmo quando ela morreu, não parei. Mesmo quando toda a pele começou a soltar-se das minhas mãos, não parei. Mesmo quando as crianças da escola começaram a sussurrar sobre mim pelas costas, e depois a chamarem-me maluca na minha cara, eu não conseguia parar. Por isso, eu sei.

– Monica, lamento muito. Essa é uma idade terrível para se perder a mãe – disse Hazard.

– Eu não a *perdi*, Hazard. Detesto essa expressão. Até parece que fomos às compras e eu a deixei para trás. E ela não *passou* nem *se foi*. Não foi nada assim tão gentil ou pacífico. Foi cru, feio, malcheiroso e *muitíssimo injusto*. – As palavras arranharam-lhe a garganta.

Hazard pegou na mão dela, que estava crispada, abriu-lha e segurou-a na sua.

– E o seu pai? Não podia ajudá-la?

– Ele também estava a passar dificuldades. É escritor. Já alguma vez leu aqueles livros para crianças, que se passam num mundo de fantasia chamado Dragonlia? – Pelo canto do olho, viu Hazard assentir. – Bom, foi ele que escreveu isso. Portanto, desaparecia no escritório e enterrava-se num mundo mais bonito, onde o bem triunfava sempre e o mal era derrotado. Nesse

primeiro Natal, éramos como dois marinheiros naufragados, ambos a tentarem manter-se à tona, mas agarrados a diferentes pedaços de destroços.

– Como melhorou, Monica? – perguntou-lhe Hazard, em voz baixa.

– Piorei antes de melhorar. Abandonei a escola por uns tempos, e até deixei de sair de casa. Afundei-me nos meus livros. E fazia as limpezas, claro. O meu pai gastou uma boa parte dos seus direitos de autor a pagar-me imensas terapias, e quando concluí os exames de acesso à universidade já estava muito melhor. Continuo a ser muito zelosa em matéria de higiene, mas, fora isso, normal! – disse ela, com uma nota de ironia.

– E eu pensei que era a pessoa mais sã que eu conhecia. É assim que se vê, não é? – disse Hazard.

– Bom, eu pensei que era a pessoa mais sóbria que eu conhecia, até ontem – respondeu Monica, sorrindo para ele.

Voltaram-se para o ecrã para verem o novo episódio que fora carregado automaticamente.

Hazard pegou num punhado de pipocas e atirou uma delas para o outro lado da sala. Monica não fazia ideia de onde teria ela ido parar. A seguir ele fez aquilo de novo. *Três vezes seguidas.*

– Hazard! – disse Monica com brusquidão. – Que raio pensa que está a fazer?

– Chame-lhe terapia de aversão – disse Hazard, atirando outra pipoca para a sala. – Tente assistir a um episódio inteiro sem se preocupar com a pipoca.

Monica conseguia fazer isso. *Claro* que conseguia fazer isso. Quanto tempo duravam os malditos episódios, afinal? Manteve-se sentada durante quinze minutos, que lhe pareceram horas, tentando não pensar nas pipocas espalhadas por ali, aninhadas em fendas e frestas e escondidas debaixo dos móveis.

Já chegava. Foi buscar o aspirador.

– Saiu-se muito bem, Monica – disse-lhe Hazard, após terem localizado e aspirado todas as pipocas e se sentarem outra vez.

– Não faz ideia de como isto é difícil para mim, Hazard – disse ela.

– É aí que se engana – respondeu ele. – Sei muito bem como é difícil. É o mesmo que eu sinto sempre que passo à porta de um *pub*. Sabe, todos nós

tentamos escapar à vida de alguma maneira... eu com as drogas, o Julian tornando-se eremita, a Alice com as redes sociais. Mas você não. A Monica é muito mais corajosa que qualquer um de nós. Vê a vida de frente e tenta combatê-la e controlá-la. Às vezes um pouco de mais.

– Todos nós precisamos de ser um pouco mais parecidos com o Riley, não é? – disse Monica. – É por isso que ele é tão bom para mim.

– Mmmm – respondeu Hazard.

Ficaram calados por algum tempo. Tinham começado por se sentar em lados opostos do sofá, mas agora haviam-se encontrado no meio, cabeça com cabeça, pernas penduradas nos braços em ambas as extremidades.

– Sabe, essa era a história que devia ter escrito naquele caderno, Monica – disse Hazard. – Lidar com a morte da mãe e sair do outro lado, *essa é que é* a sua verdade, e não todas aquelas tretas do casamento e do bebé.

Ela sabia que ele tinha razão.

– Só por curiosidade – disse Hazard. – Tem as latas dos seus armários todas com a frente virada para fora?

– Claro – respondeu ela. – De outra maneira como se poderiam ler os rótulos?

Ele estendeu a mão e, com cuidado, soltou uma pipoca que ficara presa no cabelo dela e pousou-a sobre a mesa de café. Por um instante, ela julgou que ele ia beijá-la. Mas claro, não ia.

– Hazard – disse-lhe ela. Ele virou-se e mirou-a com intensidade.

– Pode ir deitar essa pipoca no caixote do lixo?

CAPÍTULO 58

Riley

O s ingleses, concluiu Riley, eram muito parecidos com o clima que tinham. Eram mutáveis e imprevisíveis. Complicados. Parecia que tudo ia ficar bem, e depois surgia de repente uma tempestade vinda do nada e podia chover granizo do céu, que ricocheteava na calçada e nas capotas dos carros. Por mais aplicadamente que se verificassem as formações de nuvens e as previsões meteorológicas, nunca se podia ter a certeza do que viria a seguir.

Hazard não parecia o mesmo desde aquele casamento desastroso. Riley tinha a certeza de que ele não andava a beber nem a usar drogas. Estava incrivelmente arrependido e parecia ter aprendido uma dura lição, mas ficara abatido.

Monica, entretanto, florescera um pouco. Andavam a passar imenso tempo juntos, e tinham desfrutado de algumas sessões bastante fogosas no sofá dela, mas ela era como uma rosa cheia de espinhos – linda, perfumada, cheia de promessas, mas, quando se chegava demasiado perto, os espinhos estavam lá.

Embora tivesse passado a noite em casa dela algumas vezes, ainda não tinham feito sexo. Isso confundia Riley. O sexo, para si, era um dos prazeres simples da vida – como o *surf*, os bolos acabados de sair do forno e uma boa caminhada ao nascer do Sol. Não via qualquer razão para se conterem, agora que não havia segredos ocultos entre eles. E, no entanto, Monica parecia atribuir a isso um grande significado e abordá-lo com muita cautela. Como se fosse uma bomba por explodir.

E ela ainda não lhe tinha dito se iria viajar com ele. Não que isso afetasse os seus planos. Ele não precisava de planos. Bastava-lhe arrumar a mochila, seguir para a estação, e ver o que acontecia a seguir. Mas *gostaria* de saber, para

que, quando se imaginava nos degraus do Coliseu, soubesse se deveria imaginar Monica sentada ao seu lado. Ou não.

Riley arrancou uma pequena erva daninha da fronteira herbácea que já estava imaculada antes de ele começar a trabalhar. A senhora Ponsonby era o tipo de dona de casa que gostava que tudo estivesse perfeito. Para ela, nada de ervas daninhas, pelos públicos ou maridos por ali. E nada de diversão também, suspeitava ele. Havia trazido uma caneca de chá para ele e para Brett – daquele tipo de chá que tinha pretensões e sabia a flores. Ele preferia o chá normal. Aquele tipo de chá que ele sabia o que era.

Quando a senhora Ponsonby passara a caneca a Riley, roçara o braço dele e fitara-o nos olhos por um tempo excessivo.

– Informe-me se precisar de mais alguma coisa, Riley – dissera-lhe ela –, seja lá o que for. – Como no guião de um mau filme pornográfico dos anos de 1970. O que se passava com aquelas donas de casa de Chelsea? Seria tédio? Andariam apenas a procurar um exercício que fosse mais divertido do que as suas habituais aulas de Pilates, ou seria a excitação do risco que estavam a correr que as atraía? Talvez ele estivesse apenas a imaginar coisas, e tudo o que a senhora Ponsonby lhe estava a propor fosse um biscoito de chocolate orgânico.

Logo que Riley terminasse o trabalho ali, iria até à Ajuda da Mãe, onde andava a cultivar vasos de narcisos para o café de Monica. A ideia era encher o local com flores para a aula de arte do dia 4 de março, data em que se celebravam os quinze anos do falecimento de Mary. Monica ia fazer um bolo. Lizzie, a nova amiga de Alice no infantário, morava na área nos tempos de Mary e por isso oferecera-se para tentar encontrar algumas fotografias dela na internet que pudessem ser montadas em cartolina.

Alice mudara um pouco desde que Lizzie se envolvera na vida dela. Parecia muito menos cansada e exausta, uma vez que *Bunty* já dormia bem desde que Lizzie a «colocara numa rotina apropriada». Riley não sabia bem o que significava isso, mas Alice anunciara-o como se Lizzie tivesse dividido o genoma. Riley também não sabia muito bem o que era um genoma, mas isso não vinha ao caso. Como Lizzie se ocupava muito da menina, Alice já não andava com *Bunty* sempre colada à anca. Também parara de olhar tanto para o

telefone. Aparentemente, «a Lizzie disse» que ela precisava de reduzir toda aquela coisa das redes sociais. A maneira como Alice continuava a iniciar todas as frases com «a Lizzie disse» era um pouco irritante, para ser franco.

Julian ainda não tinha ideia de que a festa ia acontecer. Se calhar nem sabia que Monica se lembrava da data que ele lhe referira de uma maneira tão casual, algum tempo atrás. Até Alice conseguira manter isso em segredo. Ia ser uma grande surpresa.

CAPÍTULO 59

Lizzie

Lizzie, até agora, tinha resistido à vontade de ir vasculhar as gavetas de Alice. Parecia-lhe um pouco desleal. Em relação a Max, porém, já não sentia tanta lealdade e por isso fora esquadrinhar minuciosamente as gavetas dele. Não encontrara nenhuma indicação de que Max andasse na brincadeira – nada de recibos duvidosos nos bolsos, batom nos colarinhos ou lembranças escondidas. Lizzie era especialista em farejar a infidelidade – como um porco a escavar por trufas. Ficou aliviada. Alice, apesar de ser uma cabeça no ar, tinha um bom coração e não merecia que implicassem com ela. No entanto, não ia isentar Max de responsabilidades. Se não era uma mulher que o mantinha tantas vezes longe de casa, havia negligência e desinteresse pela sua mulher exausta e pela bebé.

Lizzie também estava de olho no lixo para reciclagem. Alice e Max andavam a despejar uma quantidade razoavelmente grande de garrafas de vinho, e ela suspeitava que era Alice quem bebia a parte do leão. Mas, em contrapartida, ficara bastante satisfeita ao notar que a quantidade de garrafas diminuía desde que ela conseguira habituar *Bunty* a uma rotina mais previsível e praticável.

Dera uma rápida espreitadela ao caixote do lixo da casa de banho. Era sempre interessante. E este não a dececionou. Encontrara uma embalagem vazia de comprimidos para dormir (não era de admirar que Max não ajudasse nada nas refeições noturnas) e um teste de gravidez usado. Era negativo, graças a Deus. Uma coisa dessas poderia deixar Alice descontrolada. E ao menos ela e Max ainda continuavam a fazer sexo.

Neste momento estava a divertir-se imenso a fazer pesquisas no Google com o computador portátil de Alice, procurando fotografias da falecida mulher de Julian. Adorava vasculhar a internet. Aquilo era como uma gigantesca gaveta

de cuecas, à espera de derramar todos os seus segredos. Tinha ido verificar o histórico de navegação. Max, como era previsível, andara a ver pornografia, mas nada que fosse muito desagradável ou ilegal.

Lizzie havia pesquisado Mary e Julian Jessop, e encontrou uma fotografia lindíssima deles os dois no dia do casamento, a pousarem nos degraus da conservatória de Chelsea. Ela tinha um minivestido branco e umas botas brancas de salto alto, e ele usava um fato branco muitíssimo elegante, com calças em boca de sino e uma camisa de seda. Ambos estavam a rir-se com grande algazarra. Enviou a imagem para a impressora de Alice. Na legenda dessa fotografia do casamento, encontrou uma referência ao nome de solteira de Mary: Sandilands. Abriu de novo o motor de busca do Google, e dessa vez digitou Mary Sandilands. Ora isso foi ainda mais interessante.

Lizzie ouviu a chave entrar na fechadura e fechou a página em que se encontrava.

– Olá, Lizzie! Está tudo bem? – perguntou Alice.

– Está tudo ótimo e excelente. Dei à *Bunty* um pouco de arroz para bebé e um bocadito de puré de maçã e ela adormeceu que foi um regalo, mesmo à hora certa. Duvido que a ouça piar antes das seis da manhã.

– Você é um anjo – disse Alice, enquanto despia o casaco de caxemira e o pendurava no bengaleiro ao pé da porta, descalçava os vertiginosos sapatos de salto alto e se sentava na mesa da cozinha ao lado de Lizzie. Max tinha subido logo as escadas. Ela ouviu a porta do escritório dele fechar-se.

– Como correu essa noite da saída a dois? – perguntou Lizzie.

– Muito bem, obrigado – respondeu Alice, não muito entusiasmada, pensou Lizzie. – Fomos a um restaurante novo que é fabuloso, ao fundo da rua. Está super na moda. O Hazard também lá estava, com uma *rapariga*. Espampanante. Como saiu com as fotografias?

– Correu bem. Tenho algumas muito bonitas. A Mary era deslumbrante. Faz-me lembrar um pouco a Audrey Hepburn. De olhos muito arregalados e com ar de inocente, como o *Bambi*. Dê uma vista de olhos.

ESTAVA SENTADA na cama a ouvir Jack rressonar. Às vezes, o barulho parava durante aquilo que lhe parecia ser um tempo sem fim, e ela pensava se ele teria

morrido e, caso assim fosse, até que ponto se importaria com isso. Depois, como um motor de automóvel que voltasse violentamente à vida, ele recomeçava.

Coçou a cabeça. Raios. Tinha a certeza de que algum daqueles miúdos lá do infantário lhe tinha passado piolhos outra vez. Deveria ir dormir para o quarto vago até dar cabo deles? Olhou para a cabeça quase calva de Jack. A probabilidade de um piolho perdido encontrar ali algum lugar para se esconder era remota. Não queria ter outra discussão com ele sobre parasitas. Ele tinha demorado semanas a superar aquele incidente da lombriga.

Enfiou a mão na sua gaveta das cuecas – rindo-se sozinha de tal ironia – e pegou no caderno que trouxera do infantário. Agora era a sua vez de escrever nele, e já sabia o que dizer.

CAPÍTULO 60

Hazard

Tinham passado seis dias desde *o tal casamento*, e Hazard sentia que, por fim, as coisas tinham voltado a entrar nos eixos. Recobrava-se fisicamente da sua bebedeira, e sentia-se mais decidido que nunca. Sair de forma tão espetacular da sua abstinência lembrara-lhe porque a vida era muito melhor com ela. Também aprendera que «só mais um» era uma miragem que ele jamais seria capaz de atingir.

O negócio de Hazard estava a crescer muito bem e, pela primeira vez desde que se lembrava, sentia-se feliz e *em paz*. Havia apenas uma área da sua vida que o preocupava. Além dos seus novos amigos da aula de arte, Hazard não tinha qualquer outra vida social. Desde que ficara sóbrio, tornara-se quase um recluso, e esse estado de coisas não poderia continuar para sempre. Hazard também ficara um pouco abalado com o facto de quase ter beijado *Monica*. Não só ela não fazia o seu tipo, como era a namorada de Riley, e Hazard não se metia com as raparigas dos outros rapazes. Pelo menos, já não.

O problema é que Hazard não conseguia lembrar-se de qual *era* o seu tipo.

Estava a tentar passar um pente pelos cabelos emaranhados, quando detectou, meio escondido na sua cómoda, como se fosse uma mensagem numa garrafa, lançada ao mar da sua história de antigamente e que só hoje viera dar à costa, um bilhete. Dizia *O NOME DELA É BLANCHE*, com a sua caligrafia bastante bêbeda. Depois, por baixo, numa outra caligrafia feminina, dizia *E O NÚMERO DELA É 07746 385412. TELEFONA-LHE*.

Hazard sorriu. A maioria das mulheres teria ficado furiosa se encontrasse aquele bilhete. Talvez houvesse mais a dizer sobre a Blanche do que ele se lembrava. Naquela altura estava entornado, afinal. E ela era sem dúvida o seu tipo – deslumbrante, loura, confiante e disposta a tudo. Devia telefonar-lhe.

Havia um novo restaurante, supermoderno, o tipo de lugar de que ele gostava, já ali ao fundo da rua. Poderiam ir lá hoje à noite, se ela estivesse disponível.

HAZARD TINHA RAZÃO acerca do restaurante. Era o tipo de lugar que ele gostava – estilo minimalista e industrial, e cheio de gente bonita e do burburinho dos mexericos e da arte de levar sempre a melhor sobre o outro. Era horrendo. Não pôde deixar de pensar na sua mesa no café de Monica, e na sua velha poltrona de couro sob um vulgar candeeiro, rodeada de livros. Olhou para a sua comensal, tentando perceber o que haveria por trás daqueles grandes olhos azuis, mas tudo o que conseguiu ver foi o seu rosto a refletir-se para si.

Blanche estava a empurrar para a borda do prato de uma maneira enfastiada a salada de endívias e beterraba que havia pedido. Não devia ter comido mais do que algumas garfadas. Hazard, entretanto, estava *esfomeado* e limpou com gosto as pequenas porções de comida que lhe haviam trazido. Essa era uma nova sensação para ele. Na verdade, Hazard não *comia* num restaurante chique há anos. Passava a maior parte do tempo a ir e vir à casa de banho para cheirar coca, e depois a ter de fingir entusiasmo por uma comida que lhe sabia a cartão.

– Este lugar não é *adorável*? – disse Blanche, pela terceira vez, gritando para se fazer ouvir acima do barulho.

– É pois – mentiu Hazard. Em seguida, tentando esforçar-se mais um pouco com a conversa, acrescentou: – Imagino o que diria o meu amigo Julian acerca das peças de arte. Ele é artista. – Apontou para as instalações feias e sem sentido que estavam penduradas no teto, como uns móveis para crianças concebidos por alguém que tomara ácido.

– Ooh, um artista! Eu conheço-o? – gritou Blanche.

– Duvido. Ele tem setenta e nove anos – disse Hazard. Blanche mostrou-se muito menos interessada.

– Hazard, tu és mesmo *uma ternura*, a tratar de um *geriátrico*! – disse-lhe ela com um risinho. – Sabes, quando eu andava na escola tínhamos de ir tomar chá com os *velhotes* uma vez por semana, porque fazia parte do nosso serviço comunitário. Chamávamos a isso «ir bater nas avós». – Ela agitou dois pares de

dois dedos no ar. – Não que batêssemos em alguém, como é evidente. Ficávamos ali sentados, numas salas que cheiravam a mijó, a ouvir conversas chatíssimas e intermináveis sobre os velhos tempos e a contar os minutos que faltavam até que pudéssemos fugir dali e ir fumar um cigarro com os colegas antes de voltarmos para a escola. – Ela riu-se, e a seguir ficou pensativa. – Ouve, achas que ele te irá deixar um *enorme* legado no seu testamento?

Hazard olhou para ela. Estava sempre a pensar em Monica e em como estaria a divertir-se muito mais se ela estivesse ali. O que era estranho, porque «diversão» e «Monica» não eram palavras que andassem juntas. Em todo o caso, não estariam ali. De maneira alguma Monica iria reservar uma mesa naquele lugar. Obrigou a sua concentração a regressar à tagarelice irracional acerca dos conhecimentos mútuos, dos lugares sem alma e dos inúteis símbolos de estatuto.

Era muito evidente para Hazard que ele não poderia voltar a enfiar-se na sua antiga vida. Agora ele tinha uma forma diferente, e não encaixava. E, por mais que tentasse, não conseguia deixar de pensar que se calhar o sítio onde ele encaixava era com Monica. Monica, a mulher mais forte, e mais vulnerável, que ele conhecia.

Assim que pôde, Hazard pagou a conta, estremeando com o preço exorbitante da salada que Blanche não tinha comido, e deixou-a com alguns amigos que ela encontrara junto ao bar. Do outro lado do restaurante viu Alice e o marido a jantarem. Era maravilhoso que, mesmo depois do casamento e dos filhos, ainda pudessem partilhar um jantar romântico como aquele, e estivessem tão à vontade na companhia um do outro que nem era preciso conversar.

Hazard saiu para a Fulham Road e passou pelo café de Monica. A luz estava acesa no apartamento dela lá em cima. Se calhar estava lá com Riley a fazer sexo desvairadamente, à australiana.

Caminhou em direção à sua casa vazia, silenciosa e segura.

CAPÍTULO 61

Alice

Alice ainda se sentia um pouco *meh* depois daquela sua «noite a dois» com Max. Num ímpeto de determinação para trazer o romance de volta à relação deles, depois daquela conversa que tivera com Monica no comboio, havia reservado uma mesa para duas pessoas no novo restaurante ao fundo da rua. Cometera o erro de dizer a Max, quando lá chegaram, que estavam ambos proibidos de falar de alguma coisa que dissesse respeito a *Bunty*. O problema era que nenhum deles parecia capaz de se lembrar daquilo que conversavam antes de *Bunty* lhes vir abençoar as suas vidas. Tiveram longos e embaraçosos períodos de silêncio prolongado, e Alice percebeu, para seu horror, que eles se haviam transformado num daqueles casais que ridicularizavam quando tinham começado a andar juntos, aqueles que ficavam sentados num restaurante sem ter *absolutamente nada a dizer um ao outro*.

Fez uma fotografia e carregou-a para a sua página do Instagram. Era a primeira vez que publicava desde há três dias. Andava a tentar controlar aquilo. Mas a esta fotografia não conseguira resistir porque o café de Monica estava lindo. Tinham acendido imensas velas de chá, e as mesas estavam cheias de narcisos. Na mesa central havia várias fotografias lindíssimas de Julian e Mary, um bolo com raspas de limão (o favorito de Julian) e algumas garrafas de *Bailey's*.

– Agora começo a ficar preocupada – disse Monica. – Não acham que é um pouco mórbido fazermos uma festa para alguém que está *morto*? Devemos arrumar tudo antes que Julian chegue?

– Não, está encantador – disse Hazard. – É importante celebrar a vida das pessoas que amámos. E, em todo o caso, não é isso que Julian tem feito todas

as sextas-feiras às cinco da tarde nos últimos quinze anos? Só que agora tem amigos para comemorarem com ele.

Alice ficou surpreendida com Hazard. Não o julgava tão sentimental. Aquele homem era uma massa de contradições. Se não fosse o Max, por esta altura já estaria um bocadinho apaixonada por ele. Quando o mirou, viu-o franzir a testa. Seguiu o olhar dele até onde Riley estava a dar um abraço a Monica. Interessante. As coisas em que uma pessoa reparava quando não estava a olhar para o ecrã de um *iPhone*. Quem poderia imaginar?

Estava tudo pronto, e já passava das sete horas. Toda a turma estava reunida, esperando ansiosa. A única coisa que faltava era Julian.

– Julian nunca chegou atrasado à aula de arte – disse Monica, ignorando as evidências em contrário. – A única coisa que ele leva mesmo muito a sério é a aula dele. Oh, e a moda, como é evidente. E aquele cão rafeiro.

– Ele não é um cão, querida – disse Riley numa estranha imitação de Julian. – É uma *obra-prima*. Achas que podemos começar a abrir o *Bailey's*? Ele depois acompanha-nos.

– Claro – disse Monica, olhando para a porta outra vez.

Às sete e meia, o ambiente começara a ficar um pouco esmorecido. Continuavam a tentar distrair Monica, mas não resultava. Alice pegou no telefone e abriu a página de Julian no Instagram.

– Monica, já localizei a nossa estrela convidada – disse Alice. – Acabou de publicar uma fotografia dele com o elenco de um *reality show* televisivo na Sloane Square.

– Raios o partam. Que grande *cabrão* – disse Monica. Alice nunca a vira tão zangada desde aquela vez em que a expulsara deste mesmo café no Dia de Natal. – E não atende as minhas chamadas.

– Vou enviar-lhe uma mensagem pelo Insta – disse Alice. – Aposto que ele está atento a isso.

JULIAN. TRAGA JÁ O SEU RABO ESCANZELADO ATÉ AO CAFÉ DA MONICA SENÃO ELA VAI EXPLODIR. BEIJOS ALICE, escreveu ela enquanto via Monica a andar de um lado para o outro, ficando mais exasperada a cada passo que dava.

Já passava das oito horas quando Julian apareceu, mostrando-se muito menos arrependido do que Alice imaginava que Monica estaria à espera. Ele ia ter de começar a bajulá-la com todo o esmero. Alice sabia como era ficar-se na lista negra de Monica, e não era nada divertido.

– As minhas desculpas a todos! Espero que tenham começado sem mim! Não vão adivinhar o que aconteceu... Meu Deus, mas o que é isto tudo?

– Bom, organizámos uma festa surpresa para si. Imaginávamos que estaria a sentir-se um pouco deprimido hoje, já que é o décimo quinto aniversário do falecimento de Mary, e por isso lembrámo-nos de o ajudar a recordá-la – disse Monica, numa voz cortante como o aço. – Esqueceu-se do aniversário, não foi?

– Não, claro que não! – disse Julian, que se esquecera. – E um *imenso* obrigado a todos vós por tudo isto. Nem sei dizer-vos o que isso significa para mim. – Alice olhou para Monica, para ver se Julian tinha conseguido acalmá-la. Nem um pouco.

– O que aconteceu à *autenticidade*, Julian? O que aconteceu a *partilhar a verdade*? O senhor ao menos ainda sabe o que é a verdade? – perguntou-lhe ela. Todos os outros se haviam calado, e os seus olhares passavam de Julian para Monica e vice-versa como uma multidão que estivesse a assistir a uma final muito tensa em Wimbledon.

– Pronto, pronto, Monica, eu sou apenas um velho tolo, desculpe – disse ele, sem parecer convincente, levantando as mãos em frente dela, como se quisesse travar um ataque. Mas Monica ainda não terminara.

– Por que passa o tempo todo com os seus «amigos» do Instagram – colocou agressivamente umas pequenas aspas no ar em volta da palavra «amigos» –, com essas celebridades superficiais de segunda categoria, pelo amor de Deus, e não com as pessoas que se preocupam consigo? Não faz ideia do que significa a amizade.

Alice ficou bastante aliviada quando a porta se abriu, pensando que algum recém-chegado poderia vir ajudar a quebrar a tensão. E de facto pareceu interromper Monica.

Ela afastou-se de Julian e olhou para a porta, para aquela estranha de cabelos brancos, bem vestida, que lhe parecia demasiado familiar.

– Isto é uma festa privada – disse ela. – Posso ajudá-la?

– Você deve ser a Monica – respondeu a recém-chegada, mostrando-se serena, apesar da tensão que se tornou evidente na sala. – Eu sou Mary. A mulher de Julian.

CAPÍTULO 62

Mary

Mary não tivera oportunidade de abrir a caixa do correio antes da noite. Gus e William, os filhos de Anthony, tinham ido lá a casa almoçar com as suas mulheres e filhos. Entre eles tinham cinco filhos, que ela amava como se fossem os seus netos. Sempre que as mães deles não estavam a ver, dava-lhes moedas de uma libra, barras de chocolate e aperitivos *Cheesy Wotsits*.

Tinha adorado fazer de matriarca hoje. Vira-os atacarem o assado que preparara para o almoço a partir da sua posição à cabeceira da grande mesa de carvalho da cozinha, com Anthony, o seu companheiro, na outra ponta. Mas, aos setenta e cinco anos, também achava dias como o de hoje bastante cansativos.

A pilha de correio era, em geral, desinteressante. Era assim nos dias de hoje. As surpresas eram para os jovens. Uma conta de eletricidade, o catálogo da Boden, e uma carta de agradecimento de uma senhora com quem ela almoçara na semana anterior. Mas também havia um pacote delgado, com o endereço escrito à mão, numa caligrafia que ela não reconheceu. O nome que vinha escrito na frente era Mary Jessop, um nome que ela já não usava há quinze anos. Logo que saíra dos Chelsea Studios, voltara a ser Mary Sandilands, e tinha sido como redescobrir a rapariga que já fora.

Não deixara para trás há quinze anos apenas o seu apelido de casada, deixara tudo. Tinha escrito um bilhete a explicar que, depois de anos a suportar a humilhação e a dor de todas aquelas outras mulheres, por fim fartara-se. Também deixara uma carrada de instruções, do tipo como pôr a trabalhar a máquina de lavar, escritas em pedacinhos de papel e escondidas pela moradia. Cuidava de Julian há tanto tempo que sabia como lhe seria difícil aguentar-se sem ela. Talvez sempre que encontrasse uma das suas

mensagens ele se lembrasse de quanto ela fizera por si. Esse pensamento confortara-a um pouco, até perceber que instalaria lá em casa uma das suas modelos logo que limpasse as roupas dela dos armários.

Um instinto qualquer disse-lhe que se sentasse antes de abrir o pacote, pelo que se instalou confortavelmente na poltrona da cozinha, colocou os óculos de leitura e abriu com cuidado o envelope com a tesoura da cozinha. Lá dentro estava um caderno de exercícios, coberto por plástico transparente com fita adesiva, na capa do qual se liam as palavras: *O Projeto da Autenticidade*. Que estranho. Por que diabo alguém lhe teria enviado aquilo? Abriu o caderno na primeira página.

Reconheceu de imediato a caligrafia. Lembrou-se da primeira vez que a vira. Tinha formado as palavras: *Querida Mary, ficaria muito honrado se viesse juntar-se a mim no The Ivy para jantarmos no sábado, às 21 h 00. Atenciosamente, Julian Jessop.*

Pensara que tudo o que ali vinha escrito era fascinante e entusiasmante. O *The Ivy*, acerca do qual já ouvira falar muito, mas onde nunca fora, não jantar antes das nove da noite e, acima de tudo, o autor das palavras – Julian Jessop, o artista. Virara o papel em que as palavras estavam escritas, e no verso da folha havia um esboço – apenas alguns traços a lápis, mas que, mesmo assim, formavam de forma inconfundível o rosto dela.

Porquê ela? Não fazia a mínima ideia, mas ficara muitíssimo agradecida. E continuara agradecida durante quase quarenta anos, até que, certo dia, descobrira que a sua gratidão se tinha ido embora. E, pouco tempo depois, ela foi também.

Começou a ler.

ESTOU SOZINHO.

Julian? O sol ao redor do qual todos eles giravam, mantidos no lugar pela sua força gravitacional. Como podia Julian estar *sozinho*? *Invisível*?

Leu então as palavras seguintes: *Mary... morreu relativamente jovem, aos sessenta anos*. Grande sacana. Estava a dá-la por defunta. Como se atrevia?

Achou que não deveria ficar surpreendida. Julian sempre tivera uma relação bastante flexível e criativa com a verdade. Fora a habilidade dele para reescrever os acontecimentos na sua cabeça como mais lhe convinha que lhe

permitira mentir a Mary durante tanto tempo. Todas aquelas modelos de artista que ele só *pintava, nunca houve mais do que isso, como podia ela sugerir tal coisa?* Ela andava *iludida, paranoica, ciumenta*. E, no entanto, o cheiro a sexo, misturado com o da tinta, ficava a pairar no ar com as partículas de poeira. Desde então ela nunca mais fora capaz de sentir o cheiro a tintas de óleo sem que isso lhe recordasse a traição.

Passara anos, décadas, a evitar ler as colunas de mexericos e a ignorar a maneira como os grupos de tagarelas se calavam quando ela entrava na sala, antes que os temas de conversa mudassem. Tentara não reparar nos olhares piedosos de algumas mulheres, nem nos olhares hostis de outras.

Depois, seguindo-se àquela última grande mentira de Julian, uma verdade simples: *Eu tinha de ser o mais amado. Percebo agora que tomei Mary como garantida.*

E tinha sido por isso, percebeu ela, que lá ficara tanto tempo: ele fizera-a sentir-se menos que ele, como se fosse muito melhor do que ela em todos os aspectos, pelo que ela deveria sentir-se feliz só por poder partilhar a vida dele, pender do seu firmamento.

Fora um acontecimento relativamente pequeno que inclinara a balança.

Ela tinha chegado a casa mais cedo, ainda vestida com o seu uniforme de parteira, após um parto que estava previsto se ter transformado nas contrações de Braxton Hicks. Julian estava esparramado no sofá, vestido apenas com a bata de artista e a fumar um *Gauloises*. Delphine, a mais recente das suas modelos, estava em pé ao lado da lareira, nua e em sapatos de salto alto, a tocar a viola de Mary, e mal.

Outras mulheres tinham brincado com o marido dela desde há anos, mas ninguém lhe tocara na viola. Expulsara Delphine de casa, ignorando os habituais protestos de Julian acerca da *arte* e da *musa* e da sua *imaginação hiperativa* e de aquilo ser *apenas uma maldita viola*.

Mary passara anos a pensar que Julian acabaria por *superar* todo aquele seu lado mulherengo, que um dia ele viria a descobrir que já não tinha desejo, nem energia, ou que havia perdido o seu encanto. Mas a única coisa que havia mudado era a diferença de idade entre ela e as meninas de Julian. A mais recente, calculou, deveria ter menos trinta anos que ela. No dia seguinte,

enquanto Julian estava a pintar a condessa de Denbigh em Warwickshire, deixou-lhe as suas anotações domésticas e deixou-o a ele.

Nunca mais olhara para trás.

Um ano depois tinha conhecido Anthony. Ele adorara-a. Ainda adorava. Estava sempre a falar-lhe da sorte que tivera ao tê-la encontrado. Fazia-a sentir-se especial, amada e segura. Nunca a fizera sentir-se agradecida, mas ela estava – todos os dias.

Tentara telefonar a Julian para tratarem do divórcio, e escrevera-lhe várias vezes, mas não obtivera nenhuma resposta, e acabara por desistir. Não precisava de um papel oficial para se sentir segura com Anthony, e o casamento não resultara muito bem para ela na primeira vez.

Por vezes pensava se Julian teria morrido. Não ouvia falar dele há muito tempo. Mas o orgulho impedia-a de ir pesquisar no Google, ou de procurar alguém que pudesse saber onde ele estava ou o que fazia. Em todo o caso, sendo a sua sucessora oficial, com certeza teria sido informada se ele morresse?

Leu as histórias que se seguiam à de Julian no caderno demasiado depressa, sem conseguir concentrar-se de forma adequada, e tentando – inutilmente – não fazer juízos rápidos:

Monica – tente descontraí-la mais um pouco.

Hazard – homem corajoso, a enfrentar os seus demónios.

Riley – menino terno, espero que fiques com a tua garota.

Alice – nem imaginas a tua sorte por teres essa bebé.

Faltava apenas uma história. Era curta. Devia ter sido escrita por quem lhe remetera o caderno pelo correio. A caligrafia era grande e volumosa, e havia um rosto sorridente no «o» de «amor».

Querida Mary,

Chamo-me Lizzie Green. A minha verdade é esta: sou muitíssimo curiosa. Há quem diga que sou intrometida. Adoro as pessoas – as suas peculiaridades, os seus pontos fortes e os seus segredos. Foi assim que a encontrei. Não está nada morta, mas vive em Lewes.

Outra coisa que deve saber a meu respeito é que detesto ludibrios. Defenderei qualquer um com unhas e dentes, desde que sejam honestos,

comigo e com eles mesmos. E Julian, como sabe, não foi honesto.

*Se há algo que **O Projeto da Autenticidade** deva atingir, é tornar o seu criador mais autêntico.*

Portanto, foi por isso que lhe enviei este caderno, e é por isso que lhe venho dizer que Julian dá aulas de arte no Monica's Café todas as segundas-feiras às sete da tarde.

*Com amor,
Lizzie*

CAPÍTULO 63

Julian

Como era possível sentir-se tão horrorizado por ela estar ali, e ao mesmo tempo tão emocionado ao vê-la? As emoções em conflito misturavam-se como as duas cores de um candeeiro de lava. Ela estava diferente, claro que estava – tinham passado quinze anos. O rosto dela tinha descaído um pouco. Mas estava tão direita, alta e forte como uma bétula prateada, luminosa.

Ela sempre fora assim, e ele não percebera, ou só se tornara assim desde que se fora embora? E a seguir, uma compreensão desconfortável: talvez tivesse sido ele que a destruía – aquela luminescência. Fora isso que o atraía em Mary desde o início, e depois tirara-lha.

Lembrou-se da primeira vez que a viu, na cafetaria do Hospital de St. Stephen. Tinha partido o dedo do pé a trepar o muro para chegar aos estúdios, depois de ter perdido as chaves. Ouvira uma das outras parteiras chamar o nome dela – *Mary*. Como não conseguia deixar de a olhar, desenhou o retrato dela numa página do caderno de esboços que trazia sempre consigo, escreveu um convite para jantar no outro lado, rasgou a página e deixou-a na bandeja dela quando por lá passou a coxear.

– Olá, Mary – disse-lhe ele agora –, senti a tua falta. – Três palavras que nem começavam a descrever quinze anos de arrependimento e solidão.

– Tu mataste-me – respondeu ela.

– A tua partida matou-me a mim – disse ele, agarrando-se à cadeira mais próxima para se apoiar.

– Porque mentiu, Julian? – perguntou Monica. Baixinho, desta vez. Mary respondeu antes que ele pudesse fazê-lo.

– Ele só queria que vocês gostassem dele. Tudo o que ele sempre quis foi que as pessoas gostassem dele. Percebem... – Calou-se, procurando as palavras

certas. O único som que se ouvia no café era o do trânsito, que continuava a subir e a descer a Fulham Road. – Se a verdade não era bem como ele queria ver-se, ele mudava-a. É como juntar mais cores a um quadro para cobrir as imperfeições. Não é verdade, Julian?

– É, embora não fosse apenas isso, Mary – disse ele, e a seguir calou-se, parecendo um peixe a querer respirar.

– Continue, Julian – disse Monica.

– Acho que me era mais fácil acreditar que tu tinhas morrido do que lembrar-me constantemente de que eu é que te afastei. Todas aquelas mulheres, todas aquelas mentiras. Lamento muito. Estou muito, muito arrependido – disse-lhe ele.

– Sabes, não eram apenas as mulheres, Julian. Eu estava habituada a isso. Era a maneira como tu me fazias sentir tão *insignificante*. Tu tens imensa energia. És como o Sol. Quando te interessas por alguém, viras os teus raios para essas pessoas e elas deleitam-se com o teu calor. Mas depois viras-te para outro lado qualquer, deixando-as à sombra, e elas gastam toda a sua energia a tentar recriar a memória da luz.

Julian mal se atrevia a olhar para Monica, a sua nova amiga que ele desapontara, tal como desapontara tantos outros ao longo dos anos.

– Eu não quis magoar-te, Mary. Eu amava-te. Ainda te amo – disse ele. – Quando te foste embora, o meu mundo desmoronou-se.

– É por isso que eu estou aqui. Li a tua história, no caderno. – Ele notou, pela primeira vez, que ela tinha na mão *O Projeto da Autenticidade*. Como diabo conseguira aquilo? – Pensei que mal darias pela minha ausência, que uma daquelas muitas meninas iria ocupar o meu lugar. Não fazia ideia de que virias a achar isso tão difícil. Eu estava zangada contigo, mas nunca quis que sofresses.

Avançou até junto dele, pousou o caderno em cima da mesa e tomou as duas mãos dele entre as suas.

– Senta-te, meu velho tonto – disse-lhe ela. E sentaram-se os dois à mesa. Monica trouxe-lhes uma garrafa de *Bailey's* e alguns copos.

– Sabem, eu já nunca bebo disto – disse Mary. – Demasiadas lembranças. E além disso, tem um sabor horrível. Não terá por aí um vinho tinto, minha

querida?

– Não te preocupes, Monica, eu trouxe o *Bailey's* à consignação – ouviu Julian Riley dizer, como se isso fosse importante.

– Julian, nós agora vamos embora, para vos dar algum espaço – disse Hazard. Julian assentiu com a cabeça e acenou distraidamente para os seus alunos, enquanto Hazard os levava dali para fora. Apenas Monica e Riley ficaram para trás, a limpar os detritos da festa.

– És feliz, Mary? – perguntou ele, percebendo que queria que ela o fosse.

– Muito – respondeu ela. – Depois de partir, aprendi a ser o meu sol. Encontrei um homem adorável, um viúvo, o Anthony. Vivemos no Sussex. – Está bem, claro que ele queria que ela fosse feliz, mas não *demasiado* feliz.

– E tu também pareces feliz – disse-lhe ela – com todos estes novos amigos. Não te esqueças de os tratar bem, e não te deixes desviar por todos esses *disparates* outra vez.

Monica regressou com uma garrafa de vinho tinto e dois copos de pé alto.

– Talvez seja tarde de mais para eu mudar – disse Julian, sentindo bastante pena de si.

– Nunca é tarde de mais, Julian – disse Monica. – Afinal, só tem setenta e nove anos. Ainda lhe resta muito tempo para acertar.

– Setenta e nove? – disse Mary. – Monica, ele tem oitenta e quatro!

Monica

O *Projeto da Autenticidade* era baseado em mentiras. A amizade de Monica com Julian, que passara a ocupar grande parte da vida dela ultimamente, não era aquilo que parecia. Sobre que mais tinha mentido Julian? E ela acabara de passar horas a planear e a executar um memorial a alguém que não morrera.

Era quase meia-noite quando Julian e Mary saíram do café.

Mary tinha vindo abraçá-la antes de sair.

– Obrigado, por ter cuidado do meu Julian – sussurrara ela ao ouvido de Monica. O seu hálito era como a lembrança de uma brisa de verão. Apertara a mão de Monica, com uma pele que tinha ficado muito macia e frágil com o passar dos anos. Depois a porta fechara-se atrás de Mary e de Julian, e a sineta anunciara a partida deles com um tinido desinteressado. E com eles partiu meio século de amor, paixão, raiva, arrependimento e tristeza, fazendo com que o ar que ficava atrás parecesse mais fino.

Monica sentiu-se péssima com as suposições que havia feito; que Mary era insípida, um capacho, e muito menos interessante que o marido. A Mary que ela conhecera nessa noite era maravilhosa – irradiava calor e, no entanto, a sua brandura escondia uma força que havia dentro dela, uma força que lhe permitira afastar-se de quase quarenta anos de casamento e começar tudo de novo.

Riley seguiu Monica até ao apartamento dela.

– Caramba. Que noite. Foi tudo um bocadinho *intenso*, não achas? – perguntou ele. Monica irritou-se com a maneira como ele destilou de modo casual uma noite de tanta emoção. – Quem achas que enviou o caderno a Mary?

– Deve ter sido Lizzie – disse Monica. – A Alice contou-me que ela encontrou o caderno no infantário depois de ele lhe ter caído do saco. Foi assim que ela acabou por ir dar-lhe uma ajuda com a *Bunty*.

– Não achas que foi um bocado *mau* da parte dela colocar assim o Julian naquela situação? – perguntou Riley.

– Na verdade, acho que ela até lhe fez um favor, obrigando-o a confrontar-se com as suas mentiras. Ele estava diferente quando saiu dali hoje à noite, não estava? Menos arrogante e espalhafatoso, mais autêntico. Acho que ele será uma pessoa muito mais simpática e feliz a partir de agora. E talvez ele e Mary possam ser amigos.

– Talvez. Embora eu sempre tenha gostado dele assim como era. Tens alguma coisa para comer? Estou cheio de fome.

Monica abriu o armário da cozinha, que estava embaraçosamente vazio.

– Tenho um pouco de chocolate para culinária, se quiseres – disse ela, partindo um quadrado, colocando-o na sua boca, e sentindo a sua energia regressar com aquela infusão de doçura. Agora que a tensão diminuía, apercebeu-se de como se sentia faminta e exausta.

– Monica, *para!* – disse Riley. – Tu não podes comer isso. É venenoso.

– De que diabo estás tu a falar? – perguntou-lhe Monica, com a boca cheia de chocolate.

– Isso é chocolate para cozinhar. É venenoso até estar cozido.

– Riley, a tua mãe disse-te isso quando tu eras pequeno?

– Sim! – respondeu ele. Ela viu-o compreender por fim. – Ela mentiu-me, não foi? Para eu não lhe roubar o chocolate.

– Essa é uma das coisas que mais gosto em ti. Tu assumes sempre que as pessoas são boas e te dizem a verdade, porque é assim que tu és. Achas sempre que as coisas vão correr bem e, por isso, em geral correm. Já agora, ela disse-te que, quando a carrinha dos sorvetes tocava música, era porque os sorvetes já tinham acabado?

– Sim, por acaso disse – respondeu ele. – Eu tenho um lado sombrio, sabes. Toda a gente pensa que eu sou muito simpático, mas tenho tantos pensamentos maus como outro qualquer. Honestamente.

– Não, não tens, Riley – disse-lhe ela, sentando-se ao lado dele no sofá. – Há muitas coisas que eu adoro em ti – disse ela, passando-lhe alguns quadrados de chocolate para ele –, mas não te amo.

Monica lembrou-se do que ouvira Mary dizer, a respeito de aprender a ser o seu sol. Lembrou-se da conversa que tivera com Alice no comboio. *Há vantagens em se ser solteira.* Ela não precisava de orbitar à volta de mais ninguém. Também não precisava de um bebé. *Um bebé não nos deixa felizes para sempre.* Sabia o que tinha de dizer.

– Eu não posso ir viajar contigo, Riley. Desculpa. Preciso de estar aqui, com os meus amigos, e o café.

– Eu já estava mais ou menos à espera que me dissesse isso – respondeu Riley, com um ar derrotado. Pousou o chocolate em cima da mesa como se fosse um prémio de consolação indesejado. – Eu compreendo, Monica. Originalmente tencionava ir sozinho, em qualquer caso. Eu fico bem. – E ela sabia que assim era. Riley ficaria sempre bem. – E se tu decidires que cometeste um erro terrível, podes sempre encontrar-me em Perth.

– Ainda podemos ser amigos até te ires embora, não é? – perguntou-lhe ela, imaginando se teria, de facto, cometido um erro terrível. Aquilo era decerto o que ela sempre quisera, e agora estava a deitá-lo fora.

– Claro – respondeu ele, levantando-se e encaminhando-se para a porta.

Ela beijou-o. Foi um beijo que disse muito mais do que adeus. Pedia desculpa, dizia obrigado, e quase te amei. Mas não por completo.

E ela não queria viver sem o por completo.

Riley saiu, levando consigo todos os devaneios dela. Eles os dois em pé na Ponte dos Suspiros, em Veneza, a nadarem numa enseada isolada de uma ilha grega perfeita, a beijarem-se num bar em Berlim enquanto uma banda tocava. Riley a ensinar os filhos deles a surfar. Monica a levá-los de volta a Fulham para lhes mostrar o café onde tudo começara.

Sentou-se no sofá, sentindo-se muito, muito cansada. Olhou para a fotografia da sua mãe que estava por cima da lareira, a rir-se para a câmara. Lembrou-se de quando a tinham feito – durante umas férias em família na Cornualha, poucas semanas antes do diagnóstico.

*Eu sei que não preciso de um homem, mãe. Eu sei que não me devo comprometer. Posso cuidar de mim, é claro que posso.
Mas às vezes gostaria de não ter de o fazer.*

CAPÍTULO 65

Hazard

Tinha decorrido uma semana desde aquele desastroso encontro de Hazard com Blanche, e da sua tomada de consciência a respeito de Monica.

Ele havia-se dedicado ao seu trabalho, assumindo todas as funções mais difíceis da jardinagem como forma de distração. Deixara de usar o café como escritório, e ficara admirado com a falta que sentia daquelas sessões de trabalho e dos jogos de gamão com Monica.

Era irónico que, depois de todas aquelas semanas a fazer de casamenteiro, a única pessoa com quem desejava que ela estivesse era ele.

Mas havia estragado tudo.

A memória que tinha do casamento era irregular, quando muito, mas uma cena persistira nele, com uma clareza surpreendente, e continuava a passar repetidamente na sua cabeça: *Vá arranjar uma vida, Monica, e pare de ser tão chata. Você não é minha mãe, nem minha mulher, nem minha namorada, e ainda bem.* Ou qualquer coisa mais ou menos nesse tom horrível.

Ela fora adorável consigo no dia seguinte, e amistosa desde então. Parecia não lhe guardar rancor, mas jamais iria pensar em sair com ele agora que o vira no seu pior.

Em todo o caso, ela ia viajar com Riley. O bom e velho Riley, que era o oposto de si – fiável, honesto, descomplicado, gentil e generoso.

Se ele se importava com Monica, devia sentir-se feliz por eles. Riley era o homem certo para escolher. Mas Hazard não era assim tão simpático, e isso era parte do problema. Era defeituoso e egoísta. E de facto, de facto queria Monica para si.

Tudo em Riley o andava a irritar, desde aquela estúpida pronúncia australiana, até à maneira como ele assobiava enquanto trabalhava. *Sai dessa,*

Hazard. A culpa não é dele. O Riley não fez nada de errado.

Voltou-se para Riley, que estava a assobiar alegremente ao seu lado.

– Então, que sítio é que tu e a Monica vão visitar primeiro? – perguntou-lhe, embora soubesse que esta conversa o iria magoar.

– Na verdade, amigo, ela afinal não vem comigo – respondeu Riley. – Diz que tem muita coisa para tratar aqui, de modo que vou sozinho, a menos que consiga convencer o Brett a vir também.

Hazard esforçou-se mesmo muito para não olhar para Riley, nem lhe dar nenhuma pista sobre o que aquela frase proferida significava para si. Sabia que tinha de responder a Riley ou correr o risco de parecer indiferente, mas sabia que, caso o fizesse, iria denunciar-se.

Seria possível que Monica ficasse em Londres por causa dele? Duvidava muito disso, mas talvez fosse um *signal*. Era decerto uma *oportunidade*, e uma oportunidade que ele não podia deixar escoar-se entre as suas mãos. Pelo menos tinha de falar com ela, antes que enlouquecesse.

Enquanto arrancava uns cardos gigantes do canteiro de flores, Hazard pensou no que lhe poderia dizer.

Eu sei que sou um homem rude e egoísta com problemas de vício que se portou de uma maneira imperdoável e horrível contigo, mas acho que seria maravilhoso, e ficaríamos muito bem um com o outro, se me desses só uma oportunidade? Não era como se estivesse a vender-se.

Monica, eu amo tudo o que há em ti, desde a tua força, ambição e princípios, até à maneira como tu te preocupas tanto com os teus amigos e à tua obsessão com a classificação dos padrões de higiene alimentar. Se me deres essa oportunidade, farei tudo o que puder para ser digno de ti? Um pouco carente de mais, talvez.

Monica, todas aquelas coisas sobre as quais tu escreveste – querer uma família, filhos e todo o conto de fadas – bom, talvez eu também pudesse querer isso. Mmmm. A verdade era que ele ainda andava a tentar resolver-se quanto a isso, e estava decidido a ser honesto. Viria ele alguma vez a tornar-se adulto e responsável para ser pai? Além disso, não tinha a certeza de que evocar o que ela tinha escrito naquele caderno fosse uma boa ideia, ela era muito sensível a respeito disso, como ele e Riley haviam descoberto.

Se calhar devia aparecer no apartamento dela e tocar de ouvido. Afinal, o que tinha a perder?

Hazard conduziu até à Ajuda da Mãe em piloto automático. Precisava de ir lá deixar as ferramentas de jardinagem que eles tinham usado. No entanto, era impossível entrar e sair do local rapidamente, pois era sempre assaltado pelos seus pequenos ajudantes.

– Ouve lá, Fin – disse ele ao garoto pequeno e magro que estava a ajudá-lo a arrumar as ferramentas no barracão –, tu tens jeito com as raparigas?

– Eu? Eu sou o melhor! – disse Fin, inchando o peito. – Tenho CINCO namoradas. Mais do que o Leo. E ele tem uma *PlayStation 4*.

– Ena. Qual é o teu segredo? Como fazes para elas saberem que gostas mesmo delas?

– É fácil. Dou-lhes um dos meus *Haribos*. E sabe o que eu faço quando gosto mesmo, mesmo, delas?

– O quê? – perguntou Hazard, debruçando-se até à altura de Fin.

Fin sussurrou no ouvido de Hazard, com um hálito quente:

– Dou-lhes aquele que tem forma de coração.

CAPÍTULO 66

Alice

— **E**u não tinha a certeza se o iria encontrar aqui, Julian, dada esta coisa de a Mary não estar morta e tudo isso – disse Alice, quando chegou ao túmulo do Almirante. – Olá, *Keith* – disse ela, debruçando-se para fazer uma festa na cabeça do cão. *Keith* mostrou-se bastante incomodado, como se fazer-lhe festas fosse uma afronta à sua dignidade.

– A Mary, afinal, não esteve morta durante os últimos quinze anos, minha querida menina – disse Julian, como se isso fosse novidade para ele –, mas mesmo assim eu continuei a vir aqui. Não apenas para a recordar, mas para manter um vínculo com o passado... tanto do qual eu deixara para trás. Mas trouxe isto, em vez do *Bailey's* – disse ele, tirando do saco uma garrafa de vinho tinto, alguns copos de plástico e um saca-rolhas. – A verdade é que nunca gostei de *Bailey's* e, como afinal até a Mary já não o bebe, acho que podemos dispensá-lo.

Alice, que tinha andado a esvaziar às escondidas os seus copos de *Bailey's* no meio do matagal durante os últimos meses, ficou bastante aliviada. Sentou-se em cima do mármore, ao lado de Julian, e aceitou o copo de vinho que ele lhe passou para a mão. O cemitério estava cheio de flores azuis, e outras tombavam das árvores como neve. Era a primavera, uma época para novos começos. Tirou *Bunty* do carrinho e sentou-a em cima do joelho. *Bunty* estendeu a mão para uma das flores, segurando-a no seu punho rechonchudo.

– Querida Alice, posso falar-lhe sobre a minha nova ideia? – disse ele. Ela assentiu, um pouco nervosa. Nunca se sabia bem o que Julian iria inventar a seguir. – Tenho andado a pensar n' *O Projeto da Autenticidade*, no motivo pelo qual o iniciei, em quão solitário me sentia. E sei que há por aí muitas pessoas a sentirem-se da mesma maneira, que passam dias inteiros sem falarem com

ninguém, e comem todas as refeições a sós. – Alice fez um aceno de concordância. – Depois lembrei-me de Hazard ter falado sobre a sua estada na Tailândia e sobre como, embora ele estivesse sozinho, o lugar onde se hospedara tinha uma mesa comunitária onde todos comiam juntos todas as noites.

– Sim, lembro-me disso – anuiu Alice. – É uma ótima ideia. Basta pensar em todas as pessoas que se poderiam conhecer, nas conversas que se poderiam ter.

– Exato – disse Julian. – Então lembrei-me, por que não fazemos isso uma vez por semana no café de Monica? Podíamos convidar alguém que não tenha com quem comer, para jantar à volta de uma grande mesa. Podíamos cobrar dez libras por cabeça, quem quisesse trazia a sua bebida. E pensei que podíamos pedir a quem tivesse possibilidades para isso que pagasse vinte libras, para que quem *não* as tivesse pudesse comer de graça. O que acha?

– Eu acho uma ideia fantástica! – disse Alice, batendo palmas. *Bunty* riu-se e bateu palmas também. – O que diz a Monica?

– Ainda não lhe perguntei – respondeu Julian. – Acha que ela vai aceitar?

– Claro que sim! Como se vai chamar isso?

– Pensei que talvez o *Clube da Ceia de Julian*.

– Claro que sim. Olhe, vem aí o Riley.

– Riley, meu rapaz, sente-se – disse Julian, entregando-lhe um copo de vinho. – Eu estava mesmo a precisar de falar consigo. O meu aniversário é no dia 31 de maio, poucos dias antes da sua partida. Lembrei-me de organizar uma festa, de despedida para si e de agradecimento a todos vós por me aturarem. O que diz?

– Isso seria fantástico! – disse Riley. – Você vai fazer *oitenta* anos. Uau.

– Mas, Julian – interveio Alice –, tinha-me dito que nasceu no dia em que declaramos guerra à Alemanha, e eu sei que isso aconteceu em setembro, não em maio. – Alice tinha ganho o prémio de história na escola. Fora a sua maior (e única) proeza académica.

Julian tossiu e pareceu ficar um pouco encavacado.

– Você percebe de história, não é, minha querida? Sim, talvez eu tenha calculado mal o mês. E o ano. Não vou fazer oitenta, mas oitenta e cinco. O dia

em que declararam a guerra foi na verdade o meu primeiro dia na escola primária. Fiquei furioso por ninguém querer saber como tinha corrido. Seja como for – disse ele, mudando de assunto –, pensei que poderíamos fazer uma festa em Kensington Gardens, entre o coreto e a lagoa redonda. Eu fazia sempre lá as minhas festas de aniversário. Juntávamos todas as espreguiçadeiras que estivessem ali por perto e enchíamos uns grandes baldes com *Pimm's*, limonada, frutas e gelo, depois quem tivesse algum instrumento tocava, e ficávamos por ali até escurecer e a Polícia de Parques nos mandar embora.

– Parece uma maneira perfeita de me despedir de Londres – disse Riley. – Obrigado.

– É um autêntico prazer – disse Julian, radiante. – Vou pôr Monica a organizar.

CAPÍTULO 67

Julian

Julian não conseguia acreditar que Mary estava sentada *em sua casa*, junto à lareira, a beber chá. Esfregou os olhos com força, para a sua visão ficar turva, e era tal e qual como se eles estivessem de volta aos anos de 1990, antes de tudo ter corrido mal. Mas *Keith* não se sentia tão feliz com a situação; Mary estava sentada na cadeira dele.

Mary tinha ido lá buscar algumas das suas coisas. Levara muito poucas, dizendo que não era bom mergulhar de mais no passado. Esse era um novo conceito para Julian. Preparou-se para ter a conversa que sabia ser necessária. Se não fizesse isso agora, ela ir-se-ia embora, e ele poderia nunca mais encontrar o momento adequado.

– Lamento muito toda aquela *coisa da morte*, Mary – disse ele, sem saber ao certo se a frase lhe saía muito bem. – Sinceramente, não pensei naquilo como uma mentira. Passei tantos anos a imaginar que tinhas morrido, que comecei a pensar que era verdade.

– Acredito em ti, Julian. Mas porquê? Porquê matar-me, desde logo?

– Era mais fácil do que encarar a verdade, suponho. O que eu devia ter feito era passar todas as horas do dia a tentar encontrar-te e fazer as pazes. Mas isso significava ter de enfrentar que eu me tinha comportado de uma maneira horrível, e correr o risco de nova rejeição, por isso eu... não o fiz – respondeu, olhando para a sua caneca de chá.

– Só por curiosidade – disse Mary, com um leve sorriso –, como morri?

– Oh, fui ensaiando várias versões diferentes ao longo dos anos. Durante um tempo tinhas sido atropelada pelo autocarro da carreira 14, quando estavas a voltar para casa depois de teres ido comprar mercearias ao mercado na North

End Road. A rua do lado de fora dos estúdios tinha ficado juncada de damascos e cerejas.

– Dramático! – disse Mary. – Embora não seja lá muito justo para o motorista do autocarro. E que mais?

– Uma forma de cancro muito rara, mas agressiva. Cuidei de ti heroicamente durante os teus últimos meses, mas não havia nada que eu pudesse fazer para te salvar – disse ele.

– Mmm. Improvável. Tu darias um enfermeiro terrível. Nunca foste bom com doenças.

– Bem observado. Estou bastante orgulhoso da minha versão mais recente, porém. Foste apanhada num tiroteio entre quadrilhas rivais de drogas. Tinhas tentado ajudar um jovem que fora esfaqueado e que estava a sangrar no passeio, mas que morreu pela tua bondade.

– Oh, gosto mais dessa. Faz-me parecer uma autêntica heroína. Mas assegura-te de que fui atingida mesmo no coração. Não quero um fim lento e doloroso – disse ela. – A propósito, Julian. – Julian não gostava que Mary começasse as frases com um *a propósito*. O que vinha a seguir nunca era casual. – No caminho para cá, encontrei uma das tuas vizinhas. Patricia, acho que é assim que ela se chama. Falou-me sobre a propriedade, e disse que querem vendê-la.

Julian suspirou. Sentiu-se como costumava sentir-se nos velhos tempos, quando Mary o apanhava a fazer alguma coisa indecente.

– Oh, meu Deus, andam a importunar-me com isso há meses, Mary. Mas como posso eu vender? Para onde iria? Que faço a tudo isto? – Fez um gesto expansivo que abarcou todas as posses reunidas na sua sala de estar.

– São apenas *coisas*, Julian. Talvez venhas a achar que, sem elas, te sentirás liberto! Seria um novo começo, uma nova vida. Foi isso que eu senti, quando deixei tudo isto para trás. – Julian tentou não se abespinhar com a ideia de que Mary se sentira «liberta» dele.

– Mas há tantas lembranças, Mary. Os meus velhos amigos estão todos aqui. Tu estás aqui – disse-lhe ele.

– Mas eu não estou aqui, Julian. Eu estou em Lewes. E sou muito feliz. E tu podes vir visitar-nos, sempre que quiseres. Todas essas *coisas*, todas essas

memórias, estão só a sufocar-te, a manter-te preso no passado. Agora tens novos amigos, e o teu lar é onde quer que eles estejam. Podes comprar um novo apartamento e recomeçar. Imagina isso – disse ela, mirando-o com atenção.

Julian imaginou-se num apartamento como aquele em que Hazard morava, e onde ele fora tomar chá na semana anterior. Todas aquelas janelas grandes, linhas limpas e superfícies claras. *Aquecimento por piso radiante*. Vasos cheios de orquídeas brancas. Interruptores com regulação de intensidade luminosa. A ideia de se ver num sítio daqueles era bizarra, mas também estranhamente entusiasmante. Teria ele coragem para sair da sua rotina aos setenta e nove anos? Ou oitenta e quatro. Tanto fazia.

– Seja como for – continuou Mary –, vender seria a coisa certa a fazer. Não é justo deixares os teus vizinhos à espera. Estás a atrapalhar muitas vidas. Não terá chegado a hora de pensares nas outras pessoas, Julian, e de tomares uma atitude honrosa?

Julian sabia que ela tinha razão. Mary tinha sempre razão.

– Escuta, eu preciso de ir visitar outra pessoa, de modo que vou deixar-te pensar nisso. Prometes-me que pensas no assunto? – disse Mary, inclinando-se para lhe dar um abraço, e lhe plantar um beijo seco na face.

– Está bem, Mary – disse-lhe ele. E estava a ser sincero.

JULIAN BATEU na porta do número quatro. Esta abriu-se e revelou uma mulher imponente com as mãos nas ancas e uma expressão inquisitiva, mas nada amigável.

Ambos ficaram à espera que alguém dissesse qualquer coisa. Acabou por ser Julian o primeiro. Ele detestava um silêncio por preencher.

– Senhora Arbuckle – disse ele –, creio que tem andado a querer falar comigo.

– Bom, sim – respondeu ela –, nos últimos *oito meses*. Por que veio aqui agora? – Ela prolongou a palavra «agora» por vários compassos.

– Decidi vender – disse ele. Patricia Arbuckle abriu os braços e soltou um longo suspiro, como um *airbag* a esvaziar-se.

– Dessa é que eu não estava à espera – disse ela. – É melhor entrar. O que o fez mudar de ideias?

– Bom, é importante fazer a coisa certa – disse Julian, pensando que proferir em voz alta o seu novo mantra poderia ajudá-lo a manter as suas resoluções –, e vender é fazer a coisa certa. Todos vocês ainda têm anos pela frente, e não posso ser eu a ir roubar-vos os ovos ao ninho. Lamento ter demorado tanto a aceitar isso.

– Nunca é tarde de mais, senhor Julian Jessop – disse Patricia, mostrando-se satisfeita.

– Não é a primeira pessoa a dizer-me isso recentemente – respondeu Julian.

CAPÍTULO 68

Monica

Monica afixou o cartaz de Julian na montra, no mesmo sítio em que colocara o seu anúncio para um professor de arte seis meses antes. Colou cuidadosamente a fita adesiva sobre as marcas deixadas pelo anterior, que não conseguira remover.

ESTÁ FARTO DE COMER SOZINHO?
JUNTE-SE À MESA COMUNITÁRIA NO
CLUBE DA CEIA DE JULIAN,
MONICA'S CAFÉ
TODAS AS QUINTAS-FEIRAS, 19 H 00
TRAGA A SUA BEBIDA
£10 POR CABEÇA, £20 SE SE SENTIR GENEROSO
SE NÃO PUDER PAGAR, COME DE GRAÇA

Lembrou-se de como Hazard lhe roubara o cartaz e o fotocopiara. Devia pedir-lhe para fazer cópias deste e ir distribuí-lo por Fulham em jeito de penitência. Estava a virar a placa na porta para o lado do FECHADO, quando chegou uma cliente. Monica estava prestes a dizer-lhe que chegara tarde de mais, mas percebeu que era Mary.

– Olá, Monica – disse-lhe ela. – Acabei de visitar o Julian, e então lembrei-me de passar por cá para lhe poder dar isto. – Enfiou a mão na bolsa e tirou de lá o caderno que havia sido deixado no café dela seis meses antes. – Tentei entregá-lo ao Julian, mas ele disse que isto só lhe fazia lembrar como ele fora *inautêntico*, e que devia ser a Monica a ficar com ele.

– Obrigado, Mary – disse Monica, pegando no caderno. – Aceita uma chávena de chá? E bolo? Eu acho que isto exige bolo.

Mary sentou-se ao balcão enquanto Monica preparava um bule de chá.

– Lamento muito ter pregado aquele susto a todos vós, quando apareci aqui de repente – disse ela. – Tinha pensado em ficar discretamente ao fundo da aula de arte até poder conversar com Julian em privado. Não esperava vir interromper um memorial. E muito menos o meu.

– Por favor, não peça desculpa! – exclamou Monica, servindo o chá. – Como haveria de saber? Estou feliz por ter tido a oportunidade de conhecê-la.

– Eu também. Percebi que *O Projeto da Autenticidade* na verdade até me fez um favor. Veja bem, eu saí daquela casa sem nenhuma explicação, nem despedidas, e também deixei para trás um pouco de mim. Toda aquela história. E o Julian, que tem muitos defeitos, mas, como sabe, é extraordinário. Vê-lo de novo ajudou-me a serenar algumas coisas.

– Fico contente – disse Monica.

– A propósito, espero que não se importe que eu lhe pergunte, mas já resolveu as coisas com aquele homem que anda apaixonadíssimo por si? – perguntou Mary.

– O Riley? – disse Monica, pensando que «apaixonadíssimo» era exagerar um pouco. – Receio que não. Muito pelo contrário, na verdade.

– Não, não – disse Mary –, não é o terno garoto australiano, o outro. Aquele que estava ali sentado – ela apontou para o canto – como um pensativo senhor Darcy, a olhar para o Riley como se este lhe tivesse roubado alguma coisa que ele queria desesperadamente reaver.

– O *Hazard*? – perguntou Monica, surpreendida.

– Ah, então aquele é que era o Hazard – respondeu Mary. – Faz sentido. Eu li a história dele no caderno.

– Está enganada acerca do Hazard, Mary. Ele não está apaixonado por mim. Na verdade, somos opostos.

– Monica, eu passei a vida inteira como observadora. Sou muito rápida a ver as coisas. E sei o que vi. Ele parecia ser um homem um pouco complexo e estragado, e eu sei tudo acerca disso.

– Mesmo que tivesse razão, Mary – disse Monica –, não é esse um bom motivo para eu me manter à distância?

– Oh, mas é muito mais forte do que eu era, Monica. Você jamais deixaria que alguém a tratasse como eu deixei que o Julian me tratasse. E, sabe, apesar de tudo, não me arrependo de um único dia que passei com aquele homem. Nem um. Agora tenho de ir.

Mary debruçou-se por cima do balcão, beijou Monica nas duas faces, e depois partiu, deixando Monica a sentir-se *eufórica*.

Hazard? Por que tal ideia não a fazia fungar de escárnio? Era pura vaidade. Ela estava apenas a apreciar o facto de Mary pensar que ela era o tipo de mulher que inspirava paixão. Vê se te recompões, Monica.

Monica pegou no caderno, que ficara em cima do balcão e regressara ao local de partida. Ocorreu-lhe que todos, à parte Julian, tinham lido a sua história, mas que ela não lera a história de ninguém. Isso não lhe parecia nada justo. Encheu outra chávena de chá e começou a ler.

Hazard

Hazard tocou a campainha de Monica. Eram quase dez da noite, um pouco mais tarde do que ele pretendia aparecer, mas tinha mudado de ideias por duas vezes quanto a ir lá. Ainda não tinha a certeza de estar a fazer o mais certo, mas uma coisa que ele não era, era cobarde. Ouviu-se uma voz minúscula através do intercomunicador.

– Quem é? – Agora era tarde de mais para desistir.

– Aaaah, é o Hazard – disse ele, sentindo-se como um Romeu dos tempos modernos, a tentar declarar o seu amor por Julieta. Se ao menos ela tivesse uma varanda em vez de um intercomunicador.

– Oh. É você. O que quer? – Aquilo não se parecia nada com Shakespeare. Nem era o acolhimento que ele esperava.

– Preciso mesmo de falar consigo, Monica. Posso subir? – perguntou ele.

– Não percebo porquê, mas se tem mesmo de ser. – Ela abriu a porta da frente e ele empurrou-a, depois subiu as escadas até ao apartamento dela.

Lembrava-se difusamente do apartamento de Monica desde aquele dia que lá passara após o casamento desastroso. Absorveu todos os pormenores, desta vez com a cabeça desanuviada. Era o que esperaria alguém que conhecesse Monica – limpinho como um alfinete e conformista, com paredes cinzento-claras, mobiliário minimalista e chão de carvalho encerado. Havia, no entanto, alguns objetos que mostravam um dom inesperado, tal como Monica – um candeeiro em forma de flamingo, um manequim antigo usado como suporte para casacos, e uma parede dominada por uma fabulosa pintura com o rosto de David Bowie. Um leve cheiro a café infiltrava-se pelo soalho vindo do piso inferior.

Monica não se mostrou nada contente por vê-lo. Era evidente que esta não era uma boa altura para a sua grande declaração. Retroceder! Que outro motivo poderia ele dar para aparecer ali tão tarde? *Pensa, Hazard.*

Não valia a pena, teria de ir em frente.

– Então? – disse ela.

– Aaaa. Monica, eu queria dizer-lhe o que sinto por si – disse ele, andando de um lado para o outro, pois estava demasiado nervoso para se sentar e em todo o caso ela não lhe oferecera nenhum assento.

– Eu sei muito bem o que pensa de mim, Hazard – respondeu ela.

– Sabe? – inquiriu, confuso. Talvez isso viesse a ser mais fácil do que ele pensava.

– Uh, huh. *Ela tem uma intensidade que me repele a ponto de me aterrorizar.* Isso lembra-lhe alguma coisa? – Só então ele viu o que ela tinha na mão. O caderno. Tinha estado a ler a história dele.

– E que tal esta? *Ela faz-me sentir que devo estar a fazer algo de errado. É o tipo de pessoa que organiza todas as latas dos armários de modo a que a frente fique voltada para o exterior, e que arruma todos os livros nas estantes por ordem alfabética.* Estava a pensar por que me teria perguntado pelas malditas latas no outro dia!

– Monica, pare. Ouça-me – disse Hazard, enquanto viu os seus sonhos rebentarem num acidente de automóvel em câmara lenta.

– Oh, não posso parar antes da melhor parte! *E tem um ar de desespero que eu poderei estar a exagerar na minha imaginação porque li a história dela, mas que me dá vontade de fugir para o alto dos montes.* – E a seguir ela atirou-lhe o caderno.

– Já é a segunda vez que me atira qualquer coisa à cabeça. Na última vez foi um pudim de figo – disse-lhe ele ao mesmo tempo que se baixava. Aquilo não estava a correr bem, mas, meu Deus, ela ficava linda quando se zangava, uma bola de fogo repleta de energia e de justa indignação. Tinha de fazer com que ela o ouvisse.

– Continue, Hazard. Fuja para a porra dos montes, por que não? Não estou a impedi-lo!

– Quando escrevi isso tudo, não te conhecia.

– Eu sei que não me conhecias. Mas então, por que te sentiste qualificado para fazer juízos sobre os armários da minha cozinha, pelo amor de Deus?

– Eu estava enganado. Total e completamente enganado. Não sobre os armários, afinal, mas sobre tudo o resto. – Ela lançou-lhe um olhar fulminante. Era óbvio que o humor não iria resultar. – Tu és uma das pessoas mais incríveis que eu jamais conheci. Ouve, o que eu *devia* ter escrito era isto...

Ele respirou fundo e continuou.

– Fui ao café de Monica para poder devolver o caderno de Julian. Não tinha intenção de jogar aquele jogo estúpido. Mas, quando percebi quem ela era, a mulher em que eu tinha esbarrado algumas noites antes, perdi a coragem. Fiquei com o caderno e levei-o comigo para a Tailândia. Não consegui esquecer a história dela, e por isso decidi encontrar o homem perfeito para ela e enviá-lo na sua direção. Mas depois comecei a perceber que o homem perfeito era eu. Não que eu seja perfeito, longe disso. – Ele riu-se. Isso não soou muito bem. Monica não o acompanhou. – Percebo que não a mereço, mas amo-a. Tudo o que há nela.

– Eu *confiei* em ti, Hazard! Conte-te coisas sobre a minha vida que não contei a mais ninguém... nem ao Riley. Pensei que tu, entre todas as pessoas, compreenderias, que não irias zombar de mim – disse Monica, como se não tivesse ouvido uma palavra do que ele dissera.

– Monica, eu *compreendo*. Mais do que isso, eu amo-te *ainda mais* por causa do que tu passaste. Afinal, são as rachas que deixam entrar a luz.

– Não me venhas citar mal o raio do Leonard Cohen, Hazard. Vai mas é embora. E não voltes – disse ela.

Hazard percebeu que não iria conseguir comunicar com Monica naquele dia, se é que alguma vez o conseguiria.

– Está bem, eu vou – disse-lhe ele, voltando-se para a porta –, mas estarei ao pé do Almirante, na próxima quinta-feira às sete da tarde. Por favor, por favor, pensa no que eu te disse e, se mudares de ideias, vai lá ter comigo.

HAZARD FOI A PÉ para casa pelo caminho mais longo, atravessando Eel Brook Common. Ainda não estava capaz de regressar ao seu apartamento vazio. Um homem estava sentado num banco à frente dele, iluminado por um

candeeiro e parecendo tão infeliz quanto Hazard. Hazard tinha a certeza de que o reconhecia de algum lugar. Provavelmente do meio financeiro. Vestia o regulamentar fato feito por medida, uns sapatos da Church's e ostentava um pesado relógio *Rolex*.

– Olá – disse Hazard, e a seguir sentiu-se estúpido. Com certeza não conhecia de todo aquele tipo.

– Olá – respondeu o homem, arrastando-se ao longo do banco para que Hazard se pudesse sentar. – Estás bem?

Hazard suspirou.

– Nem por isso – disse ele. – Problemas com raparigas. Sabes como é. – O que estava ele a fazer? *A trocar intimidades*. Primeiro com Fin, e agora com um tipo qualquer sentado num banco.

– Nem me digas nada – respondeu o outro. – Estou a evitar ir para casa. És casado?

– Não – disse Hazard. – De momento estou solteiro.

– Bom, então segue o meu conselho, pá, e continua como estás. Assim que um tipo se casa, elas reescrevem todas as regras. Julgas que está tudo a correr bem... sexo sempre que quiseres, a linda mulher que te mantém a casa linda e os amigos entretidos, e depois elas mudam. Antes que percebas, já têm estrias, os peitos delas *pingam*, a casa está cheia de brinquedos de plástico coloridos, e toda a atenção delas está fixada no bebé. E tu és apenas o tanso que tem de pagar essa merda toda.

– Percebo o que me estás a dizer – respondeu Hazard, decidindo que não gostava muito do seu novo confidente –, e tenho a certeza de que o casamento não é fácil, mas o problema comigo é que, quando alguém me diz o que devo fazer, tenho o hábito de fazer o contrário.

Hazard disse-lhe adeus desajeitadamente. Sentiu bastante pena da mulher daquele homem. Seria ele assim tão perfeito? O que teria acontecido ao «para o melhor e para o pior, na doença como na saúde»? Que grande *asno*, com franqueza.

Lembrou-se então de onde conhecia aquele tipo. Tinha-o visto ainda não havia muito tempo naquele restaurante terrível a que fora com Blanche. Ele estava lá a jantar com Alice.

CAPÍTULO 70

Riley

Riley assumira que a sua vida iria voltar ao normal: simples, descomplicada e fácil. Mas não tinha sido assim. Não conseguira esquecer-se de Monica. Sentia-se como se um tornado o tivesse levado por alguns meses para uma terra em *technicolor*, onde tudo era um pouco estranho e *intenso*, onde ele não fazia ideia do que haveria na próxima curva da estrada de tijolos amarelos, e agora estava de volta ao Kansas sentindo-se estranhamente... esvaziado.

Por que desistira com tanta facilidade? Por que não se esforçara mais por convencer Monica a ir com ele? Por que não se oferecera para ficar ali? Poderia ir viajar pela Europa, tal como planeara, mas depois regressar a Londres e retomar as coisas no ponto em que as deixara. De repente, tudo lhe parecia muito óbvio.

Riley sacudiu a letargia que o atormentara nos últimos dias e, com um ímpeto de energia, propósito e paixão, saiu do seu apartamento e caminhou em direção à Fulham Road. Já era tarde, por isso o cemitério estava fechado, mas quase nem notou a distância extra que teve de percorrer, tão empolgado ele estava com a sua determinação. Riley sentia ter-se juntado às fileiras dos heróis românticos que faziam qualquer coisa para conquistar a sua bela princesa. Ele era o senhor Darcy, ele era Rhett Butler, ele era o *Shrek*. O *Shrek* talvez não.

Quando se aproximou do apartamento de Monica, Riley percebeu que ela ainda estava acordada. Tinha as cortinas abertas, e a luz da sala brilhava como um farol acolhedor. Atravessou para o outro lado da rua e esticou o pescoço, para ver se conseguia avistá-la.

Não conseguiu. Mas conseguiu ver Hazard. O que estava Hazard a fazer no apartamento de Monica àquelas horas da noite?

De repente, sentiu-se muito estúpido. Todas aquelas desculpas acerca das responsabilidades dela e do negócio dela, quando a verdade era que Monica andava a encontrar-se com outra pessoa. Todas aquelas vezes em que ele e Hazard, o seu *amigo*, andavam a jardinar e Hazard estava sempre a trazer a conversa para o tema de Monica. Agora fazia sentido.

Teria sido por isso que Hazard convidara Monica a ir ao casamento? Riley achara aquilo um pouco estranho, mas confiara nele. Confiara em ambos. Não deveria ficar surpreendido. Hazard, com o seu aspecto rude e perigosamente atraente, o seu raciocínio rápido e a sua brilhante perspicácia nos negócios, era a escolha óbvia.

Como podia ter sido tão ingénuo? Não admirava que Monica não o amasse.

Riley sentiu uma onda de exaustão engoli-lo. Desde que ele aparecera ali, naquele café, tinha encontrado um espaço perfeito mesmo à sua medida, nesta cidade maravilhosa, entre estas pessoas extraordinárias. Mas agora esse espaço tinha-se fechado e ele fora cuspidado para o lado de fora. Um intruso indesejado, um corpo estranho. Estava na hora de seguir em frente.

Regressou a Earl's Court, um homem muito diferente daquele que de lá tinha saído meia hora antes. As pessoas pensavam que como Riley era tão alegre e caloroso ele não *sentia*. Mas estavam enganadas. Estavam muito enganadas.

Monica

Monica olhou para a longa fila à porta do café. Lizzie tinha feito um brilhante trabalho a encontrar muitos dos convidados desta noite. Contara a Monica que a vantagem de conhecer a vida de todos os seus vizinhos era que ela sabia quem morava sozinho e não recebia visitas, e por isso fora bater às portas dessas pessoas e convidara-as. Depois fora ter com a sua médica de clínica geral e deixara-lhe alguns folhetos para distribuir, e depois fizera o mesmo com a bibliotecária da Fulham Library e com a sua amiga Sue, que era a assistente social local.

Monica abriu as portas e deu as boas-vindas a todos. As mesas do café estavam dispostas num grande quadrado, com assentos para cerca de quarenta pessoas. A senhora Wu e Benji estavam a cozinhar, Monica e Lizzie serviam à mesa, e Julian estava a desempenhar o papel de anfitrião com *Keith*, o único cão que estava agora oficialmente autorizado a entrar no café. *Keith* estava sentado aos pés dele, por baixo da mesa, peidando-se de uma maneira doentia. Ou talvez fosse Julian.

Daí a pouco tempo, o café estava a fervilhar de conversas e risos. A idade média dos comensais era cerca de sessenta anos e, incentivados por Julian, todos estavam a partilhar histórias sobre o bairro ao longo dos anos.

– Quem se lembra dos banhos públicos e dos lavabos de Fulham? – perguntou Julian.

– Oh, eu lembro-me, como se fosse ontem! – disse a senhora Brooks, que devia ser ainda mais velha que Julian. Lizzie ia fornecendo a Monica um comentário permanente sobre quem era quem. A senhora Brooks, aparentemente, morava na mesma rua de Lizzie, no número 67. O marido tinha-a deixado após «aquele infeliz incidente com o homem do gás», e ela

vivia sozinha desde então. – Costumávamos encher os nossos carrinhos de bebê e as cadeirinhas com lençóis, toalhas e colchas, e levávamos tudo isso até à North End Road. Era uma ótima desculpa para a tagarelice, era o dia da lavagem. Conversávamos durante horas, e esfregávamo-nos até as nossas mãos parecerem umas ameixas secas. Tive saudades quando passámos a ter a nossa banheira. Agora aquilo é um estúdio de dança, sabe. Eu vou lá todas as semanas praticar os meus *pliés*.

– A sério? – perguntou Monica.

– Não, claro que não, ora essa! – disse a senhora Brooks, com uma gargalhada. – Eu mal consigo andar. Se fizesse um *plié*, nunca mais tornava a levantar-me!

– Quem viu o Johnny Haynes jogar em Craven Cottage? – perguntou Bert, o do número quarenta e três, de uma maneira algo previsível. Bert era um cliente habitual do café, e todas as conversas que Monica tivera com ele ao longo dos anos tinham sido sobre o Fulham Football Club. – Vocês sabiam que o Pelé o descreveu como o melhor passador de bola que ele já tinha visto? O nosso Johnny Haynes. – Ficou com um ar quase choroso, mas após emborcar um grande gole de *Special Brew* pareceu recompor-se.

– Eu costumava ir beber com o George Best, sabe – disse Julian.

– Isso não o torna especial. O George bebia com toda a gente! – respondeu Bert.

A senhora Wu sorriu quando a comida dela suscitou exclamações e pôs-se a dar ordens a Benji como uma ditadora benevolente. Monica pensou se ele lamentaria o dia em que fora puxado para o seio da família Wu.

Monica reconheceu um daqueles homens, que estava a debicar com entusiasmo o frango agridoce, como sendo o sem-abrigo local. Sempre que tinham sobras no café, ela levava-os até ao caminho de sirga, por baixo da ponte de Putney, onde geralmente o encontrava. Tinha lá deixado o folheto de Julian na sua última entrega.

– Esta é a melhor refeição que eu como há anos – disse ele a Julian.

– Eu também – disse Julian. – Como se chama?

– Jim – respondeu ele. – Prazer em conhecê-lo. E obrigado pelo meu jantar. Gostaria de poder pagar-lhe.

– Não é preciso, meu querido amigo – disse Julian, acenando uma mão com desdém. – Um dia, quando se sentir abastado, poderá pagar o seu jantar e também o de outra pessoa. Olhe, parece ser um homem que aprecia boas roupas. Eu não deixo ninguém chegar perto da minha coleção, mas, se aparecer em minha casa amanhã, poderá escolher um novo traje. Desde que não seja um da Westwood. A minha generosidade tem os seus limites.

Monica sentou-se ao lado de Julian e bateu palmas para aquietar a sala. Ninguém lhe prestou atenção.

– Toda a gente calada! – bradou a senhora Wu, criando um silêncio instantâneo e admirado.

– Obrigada a todos por terem vindo – disse Monica. – E um enorme obrigado a Betty e a Benji por esta comida deliciosa e, é claro, ao nosso maravilhoso anfitrião, o criador deste clube de ceias, Julian.

Monica olhou para Julian, que estava recostado na sua cadeira. A sorrir e a apreciar os aplausos, os vivas e os assobios. Quando todos retomaram as suas conversas, ele virou-se para Monica.

– Onde está Hazard? – perguntou ele.

– Não faço ideia – respondeu ela, embora soubesse. Não conseguiu evitar olhar para o relógio. 19 h 45. Talvez ele ainda estivesse à espera lá no cemitério.

– Monica, a Mary contou-me a teoria dela. Sou tão tolo, por não ter percebido. Estou sempre demasiado preocupado comigo. O Riley é um garoto adorável, mas é isso que ele é: apenas um garoto, para quem a vida é fácil. Ele nunca teve de lidar com adversidades. O Hazard é mais complicado. Ele ficou à beira do precipício e olhou para o abismo. Eu sei, porque também estive lá. Mas ele sobreviveu, e voltou mais forte. Ele seria bom para si. Vocês ficariam bem juntos. – Pegou na mão dela. Ela contemplou-lhe a pele, enrugada pela idade e pela experiência.

– Mas nós somos muito diferentes, o Hazard e eu – disse Monica.

– E isso é bom. Aprenderão um com o outro. Não quer passar o resto da sua vida apenas a olhar para um espelho. Acredite, eu tentei! – disse Julian.

Monica, distraidamente, desfez em pequenas migalhas o bolinho da sorte que estava à sua frente e depois, percebendo o que havia feito, varreu-as para um prato lateral.

– Julian – disse ela –, importa-se se eu o deixar sozinho? Preciso de ir fazer uma coisa.

– Claro – disse ele. – Nós conseguimos tratar disto. Não conseguimos, senhora Wu?

– Sim! Você ir! – disse a senhora Wu, acenando as duas mãos diante dela, como se estivesse a afugentar uma galinha do ninho.

MONICA CORREU para a rua, quando um autocarro da carreira 14 estava a arrancar da paragem. Correu atrás dele, batendo na porta e implorando *por favor* ao motorista, apesar de saber que isso nunca funcionava.

Funcionou. O motorista do autocarro parou e abriu as portas para a deixar entrar.

– Obrigado! – disse ela, e afundou-se no assento mais próximo. Olhou para o relógio. Oito horas. Com certeza que Hazard não teria esperado uma hora inteira? E, em todo o caso, o cemitério não fechava às oito? Esta viagem ia ser em vão.

Por que Hazard não lhe dera o número de telemóvel e dissera para lhe ligar? Seria bastante fácil encontrar o número dele, ou a morada, mas agora parecia que o destino estava de certa forma envolvido naquilo. Se ela falhasse este encontro, então era porque não estava para acontecer. Monica sabia que isso era ilógico e contrário a si, mas ela parecia ter mudado muito nos últimos meses. A velha Monica jamais teria pensado em envolver-se romanticamente com um *viciado em drogas*, para começar. Onde se encaixava *isso* na sua lista de critérios?

Monica percebeu, logo que saiu na paragem do cemitério, que os portões de ferro forjado estavam trancados com uma corrente e um cadeado gigantescos. Devia sentir-se um pouco aliviada por ter chegado tarde de mais. Mas não estava.

Havia multidões de fãs de futebol do Chelsea nas ruas após um jogo que terminara há pouco, a comerem hambúrgueres nas *roulottes* que haviam sido montadas nas ruas laterais. Um homem muito grande, bastante bêbedo, vestido da cabeça aos pés com lembranças do Chelsea, parou e olhou para Monica. Foi tudo o que ela precisou.

– Sorri, amor! – exclamou. – Talvez nunca aconteça, sabes!

– Nunca vai acontecer se eu não conseguir entrar naquele cemitério – retorquiu Monica.

– O que há lá dentro? Além do óbvio! Aposto que é amor. Será amor, amor? – perguntou-lhe ele, rindo-se da sua graça e dando uma palmada nas costas do amigo, que cuspiu uma golfada de cerveja para cima do pavimento.

– Sabe, eu acho que se calhar é – disse Monica, pensando ao mesmo tempo por que diabo estava ela a dizer isso a uns estranhos quando nem o admitira a si mesma.

– Nós passamo-la por cima daquele muro, não passamos, Kevin? – disse o novo amigo dela. – Segure-me aí nisto. – Passou para as mãos de Monica um hambúrguer meio comido, que resumava *ketchup* e mostarda. Ela tentou não pensar na gordura que lhe ficara nos dedos. Na pressa de sair do café, esquecera-se lá do seu gel antibacteriano para as mãos. O homem pegou em Monica como se ela não pesasse nada e içou-a para os seus ombros. – Consegue chegar ao cimo do muro a partir daí? – perguntou.

– Consigo! – disse ela, trepando para o alto do muro, onde se sentou com uma perna de cada lado.

– E consegue descer daí sem problema?

Monica olhou para baixo. A altura era menor do lado do cemitério, e uma pilha de folhas húmidas iria suavizar a sua queda.

– Sim, consigo! Obrigado! Tome lá, isto é seu. – Devolveu-lhe o hambúrguer.

– Se tudo correr bem, pode dar o meu nome ao seu primeiro filho – disse o adepto de futebol.

– Como se chama? – perguntou-lhe Monica, por mera curiosidade.

– Alan! – respondeu ele.

Monica pensou o que acharia Hazard de ter um filho ou filha chamado Alan.

Respirou fundo e saltou.

Hazard e Monica

Hazard olhou para o relógio. Outra vez. Eram oito horas e estava a ficar escuro. Ouviu o zumbido surdo de um motor, enquanto um carro avançava lentamente pela alameda central. Os únicos carros autorizados no cemitério eram os da Polícia de Parques. Estavam a aproximar-se, e procuravam os retardatários. O tempo dele chegara ao fim.

Hazard sabia que tinha de se ir embora. Tinha de aceitar que Monica não vinha. Nunca viria. Tudo aquilo fora apenas uma fantasia ridícula. Por que julgara que isto era uma boa ideia? Podia ter-lhe dado o número do seu telemóvel e dizer-lhe: *Telefona-me se mudares de ideias*. Por que balbuciara ele aquela estúpida instrução para ela vir ter consigo ali, ainda por cima num *cemitério*? Era evidente que ele tinha visto demasiados filmes de Hollywood.

E agora ali estava ele, a esconder-se da polícia atrás de uma lápide, o que era uma coisa bastante estúpida de se fazer, porque a seguir eles iam trancar os portões. Monica não seria capaz de entrar, mesmo que quisesse, e ele ficaria preso ali a noite toda, a gelar o seu traseiro no meio dos fantasmas.

Apertou mais o sobretudo e sentou-se no chão frio, encostado à lápide do Almirante, escondido da vista. Porém, não tinha nenhuma ideia do que iria fazer em seguida. Foi então que ouviu algo:

– Oh, raios partam isto. Claro que ele não está aqui. Mulher estúpida.

Hazard espreitou ao redor da lápide e ali estava ela, toda zangada e bonita, e absoluta, inconfundivelmente Monica.

– Monica! – exclamou ele.

– Oh, ainda aqui estás – disse ela.

– Sim. Tinha a esperança que tu aparecesses. – Oh, meu Deus, o Hazard, que quebrara tantos corações ao longo dos anos, o derradeiro mulherengo, não

tinha ideia alguma do que haveria de dizer. – Imagino que não queiras um *Haribo*? – Era decerto o momento mais importante da sua vida e ele estava a seguir o conselho de um miúdo de oito anos. Era mesmo idiota.

– Hazard, és idiota? Achas que acabei de saltar para dentro de um cemitério fechado, violando a lei pela primeira vez em toda a minha vida, porque andava à procura de um maldito *Haribo*?

Então ela avançou até ele e beijou-o. Com força. Como quem sabia o que queria.

Beijaram-se até ficar escuro, até ficarem com os lábios inchados, até não conseguirem lembrar-se por que nunca tinham feito aquilo antes, até não saberem onde um deles acabava e o outro começava. Hazard tinha passado quase duas décadas a perseguir a sensação máxima, a maneira mais eficaz de fazer o cérebro dele fervilhar e o coração dele bater com mais força. E ali estava. Era Monica.

– Hazard? – disse Monica.

– Monica? – respondeu ele, só pela emoção de dizer o nome dela.

– Como vamos sair daqui?

– Acho que teremos de ligar para a Polícia de Parques e inventar um motivo qualquer para termos ficado fechados no cemitério – respondeu ele.

– Hazard, ainda só passou uma hora e já estás a pôr-me a mentir à polícia. Onde vai acabar isto? – perguntou ela.

– Não sei – disse Hazard –, mas mal posso esperar para descobrir. – Beijou-a outra vez, até ela já não querer saber a quem teria de mentir, desde que ele não parasse.

MONICA SABIA QUE não estava em casa. Percebeu, mesmo através das pálpebras fechadas, que aquele quarto era mais luminoso que o dela, banhado pela luz do Sol. Também era mais silencioso – não se ouvia o ruído do trânsito na Fulham Road nem o do seu antiquado sistema de aquecimento central. E havia um cheiro diferente – a sândalo, menta e almíscar. E a sexo.

E foi então que começou a lembrar-se, e as cenas da noite anterior começaram a desfilar no seu espírito. Ela na parte de trás do carro da polícia, com a mão de Hazard na sua coxa. Hazard a atrapalhar-se com as chaves, que

deixara cair ao chão com a pressa de abrir a porta de casa. As roupas deles abandonadas em monte no chão do quarto. Ter-se-ia lembrado de ir dobrá-las antes de adormecer? Lembrou-se do sexo frenético, ofegante e urgente, seguido por um sexo mais demorado que só parara quando o Sol começava a nascer.

Hazard. Estendeu um pé através da vasta extensão da cama de Hazard, em busca dele. Não estava lá. Onde tinha ido? Fugira sem lhe deixar um bilhete? Com certeza que não poderia ter entendido tudo aquilo de uma forma tão errada?

Abriu os olhos. E ali estava ele, sentado só em cuecas, a despejar as coisas de uma gaveta para um monte no chão ao lado dele.

– Hazard – disse ela. – O que estás a fazer?

– Oh, bom dia, dorminhoca – respondeu ele. – Estou só a arranjar espaço. Para ti. Para o caso de, sabes como é, teres alguma coisa que queiras guardar aqui. Na tua gaveta.

– Ena – disse ela a rir-se. – Tens a certeza de que estás pronto para esse nível de compromisso?

– Podes brincar – disse Hazard, voltando para a cama e beijando-a delicadamente na boca –, mas até agora eu nunca ofereci uma gaveta a ninguém. Acho que estou pronto para dar esse salto. – Colocou o braço em volta dela, e ela encostou a cabeça ao ombro dele, aspirando-lhe o cheiro.

– Bom, fico lisonjeada – disse ela. E estava. – E acho que estou pronta para seguir o fluxo. Sabes o que eu quero dizer, aceitar a vida tal como ela é.

– A sério? – perguntou Hazard, erguendo uma sobrancelha com ceticismo.

– Bom, estou disposta a *tentar* – disse Monica, sorrindo para ele. E, pela primeira vez, não estava preocupada com o que aconteceria a seguir, porque sabia, *sabia*, com todas as fibras do seu ser, que era ali que ela pertencia.

– Está bem, vamos tratar de uma gaveta de cada vez – disse Hazard.

CAPÍTULO 73

Alice

Alice tinha andado à espera do momento perfeito para conversar com Max, de uma maneira calma e racional, sobre o estado do casamento. Depois, claro, escolheu o pior.

Max voltara para casa tarde, como sempre, do escritório. Alice conseguira preparar uma refeição noturna, *a partir do zero*, mas que agora estava cozida de mais e ressequida. *Bunty* tinha dores com a dentição de leite, e demorara imenso tempo a sossegar, e Alice sentia-se cansadíssima.

Estavam sentados à mesa da cozinha, a trocarem o tipo de notícias sobre os seus respectivos dias que se partilhavam com estranhos. Max pegou no prato dele (que não terminara), levou-o para a máquina de lavar louça e deixou-o em cima da bancada.

– MAX! – gritou Alice. – Há muito espaço *dentro* da máquina de lavar louça. Porque NUNCA colocas nada DENTRO da máquina de lavar louça?

– Alice, não há necessidade de te pores para aí a gritar como uma maldita peixeira. Bebeste de mais outra vez, foi?

– Não, não BEBI nada de mais – disse Alice, que provavelmente bebera –, estou é MUITO FARTA DE TI! Estou farta de ser a única pessoa que põe a louça dentro da maldita máquina de lavar, a única que apanha as tuas toalhas molhadas do chão, a única que se levanta à noite quando a *Bunty* acorda, a única que faz arrumações, limpezas... – A lista era tão longa que ela acabou por agitar os braços e exclamar apenas: – AAARRGGGHHHH!

Tal como um adulto a sério reagiria.

– Sabes ao menos usar a máquina de lavar? – perguntou Alice, olhando furiosa para o marido.

– Bom, não, mas não deve ser muito difícil – disse Max.

– Não é DIFÍCIL, Max! – gritou Alice. – É apenas CHATO como o caraças. E eu faço isso duas vezes por dia, TODOS OS DIAS!

– Mas Alice, eu tenho um *emprego* – disse Max, olhando-a como se não fizesse ideia de quem ela era.

– E O QUE JULGAS TU QUE ISTO É, MAX? – gritou Alice. – EU NÃO FICO SENTADA DURANTE O DIA TODO A PINTAR AS UNHAS! – Ao dizer isso, lembrou-se de que tinha feito a manicura no dia anterior, enquanto Lizzie cuidava de *Bunty*. Mas fora a primeira vez em *meses*.

Cerrou os punhos para esconder as unhas. Então, com algum alarme, deu por si a chorar. Sentou-se à mesa e colocou a cabeça entre as mãos, esquecendo-se das unhas.

– Desculpa, Max – disse ela entre soluços. – Não sei se consigo continuar a fazer isto.

– A fazer o quê, Alice? – disse ele, sentando-se à frente dela. – Ser mãe?

– Não – respondeu ela. – Nós. Não sei se consigo continuar a fazer de nós.

– Porquê? Por que não pus o meu prato na máquina de lavar louça?

– Não, não tem nada a ver com a porra da máquina de lavar louça, ou pelo menos não muito, é que me sinto muito sozinha. Somos ambos pais de *Bunty* e moramos na mesma casa, mas é como se fôssemos uns estranhos. Estou sozinha, Max – disse ela.

Max suspirou.

– Oh, Alice. Desculpa. Mas não és só tu que achas tudo isto difícil, sabes. Francamente, também não era assim que eu via a minha vida. Adoro a *Bunty*, claro, mas sinto falta do nosso mundo perfeito. Dos fins de semana fora em hotéis chiques, da casa impecável e da minha mulher linda e feliz.

– Mas eu ainda aqui estou, Max – disse Alice.

– Sim, mas andas sempre irritada e cansada. E, para dizer a verdade... – Calou-se por alguns instantes, como se estivesse a ponderar se iria continuar ou não, e depois tomou a decisão errada: Tu deixaste-te abandalhar.

– DEIXEI-ME ABANDALHAR? – gritou Alice, que se sentiu como se tivesse levado um soco. – Não estamos no raio dos anos de 1950, Max! Não podes estar à espera que eu fique de novo em forma poucos meses depois de ter parido a *tua filha*. Isso não acontece no mundo real.

– E eu sinto-me deixado de fora – disse-lhe Max, que percebeu que avançar com rapidez era a única tática possível. – Tu sabes como lidar com a *Bunty*, o que fazer, quando e como fazê-lo. Eu sinto-me inútil. Supérfluo para o que é preciso. Por isso, acabo por ficar no escritório cada vez mais tempo, porque lá eu sei o que esperam de mim e as pessoas fazem o que eu digo. Elas *respeitam-me*. Tudo acontece de acordo com o cronograma. Eu é que controlo.

– Estou a fazer o melhor que posso, Max, mas estou farta de sentir que não estou à altura das expectativas. Nem das tuas, nem das da tua mãe, nem das da *Bunty*, nem das minhas. O casamento e a família têm a ver com compromisso, não é? Tens de trabalhar nisso. Não é perfeito, nem fácil e bonito, é confuso, cansativo e muitíssimo difícil o tempo todo – disse Alice, esperando que Max dissesse que a amava, que iria ajudá-la mais, que poderiam fazer aquilo funcionar.

– Se calhar podíamos contratar uma ama, Alice. Durante alguns dias por semana. O que achas? – perguntou Max.

– Não temos dinheiro para isso, Max, e, mesmo que tivéssemos, eu não quero pagar a outra pessoa para tratar da minha filha, de modo a que eu possa passar mais tempo a alimentar a pretensão de ser a tua mulher ideal na tua vida ideal – declarou Alice, tentando não chorar.

– Bom, eu não sei qual é a resposta, Alice. Só sei que tu não és feliz e eu também não. – E subiu as escadas do escritório e fechou a porta, como fazia sempre.

Alice sentiu-se insuportavelmente triste. Pegou no telefone e percorreu a sua página do Instagram, olhando para todas as imagens do seu mundo impecável com o marido lindo e a bebé lindíssima. Poderia desistir daquela miragem? Ela e *Bunty* conseguiriam aguentar-se sozinhas?

Pensou em Mary, que abandonara Julian ao fim de quarenta anos, e que parecia tão radiantemente feliz. Pensou em Monica, que, soubera ontem, largara Riley, apesar de já ter *quase quarenta anos*. Pensou em todos os seus novos amigos, com aquelas vidas que não pareciam bonitas num quadradinho do Instagram, mas que eram muito mais profundas, mais fortes e mais interessantes do que isso.

Ela também poderia ser assim. Não poderia?

Com certeza que seria melhor viver uma vida atrapalhada, imperfeita, por vezes não muito bonita, mas que fosse real e honesta, do que andar sempre a tentar viver uma vida de perfeição que era na realidade uma farsa?

Alice olhou de novo para a sua página: @aliceinwonderland. *Moda da vida real para as mães da vida real e seus bebês. Rosto sorridente.* Talvez ela pudesse mostrar como eram *de facto* as mães da vida real. Poderia fazer publicações sobre a confusão, a exaustão, as estrias, a barriga inchada e o casamento em desintegração. Também poderia abandonar aquele irritante boneco do rosto sorridente. O que andava ela a pensar? Com certeza não poderia ser a única mãe no mundo que se sentia cansada de tentar ser perfeita o tempo todo?

A ideia de acabar com o fingimento foi um alívio, como descalçar um par de sapatos de salto alto ao fim do dia.

Estou a fazer um ótimo trabalho. Ou, pelo menos, o melhor trabalho de que sou capaz, disse para consigo, já que ninguém mais o diria. *E se isso não for bom para o Max, ou para os meus seguidores no Instagram, então poderão encontrar outra pessoa para colocar no raio do pedestal, porque eu não consigo ficar mais tempo aqui em cima.*

ALICE APOIOU *BUNTY* na anca com uma mão, e tocou a campainha com a outra. Lizzie veio abrir a porta, mostrando-lhe uma casa acolhedora, caótica e desordenada, como aquela em que Lizzie havia crescido. Max zombaria daquilo, pensou Alice, o que lhe recordou por que estava ali.

– Lizzie, lamento vir incomodá-la tão tarde – disse ela –, mas a *Bunty* e eu poderemos ficar aqui por alguns dias? Só até decidirmos o que vamos fazer?

Alice esperava sinceramente que Lizzie não lhe fizesse perguntas, porque ainda não tinha encarado nenhuma das respostas. Tudo o que sabia era que precisava de algum espaço para pensar, longe de Max. Longe de todas as expectativas e recriminações. Lizzie deve ter entendido isso, porque, pela primeira vez, não se mostrou curiosa. Alice tinha a certeza de que isso não haveria de durar muito.

– Claro que podem, minha patinha – disse ela, fazendo Alice entrar e fechando a porta com firmeza.

Monica

Monica sentou-se, segurando um copo de *Pimm's*, apoiando as costas contra uma árvore em Kensington Gardens. Viu um casal em pé à beira do grupo deles. Estavam de mãos dadas e pareciam muito compenetrados.

– Julian. Estou muito contente por ter convidado a Mary!

– Sim. E o namorado. Pode-se chamar namorado a alguém que já tem quase oitenta anos? Parece uma contradição nos termos.

– Ele é aquilo a que se chama uma raposa prateada, não é? – disse Monica. – Tal como você, claro – acrescentou rapidamente, sabendo que o orgulho de Julian ficaria ferido de outra forma.

– Ele parece ser um tipo bastante simpático, caso se goste desse tipo de gente – disse Julian. – Um pouco sem graça, mas pronto. É melhor ir apresentá-lo a todos.

Julian avançou até junto de Mary e Anthony, seguido por *Keith*. Ambos parecendo um pouco afetados e artríticos.

– O *Keith* não é um cão – ouviu-o dizer a Anthony –, é o meu treinador pessoal. – Benji aproximou-se e veio sentar-se ao lado de Monica.

– Monica, eu queria contar-te uma coisa – disse ele. – Não quero roubar o destaque a Julian e a Riley, mas não consigo mais esconder-te este segredo. – Ela suspeitou que já sabia o que ele ia dizer.

– O Baz e eu vamos casar-nos. – Pronto! Tal como ela esperava. A frase seguinte foi, porém, uma surpresa. – E gostaríamos muito que fosses nosso padrinho. Ou madrinha. Tanto faz. Aceitas? Por favor, diz que sim!

– Oh, Benji, fico muito contente por vocês – disse ela, abraçando-o. – Terei muita honra.

– Hurrah! Mal posso esperar para contar ao Baz! A Betty acha que o casamento é tudo ideia dela. Já anda a planear a ementa para o copo-d' água. Vamos dar o nó na conservatória de Chelsea, como o Julian e a Mary, mas com um fim mais feliz, espero. A seguir faremos uma festa no restaurante de Betty.

– Então a Betty agora já está descontraída em relação a tudo isso? – perguntou Monica.

– Parece estar – respondeu Benji. – Mas anda preocupada com os direitos dos *gays* na China. Sabias que a homossexualidade só foi legalizada lá em 1997? Mas o que a perturba é que a China não permite que os casais *gays*, lá ou no estrangeiro, adotem bebés chineses.

– Bom, se alguém pode convencer a República Popular da China a alterar a sua política, tenho a certeza de que é a senhora Wu. Ah, é tudo tão maravilhoso – disse Monica, percebendo que, se calhar pela primeira vez, se sentia apenas genuinamente satisfeita por ouvir notícias de outro casamento. Estava à espera de sentir aquela familiar sensação de inveja, mas ela não surgiu. Hazard apareceu e sentou-se do outro lado dela.

– Pareces feliz – disse-lhe ele.

– E estou – respondeu ela, desejando poder divulgar a notícia, mas Monica orgulhava-se de ser boa em segredos. – Parece que tudo está a resolver-se.

– Sabes, esta é a primeira festa em que eu estou desde criança, e em que não senti a necessidade de encher a cabeça. Já naquela época eu apanhava sobredoses de *Smarties* e de *Coca-Cola*. Não é incrível?

– É, Hazard. Tu és incrível. Oh, há uma coisa que eu preciso de dar ao Riley. Volta já.

Foi até junto de Riley, que estava rodeado por um grupo dos seus amigos australianos, incluindo Brett, que iria com ele para Amesterdão dentro de poucos dias.

– Riley, podemos ter uma conversinha rápida? – perguntou-lhe. Riley desenvencilhou-se do grupo e seguiu-a até a um local calmo, na orla da festa.

– Queria agradecer-te. Pelo que escreveste no caderno a meu respeito. Sobre como eu seria uma ótima mãe. Nem sei dizer-te o que isso significa para mim, mesmo que nunca tenha oportunidade de vir a saber se tinhas razão.

– Já me tinha esquecido que escrevi isso, embora seja verdade – respondeu, com um sorriso.

– Tenho uma coisa para ti – disse-lhe ela, enfiando a mão na sua bolsa e tirando de lá um pacote com uma forma estranha, embrulhado em papel pontilhado com azevinho e hera. – Comprei isto para ti no Natal, mas com toda aquela azáfama da chegada do Hazard e do pudim voador, nunca to dei. Hoje parece ser o momento certo para o receberes.

Riley pegou no embrulho e rasgou-o, com todo o genuíno entusiasmo de uma criança de cinco anos.

– Monica, é lindíssima! – disse ele, revirando-a nas mãos. Era uma pequena espátula com um belíssimo acabamento, e tinha *Riley* gravado no cabo.

– É para tu poderes jardinar onde quer que estejas – disse-lhe ela.

– Obrigado. Gosto muito. Pensarei em ti, em *todos* vós – corrigiu ele, com rapidez –, sempre que a usar. Por favor, podemos ficar em contacto? Em todo o caso, quero descobrir o que acontece contigo e com Hazard – acrescentou.

– É assim tão óbvio? – perguntou Monica, intimamente emocionada por assim ser. – Importas-te?

– Só um bocadinho – respondeu Riley – mas, como eu gosto de vocês os dois, acostumei-me à ideia de que não poderia estar mais feliz. – Monica pensou como podia Riley ser tão generoso. No seu lugar, ela estaria a ferver e a cravar alfinetes em efígies de cera. E ainda assim ele parecia um pouco triste, por trás daqueles sorrisos efusivos. Talvez ela estivesse apenas a imaginar isso.

– Riley, tu és uma das pessoas mais simpáticas que eu jamais conheci – disse ela, dando-lhe um abraço em que ele se demorou algum tempo a mais. – Vou sentir a tua falta. Todos nós a sentiremos.

– Hazard também será um ótimo pai, sabes? – disse Riley.

– Achas? Ele não tem tanta certeza. Ainda não confia em si – disse Monica, percebendo ao mesmo tempo quão pouco isso lhe importava agora.

– Bom, diz-lhe que pergunte às crianças da Ajuda da Mãe se daria um bom pai. Elas vão convencê-lo! – disse Riley.

– Sabes, se calhar vou mesmo fazer isso – disse Monica.

– Ouçam todos, tenho um anúncio a fazer – disse Julian, usando uma concha para bater de lado no recipiente que estava cheio de *Pimm's*. – Quando

a Mary se foi embora, deixou para trás algo de muito especial. Não, não estou a referir-me a mim. – Calou-se para que se ouvissem os risos, como um artista do West End a atuar perante o seu público. – Ela deixou a sua viola. Espero que toque para nós agora. Mary? – E entregou-lhe a viola, que devia ter trazido escondida num dos sacos.

– Meu Deus, eu não toco há anos. Olá, minha velha amiga. Vou tentar – disse Mary, pegando na viola e revirando-a nas mãos, para se acostumar de novo à sensação e ao peso dela. Com cuidado, afinou cada uma das cordas, e depois começou a tocar, ao princípio devagar e com cautela, e depois de forma exuberante, fazendo soar um animado *jig* irlandês. Juntou-se uma multidão ao redor deles. As famílias, que iam a caminho de casa após terem ido dar de comer aos cisnes, paravam ali para ver quem estava a tocar música com tanto talento e paixão.

Monica avançou até junto de Julian e sentou-se na relva ao lado da espreguiçadeira dele, afagando *Keith*, a sua sombra omnipresente, atrás das orelhas.

– Tenho andado a querer dizer-lhe, Monica, que estou muito satisfeito acerca de si e do Hazard – disse Julian. – Gostaria de ter algum crédito por isso, se não se importa?

– É claro que sim, Julian. Afinal, se não fosse o seu caderno, nunca mais teria voltado a falar com ele depois daquela primeira vez em que chocámos um contra o outro. Literalmente – disse Monica.

– Não o largue, está bem, Monica? Não cometa os erros que eu cometi. – Olhou para Mary e para Anthony, com uma expressão que conseguiu oscilar entre a felicidade e a tristeza.

– Não acha que o Hazard seja demasiado parecido consigo, pois não, Julian? – perguntou-lhe Monica hesitante, esperando que ele ficasse ofendido. Julian riu-se.

– Oh, não, não se preocupe. O Hazard é muito mais simpático, e menos estúpido, do que eu. E você é muito mais forte do que a Mary naquela época. A vossa história de amor será muito diferente, com um fim muito diferente. Em todo o caso, não se preocupe, eu já tive uma conversinha com ele. Uma espécie de discurso paterno de *motivação*. – Monica ficou horrorizada e

intrigada com tal ideia. Muito gostaria ela de ter estado lá presente, como se fosse uma mosca na parede.

– Tenho uma coisa para si, Julian – disse ela.

– Querida menina, já me ofereceu um presente – respondeu ele, levando a mão à gravata de seda estampada que trazia atada em volta do pescoço.

– Não é outro presente, é só uma coisa que regressou a casa – disse-lhe ela, passando-lhe para as mãos um caderno verde-claro com quatro palavras na capa: *O Projeto da Autenticidade*. Parecia um pouco danificado depois de todas as suas viagens. – Eu sei que disse à Mary que não podia ficar com ele, porque não tinha sido *autêntico*, mas agora é, e deve guardá-lo. Foi em si que começou, e deve ser em si que termina.

– Ah, o meu caderno. Bem-vindo de volta. Em que aventuras tu andaste metido – disse ele, pousando o caderno com cuidado no seu colo e afagando-o, como a um gato. – Quem te deu essa capa de plástico tão marota? – perguntou. Então, ao ver Monica sorrir, disse: – Oh, mas que disparate. Eu nem devia ter perguntado.

Mary estava a tocar uma canção de Simon e Garfunkel que todos acompanhavam em coro. *Bunty*, que estava sentada com Alice e Lizzie, levantou-se e bateu palmas, e depois, notando que não estava agarrada a nada, pareceu ficar espantada e caiu. *Onde estaria Max?*, pensou Monica.

Estava a escurecer. As pessoas que tinham vindo apanhar sol e passear os cães já se tinham ido embora, e os mosquitos tinham saído para virem alimentar-se. Monica chamara alguns táxis para os ajudar a transportar os recipientes, os copos e os tapetes de volta para o café. Julian viu-os arrumar tudo e começarem a caminhar em direção à estrada.

– Venha, Julian! – convidou Monica.

– Vocês vão andando – disse Julian. – Apetece-me ficar cinco minutos sozinho. Eu vou lá ter.

– Tem a certeza? – perguntou-lhe Monica, que não queria deixá-lo ali. Julian, percebeu ela, de súbito parecia tão velho como era. Talvez fosse apenas o efeito do crepúsculo, a escuridão a preencher-lhe todas as rugas.

– Sim, honestamente. Apetece-me algum tempo para refletir – disse ele.

Hazard estendeu a mão da parte de trás do táxi para ajudar Monica a entrar. Naquele gesto, percebeu Monica, estava tudo o que ela queria da vida. Olhou outra vez para Julian, sentado na espreguiçadeira, com a cabeça de *Keith* apoiada no colo. Ele acenou-lhe, ainda com o caderno na mão. Apesar de todas as suas idiossincrasias e imperfeições, ele era a pessoa mais extraordinária que Monica já conhecera.

Entre todos os cafés do mundo, ela estava-lhe muito agradecida por ele ter escolhido o seu.

Julian

Julian viu os táxis desaparecerem com uma sensação de satisfação. Percebeu que, pela primeira vez desde que se lembrava, gostava de si. Era uma boa sensação. Baixou a mão e fez uma festa na cabeça de *Keith*.

– Agora somos só tu e eu, meu velho – disse ele.

Mas não eram apenas eles. Viu várias pessoas aproximarem-se, vindas de diferentes direções, trazendo cadeiras de armar, mantas de piquenique, instrumentos musicais. Eles não sabiam que a festa já acabara?

Julian pensou em levantar-se, em ir ter com eles e dizer-lhes que eram horas de irem para casa, mas não conseguiu fazer os seus músculos cooperarem. Estava muito cansado.

A luz estava agora tão baixa que ele demorou um pouco a distinguir algum dos rostos dos novos foliões, mas, quando se aproximaram mais, apercebeu-se de que não eram desconhecidos, mas velhos amigos. O seu professor de artes plásticas da Slade. O proprietário da galeria na Conduit Street. Até um amigo da escola que ele não via desde a adolescência, agora já de meia-idade, mas com o mesmo cabelo ruivo inconfundível e o mesmo sorriso atrevido.

Julian sorriu para todos eles. Viu então, a contornar a Lagoa Redonda, o seu irmão. Sem muletas, sem cadeira de rodas, mas a andar. O irmão acenou para ele, num movimento fluido e controlado que Julian não o via usar desde os vinte anos.

À medida que os contornos dos seus amigos e familiares se tornavam mais distintos, os pormenores ao redor deles – as árvores, a relva, a lagoa e o coreto – desapareceram.

Julian sentiu uma pontada de nostalgia tão profunda que parecia uma faca cravada no seu peito.

Esperou que a dor diminuísse, mas isso não aconteceu. Ela espalhou-se, até lhe chegar às pontas dos dedos e às plantas dos pés, até Julian não conseguir sentir o seu corpo, apenas a sensação de dor. A dor transformou-se em luz – brilhante e ofuscante, depois num sabor a ferro, depois num som. Um grito penetrante, que passou a um zumbido, e depois a nada. Nada mesmo.

EPÍLOGO

Dave

Dave estava bastante triste por o seu dia de trabalho estar a chegar ao fim. Em geral ficava ansioso por trancar o parque e ir até ao *pub*, mas hoje estava a partilhar o seu turno com Salima, uma das novas estagiárias, e o tempo tinha passado tão depressa que ele gastara o turno inteiro a tentar reunir coragem para a convidar a ir consigo ao cinema. Estava quase escuro. Ele estava a ficar sem oportunidades.

– Dave, para! – disse Salima, fazendo-o dar um pulo. – Não está alguém ali sentado numa espreguiçadeira? – Olhou para onde ela estava a apontar, na direção do coreto.

– Acho que tens razão. Hás de descobrir que fica sempre um! Espera aqui, que eu vou lá correr com eles. Não quero que ninguém fique aqui trancado durante a noite. Vê como eu faço isto: educado, mas firme, assim é que é. –

Parou o carro numa área de estacionamento e desligou o motor. – Eu não demoro.

Caminhou em direção ao homem que estava sentado na espreguiçadeira, tentando andar de uma maneira que parecesse forte e viril, pois estava ciente dos olhos de Salima nas suas costas. Quando se aproximou, percebeu que o seu renegado era bastante idoso. E que estava a dormir. Um *terrier* velhote e desgrenhado mantinha-se sentado ao lado dele como uma sentinela, com os olhos fixos e enevoados pelas cataratas. Talvez fosse boa ideia oferecer-lhe uma boleia a ele e ao cão, presumindo que morasse ali perto. Isso dar-lhe-ia mais tempo para estar com Salima, e faria com que ele parecesse amável – tal como era, claro.

O homem estava a sorrir enquanto dormia. Dave pensou o que estaria ele a sonhar. Qualquer coisa agradável, dada a aparência das coisas.

– Olá! – disse ele. – Desculpe acordá-lo, mas está na hora de ir para casa. – Pousou a mão no braço do homem e abanou-lho um pouco, para o despertar. Algo não parecia certo. A cabeça do homem caiu para um lado de uma maneira que parecia... sem vida.

Dave pegou-lhe na mão fria e procurou-lhe a pulsação. Nada. E nenhum sinal de respiração. Dave nunca tinha visto um cadáver anteriormente, e muito menos tocara nalgum. Pegou no telefone com as mãos trémulas e começou a marcar o 112.

Reparou então que o homem estava a segurar qualquer coisa na outra mão. Era um caderno. Com cuidado, Dave tirou-lho dos dedos. Talvez fosse importante. O seu parente mais próximo haveria de querer ficar com ele. Olhou para a capa. Havia nela quatro palavras, escritas em belo itálico: *O Projeto da Autenticidade*. Dave guardou-o com todo o cuidado no bolso interior do blusão.

AGRADECIMENTOS

O *Pequeno Caderno das Grandes Verdades* é uma história muito pessoal para mim. Há cinco anos, eu estava – tal como Alice – a viver uma vida aparentemente perfeita, e no entanto a verdade era muito diferente. Tal como Hazard, eu era uma viciada. O meu vício era um vinho de boa qualidade e alto preço (porque se a garrafa custa o suficiente, somos um conhecedor, e não um bêbedo, não é?). Depois de muitas tentativas fracassadas para deixar de beber, decidi – tal como Julian – contar a minha verdade ao mundo, e comecei a escrever um blogue sobre a minha batalha para parar de beber, o qual se transformou num livro: *Os Diários da Sobriedade*.

O que descobri é que dizer a verdade sobre a nossa vida pode produzir magia, e mudar as vidas de muitas outras pessoas para melhor. Por isso, o meu primeiro agradecimento é a todas as pessoas que leram o meu *blog* e as minhas memórias e que encontraram tempo para entrar em contacto comigo e me dizerem como essa honestidade fizera a diferença para elas. Este romance foi inspirado por vós.

Sentia-me bastante apavorada quanto a passar da não ficção para a ficção, e nada certa de que conseguisse fazê-lo, por isso inscrevi-me no curso de três meses para escrita de romances da Curtis Brown Creative. Há pouco tempo voltei a analisar a minha candidatura, e o excerto de três mil palavras d’ *O Caderno Que Mudou Vidas* (que era como se chamava naquela época). Estava horrível, pelo que tenho muito a agradecer à minha professora desse curso, Charlotte Mendelson, bem como a Anna Davis e Norah Perkins.

Uma das melhores coisas no curso da CBC foi o fabuloso grupo de escritores que conheci ali. Após o fim do curso, formámos o «Clube de Escrita», e continuamos a encontrar-nos para partilhar os nossos trabalhos

entre cervejas (para eles, e água para mim), e para rirmos e chorarmos acerca da montanha-russa que é a vida de um escritor. Obrigado a todos vós – Alex, Clive, Emilie, Emily, Jenny, Jenni, Geoffrey, Natasha, Kate, Kiare, Maggie e Richard. E um agradecimento especial a Max Dunne e a Zoe Miller, que foram as duas primeiras pessoas a ler o meu péssimo rascunho inicial.

Agradeço também aos meus outros primeiros leitores: Lucy Schoonhoven, que me aconselhou sobre os australianos e a jardinagem, e que tem um olho vivo para as gralhas e as repetições; Rosie Copeland, pelos seus inestimáveis conselhos sobre arte e artistas; Louise Keller, pelo seu conhecimento dos problemas de saúde mental; e Diana Gardner-Brown, pelo seu discernimento e inspiração.

As minhas duas amigas que passeiam cães – Caroline Firth e Annabel Abbs – mantiveram-me sã e propiciaram-me alguém com quem pude discutir as minhas ideias durante os últimos anos de escrita, apresentação e edição. Lembro-me de quando conheci Annabel e, nervosamente, lhe disse que queria escrever um livro. Ela respondeu-me que andava a escrever um, *The Joyce Girl*. Ainda não consigo acreditar que nós as duas já fomos publicadas. Adorei viajar por essa estrada contigo, minha amiga.

O meu próximo agradecimento vai para a minha maravilhosa agente – Hayley Steed – por gostar do meu livro desde o início, por ajudar a torná-lo muito melhor e por ser uma maravilhosa amiga e mentora durante o processo de publicação. Monica deve a Hayley a sua obsessão pelas folhas de cálculo do Excel com códigos de cores. Um enorme agradecimento ao fenómeno que é Madeleine Milburn pelos seus sábios conselhos e orientação, e à incrível Alice Sutherland-Hawes por gerir leilões simultâneos em vários territórios e por vender *O Pequeno Caderno das Grandes Verdades* a uns vinte e oito impressionantes mercados nas duas semanas anteriores à Feira do Livro de Frankfurt. A Madeleine Milburn Agency é uma empresa extraordinária, mas também é uma família, e todos me fizeram sentir muito bem-vinda e ajudaram a tornar este livro o melhor possível. Obrigada a todos vós.

E a seguir, Sally Williamson, a minha brilhante editora. Tenho a enorme honra de ser a primeira contratação de Sally na Transworld. Ela defendeu este livro desde o início e tem um enorme talento para identificar o que era preciso

fazer para o tornar melhor. Muito obrigada, Sally, por veres coisas que eu não conseguia ver, e por seres tão solidária durante o processo de edição. Trabalhar contigo tem sido uma grande lição, e estou muitíssimo grata.

Agradeço também a Vicky Palmer e a Becky Short, a minha fabulosa equipa de *marketing* e relações públicas. Se ouviu falar deste livro antes de deparar com ele numa livraria, isso deve-se ao génio delas.

Guardei o melhor para o fim – a minha família. Ao meu marido John, por acreditar sempre em mim, mesmo quando eu não acreditava em mim, e por ser tão perspicaz e honesto sobre a minha escrita, mesmo quando isso me levou a atirar-lhe um manuscrito à cabeça. Aos meus maravilhosos pais, que não poderiam estar mais orgulhosos, nem fornecer-me mais apoio. Este livro é dedicado ao meu pai, que é o melhor escritor que eu conheço, e cuja coluna na revista da paróquia é lendária. O meu pai não leu apenas o meu primeiro rascunho, mas cada uma das nove versões seguintes, oferecendo-me comentários pormenorizados a cada etapa. Aviso-vos desde já que, se tencionarem deixar uma crítica menos favorável na Amazon, ele irá responder! E aos meus três filhos – Eliza, Charlie e Matilda – que são os meus maiores fãs e a minha inspiração, todos os dias.

Uma coisa que me deixou admirada desde que comecei a trabalhar com a indústria editorial é a quantidade de pessoas que são necessárias para publicar um livro. Não apenas todas as pessoas que referi mais acima, mas muitas outras que adicionaram o seu talento, entusiasmo, sabedoria, tempo e energia para levar este livro até às suas mãos. Os responsáveis pela capa, o editor de texto, os revisores, o pessoal das vendas e muitos outros. A razão pela qual escolhi a Transworld como editora – além da sua reputação incomparável e do facto de publicarem a Jilly Cooper e empregarem a Sally Williamson – foi porque, desde o momento em que lá entrei, todos, desde a rececionista até ao presidente, me fizeram sentir como um membro da sua família. Por isso, eis uma lista completa de créditos, de todas as pessoas que ajudaram a levar a minha história até si.

Obrigado a todos os que na Transworld trabalharam na publicação de *O Pequeno Caderno das Grandes Verdades*.

Katrina Whone
Viv Thompson
Josh Benn

Editora de texto

Bella Bosworth

Revisores

Clare Hubard
Nancy Webber

Marketing

Vicky Palmer
Shafah Hanif
Marie Goodwin
Leon Dufour
Lilly Cox

Publicidade

Becky Short

Produção

Cat Hillerton
Phil Evans

Vendas

Tom Chicken
Deirdre O'Connell
Emily Harvey

Gary Harley
Bethan Moore
Natasha Photiou

Áudio

Alice Twomey

Design

Jo Thomson
Beci Kelly

Operações

Mariana De Barros Van Hombeeck

Finanças

Christine Coorey
Anshu Kochar

Direitos

Helen Edwards
Ann-Katrin Ziser
Josh Crosley

Contratos

Rebecca Smith

Recepção

Kathy Webb
Jean Kriek



Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2020, Quilson Ltd
© 2018, Planeta Manuscrito

Anthem de Leonard Cohen
© 1993, Leonard Cohen e Leonard Cohen Stranger Music Inc,
usado com permissão de The Wylie Agency (UIC) Limited

Este livro é uma obra de ficção e exceto no caso de contexto histórico,
qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, é pura coincidência.

Título original: *The Authenticity Project*

Design da capa: Vera Braga

Edição em epub: Julho de 2020

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-416-4 (epub)

www.planeta.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo electrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infracção ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

